

O RASTRO DA VIDA NOMADE

Autor- Shungorô Wako

Tradução- Jiro Okai

Índice

Prefácio.....	04
1. Aspirações Para o Sul.....	05
2. Mina de Cobre e Bonzo Seion.....	09
3. Migração e Estabelecimento de Mórmon.....	12
4. Passeio Para Idaho.....	16
5. Ele e Koha Takeishi.....	21
6. Índios e Mexicanos.....	30
7. Uma Impressão Profunda.....	36
8. Adeus Os Estados Unidos.....	44
9. Primeiro Passo no Brasil.....	51
10. Macarroneiro e o Jornal.....	56
11. Pessoais da Casa dos Errantes.....	68
12. Os Imigrantes nas Fazendas Daqueles Tempos...	75
13. São Paulo Daqueles Tempos.....	80
14. Cenas Diversas de Monções (1).....	90
Cenas Diversas de Monções (2).....	98
Cenas Diversas de Monções (3).....	107
15. Hoshina e Jornal Semanal "Nambei".....	114
16. No Tempo do Jornal "Nippak".....	122
17. Passeios no Estado de Mato Grosso.....	128
18. Tempo do Jornal "Brasil Jihô".....	142
19. No Barco de Regresso Para o Japão (1).....	149
No Barco de Regresso Para o Japão (2).....	158
No Barco de Regresso Para o Japão (3).....	166
20. Primeiro Passo Após Desembarque.....	169
21. Torrão Natal (1).....	176
Torrão Natal (2).....	180
22. Sobre Dois Tios.....	191

23. Período Até Florescer das Cerejeiras.....	202
Três Assuntos Variados.....	206
A- Pessoas Anteriores da História da Imigração e Colonização.....	206
B- O Desbravador Blumenau.....	217
C- O Senhor Mitsusada Umetani e a Sociedade Além Mar da Emigração.....	231
C1- O Rastro do Senhor Umetani no Brasil.....	231
C2- Plano do Ministro dos Interiores que Causou Caso.....	234
C3- Dificuldade e Angustia na Compra de Terra.....	238
C4- Uma Ajuda Para a Tentativa Arrojada.....	243
C5- Colonizador e Sua Paciência.....	247
C6- Outra Dia do Senhor Mitsusada Umetani.....	251
C6a- O Ronco do Senhor Mitsusada Umetani.....	251
C6b- Inédito Fracasso do Ex Governador Umetani.....	252
C6c- Ex Delegado Foi Vitimado Pelo Roubo de Carteira.....	253
C6d- Excelência Umetani Foi Perseguido por um Boi.....	255
C6e- Saudade da Viagem Feita.....	258
C6f- Uma História Heróica.....	259
C6g- O Mundo é Para Eternidade.....	261

Prefácio:

Mesmo que isso fosse uma coisa insignificante, depois da minha morte, se pensasse que aqueles meus rastros que veio andando até agora extinguisse totalmente como se fosse uma fumaça, sentirei alguma pena. Este sentimento, talvez não fosse só para mim que, talvez para todos os imigrantes que vão envelhecendo numa terra longínqua da sua pátria, tornando uma triste nostalgia, também, isso faria uma pena para os seus descendentes.

Eu, como um simples imigrante, estou pronto para ser enterrado aqui no Brasil, depois de viver mais de 30 anos nos dois continentes americanos. Este “O rastro da vida nômade”, é o registro da minha recordação escrita em 1918, durante a estada no Japão, retorno feito depois de 13 anos da partida daquele país.

É uma obra acanhada e desajeitada, mas com isto, se pudesse entender alguma coisa sobre o âmbito dos imigrantes japoneses, seria minha felicidade.

Ao pisar na saudosa terra do Japão com a emoção de ser um dos genuínos japoneses, senti muita pena dos inúmeros pioneiros que faleceram sem conseguir seus brilhantes objetivos nos dois continentes americanos.

Ao editar este livro, agradeço sinceramente ao senhor Tetsusuke Tarama do Brasil que trabalhou muitos anos para os serviços além mar dos japoneses e também para os senhores Shigueshi Nagata e Setsu Chiura, residentes em Tóquio.

Japão, novembro de 1940.

O autor

1- Aspirações para o sul

Há 30 anos, depois de mudar para os Estados Unidos, ele, como um dos moços da época, estudante estava trabalhando em diversos setores, tais como: office-boy, lava-prato, ou mudando-se de lá para cá, para colher as frutas. Trabalhava também na estrada de ferro, ou até na extração de minérios no pé da serra de Rock, mas o que durou mais tempo era a vida de estudante e jornalista.

Na grande natureza do continente norte americano, não faltava nada para a animada vida do moço, mas um dia, no São Francisco surgiu um incidente estudantil que influenciou para a formação do início do movimento antinipônico que em alguns anos chegava a proibir até a posse de terra pelos japoneses.

Na época, no estado de Utah onde ele morava, havia a matriz da seita Mórmon que esta, por uma reação de serem vistas como uma religião herética pelos outros, sempre vivia apoiando os japoneses, mas, mesmo assim, desta vez, sob a pressão da opinião do povo em geral, enfim, passou ao lado da aprovação do projeto na assembléia legislativa do Estado e assim, ficou proibido de possuir a terra pelos japoneses.

Como é que possível radicar sem a terra. Pois, o homem, mesmo que forem oprimidos demais, se conseguisse agarrar num punhado de terra, ainda é possível sobreviver. Será que tem direito de tirar a terra dos homens?

Na ocasião, ele mordia os dentes de raiva para com os americanos, mas nada disso resolveu.

Após a promulgação desta maldita lei, ele começava a sentir um indescritível ódio contra Estados Unidos e resolveu declarar aos seus colegas sobre a sua decisão de sair para o outro país.

Mas na ocasião, as pessoas pensavam que isso, fosse uma decisão que provinha de certa excitação temporária de um moço comum e também, na verdade, nesta altura, nem ele mesmo não possuía nenhum plano concreto para se realizar. No entanto, incrível que fosse, a gente, uma vez resolvesse alguma coisa definitiva, vinha surgindo alguma misteriosa força e com a qual, podia caminhar em direção ao futuro, sem ter grandes erros.

Parecia que na revista “Jitsugyô no Nippon”, descobriu aí pela primeira vez uma maravilhosa notícia de que, tal homem chamado Ikutarô Aoyagui, conseguiu obter de graça, uma secção de terra, com a área de 20 mil alqueires do governo do Estado de São Paulo, Brasil, através do contrato da implantação de 2000 famílias imigrantes japoneses no município de Iguape e mais os auxílios financeiros sobre o custo de viagens marítimas e outras despesas.

Na época, quem leu este artigo, logicamente não era só ele, mas para a maioria dos japoneses ofuscados por dólar americano, mesmo estando na situação de agonia de ter saqueado até a terra, este anúncio não valeu nada para eles anotarem. A prova disso a respeito dessa notícia na ocasião, não surgiu nenhuma fofoca, portanto, ninguém destinou para o Brasil. Mas, daí por diante para ele, ficou definido o seu caminho a seguir, pois foi atraído na ocasião, por aquelas letras de “continente sul americano”. Não sabia por que gostava tanto a letra “Minami”(sul). No início do curso primário no Japão, na hora de caligrafia, quando escrevia quatro letras de “norte, sul, leste e oeste”, a professora elogiou por ter escrito especialmente bem a letra “sul” que, até hoje ele lembra nitidamente. Talvez não fosse por causa disso que, ele começava a gostar do sul, mas se pensasse que isso fez motivo de ser reconhecido especialmente pela professora tão querida, através desta letra “sul”, ele sentiu uma alegria que jamais esquece. Além disso,

para ele, havia outra lembrança relativa ao sul. Tendo nascido no pé da serra Alpes do Japão e foi criado mimado um pouco demais pela avó materna. O inverno de Shinsyu é frio. A avó fez-lhe brincar na puxada do lado sul quando o sol começava a esquentar. No quintal ficava coberta de neve e estava plantada a Nanten (nome da planta) e ao lado desta, a peônia estava coberta de esteira feita de palha. De vez em quando, os pardais no galho, espalhavam as neves com as suas pernas friorentas. A avó de corpo curvado, vestida de grosso casacão de ama, usava óculos de velhice, cujo no meio, estava enrolado com um trapo preto. Mesmo assim, ela parecia estar com vista fraca e de vez em quando, pedia ao seu neto que passasse a linha no buraco da agulha.

[Viu! Logo seu irmão vem voltando da escola para brincar com você.]

Sempre ela que encorajava o seu neto. Até a madrugada, as colunas de gelo endurecidas na beirada do telhado, á medida que o sol subia, ia afinando cada vez mais e enfim, caíam para o chão com barulhos violentos. Com o término das aulas, começava a retornar para a casa, tais companheiros da briga. O irmão mais velho médio chegava primeiramente e depois as menininhas da vizinhança que começavam ocupar aí na puxada da casa, para brincar com as bolas e “tedami” (saquinhos enchidos de feijões). Para ele, esta puxada do lado sul da casa, era um mundo inesquecível e se existir algum calor humano na personalidade dele, isso, nada mais que era mercê da vida em que passou naquele tempo.

Todo o caso, era verdade que ele abraçava sempre intimidade inseparável para com a letra “Minami” (sul).

Para ele, ao pensar que neste momento, se começasse aquela esplendida emigração do nosso povo para a região sul deste globo terrestre, já não restaria nenhum apego para os Estados Unidos e também, ao mesmo tempo, desaparecerão

todos aqueles sentimentos de maldição que antes, surgiram saudosas lembranças do passado, tais como; aquele simpático idoso americano que acabou ensinando-o por muito tempo, majestosa e esplendida natureza deste país, especialmente na ocasião em que fez um predileto passeio subir o topo da montanha da serra de Rock, junto com os colegas da escola, numa estação em que as folhas das árvores avermelhadas, passeio no lago Salt Lake onde não afundava nem o corpo, devido à existência demasiada de sais; essas agradáveis lembranças iam misturando-se com o ódio contra a corrente antinipônica que enfim, ficava por sentir uma espécie de nostalgia.

O homem, ao encontrar seu novo caminho, além de purificar seu passado, costuma visar o brilho no seu futuro. No caso dele também, cujo coração ia atraindo fortemente para a direção do continente sul americano que tem forma de batata doce. Mas na verdade, o conhecimento dele a respeito deste continente, era muito simples e vago. Apenas sabia sobre o rio Amazonas e as cordilheiras dos Andes que corria em direção do norte para o sul. Além dessas, sabia que, aqueles cafés que tomava todas as manhãs eram do Brasil. Mas, quanto às outras coisas, eram muito vagas que, talvez já estivessem sido esquecidas o que foi aprendido no ginásio do Japão, tais como; o algodão era a maior produção do Peru e a pecuária era o sustentáculo da economia Argentina, cuja capital Buenos Aires é a maior cidade da América do Sul e o Rio de Janeiro é um dos mais lindos portos do mundo etc.; e agora, nem lembra mais sobre as línguas que usam nesses países.

Quando ele perguntava ao seu colega sobre a língua que usa no país onde pretendia ir, a resposta do colega era “isso talvez fosse espanhol”. Desta maneira, custou muito até saber que o Brasil está usando a língua portuguesa, bem semelhante de espanhol. Mas ao pensar que, naqueles tempos, para os Estados

Unidos, o Brasil era um país simples que apenas comprava certa quantidade de café onde produzia, portanto, era natural que, na cidade de Salt Lake de 100 mil habitantes onde ele morava, não achava nenhum dicionário da língua portuguesa, razão pela qual a população local não necessitava disso.

Assim ele, com o fim de aprender a língua espanhola, pois parecida com a língua portuguesa, entrou no grupo dos espanhóis como trabalhador braçal da estrada de ferro. Levou uns quatro a cinco meses até poder conversar com os outros trabalhadores, mas ainda desajeitado. Isto era último momento nos Estados Unidos onde morreram muitos conhecidos durante longo tempo, dando inestimável saudade para fechar a lembrança completa do passado.

2-Mina de cobre e Bonzo Seion

Fechando os olhos, vinha surgindo a cena de montanhas Rock e o planalto de Utah. Utah era o estado mais rico de minerais dos Estados Unidos, cujas jazidas de pratas, cobres e hulhas eram inesgotáveis, principalmente, a mina de cobre Pingam era considerado número um do mundo inteiro. A maior parte dos minérios aparece nas superfícies terrestres que, após dinamite, era transportado de trens do topo das montanhas para as usinas de fundição no pé da montanha. O liquido pesado de cor carmesim que saía do alto forno ia escorrendo ininterruptamente para encher os moldes da forma retangular um por um, os quais iam circulando nos corredores de água para se resfriar. Chegando ao fim do corredor, esses brutos cobres que na época, estavam avaliados em dezenas de dólares que eram carregados automaticamente um por um, para os carrinhos de transporte. Parecia que ia saindo 40 ou 50 pacotes a cada minuto. Imagine que isso, se pertencesse a um só indivíduo, não haverá nem o tempo de tomar as refeições e poderá cair em até desespero ao saber que, nunca esgotará o seu

dinheiro, mesmo que passasse a sua vida inteira com o máximo de luxo.

Quando a cotação de cobre, começasse a cair, para esta companhia, só bastava fazer um simples manejo na produção de apenas 24 horas. Milhares de trabalhadores estavam trabalhando no percurso entre a extração de minérios até a fundição, mas, como sendo um serviço especialmente de risco, saía sempre alguém ferido e até de morte. O que mais arriscado era o serviço de transporte por carros elétrico dos refugos despejados do alto forno de milhares de graus da temperatura. Se isso errasse por alguma manipulação, o encarregado da obra desaparecerá deste mundo na hora, banhado de líquidos de cor carmesim de milhares de graus de temperatura. Ele pensava que, não haveria nenhum sacrifício tão inútil no mundo, em morrer aqui desta maneira.

No entanto, para o homem se viver neste mundo, haveria ocasião que não permite nem optar pela espécie do serviço. De certo, a vida é tão cheia de contrariedade. Mas a profissão é preciosa. No caso de alto forno, se ninguém trabalhasse neste ramo, o cobre desaparecerá do mundo, portanto, cada uma das pessoas deve cumprir sua função dada. A profissão que ninguém prefere, deveria ser mais preciosa. Seja qual for a sua profissão tem que ficar satisfeita e quem agradecem a sua profissão dada será realmente um felizardo. Para quem avança desta maneira, haverá uma vida de valor verdadeira.

Enquanto contemplava sobre a rota da produção de cobre, até chegar ao seu ponto de fundição, surgiu na cabeça dele, o fato sobre o seu conhecido que era um bonzo da seita “Zen”, chamado como Seian Ikeda. Ele era natural de Nigata e assim que terminasse o curso na Faculdade de Buda, vinha mudando para os Estados Unidos, enfeitando de herdar a sua profissão

familiar ligada a religião. Na época, este rapaz contava apenas com 20 anos de idade excelente em “Haikai” (poema curto) e estava trabalhando numa secção desta usina. Era um encarregado do serviço de desentupir com o pedaço de pau, no momento em que alguma pedra mineral engasgava na boca de grande funil que vinham conduzidas pela correia automática incessante. Com este fim, o bonzo estava de pé ao lado de grande funil, mas, quase no fim de 8 horas do revezamento noturno, não sabe se o bonzo estava em cochilo ou no mundo da Buda, cambaleou-se e caiu para o fundo do funil. Como o interior do funil era estreito e incapaz de escapar pelo fundo e os pedregulhos minerais iam aumentando cada vez mais. Assim em pouco tempo, o corpo do bonzo ficou por baixo de centenas de quilogramas de peso. Como sendo alta da noite, quando foi descoberto isso pelas pessoas já passava de algumas horas. Os funcionários pararam imediatamente as máquinas e começaram a mexer os pedregulhos com a ponta de ferro para fazer cair os para fora do funil, fofocando sobre o possível enterro a se realizar. Posteriormente, o bonzo falou que, na hora ele gritou, mas nada alcançava aos ouvidos dos outros e ele pensou nesse instante que, “agora, acabou tudo” e tomou a posição de fazer “Zen” e assim, quando estava realizando isto, a respiração se tornava insignificante a quase nada e isso foi o motivo de ter sobrevivido até a hora do salvamento. O bonzo falou que na hora que estava inconsciente, viu uma ilusão de passear no mundo de paraíso, onde encontrou até a sua mãe que falou assim, “aqui no momento, não é lugar para você vir”.

Dizia também, quando a ponta do ferro tocava a perna, sentia uma dor e acordou. Para ele, tudo isso era pela graça da crença pela Buda e sempre contava esta história para gente, louvando a boa ação de “Zen”, mas, como ninguém possuía o plano de cair no funil, nenhuma pessoa queria exercitar o “Zen”.

3-Migração e Estabelecimento de Mórmon

Quando relembrar a vida no estado de Utah, mesmo que isso limitasse para a mina de bronze, as suas lembranças pareciam inesgotáveis. Todo o caso, a produção mineral do estado de Utah era ilimitada que isso comprova que o curso da mineralogia da Universidade Estadual é considerado como única universidade que possui maior autoridade no setor da mineralogia nos Estados Unidos. Além do mais, tem que citar que, este Estado possui um caráter especial do ponto de vista histórico. Isto porque, este Estado foi aberto e colonizado pelos membros da seita Mórmon. A partir deste Estado, para o norte de Idaho até o leste de Wyoming, eles estão dando uma visão de império no setor econômico.

A Mórmon é uma nova seita nascida há mais de 100 anos na Nova Inglaterra, região leste do país, cujo fundador chamava-se Josef Smith. Num dia, este Josef, segundo a orientação divina, encontrou um pote de ouro, contendo um escrito e estava enterrado num outeiro verdejante e ele conseguiu traduzir esta mensagem divina difícil que ninguém podia entender nada. Este que era a doutrina e a bíblia da seita Mórmon. Não há nada de mistério que, esta seita foi condenada como detestável heterodoxa pelos puritanos da época.

Os adeptos desta seita prosseguiram vaguear para oeste do continente, a procura de terra de Canaã e também para fugir das perseguições dos puritanos. Eles, dentro das carroças de capotas, onde estavam carregadas de enxadas e machadas, além das outras utilidades e importantes sementes de cereais necessárias.

Iam abrindo os caminhos, atravessando as colinas e rios, lutavam de vez em quando com os bandidos e se chegasse primavera iam semeando os cereais. Eles iam avançando com as firmes confianças de fé em Deus, conquistando todas as dificuldades encontradas, como se fossem Moises e seus discípulos que iam escapando do Egito.

Os mórmons atravessaram o rio Mississipi, planalto de Colorado e depois de atravessar a serra de Rock, lá na região oeste, acabaram de chegar à serra de Wassaty. Era em pleno outono e do topo da montanha avistava as encostas coloridas cheia de folhas vermelhas e amarelas das árvores. O céu era azul e as águas límpidas nos correntes do vale. Vejam lá, longe, estendia aí uma grande planície e mais os grandes e pequenos lagos ligavam um pelo outro por rio, parecendo como se fosse o rio Jordan e o lago Galileu do mito antigo.

[Há! Não seria aqui a terra de Canaã onde nós desejávamos tanto! Enfim chegamos. Agradecemos!]

Aqui, neste abençoado terreno em que os mórmons estabeleceram sua nação, baseado na sua forte crença para a sua religião. Dentro dos visitantes que chegam à cidade de Salt Lake, capital do estado de Utah, talvez ninguém pudesse sair daí sem passear numa gigantesca catedral, construída de pedras, erguido imponentemente no centro desta cidade. É considerado como uma das mais importantes construções do mundo, pela sua estrutura magnífica e grandiosidade. Na ponta da torre, está colocada uma estátua de Deus, de frente para o leste, com uma brilhante trombeta de ouro na sua boca. Dizem que, todos os materiais de pedras foram transportados pelas próprias mãos dos homens e cavalos, a partir do vale Wassaty, distanciado umas dezenas milhas deste lugar. Foram construídas com os próprios esforços dos adeptos, tanto o seu projeto como a sua construção, gastando uns 40 anos. No meio da floresta próxima do catedral, há uma grande cúpula. Isto é o conservatório

número um dos Estados Unidos que atende a mais de 10 mil auditórios. Está disposto de um órgão com o tubo número um do mundo. O orgulho desta construção seria da sua grande capacidade de audição e que não deixa escapar nenhum som, sequer um barulho pequeno daquele de uma fina agulha caísse na mesa. Louvável seja que, com a força da fé da religião os adeptos conseguiram completar a verdadeira obra de arte sem saber a tecnologia autêntica.

Formidável ainda é o seu projeto estrutural da cidade de Salt Lake. As ruas na largura de sessenta metros, com a catedral no centro da cidade, partem para as quatro direções, leste, oeste, norte e sul. Está planejado para identificar o local, só sabendo o nome da rua. Tudo planejado sob a previsão para prosperidade de 100 anos do futuro em prol dos seus descendentes. Só resta admirar pelo seu senso da inteligência e magnanimidade.

Realizava dois festivais por ano, na primavera e no outono, que, nestes dias, todos os mórmons vinham juntando para a cidade de Salt Lake. Nesta ocasião, todos os adeptos fazem suas doações para a matriz, correspondente a uma parte dos seus rendimentos do ano. Estas quantias, com o tempo, acumulando-se de ano para ano, tornando em enorme montante de capital que isso, além de serem destinados para financiar os próprios adeptos, foi aplicada para as numerosas firmas empreendedoras. Dizem que na época, havia mais de 70 empresas de grande e médio porte que, nenhum outro capitalista podia competir financeiramente com este grupo econômico dos mórmons, mas isso só dentro do Estado de Utah.

Pensando bem, um sacerdote de mórmon ganhar o dinheiro, parece ser injusto, mas, para os mórmons, já cientes que, sem os auxílios financeiros e políticos não seria possível enfrentar os poderosos grupos concorrentes da outra seita.

Assim, além de os mórmons não sentissem nenhuma contradição para com a sua crença religiosa, eles reconheciam bem, a maior força e poder econômico do dinheiro para proteger os seus próprios corpos e para a realização desta, aplicou a sistematização criada através de suas experiências da vida da fé pela religião. Os mórmons já sabiam as degradações de muitos padres e missionários dos outros pagãos por idolatria.

Eles, mesmo sabendo que o sacerdote da matriz é um ente sagrado e respeitável, mas jamais idolatrava. Os adeptos do Mórmon, só acreditavam pela doutrina da bíblia e iam praticando propriamente pelo caminho de fé, segundo o ensinamento da bíblia. Daí que dá razão pelo fato de que o sacerdote da matriz mexe o dinheiro e até a parte da política a fim de proteger os próprios adeptos.

Está construída a Universidade que chama Probo na beira do lago Probo, que esta, parecida com aquele lago Galileu da Bíblia. Esta Universidade, sob a administração de mórmons e seu centro é da Faculdade de Teologia. Todos os anos, os formandos desta Faculdade, sem falta, atravessavam os oceanos com seus próprios recursos para a Ásia ou Europa, de acordo com suas próprias opções, a fim de exercer as evangelizações durante determinado tempo. Era o costume informal desta escola. Assim, eles adeptos, desde tempo inocentes, vão contribuindo para abrir o caminho de fé pura e ardente. Após essas preciosas experiências, retornavam aos lares para iniciar a carreira profissional.

De qualquer maneira, o Mórmon, como sendo uma seita nova e no seu passado, havia tempo que permitia o sistema polígamo que foi condenado como uma religião herética pelo povo em geral. Isso, certa maneira, para os missionários novos que foram mandados para vários países, dava motivo de sofrer certas perseguições. Logicamente, a poligamia não consta na doutrina da seita Mórmon. Para uma nova religião que nasceu a

partir da região oriental da Nova Inglaterra, passou a ser perseguida como sendo uma heresia e no fim, depois da viagem dura pelos milhares de quilômetros, conseguiram estabelecer uma nação pacata, mas nas cabeças dos líderes dos mórmons e adeptos, nunca tinham desaparecidas aquelas perseguições recebidas de outros pagãos em qualquer momento,

Para se defender esta terra de Canaã, tinha que fortalecer o sistema de fusão da religião e da política, além de incremento mais rápido possível da população, através do nascimento das crianças. Era isso o único meio para autodefesa da nação Mórmon. Pensando assim, aquela poligamia considerada como imoral, mas para eles, seria uma medida convincente e às vezes isso pode até purificar a sua doutrina, através da fé e amor verdadeiro.

O nome Mórmon, originário do nome de grande restaurador da seita e que os adeptos não queriam ser chamada assim, e estavam conceituando a ser chamada por si mesmo como “Discípulo do último dia”, mas todo o caso, a sua influência política econômica e cultural era um caso formidável no Estado de Utah que chegava até os outros estados vizinhos.

Atualmente, religiosamente, o mundo está em condição de estado anestésico, parecendo que tanto as nações, como os povos, suas concepções étnicas estão fora da órbita. Se desse uma nação para os mórmons, porventura, eles batalhariam contra mundo todo, com o fim de explorar religiosamente.

4-Passeio Para Idaho

O Grande lago Salt Lake incorpora vários rios e córregos, mas nenhum para despejar. Era um lago misterioso que ia abaixando sua superfície de água, de ano para ano. Além disso, a quantidade de sal contido nesta água era maior do que do lago Morto que não permite viver aí, nenhuma espécie de peixes. No lado oeste deste lago, estende um grande deserto que ocupa a

maior parte do Estado de Nevada. Os tufões que atravessavam o deserto podiam formar facilmente os montões de dunas, mas também, nos outros momentos podiam desmanchá-los. A cena que descortinava estes momentos era realmente horrível, tal que, as areias arregaçadas com a força de ciclone iam voando para o alto do espaço, escurecendo até o céu. Estranho é que a natureza, desde daqueles tempos remotos, porque é que faz acionar tantas coisas inúteis no mundo.

Na mudança de quatro estações nestas regiões montanhosas do continente, de certa maneira, dava algumas alegrias para gente, mas, na verdade, o verão era realmente quente e no inverno às vezes, chegava até em 20 graus negativos. Mas, passando estes climas rigorosos, podiam aparecer cenas de colinas verdejantes, densas florestas milenares, pacatos vilarejos de roças cultivadas ou até a zona árida da região montanhosa. No vasto planalto, onde os americanos preferem aquelas cenas de cowboy. Pois aqui era o local que satisfazia o desejo de cada uma das pessoas de variados tipos, tais como; moça com ardente desejo para o futuro, cowboy desejoso de tornar-se um fazendeiro de gado, idealista de abrir novo mundo, graciosa jovem para cultivo de flores e até o malandro que planeja tombar o trem etc.

Agora, sob este cenário, a lembrança dele saltou para Idaho. Num feriado do ano em verão, ele visitou um colega sênior que morava no interior de Sugar-City no mesmo Estado.

O trem chegou lá á tarde. Daí por diante, ele tinha que andar a pé por mais algumas milhas, lembrando o trajeto. Esta região era afamada em cultura de beterraba. No fim desta longa roça verde, estava brilhando o pico de monte Tirtton de cor roxo com o sol da tarde. Quando ele aproximava da casa deste conhecido, o dia estava inteiramente escurecido, apenas só o caminho reto branco que estava sobre saindo no meio da roça coberta de treva. Das casas dos camponeses estavam vazando

as luzes das lâmpadas, que faziam sentir a verdadeira noite do planalto do continente americano. Relembrando a figura do conhecido, ia apressando os passos, de repente, nos cem metros á frente, apareceu aí, uma massa preta que isso, vinha correndo para cá, como se rolasse. Num instante, ele percebeu isso era um cão, no entanto, ele que sempre tinha medo deste bicho, assustou e ficou parado aí, a fim de examiná-lo. O cachorro era grande e preto, parou de repente uns 30 passos a 40 passos na frente dele e incrível que fosse sem latir nada e só fitavam seus olhos. Ele ficou confuso e quieto, sem poder mexer nada. Neste intervalo, o que o cachorro pensou, de repente, veio correndo como louco e saltou para acima dele. Para ele, como era ocorrência súbita que ficou pasmo até perdesse o sentido. Mas o cachorro não mordida nada, antes, estava sacudindo fortemente a sua cauda, fungando o nariz com o máximo de mimo, arrebatando os pés. Daí, vendo este jeito do cachorro, ele enfim, chegou a perceber que, o cachorro era o antigo “Taro”.

Na ocasião em que ele estava pousando nesta casa de conhecido, este “Taro” ainda era um cachorrinho. Lembrou que, ele, todas as manhãs, dava-lhe leite e ia levá-lo a passear pelas ruas. Mas, incrível era que, o fato de que na memória de Taro ainda estava conservada a imagem dele e os seus instintivos olfatos e pupilas agudas. Isto seria o caso de alegria perpétua do amor e da vida.

Enfim, ele foi entrando na casa do conhecido, guiado por Taro que não parava de sacudir sua cauda, levantando sempre altamente. O casal de conhecido estava sentado de frente para a mesa de jantar.

[Ora, ora! Seja bem vindo!]

Falando assim recebeu-o calorosamente. Assim, ele ficou de hospedar à vontade durante alguns dias deste verão. O conhecido chamava Asahina que pertencia a uma usina de açúcar, localizada nesta região. Tinha a idade um pouco mais de

30 anos, formado na Universidade de Waseda possuindo brilhante futuro. A senhora dele tinha quatro a cinco anos menos do que seu marido. Não tinham nenhum filho, mas também, ainda não tinham idade para desistir completamente. Eles possuem caracteres magnânimos, atraídas nas músicas e literaturas, sempre alegravam o lar com as gargalhadas inocentes, emanando uma atmosfera sadia e atraente.

Quem ficava chateado perante essas intimidades conjugais seria aquele Taro que, como ninguém quer agradá-lo, talvez por represália desta, começava a perseguir um gato malhado de preto e branco que estava completamente dormindo em cima do muro, com os seus violentos latidos de vozes altas.

Desta maneira, o fato de morar juntamente com este casal demais íntimo, às vezes surge alguma inconveniência ou incomodo. Num dia, deixando-o sozinho em casa, este casal foi ausentar de sua casa durante uma semana, levando Taro em sua companhia e falou-lhe.

[Pode servir-se a vontade, cozinhe qual quer coisa. Se for apertado a sua cama, pode usar a nossa cama grande também. Eh!]

Isso fazia sentir até certa inveja. No armário, havia várias latas de conservas, não dava tanto trabalho para cozinhar, mas, para guardar uma casa ausente é um caso chato e de apatia. Mesmo que foi exibido pelo casal, seria melhor morar junto animadamente. No quintal do fundo desta casa, criava 3 cabeças de cães do mato. Dizem que, foram caçados na montanha quando estes eram pequenos. Apesar de serem animais que dão tanto trabalho por ser criado só com as carnes verdes, não entendia porque o casal estimava tanto e até criá-los.

Assim, como um guarda desta casa, ele passou sua primeira noite em sossego, mas no segundo dia, já estava enjoado, sentindo uma ociosidade insustentável. No 2º dia,

felizmente, aproveitando a convite do colega para uma viagem de pescaria, com os preparos de acampamento na carroça, saíram de casa, trancando as portas da casa. Após percorrer por dia todo, chegaram ao montante do rio Snerki. Do segundo dia em diante, iam subindo o rio acima, mas não conseguiam nada de peixes.

Nas águas límpidas visível até as pedras do fundo, os peixes estavam nadando uns rapidamente, outros vagarosamente. Não sabe se era fora de época da pesca ou falta de prática, mesmo que levasse as iscas até a ponta de boca dos peixes, nenhum dava a conta nisso. No fim da irritação, no 3º dia, resolveram aplicar as dinamites trazidas secretamente. Ao jogar uma dinamite acesa num abismo do rio no desfiladeiro por uma pessoa e as outras ficavam aguardando na beira de baixio do rio abaixo. Com um grande estrondo, ao sentir vibrações nas pernas transmitidas através da superfície de água do rio, chegam boiando os peixes em quantidade, mostrando suas barrigas brancas para cima. Num instante, podia catá-los dois a três sacos de peixes. Daí ele pensou que “este é o melhor modo de pegar os peixes”. Mas logo começavam a preocupar sobre aquele estrondo da dinamite que possivelmente chegasse aos ouvidos de alguma guarda que vigia por aí. Todos ficaram tácitos e esconderam todos os peixes catados no fundo da carroça, cobrindo-os. Imediatamente, pôs-se a carroça em partir apressadamente, puxada por dois cavalos, a fim de poder chegar à casa no mesmo dia mesmo que fosse no fim da noite. Quando ele acordava no dia seguinte, o sol já estava no alto do céu. O que lembrou enquanto estando na cama, eram daqueles cães do mato. Estava completamente esquecido, apesar de recomendações repetidas por aquele casal. Ele pensou que fez um grande fracasso e pulou da cama, foi correndo para a jaula, levando certa quantidade de peixes da sua cota. No entanto, incrível que fosse, aí, só achava único cão em vez de 3. O que é

que aconteceu? Pensando assim, olhou por aí, descobriu que, no chão, estava espalhado de ossos e pêlos dos animais. Daí entendeu que, com as fomes exageradas, eles, embora fossem irmãos, batalhavam um contra o outro, a fim de devorar aqueles derrotados. Assim no fim, restou o único que era mais poderoso.

Os olhos deste cão do mato restante estavam brilhando tão fortemente, talvez estivesse com saudade da montanha onde ele nasceu, ou por rancor para com gente, começava fazer uivos baixos, mas horrorosas.

No mundo, não deve ter tais descuidos, nem as folgas. Mas, parece que, em termos de paz e ordem desta grande natureza, está disciplinado por força de amor, assim como, daquele íntimo casal Asahina, bem como bonzinho Taro, até aquele cão do mato que devorou seu companheiro.

5-Ele e Koha Takeishi

Ele tinha um amigo chamado Koha Takeishi que parou o seu estudo no meio do curso da Universidade de Yale e estava trabalhando como um repórter no jornal japonês da cidade de Salt Lake. Este amigo era um pouco mais velho do que ele, mas ainda tinha uns 27 ou 28 anos de idade e cognominava-se como “Tenkô”. Compunha bem os poemas, sempre risonho, mas parecia um solitário para gente. Não era tão alto, mas branco e bonito. Mexia sempre o bigodinho com os dedos da mão esquerda. Embora fosse natural da província de Mito, não mostrava nenhuma brutalidade, até que falava com a voz pequena e delgada, tal que custava até escutar bem, quando ele estava acionando a impressora. Este natural de Mito, embora um tanto feminino, mas após tomar as bebidas alcoólicas, tornava-se valente e muitas vezes, começava a recitar os poemas com as vozes altas e dançar de forma desajeitada. Se acentuasse o embriagues, nem ligava por qualquer amabilidade

das mulheres profissionais e ia deitar sozinho para dormir em qualquer canto da sala.

Nesta época, este Koha estava pousando junto com ele, num quarto da parte superior da casa. Era um quarto relativamente grande que havia duas janelas no lado leste, mas, por gosto de Koha, no quarto estavam penduradas mais de 10 gaiolas de passarinhos que fazia sentir alguns sombrios. Com as luzes da manhã, estes passarinhos começavam fazer bagunças de voar e pular por dentro das gaiolas, tanto para derramar águas e quebrar recipientes das rações que no fim, davam sempre trabalhos para a gente. Eram passarinhos que não mostravam nenhuma arte e graça. Para ele, isso era estranho que, com que finalidade e donde o Koha veio coletando esses passarinhos que nem sabem cantar e nem são bonitos.

[Seu Koha! Como é que vai fazer com esses passarinhos que não tem nenhuma graça. Será que vão cantar mais adiante?]

[Não cantam não. Por isso eu comprei.]

Era a resposta de Koha. Koha há uns anos atrás veio para os Estados Unidos, deixando uma namorada na sua terra. No entanto, infelizmente esta namorada acabou desaparecendo deste mundo pela doença grave. O fato de Koha desistir de estudar na universidade Yale era por esta razão e também, o fato de estar trabalhando atualmente como um redator do jornal japonês do interior, era nada mais que aliviar daquele sofrimento contido no íntimo.

Tais afeições e tormentos de Kôha que talvez fosse por desejo dele de encontrar alguns consolos nas tristes e serenas pupilas dos passarinhos meio abandonados por não possuir nenhuma arte ou graça, em vez de procurar os passarinhos de admirações, bonitos, cantadores e galhardos.

A namorada faleceu apaixonada pelo Kôha até o último momento da vida e nunca foi disputada, nem concorrida por ninguém. Pensando assim, dava algum consolo, mas em contra

partida, o fato de que não tinha nenhum defeito da moça para amargar o namorado, isso fez com que aumentasse mais as lástimas, profundamente.

Kõha, às vezes enjoado da vida no planalto e num outono do ano, quando iniciava cair das folhas avermelhadas das árvores, desapareceu do jornal, deixando seguintes recados aos seus colegas e conhecidos.

[Vou ao Estado de Califórnia para ingressar na escola de aviação, que no ano que vem, vou mostrar a vocês a minha pilotagem.]

Na época, era normal acreditar que o avião era para cair no chão, portanto, todo o mundo, sabendo deste disparate de Kõha, ninguém deixou de escapar do seu susto.

Era uma decisão de Kõha para obter alguma coisa no céu;

Depois de Kõha partiu ele (autor) também, logo pediu sua demissão ao Jornal onde trabalhava e foi para a mina de Wyoming. Isso quer dizer que, quando Kõha estava voando no alto do céu da Califórnia Sul, ele estava escavando as hulhas com o empenho, no fundo da terra de centenas de metros de profundidade. As montanhas de Wyoming eram desoladas tanto que, sem as árvores destacadas, mas existiam aí, ricas jazidas de hulhas que podia até dizer que, isso era um celeiro de hulhas.

Estavam construídas aqui e acolá, dezenas de torres altas para se escavar a camada de carvão e também estavam abertas várias minas de carvão em qual quer parte do local. Tanto a cidade, como a estrada de ferro foi aberta para este fim que, todos estavam bem animados. Por aqui que desenvolveu aquela cena de “cowboy” nos campos e nos botecos, trajados de calça Jeans, carregando um revólver na cinta, chapéu de aba larga e lenço no pescoço. O tempo em que ele trabalhava era desde o fim do outono até o término do inverno que o planalto inteiro estava congelado.

Para as pessoas que trabalhavam nas minas, o maior risco era a explosão de gases acumulados na mina e depois era a queda do teto da galeria. A mina de carvão Hanna era a maior mina do Estado de Wyoming, contava mais de mil mineiros e na galeria, transitavam até os bondes, modernizados tanto que, na ocasião, a detonação das dinamites era feito por corrente elétrica. Mesmo assim, num dia, com as explosões de gases acumuladas dentro de mina devastou por toda a mina. Assim, o acúmulo de gases era o tamanho de risco. A mina onde ele trabalhava era de escala relativamente pequena que contava até menos de 100 mineiros e localizava num sertão inconveniente.

A maior parte dos mineiros constava de japoneses que deveriam ser de origem indecente, as no meio destes, haveria alguma pessoa penosa, mas vale à pena restaurar a sua vida fracassada para uma vida decente.

Pensando bem, o fato de as pessoas obrigadas de escolher tais serviços perigosos de minas, ainda mais, aqui nos Estados Unidos, seria um destino realmente cruel. Por outro lado, em contra partida, pode perceber que, tais mineiros, mesmo que tivesse corações devastadores, o que eles requeriam, seriam contrariamente de coisas puras, inocentes e pacatas. Talvez, com esta mentalidade, ele era tratado especialmente pelos seus companheiros de trabalho, com a cognominação de “Seu estudante”, que era no sentido de boa vontade.

O horário de trabalho na mina era 8 horas por dia. Tinha que reunir no alinhamento até as 7 horas de manhã, em frente a entrada de mina e com o apito de máquina a vapor, ia entrando para a mina do carvão, fixando uma lamparina na testa do chapéu hermético, carregando um pote de óleo para combustível da lamparina que iam descendo pela galeria de uns 45 graus de descida, sempre inclinando as costas.

Havia local que não podia andar de pé reto, devido ao baixo teto de rocha ou também, tinha local tão alto de teto e

espaçoso que não chegava a iluminar todo o espaço, com a luz fraca de lamparina.

A maioria das minas era de mesma estrutura, que estava disposto de passagens transversais a cada 40 a 50 metros de espaços em ângulo reto para com a galeria principal. Essas passagens eram os ramais da principal galeria que prolongando em reta até uns 3 a 4 km. Nestes ramais, existem inúmeras minas abandonadas a cada espaço de uns 7 a 8 metros, escavadas nas camadas de hulhas, numa declividade de 45 graus.

Assim, quando acabasse a escavação de todas de um lado do ramal, em forma de um cortiço, as paredes deixadas para o sustento de tetos da mina abandonada, serão retiradas uma por uma, a partir de última passagem mais baixa de minas, quando terminasse todos os serviços desta mina.

Ele ia entrando com a coragem especial para dentro da mina, por trás de um dos mineiros, bem animado, mas, como sendo seu primeiro dia, sentia algum medo. Ao descer pela galeria principal durante uns 30 minutos, havia um lugar que fazia barulho de água que estava jorrando debaixo da terra no escuro. Isso dava a sensação de ter aproximado do inferno, onde, fazia sentir uma absoluta seriedade que jamais pode mentir e também, como se estar acusado de crime cometido no passado, mas, ao ouvir vagos barulhos de bomba de tirar a água, enfim, todas aquelas sensações estranhas desapareceram.

Ele foi acompanhando por um companheiro até o fim da galeria principal, daí virando à esquerda e seguiam mais uns 30 a 40 minutos. Era o fim do ramal e o local de trabalho. Para cada um desses ramais estava anexado um túnel secundário, para fazer circular os ares puros para os fundos, desde boca da entrada de mina, estão acionados os ventiladores.

O serviço para essas duas pessoas era para escavar este túnel aéreo para a ventilação de ar, acompanhando sempre com as galerias ramais.

Dentro de minas, a companhia jamais deixa trabalhar sozinho, prevenindo qual quer eventualidade. O companheiro dele era um natural de Kyoto, homem de mais de 50 anos de idade, com o cabelo branco. Dizia que, já está trabalhando aqui, há uns tempos, mas parecia ser um bom sujeito com boa aparência. Acabava falando a ele várias coisas, tais que; ‘tenho que agüentar neste cargo até que o primogênito concluisse a faculdade, mas no momento estou tranqüilo, pois, a minha mulher é uma trabalhadeira sadia, honesta, e está tomando conta da atual família não tão pequena, enquanto estou ausente da casa. Acrescentou ainda que, o fato de ele próprio estar trabalhando nesta mina é ainda oculto para a família e no fim, dando uma olhada a ele, com o rosto sujo de pó de hulhas e concluiu: [O meu primogênito tem a mesma idade do senhor. Quando vejo o senhor, sinto tanta saudade do meu filho, pois, já não o vejo mais de 10 anos, a não ser por fotografia.]

Escavando as hulhas com a picareta e se descobrisse que, em algum lugar do teto fizesse barulho turvo ao bater, para esses lugares, ia colocando um apoio na forma de arco para o sustento, e ia avançando para frente.

[O serviço desacostumado é duro. Trabalhe devagarzinho. Ne!] Assim, o velho homem tratou-o com carinho, mas o próprio ia trabalhando com empenho.

A cada pancada de picareta, balançava a labareda da lamparina do velho, fazendo mexer a sombra escura da gente na parede da rocha. De vez em quando vinha o fiscal. Quando o fiscal aparecia lá longe na galeria, sob o brilho de tocha, ele que estava sentado descansando, levantava imediatamente e fazia balançar a lamparina da cabeça e fazia barulhos de bater duas a três vezes com os pedaços de pedras de hulha. O fiscal, talvez

enganado com estes barulhos e pensando que o operário estava em pleno trabalho, e virava para outro lado sem aparecer aí. Vendo esta trama, o homem velho de Kyoto, soltou uma gargalhada. A remuneração diária dos trabalhadores era de 3 dólares, mas a maior parte dos operários trabalhava por empreita no sistema de tanto preço por tonelada extraída. Na ocasião, o preço de tonelada era de 60 centavos que, para um mineiro de boa capacidade podia conseguir extrair umas 20 toneladas de pedras de hulhas por dia. O jeito era para enfiar na hulheira, 4 a 5 barras grossas de ferro de 2 a 3 metros de comprimento com as pontas enchidas de dinamites. Com a detonação desses, pedaços esmigalhados de hulhas, soltavam para todos os lados. Os mineiros chamavam com o nome de “Tyonko” para estes pedaços grandes. Daí que os mineiros começavam cantar a moda de “Tyonko”, quando estava trabalhando animadamente, assim; ‘Tyonko. Tyonko, De, Hah, Yoi, Yoi, Tona’. Eles trabalhavam desde escuro da manhã até a tarde, com as lamparinas nas cabeças.

A extração de hulhas era feita desta maneira.

Era para colocar folhas de zínco nos corredores da mina, a fim de facilitar o escorrego de hulhas neles. Com a declividade de 45 graus, os “tyonkos” iam escorregando rapidamente até o fim, que aí está preparado dos carrinhos de hulhas com o número de cada um dos mineiros responsáveis.

Acumulando aí uns 15 a 16 carrinhos, pronto para ser puxado pelas numerosas cabeças de burros até a principal galeria, que daí por diante, vão ser levadas para fora de minas pelo trem da estrada de ferro.

As detonações de hulheira eram feitas 2 vezes por dia, antes do almoço e no fim do serviço, mas os seus estrondos que vem do fundo da mina eram realmente horríveis. Normalmente, o fim de serviço era 4 horas da tarde que, tanto os mineiros como os burros aguardavam o apito na saída da mina.

Da saída da mina para o acampamento distanciava apenas uns 100m, mas nos dias frios de uns 30 graus negativos, às vezes podia pegar até as friagens. Tantas caras pretas e imundas de óleos e de pó de hulhas vão correndo para o banheiro, localizado noutro lado do vale. Aqui que os mineiros tornavam limpos e asseios, trocando as roupas sujas para as limpas, mas o problema era a questão de escarros. Solta que soltasse tantas vezes, mas os escarros continuavam sair pretos. Miudinhos pós de hulhas, menores que poeiras aspiradas durante todo o dia, estão grudados tanto nos aparelhos respiratórios como nos digestivos. Pode ser que, a vida de minas é arriscada, portanto, os mineiros todos são supersticiosos. Assim, se sonhasse com alguma coisa ruim, ou com algum mau pressentimento, já não ia trabalhar nesse dia. Nas manhãs e nas noites, sem falta, iam rezar perante o oratório, com a maneira de acordo com a exigência da sua religião.

Mesmo assim, de vez em quando, surgiam acidentes de morte e de ferimento, na proporção de quase 20% do total anualmente.

Na manhã do 1º dia do ano novo, os mineiros faziam um banquete de costume, reunindo todos. Eles faziam bagunças alegremente, cantando e dançando, mas, ao pensar que, dentro destes 20% das pessoas irão sofrer alguma forma de acidentes, jamais podia abraçar nenhum ódio para qual quer uma dessas pessoas. Com os mineiros, podia sentir alguma rudeza, oriunda de sua própria profissão, mas, no mesmo tempo, pode entender que, eles possuem certa pureza e generosidade de aceitar a boa vontade da gente, proveniente de uma concepção de que, todos juntos estão enfrentando o mesmo risco e destino da vida.

Assim eles, mesmo sendo um pouco marginalizados, eles possuem certa sinceridade, sem ter malandragem, como os marginais da grande cidade.

O pagamento de mina era feito a cada duas semanas. Que prazer haveria nesta montanha desolada. A maioria dos mineiros não tinha capacidade de ler os livros. Seus desejos eram de voltar ao Japão quanto antes, juntando os dinheirinhos para poder passar suas vidas, pelo menos com certa dignidade. Era isso a única esperança deles, mesmo que fosse sem a cultura suficiente, mas enquanto morando nestes Estados Unidos, nunca entravam para as turmas de vagabundos. Para quem não possui suficiente educação, nem firme concepção, tinha que seguir nos caminhos inadequados, só por atrás do dinheiro. A gente fala sempre sobre nobreza e plebe, mas no fundo do coração é diferente.

Os mineiros eram todos solteiros e na sua maioria passava dos 30 anos de idade. Era o local que não habita nenhuma “deusa”. O que os mineiros queriam eram dinheiros e essas “deusas”. No entanto, quanto ao dinheiro podiam adorar pelo menos, uma vez a cada duas semanas, mas quanto às “deusas”, como sendo uma mina pequena e no sertão, não havia condição de adorá-las. Chegando os domingos, com a folga os mineiros, quase todos eles, vestindo-se as melhores roupas e iam a rodear pelas casas, cobertas de neves, sem ter que fazer nada. Nessas ocasiões, se ressoasse algum som de guizo de trenó, lá no vale, eles soltavam gritos de alegria, esticando-se os corpos. Mas, se isso não fosse de grupos de “deusas”, eles caíam em demasiada decepção, digna de compaixão.

Ao descer desta mina, nuns 30 km de distância, havia uma estação de recolher e despachar as hulhas e no clube de mineiros desta cidadezinha, está aberto um cassino, uma vez por mês. Agora, mirando isso, numerosos mineiros, com os fortes desejos especulativos vinham juntando de todas as minas para assaltar o local. Eram os jogos de azar a noite, com as comidas á vontade. Os jogos de japoneses, na sua maioria eram feitos de par e impar de dado que isso dava uma aparência

valente que, pela noite inteira, gritando e debruçando-se na mesa para juntar ou espalhar os montes de dinheiros para lá e para cá. Nos primeiros tempos, demoravam em definir sobre a vitória e a derrota, mas, ao aproximar a madrugada, na sua maioria desses montões de dinheiros iam metidos para os bolsos de apenas 2 a 3 pessoas. Com isso, para cada noite desses jogos, havia a possibilidade de sair uma ou duas pessoas possíveis de voltar ao Japão, e os mineiros costumavam brindar os sucessos destas pessoas e já noutro dia iam voltando para suas minas, a fim de escavar as hulhas.

No início de abril naquele ano, quando chegava a primavera no planalto e começava a descongelar as águas dos rios, os botões das flores começavam a abrir, ele resolveu sair deste Wyoming, vendo que todo o caso, por aqui, conseguiu passar sã e salvo, e também começava a sentir um tanto de enjôo neste lugar. Também ficou sabendo que, aquele Kôha Takeishi voltou ao Japão, junto com seu avião de bi asas. Apesar de ter mandado-lhe (ao autor) um recado corajoso de “agora, eu vou conquistar o mar do Japão”, mas, logo que chegava ao Japão, quando voava de Osaka para Kyoto, na aterragem, na vista de mais de 10 mil populações, sofreu a brusca queda e morreu instantaneamente. Era no início do século XX, no período infantil da aviação e era o primeiro sacrifício da aviação civil do Japão.

6-Índios e Mexicanos

Outra recordação nítida era a última vida nos Estados Unidos.

Para o grupo de operários da estrada de ferro do planalto, havia duas espécies. Uma chamava “Secção” e outra chamava “Gang”. A Secção, de acordo com sua denominação indicava uma espécie de grupo que guarda certos trechos das estradas de ferro e normalmente, constava de cinco pessoas morando num

determinado local e o “Gang” constava de um grande contingente de mais ou menos 100 operários ambulantes que moram nos vagões próprias, para poder atender aos possíveis remoções emergentes para grandes consertos, tais como, no caso de graves colisões dos trens, ou nos desastre provocado pela calamidade natural etc. Assim, se hoje estivesse trabalhando em certo lugar, logo no outro dia, estaria mudando para outros locais afastados centenas de quilômetros. Havia ocasião que na noite, quando estava fazendo a necessidade biológica, de repente, a locomotiva começava andar para partir.

Ele trabalhava como um membro de “Gang” mexicano, para poder aprender língua castelhano. Na ocasião, o México estava na confusão revolucionária, após a queda do governo Madero e que, as grandes quantidades de trabalhadores mexicanos estavam deslocando para esta região. Eles gostavam tanto de violões e hábeis também. Gostavam das bebidas alcoólicas e hábeis nos jogos de cartas. Nas vagas de serviços e após as refeições, eles bebiam e cantavam. Nos domingos e feriados, aqueciam nos jogos de azar. A maioria era analfabeta e não possuía nenhuma alternativa senão comer, beber jogar e cantar.

Deitado no leito do trem que parecia como uma prateleira de criar bicho da seda, sob as escuras sombras de lamparina, eles dialogavam sobre a situação da pátria, preocupando sobre suas famílias e até os contos indecentes e no fim, iam caindo nos seus sonhos, sem saber quem seria o seu primeiro.

Estes mexicanos eram descendentes dos espanhóis e de índios, portanto, possuíam caracteres ociosos por um lado e ferocidades por outro lado. Estes dois diferentes sangues, misturando no meio da natureza do México que formou uma raça desta espécie, no intervalo de 400 anos que já passou. Eles, nos seus dia a dia, pareciam tão serenos, mas se uma vez caíssem na ira, de repente perdem completamente o espírito de

autodomínio. Assim, não era tão caso raro que, a partir de simples e trivial conversação de brincadeira, poderá ocorrer até a briga de sangue.

No entanto, logicamente, não eram todos que fossem tão ignorantes. Havia quem lastimava sobre tais tristes destinos de muitos compatriotas mexicanos, e também soltava as palavras indignadas e desesperadoras sobre sua pátria. Miserável seria que, o povo que não possui nenhuma história tradicional de orgulho, sabendo que, o seu sangue étnico puro contido no seu próprio corpo vai extinguir inteiramente.

No meio deste grupo estava um genuíno índio. Parecia como se fosse um japonês. O índio sabia ler e escrever e vendo a sua atitude magnânima, parecia ser um otimista. Mas tinha uma tendência solitária que sempre andava separado do grupo.

Este índio, especialmente hábil em tocar o violão com a linda voz, numa noite ao acordar, ouviu uma melodia de violão. Espiando-se de janela, aquele índio, sob brilhante luar, estava cantando de pé encostado na rocha, abraçando uma guitarra. O luar estava projetando o perfil do índio que continuava dedilhando e dedilhando a guitarra, cantando com as suas vozes tão lindas e puras. Talvez este índio, não tivesse mais paciência de continuar dormindo mais, ainda mais, numa noite desta, tão linda de luar, ou às vezes, tentasse esquecer pelo menos seu tormento insolúvel em tocar estas linhas de guitarra. No meio de branda aragem noturna que ia atravessando uma melodia melancólica, fazia lembrar uma mágoa que não podia esquecer. É sim certamente, vai perecendo o sangue do índio. O sangue deles, em qual quer momento irá desaparecendo deste mundo, como se fosse uma corrente de água que vai ser absolvida pelo deserto, sem deixar nenhum rastro. Não haveria nada mais triste neste mundo do que uma etnia extinguir do mundo.

Este índio que ficou reconhecendo através de letras as coisas do mundo que não devia conhecer e por conseqüência, a tristeza dele podia até superar mais do que aquele mito de Adão e Eva que comeram aquelas frutas de inteligência proibida por Deus. Agora, este índio estaria chorando em relembrar pelo passado dos seus antepassados, confiando seus sentimentos através de dedos em tocar a guitarra sob o luar brilhante desta noite. Enfim, parou o som da guitarra. Começava a ouvir ao longe, horrorosos uivos de lobos ou de cachorros do mato.

O outono do Estado de Utah ia aprofundando-se cada vez mais, que a maioria das folhas coloridas de árvores foi-se embora e até as folhas de coníferas do vale estavam mudando as cores. Num desses dias de fim de novembro, sob o céu nublado, o trem de “Gang” que ele embarcava, partiu para o local da obra para sua restauração. No ramal da linha Silver City. Aqui como o seu nome indicava, era uma cidade mineira que apareceu no meio das montanhas. Na proximidade, foi descoberta uma porção de minas de ouro, As montanhas constavam somente de rochas que em todas as partes haviam escavados buracos de testes, podendo ser vestígios antigos abandonados. Em alguma parte, anotava que uma cruz de madeira em pé, apoiado com um monte de pedregulhos para não cair. Talvez, isso fosse o sinal da morte de algum explorador sem sorte, que na procura de ouro nesta região, com o fim de fazer sua “América“ de vez.

O grupo de “Gang” estava iniciando seus consertos, mas numa tarde no dia de neve, um dos mexicanos veio visitando aí e estava conversando com seus conterrâneos e por pouco tempo foi embora. Ao entardecer nesse dia, numerosos soldados cavalheiros cercaram o trem e começavam investigar com as indagações com a alta voz. [É certeza que ele veio para cá. Não é possível! Se mentir não haverá nenhum perdão. Viu!]

Mas os mexicanos todos insistiram que nada sabia sobre o fato e no dia seguinte, todos os jornais da capital Salt Lake noticiaram sobre seguintes fatos nas suas primeiras páginas, na coluna especial com as letras grandes:

[O assassino Lopes, depois de praticar o crime fugiu para a região sul, ao longo da linha S.P, mas os nossos dois policiais de cavalos que perseguiram conseguiram alcançá-lo, mas na manhã de ontem, na proximidade do ramal da linha Silver City, Lopes, ao saber disso começou a atacar os policiais, com vários tiros de revólver, matando um policia na hora e feriu gravemente o outro. Quanto a Lopes, depois disso, parecia que fugiu para a região de Silver City, que está sob a perseguição do bando de polícia cavalheira.]

Segundo esta notícia, ficou esclarecida que, ontem à tarde, aquele mexicano que passou nesta “Gang”, era o próprio assassino Lopes. No entanto, será que Lopes acabaria foragido até o fim?

Ao conhecer este detalhe do acontecimento, dá para entender facilmente que, como os mexicanos sentem tantos ódios para com os americanos e também sobre aquela outra parte de ferocidade contida nos seus vasos sanguíneos. Lopes que matou um americano na briga ocasional, num dos botecos da cidade de Pingam, escapou daqui para a região sul, destinando para a fronteira do México. Mas segundo o referido anterior, após a perseguição pelos dois policiais, não conseguindo aquele primeiro objetivo e tinha que passar a noite, escondendo-se na montanha de Silver City.

No dia seguinte, Lopes que percebeu a impossibilidade da sua fuga decidiu morrer valentemente e com a intenção de batalhar com os odientos americanos, voltou novamente para a mina de Pingam. Daí, ajustando com os companheiros, prepararam grande quantidade de alimentos e munições para lá no fundo da mina. Para o lado da polícia, não percebendo nada

sobre pormenores de Lopes que estava no local de crime, e só alertava rigorosamente por toda a parte.

Assim, não era estranho que em pouco tempo, um dos operários americanos da mesma mina descobriu este Lopes.

A polícia, no começo estava negando assim. [Não é possível] Mas, ao descobrir a sua veracidade, quem assustou não era só a polícia. Os mineiros ninguém queria entrar para a mina e os jornais faziam tanto barulho, escrevendo sobre esquivo do criminoso e também pela incompetência da polícia, fazendo ferver fortemente as opiniões públicas.

Foram promovidos numerosos policiais e encheu com as populações curiosas em frente à entrada da mina. Havia até gente que veio de longe de trem para assistir possível cena violenta da captura de Lopes. As atenções das populações iam aumentando cada vez mais para ver o destino do criminoso com seus 100% de interesse, talvez, inédito no mundo.

Chegando a esta altura, mesmo que fosse polícia negligente dos Estados Unidos, nesta vez, tinha que excitar em alguma maneira e os policiais de grande vulto e bem armados, iam entrando timidamente para dentro da mina. No entanto, após pouco tempo, surgiram alguns estrondos e na vista de pessoas em expectativa de [Enfim, foi feito.] Mas, os que vieram carregados eram os dois policiais sangrentos e não Lopes. Foi um grande susto. Neste momento, veio do fundo da mina, um grande berro do próprio Lopes.

[Venha cá odientos americanos! Vocês tiraram do nosso México, tanto a Califórnia, como a Arizona e mais todas as partes restantes da região oeste de Rock. Além disso, que coisa, agora está planejando em perturbar até a própria pátria México. Malditos Estados Unidos. A boca de Lopes está faminta de tomar sangue dos inimigos. Venham os covardes!]

A decisão trágica e ardente de Lopes deveria ter dado certos ímpetos inesperados para a população que estava fora da

mina. Para os americanos em geral, este horrível mexicano que assassinou tantos conterrâneos, estavam impulsionados de até linchar o Lopes na sua captura. Mas ao ouvir a declaração de guerra dele, ficaram um pouco desanimados. Na verdade, se relembresse aqueles fatos históricos insensatos dos passados dos Estados Unidos, não havia nenhuma palavra para responder a Lopes. A atitude que Lopes tomou já não era mais simples um assassino de indivíduo e sim, deverá ser um desafio coletivo de todos os mexicanos contra arrogância imperdoável dos Estados Unidos.

No dia seguinte, a batalha suicida dos policiais começou no fundo da mina pela segunda vez, depois de tantos sacrifícios. Mas foi obrigado a retirar-se. Isso talvez para evitar tantos sacrifícios e o departamento de polícia americano que resolveu tomar outro processo de enviar os gases venenosos para o fundo da mina para aguardar a morte de Lopes.

Nessa altura, já os jornais talvez perdessem seus interesses, pararam de noticiar sobre o acontecimento e as populações também pouco a pouco iam desaparecendo do local, com o sentimento de ter atacado pelas declarações de Lopes.

Era mês de dezembro e a neve branqueava todo o planalto. Na entrada da mina, onde no fundo, Lopes estava fechado, era vigiado pelos dois policiais, dia e noite. Depois de um mês aproximadamente, foi examinado cautelosamente por um bando de policiais por todo o fundo da mina. Mas incrivelmente, não pode encontrar nada. Isso, talvez fosse verdadeiro que, um boato circulava na região, que o próprio Lopes foi se embora, aproveitando a falha de vigias que porventura estivessem cochilando nos seus pontos.

7-Uma Impressão Profunda

Ele perdeu sua mãe na infância. O pai dele não estava tão idoso para se passar em celibato por resto da sua vida, mas

talvez isso fosse pelos mimos demais para com o seu caçulo, não aceitando nenhuma recomendação de outros para fazer 2º casamento. Naquela ocasião, ele estava pousando no internato do ginásio, afastado uns 12 km, que o pai dele solitário e estava aguardando tanto a sua chegada a cada sábado. No entanto, para ele o fato que deveria ir embora para os Estados Unidos, abandonando o pai que tanto o amava, deveria ter tido algum firme objetivo, mas no momento, nada lhe lembrava. Parecia que, nessa época, só estava querendo loucamente ir aquele país, acreditando pela existência de alguma coisa no destino.

Talvez este sonho vago que fez atravessar o oceano sem ter nenhum medo. Isso era uma figura total de alegria da vida que vai crescer livremente, como se fosse uma erva tenra que brota sob o sol da primavera.

A prova de que naquele tempo, não possuía nenhum objetivo concreto, pois ele, depois da chegada aos Estados Unidos, não havia nenhuma recordação de ter possuído a vontade de ganhar dinheiro nem concentrar suas vontades para o estudo.

Para as regiões orientes e oestes do continente americano, ia só saltando e mudando livremente, para cá e para lá, no entanto, ele jamais andava vagabundeando. Trabalhava sempre com afinco e passava a sua vida com alguma esperança sem ter nenhum arrependimento. Podia concluir que, ele era um sujeito da natureza. No entanto, mesmo que fosse sujeito natural, com o tempo e pela conseqüência de vários impactos e também de ambientes, o sangue dele veio de seus antecessores que estava dormindo, começando a procurar o seu destino.

Fosse uma felicidade ou infelicidade, até agora, ele que estava controlado pela única concepção de ser um homem decente, vendo o fato anti nipônico que veio aumentando dia a dia, tal como assassinato de duque Ito na estação de Harbin, falecimento do Imperador Meiji e o martírio do marechal Nogui

e finalmente a morte do seu pai, fez com que ele começasse a sentir mais nitidamente na sua consciência de ser “Eu também serei um japonês”. Principalmente, para com a morte do seu pai, incrivelmente deu-lhe uma sensação descontraída, junto com o arrependimento indescritível.

Segundo as palavras derradeiras da morte do pai dele, transmitidas pelo irmão mais velho de [por ter amor verdadeiro, enviei o meu filho para os Estados Unidos, mas desde então, a solidão iniciava de modo insuportável. Mas acredito que o meu filho é um homem decente que um dia, prestará alguma coisa para a nossa pátria, e com isso posso morrer tranqüilamente.]

Era assim. Ele, como sendo caçula, tinha que recompensar o seu pai com a sua fidelidade, mas isso era um caso de impossibilidade.

Agora ele, ao perder o seu pai, tinha desistir completamente o desejo de fazer sua fidelidade paterna perpetuamente, mas ao mesmo tempo, foi encorajado pela confiança do seu pai, como se estivesse no momento de enfrentar com os milhões de inimigos e também pela emoção de estar num mundo pleno de liberdade. Esses casos que lhe fizeram retornar a um membro da etnia japonesa e formou o motivo de entrar num mundo da tensão. Mas além dessas, no íntimo dele, estava gravadas profundamente tantas histórias contadas sobre do lado da feiúra do homem e também, grandiosidade da fé e sua generosidade, praticadas pelos dois mestres. Esses fatos para ele pareciam como se fossem presentes de despedida do trajeto dos Estados Unidos para Brasil, e na hora, apesar de não sentisse tanto, mas com o tempo, vinha tornando a relembrar fortemente no íntimo dele.

Havia um okayamano veterano chamado Fukuda, um pouco mais velho que ele. Este homem, no meado da era Meiji que veio mudando para Havaí como um dos imigrantes comuns e posteriormente, mudou para os próprios Estados Unidos. Na

época, este Fukuda, estava morando na região montanhosa, trabalhando como um agente da empresa da estrada de ferro.

O seguinte era a história contada por este homem, sobre o fato ocorrido no barco, quando navegava para Havaí.

O navio da época parecia estar tão imperfeito que no meio de trajeto para Havaí, acabou perdendo a sua maquina de propulsão do navio para o fundo do mar. Como não havia substituição, o barco só ia boiando no meio do oceano, deixando a vontade de ondas e ventos. Com o apoio de todos os marinheiros, jogavam no mar, todos os pedaços de tábuas que encontravam no barco, escrevendo neles, todos os dados referentes a locais, tanto como latitude e longitude e os horários, a fim de facilitar a localização do barco dia a dia. Nem o telegrama, não havia nenhuma alternativa, senão aguardar a salvação, confiando nesta única medida para a sobrevivência.

Assim passou mais 10 dias e o barco ia afastando para além da linha de navegação e ia escasseando até a água potável que isso, faziam aumentar cada vez mais, a sensação de abandono para com a gente. Qual quer pedaços de madeiras, bem como outros objetos que achavam convenientes foram jogados no mar, restando apenas travesseiros de ar que os imigrantes de Havaí usavam ao deitar. Num dia, o comandante do navio, falou perante esses passageiros assim:

[Nosso barco está indo cada vez mais para a grave situação. Como senhores sabem, foram jogados todos os objetos e agora, sinto muito, mas, peço aos senhores que me fornecessem em favor, seus travesseiros de ar.]

Para o comandante, numa situação emergente como esta, estava aguardando as favoráveis respostas dos passageiros, tais como; [se é assim, use-se à vontade], mas na realidade, era diferente. Pois as respostas eram assim; [eu comprei-o por 30 centavos em Yokohama,] e outro falava; [o meu era 50

centavos.] Assim, ninguém queria fornecer de graça, e o comandante tinha que pagar os preços que eles queriam para poder jogar esses travesseiros para o mar.

As dezenas de imigrantes da 3ª classe para Havaí, perante seus arriscados destinos, estavam rezando suas salvaçãoes para com o Deus, sob a luz escura de lamparina, mas, até no último instante, não podiam largar seus apegos para a cobiça.

Seria um caso vergonhoso, mas por outro lado, sem pensar que isso fosse bom ou mau, podia considerar que era uma parte de austeridade que o homem possui na sua propriedade.

Este Fukuda, além de ter certa habilidade em ganhar dinheiro, não poupava nada em gastar o dinheiro para outras finalidades. Ele falava assim: [Alguma ocasião pode cobiçar, mas no caso daquele penoso travesseiro de ar, perco até a paciência para com a gente.]

Ele (o autor) tinha uma experiência semelhante. Era um caso de 1907, na ocasião do grande terremoto de São Francisco que ele, tendo desembarcado neste porto, mas as numerosas pessoas iam fugindo de um lado para outro, puxando os carrinhos ou carregando seus objetos nas costas, no meio da rua em chamas. Para ele, chegava pensar que “como é que pode escapar de fogo, carregando tantas coisas”.

Em pouco tempo, não suportando mais, as pessoas começavam a jogar uma ou duas cargas no meio de gritos desesperados para poder escapar do fogo e da multidão. Sabendo disso, podia ter carregado menos cargas desde início. Mas a ganância material humana, parecia tão obstinada, instintivamente. Diziam que havia quem fazia ladroagem, aproveitando estas confusões e também havia muita gente que perdeu a sua vida por causa de cobiças demais.

Para ele que, naqueles tempos, ainda era jovem e também não possuía tantos desejos materiais, estas cenas era um espanto, parecendo estar em disparate até pensar que, como é

possível um homem tornar tão ávido com as matérias. Todo o caso, até no momento, este assunto não está resolvido, mas, uma coisa certa é que, ele está abraçando ainda um sentimento detestável para tais coisas.

Um pastor que ele conheceu primeiramente no território inglês no Estado de Victória que chamava Ooyama, este homem era natural de Kagoshima no Japão, com a idade mediana um pouco mais de 40 anos e sua senhora também era desse nível. Naqueles tempos, na casa deles, havia pousado alguns números de rapazes, de uns 20 anos de idade e ele também era um deles. No tempo em que ele dava trabalhos para este casal foi durante um mês e desde então, passou afastado deles, durante alguns anos sem ter notícias, nem a oportunidade de reencontros. Era só. Mesmo assim, incrível que fosse, de ano para ano, a impressão do casal Ooyama ia-se renovando cada vez mais na memória dele.

Ele, desde então, freqüentava várias vezes à igreja, durante a estada nos Estados Unidos e havia várias ocasiões de encontrar com os pastores japoneses e americanos. No entanto, não sabia por que, tanto nas suas orações como nas suas pregações, todas essas não soavam bem nos ouvidos dele.

Além do mais, havia ocasião em que o fato de tais recitações da Bíblia lidas pelo pastor, parecia que estava sentindo violar própria Bíblia. De fato, as pregações do pastor Ooyama eram desajeitadas e para este homem, o fato de forçar fé para os outros é um ato que jamais pode praticar e nunca. Para a audiência de cada domingo desta igreja, também, parecia satisfação só em ver os rostos do casal Ooyama que, até os difíceis vocabulários de Bíblia, ficavam convencidos perante incalculável generosidade deste casal. Após cada ódio, indignação, ele, até hoje, envergonha perante a recordação da figura modesta do casal Ooyama.

Um dos outros, era de Saburo Ichimura que recebeu deste homem, uma maior e profunda impressão.

Este homem, seu nome verdadeiro chamava-se como Iida, natural da província de Nagano e no tempo do moço, estava pertencendo a um empreendimento da construção civil, mas com uma ligação estranha, entrou como um membro da família Ichimura, um dos vassallos de chefe do feudo Kanazawa. Em 1898, mudou sozinho para os Estados Unidos e no ano de 2010, estava morando na cidade de Oguden, no Estado de Utah, com o cargo de gerente geral do filial do Banco Nipo-Estados Unidos. A sua senhora era uma cristã entusiasmada e depois de estudo em Canadá por alguns anos, estava dando aulas de língua inglesa, guardando sua vida sozinha sem o marido. Mas, com o tempo, ela também ficou de ir atrás do seu marido e quando eles chegavam ao estado de Utah, estavam levando uma vida pacata. Esta cidade, localizada numa distância de uma hora de bonde, a partir da cidade de Salt Lake, onde ele morava e que tinha surgido chance de encontrar com este homem Ichimura, pois o irmão mais velho Shiro Iida era um importante benfeitor dele (o autor).

Tal Banco Nipo-Estados Unidos, com sua matriz no São Francisco, possuía uma empresa subsidiária em fornecer alimentos e os recursos humanos, tais como; os trabalhadores necessitados no cultivo de beterrabas, operários de minas ou de estrada de ferro, a serem procurados na região da média serrana.

Certa vez, tendo surgido uma greve geral numa mina no Estado de Wyoming que ia piorando cada vez mais a sua situação, até que surgisse um incidente de sangue. Perante esta situação, a Companhia de Fomento Industrial, tendo mandado várias vezes seus responsáveis para o local, a fim de negociar com os lados da Empresa e dos operários, mas, como o lado desta do Fomento Industrial possuísse uma tendência não tanto

favorável para o lado dos operários, era difícil conseguir mediação para os dois lados. Além disso, até os mediadores foram surrados pelos operários, que no fim, tinham que voltar até feridos. Assim, a confrontação entre grevistas e o lado da Companhia que impede o movimento grevista ia-se agravando cada vez mais, até que as sangrentas lutas foram desencadeadas várias vezes, fora e dentro da mina.

Justamente, nesta atmosfera excitante, apareceu aí, um indivíduo, andando de modo sossegado no local. Quem seria?

Era o gerente Ichimura daquele Banco, com sua estatura curta e magra, porém com tanta seriedade e taciturnidade.

Este senhor Ichimura, embora estando em motim tanto grave, conseguiu apaziguar admiravelmente apenas em um dia e foi retirando tranqüilamente, depois de feitas suas preces reverentes. Tanto a sua coragem, como o seu talento, não haveria ninguém mais, senão ele e perante sua fé religiosa, tinha força de prostrar todos, mesmo que esses fossem animais ferozes. Segundo as palavras contadas de operários sobre essa ocasião, eram seguintes:

[Era uma coisa estranha, pois, perante grandes expectativas de centenas de operários, o gerente Ichimura que chegou aí, sem nenhuma palavra, parecia ser uma existência de nenhum valor, mas, à medida que aproximava cada vez mais, todos começavam a sentir tanta veneração sagrada e inviolável que com essas, iam apaziguando pouco a pouco as excitações de todos e no fim, como se fossem hipnotizados, começava a convencer todos com as palavras do senhor Ichimura.]

[O que é que aconteceu?]

Todos perguntavam mutuamente numa sensação de ter acordado de um sonho.

Ele que soube esta história noutro dia e ao perguntar sobre a impressão daquela ocasião, o gerente Ichimura respondeu:

[O fato de que os mineiros provocavam tantos tumultos deveriam ter alguns motivos razoáveis. Sendo mesmo homem, não há nada de diferença quanto à alegria e a tristeza. Então, onde faz perecer por si próprio é que possível sentir verdadeiras alegrias e tristezas e para as pessoas que vivem juntos no meio destes sentimentos, não há nenhum inimigo. Estou pensando sempre assim. “O homem jamais morrerá enquanto não terminar a sua presteza para com Deus. Portanto, para a morte, não haverá nenhum medo e antes, isso seria um triunfo para o país de Deus.”]

Seria uma grandeza de fé deste homem. No entanto, numa noite do verão, este gerente Ichimura, numa igreja cristã de japonês, recebendo um tiro no seu coração, disparado por um bandido, morreu instantaneamente. Como o incidente ocorreu dentro de uma igreja e além do mais, era uma personagem destacada, até os americanos, iam acompanhando numa fila de três quilômetros, na ocasião do enterro desta pessoa.

Assim, junto com uma história insensata verdadeira, o fato de que o casal Ichimura, atendeu para ele, com tanta fé e generosidade que isso, fez a ele como se fosse uma preciosa guia da vida durante a sua estada nos Estados Unidos.

8-Adeus os Estados Unidos

Dezembro de 1913, no dia 31, último dia deste ano, no céu crepúsculo de Nova York estava com as nuvens escuras e de vez em quando, caíam delgadas chuvas. Grandes edifícios em fila na Wall Street estavam fortemente enevoados e nas partes acima de vinte a trinta andares, iam desaparecendo no meio das névoas. Nas ruas asfaltadas molhadas de chuvas, prosseguiram as filas de automóveis constantemente e as pessoas trajadas de peles e sobretudos estavam transitando intensamente.

Neste fim do ano, para que fim, essas pessoas estarão vivendo com tanta preocupação e pressas. Talvez, essas fileiras prosseguirão até o cemitério de suas vidas.

O mar em frente de Nova York, avistado da ponte Brooklin, parecia ser como se fosse uma cena vista através do véu, mas, de vez em quando, ia desaparecendo seu panorama pelo denso nevoeiro, junto com os navios navegantes daí, restando apenas apitos incessantes dos barcos, ou em instantes seguintes, esses, podiam reaparecer nitidamente, no intervalo de nevoeiros.

Às duas horas da tarde num dia, no cais de Brooklin, havia um navio inglês com o destino para a América do Sul. Com as pessoas de despedida, o cais estava tanto confuso, mas, ao começar movimentar o barco, as multidões iam definindo automaticamente e que, iam trocando as palavras entre os passageiros do navio, com as várias linguagens acentuadas de japonês, italiano, castelhano e até alemão. Dentro de poucos minutos. À medida em que o navio ia afastando do cais ia sacudindo fortemente os lencinhos e chapéus, a fim de não perder de vista, reciprocamente. Daí a pouco, quando o navio chegava até o ponto quase invisível, as pessoas acabaram de gritar seus últimos berros de despedida, sacudindo fortemente seus braços.

Nesse momento, havia um grupo de japoneses que vinha correndo para o cais. Ao saber que esses eram os passageiros que atrasavam para embarcar naquele navio. A multidão ficava com pena, dando lhes, algumas olhadas de compaixão. Daí apareceu um agente da companhia de navio falando;

[Não há nenhuma mentira nas palavras dos ingleses. O senhor já esqueceu que nós falamos que o navio partirá às 2 horas da tarde em ponto?]

[Quanto a isso, nós viemos para cá às 12 horas, mas, como havia ainda tantas cargas para carregar, pensávamos que demoraria mais um pouco.]

Respondeu assim, um dos japoneses do grupo, numa atitude um pouco embaraçada. O agente, perante a multidão, com uma maneira digna de ser inglês, falou:

[Como se vê, o barco já partiu. Só resta aguardar o próximo navio. Pois, as suas passagens ainda são válidas para a próxima.]

[Mas as minhas bagagens já estão carregadas lá no barco. Não haveria qual quer maneira para alcançá-lo?]

Nesse momento, surgiu aí uma voz da senhora, dentro de multidão:

[É caso de pena! Faça alguma coisa para eles. Por favor!]

Talvez fosse encorajada por esta voz, ou se ele mesmo descobrisse alguma coisa, o agente da companhia, ia correndo para a ponta de cais e esses japoneses também iam seguindo-o.

O agente começava fitar os olhos atentamente lá longe, pela superfície do mar, onde coberta de neblina, assobiando fortemente, a fim de chamar algum barco a vapor. Mas, nenhum apareceu. Vendo a dificuldade, o agente murmurou:

[Já não é mais possível. Temos que desistir.]

Mas ainda permaneceu aí, olhando o mar, sem que abandonasse o último desejo. Por outro lado, aquele navio da linha América do Sul, assim que livrasse dos numerosos barcos de médios e pequenos tamanhos agrupados na saída do ancoradouro, ia aumentando suas velocidades cada vez mais até que atingisse para sua média.

Neste momento, as pessoas em desesperos, por não poder obter seus objetivos, iam se embora, mas nesse instante, as pessoas ouviram intenso apito do agente que anuncia a chegada de uma lancha a vapor que vinha aproximando ao cais, onde aqueles japoneses estavam aguardando.

O agente, assim que acabava de negociar sobre o preço desta tarefa com o dono da lancha, pediu aos japoneses que embarcassem imediatamente para poder despachá-la. O

barquinho, logo que fizesse meia volta para o mar, ia avançando para o oceano numa velocidade máxima possível, soltando as ondas brancas no mar.

As pessoas ansiosas que estavam aguardando no cais jogavam suas palavras de despedidas aos japoneses, sacudindo os lençinhos.

O dono desta lancha a vapor era o próprio capitão desta que estava transportando sempre os passageiros de próximas cidades e vilas, mas, pela sua aparência meio bruta e atitude grosseira, parecia ser de origem marinho que chegou a alcançar a posição de hoje.

Na lancha, estavam embarcados mais outros três a quatro passageiros. A superfície do mar estava coberta de garoas finas e as ondas eram altas. No início, os passageiros desta lancha, sentiram certa pena para com os japoneses que perderam embarque no navio matriz, e também pensando sobre a possibilidade de alcançar o navio matriz, ajudado por um pouco de curiosidade, mas, vendo que os mares iam agitando cada vez mais fortes e quando notasse que a lancha começava a cobrir com as águas do mar, talvez, eles também ficassem com medo e comesçassem a sair algumas reclamações. Os japoneses ficando ao lado do capitão que manobrava o leme e estavam acionando freqüentemente os apitos para chamar o navio principal. O barquinho já estava percorrendo a mais de uma hora lá fora na enseada, mas ainda não podia achar nada de barco.

[Por favor, desiste desta vez que nós também temos negócios urgentes e também, como os mares estão bravos que dá até medo na gente.]

Um dos outros passageiros, falando assim, reclamou contra os japoneses. Para o capitão, como este caso foi assumido sob a forma de empreita e se não alcançasse o navio principal, era evidente que ia perder os esforços feitos até então. Por isso, os

outros passageiros iam a reclamar para os japoneses. Os japoneses responderam:

[Tem razão. Aguarde só mais 5 minutos que, se isso não der certo desistiremos.]

Os japoneses responderam assim, puxando fortemente o fio de apito, constantemente. Daí veio surgindo da parte de maquina, um berro de, [se continuasse apitar tanto fortemente, acabaria com os vapores necessitados. Eh!]

No momento em que os japoneses resolveram desistir de tudo, veio escutando de longe, um apito grosso de navio matriz.

[Deve ser aquele!]

O capitão ficou encorajado e os japoneses também chegaram a tranqüilizar.

A lancha reduziu a sua velocidade, a fim de aproximar do navio matriz e depois de dois a três minutos, enfim, as pessoas podiam descobrir o navio trans-oceânico "Vassaly", com o vulto de 12000 toneladas, no meio de neblinas fechadas.

Após trocar duas ou três palavras entre o lado do navio matriz e o capitão da lancha foi jogada de proa do navio para lancha, uma escada de corda e essa, esticava como se rebentasse no balançar de ondas altas do oceano. O capitão da lancha, falou aos japoneses que subisse por esta escada. Embora um pouco arriscado, mas não podia negar isso, de maneira alguma. Na hora, o japonês possuía na sua mão um embrulho que era o pacote de cigarros de primeira qualidade que o seu amigo presenteou-lhe na hora de despedida. Na hora de subida arriscada desta escada, ele pensou em até jogá-lo no mar, mas ao cheirar seu aroma nobre e fascinante, instintivamente meteu-o no bolso de Sobretudo e começou a subir pelas escadas.

Os passageiros do navio Vassaly, primeiramente estavam vendo de proa para a lancha, para ver o que ia acontecer aí, mas, ao reconhecer que era para os japoneses que perderam o

embarque na hora de partida deste navio, iam retornando-se para seus aposentos, com um pouco de desinteresse.

Por outro lado, quanto a ele que ficou envergonhado, ia correndo para seu aposento de 2ª classe na popa.

A lancha que trouxeram eles, já estava além da neblina e o navio Vassaly começava acionar suas máquinas de propulsões, a fim de rumar para a região sul.

Quando amanheceu, já era o ano de 1914. Quando ele acordou, a neblina já estava completamente limpa e era a manhã do dia 1º do ano, onde o sol estava brilhando para a superfície do oceano. O companheiro do aposento era um argentino que fazia a viagem de inspeção, mandado pelo governo a respeito da construção de navio de guerra encomendada já na Inglaterra.

Este argentino, ao falar sobre a guerra nipo-russa passada a Argentina tinha cedido ao Japão dois navios de guerra, ‘Nissim e “Kassuga”, e elogiou tanto o Japão, que derrotou aquele grande país Rússia.

Assim, ia aumentando cada vez mais a amizade com este homem, por ser também de mesmo aposento, livrando-se ser solitário demais de estar embarcando num navio estrangeiro.

A 2º classe deste navio situava-se no convés inferior e que no centro, havia o refeitório, seguindo-se uma copa e ao redor desta, havia uns quinze a dezesseis aposentos de passageiros.

Total da 2ª classe era de 30 pessoas, todas solteiras, mas por ter tais divisões de aposentos, automaticamente, todos iam aproximando uns aos outros suas intimidades, nos encontros diários de refeições, mas também, ao mesmo tempo, iam relaxando cada vez mais seus comportamentos. A maioria deles pertencia à raça latina para ir Argentina e tinha sua tendência barulhenta. Parecia estar um tanto de passageiros de uma classe, mas como o convés era bem separado, não podia transitar para lá livremente. Para as 3ª classes, a maioria estava

localizada no porão do navio e havia aí pessoas chamadas como “imigrantes andorinhas”, que vivem vagueando de estação para estação do ano, entre a Europa e a Argentina.

O navio Vassaly, percorrendo numa velocidade média de dezesseis a dezessete milhas por hora. A partir de quatro dias e cinco dia, ia aumentando os calores e ao aproximar do equador, de vez em quando, vinham fortes chuvas de verão, acabando a lavar inteiramente o convés, fazendo nos sentir que estamos em plena zona tropical. Assim, as roupas dos passageiros iam mudando para o traje de verão, sem percebesse tanto, mas, o que destacava mais, eram os ternos brancos de tripulantes de alta categoria.

O mar era sereno, mas quente. Tal que duas beldades portuguesas que estavam quietas até então, agora, com este clima, talvez não suportasse mais esta situação pacata, e que as suas maquilagens iam acentuando cada vez mais forte, até que as suas pupilas iam tornando mais provocantes.

Havia neste barco, um português brincalhão, na idade em torno de 30 anos que começava falar a outras que, [como a refeição deste barco está em arruinação, vamos reclamar sobre a melhoria desta para o comandante.] Todos, neste momento de ociosidade, acharam que, isso seria uma boa idéia e preparando uma carta de reclamação, assinado por todos, iam encontrar o comandante, atrás deste português brincalhão. Daí então, na manhã seguinte, o comandante acompanhado de comissário e médico do barco, veio para o salão de 2ª classe. O comandante, numa estatura possante e de cabelos de cor prata, começava falar com um tom solene e calmo perante todos os passageiros deste salão.

[Ontem, recebi de senhores, uma petição sobre as refeições, mas senhores devem reconhecer que, todas as comidas estão preparadas sob comando deste médico e cujos cardápios estão definidos anteriormente pelos executivos desta companhia. Se

os senhores abraçassem alguns descontentamentos sobre as refeições do nosso barco, não há menor importância em não comer nada,]

Assim, dando uma declaração solene, a comitiva retirou-se calmamente. No início, todos pensavam que isso fosse alguma brincadeira, mas mesmo que chegasse a hora de refeição, a sala de refeição permaneceu fechada. Com as fomes insustentáveis, todos, levando a frente aquele português brincalhão, foram novamente pedir ao comandante para retirar aquela queixa e assim, todos podiam alimentar novamente a partir do dia seguinte.

Tal que os ingleses eram tão insolentes, vangloriando-se sempre. Para ele, o inglês era uma raça antipática, no entanto, por enquanto não havia outro alternativo, pois, na época, era a única linha de navegação de Liverpool para Buenos Aires, operada por esta Companhia Lanboat de Navegação da Inglaterra.

O navio enfim. Chegou ao porto de Rio de Janeiro, onde ele deve desembarcar. O hemisfério sul era em pleno verão, as águas do mar, sob estes fortes raios solares, eram especificamente azuis. Numa cena, em frente aos coqueiros em floresta e nas areias brancas, onde as ondas do mar mordiam as praias e o navio ia entrando vagarosamente pela baía. O porto era espaçoso e profundo, estava cercado de belezas da natureza. Esta vista maravilhosa que era aquele Rio de Janeiro comprometido para ele. Pensando que, aqui era a sua terra de admiração e de compromisso começava a surgir no íntimo dele, uma emoção indistinguível que nem podia falar.

Um mundo afastado, ao longo da distância de 12 mil milhas da pátria. Afinal, porque ele chegou a este Brasil? Com que finalidade?

9-Primeiro Passo no Brasil

Na hora do desembarque no Rio de Janeiro, ele tinha uma preocupação, pois não possuía o passaporte. Na verdade, antes da partida de Nova York, quando pediu um passaporte para o Brasil, no consulado geral do Japão do local, ele foi recusado inesperadamente pelo cônsul geral japonês Iijima da época assim: [Como o passaporte é só para os emigrantes de contrato, portanto, se o senhor quisesse ir lá, de qual quer maneira, deve voltar uma vez para o Japão e depois então, planeje para ir ao Brasil como um dos emigrantes.]

[Senhor cônsul! Isso não é uma brincadeira não? Faça alguma coisa para resolver isso.]

Até o seu conhecido que era chefe da revista semanal Nova York, recomendou ao cônsul, mas não podia resolver nada. Até hoje, quanto a isso não entendia nada, mas todo o caso, vendo a dificuldade disso, ele visitou o departamento de emigração dos Estados Unidos e expor esta circunstância e foi respondida com as seguintes palavras:

[Sendo isso tão embaraçado para seu país, tudo bem, vou recomendar diretamente para a companhia de navegação.]

De modo assim, ele conseguiu adquirir sua passagem de navio, mas, quanto ao seu desembarque estava com certa ansiedade, mesmo que estivesse confiando a Companhia de Navegação a respeito desse assunto.

Finalmente, com a chegada do navio no cais, vinham subindo ao convés os homens parecendo como alfandegários e funcionários do departamento da imigração e no cais, talvez fossem carregadores, tais homens de vultos estavam querendo falar-lhe, indicando propriamente com os seus dedos as etiquetas numeradas penduradas nos seus peitos.

Daí a pouco, ao perceber que, um dos seus carregadores vinha subindo ao convés e de súbito, pegou a mala dele sem dar nenhuma licença e ia descendo pela escada. [Chegou o

momento!] Ele, ajudado pela sua intuição instantânea, com o fingimento inocente, ia seguindo por trás deste carregador.

Chegando a saída do navio, um dos funcionários da imigração que estava vigiando aí, impediu-o, com o gesto de que apresentasse o passaporte. Ele, na hora, pensava que [estou perdido], mas, inesperadamente nesse instante, surgiu uma idéia atrevida e gritou repetidamente assim, de vozes altas. [Japão, Japão!] Este fiscal da imigração, parecendo ser um sujeito bonzinho, respondeu com [sim, sim] e ele, com isso, ia seguindo atrás do carregador para o departamento de alfândega. Na alfândega, sem examinar nada, escreveu um grande círculo branco com o giz na tampa da mala dele.

Assim, aquele desembarque que estava ansiosa, passou tão facilmente, dando uma impressão real de agradecimento de 100% para este país.

No entanto, quando ele pagava ao carregador, com a moeda americana, este, parecia ter ficado tão satisfeito, até que fez serviço de arrumar uma carruagem e para cocheiro indicou até o nome do hotel para ele pousar. A carruagem era de dois cavalos e após correr um tanto pela Avenida Rio Branco, chegou a um hotel que parecia ser de primeira classe desta cidade.

Para ele que veio de Nova York, não havia nada de admirar, mas, tanto a atitude do garçom do hotel, como a fisionomia tenra deles, não podia perceber nada daqueles sentimentos desagradáveis que vem do preconceito racial.

Ele, numa sensação radiante, ia passeando para tal Pão de Açúcar, Corcovado e às vezes praia de Leme, onde os mares lavavam as areias brancas, constantemente.

Para ele, quando pensasse que, este seria o país que ele preferiu, onde vai ser enterrado até o seu corpo, começava a sentir incomparável intimidade. Por enquanto, não havia ninguém que conhecesse ele nem nas ruas, mas, podia pensar

que, logo nos próximos dias, eles tornarão como um dos mais íntimos amigos dele. De modo assim, após trocar as moedas americanas que valiam na época, 2 mil e oitocentos reis o dólar, na casa de cambio, ele, por enquanto estava gozando de passear à vontade no Rio de Janeiro. Um dia, ao saber a localidade da Legação do Japão, numa cidade veraneio, chamada Petrópolis, não tão longe de Rio de Janeiro, ele resolveu visitá-la, a fim de conhecer sobre pormenores do Brasil. “Após correr pelo trem de sistema “apto” subindo sinuosamente, chegou à estação de Petrópolis, numa bacia acima da serra. Andando por dentro da sombra da floresta, segundo a indicação, começou avistar um prédio branco e lindo, onde tremulava a bandeira do Japão. Ao acionar uma campainha, vinha aparecendo um rapaz atendente um pouco escuro.

[Será que possível encontrar com o Ministro?]

[O senhor tem seu cartão de visita?]

[Infelizmente não possuo. Pois cheguei recentemente dos Estados Unidos, mas quero conversar com o Ministro sobre as circunstâncias do Brasil.]

[Sem o cartão de visita. Não haverá nenhum jeito.]

O rapaz era brusco e sem jeito. Talvez o rapaz pensasse que ele era um dos fugitivos do navio.

[Eu não sou nada suspeito. Por favor, peça ao Ministro me atender. Mesmo assim, se o Ministro disser que não há nenhuma entrevista sem aquele cartão de visita, tudo bem, eu desistirei.]

Assim ele tratou o rapaz, com a atitude um pouco exaltada.

Porque é que, as autoridades japonesas enviadas aos exteriores trabalham com tanta indelicadeza, até que essas façam irritar a gente. Talvez, essas vozes dele fossem muito altas, surgiu aí uma voz pelo fundo. [Ora! Entre para cá.]

Com esta voz, o rapaz ia guiando-o relutantemente, para visita e apareceu aí, uma pessoa que parecia ser dono daqui e falou:

[Sou o ministro. É o senhor que está precisando falar comigo?]

Cumprimentou a ele, era um homem baixo, gordo e de cabelos de cor prata, mas parecia ser elegante. Daí então, ele começava contar rapidamente sobre o currículo dele, até a chegada para o Brasil e concluiu.

[Com esta razão que cheguei para cá, a fim de permanecer aqui no Brasil. Mesmo que isso custasse o que custasse.]

Ele falou assim com o entusiasmo e encorajado, perante a atitude tão generosa deste Ministro. O Ministro escutava durante algum tempo, tácito e paciente e no fim perguntou a ele.

[A propósito, onde é a sua terra natal?]

[Sou de Shinshu.]

[Que local de Shinshu?]

[É do sul An-Um.]

[É? Eu sou de Saku. Por isso, desde início, eu estava desconfiado que você fosse um Shinshuano.]

Com essas, de repente, iam aumentando suas intimidades, no meio de tantas conversações, a respeito da província de Shinshu e no fim, para ele, até esta legação parecia estar situada na sua terra natal e foi servido com chá e doces e até os charutos foram oferecidos através da mão daquele rapaz.

O fato de ter mesma terra natal fazia sentir tanta saudade um com outro, ainda mais, para quem mora tão longe da pátria, superando até grande diferença de posição social.

Vendo do lado do Ministro, quanto a ele, era nada mais que um simples moço. No entanto, a conclusão sobre as circunstâncias deste país, contadas gentilmente por este Ministro era:

[De qual quer maneira, aqui não é um local para vocês virem que já moraram tantos anos nos Estados Unidos, pois, se trabalhasse numa das fazendas de café no Estado de São Paulo, isso seria nada mais que de trabalho forçado, sob o sol ardente, junto com os negros, para fazer apenas dois a três mil reis por dia.]

[Quanto a Fazenda Iguape, fundada pela companhia da emigração japonesa, ainda está na fase inicial que não dá nenhuma visão favorável. Já que você veio até aqui, pode visitar o Estado de São Paulo, mas, sugiro-lhe que retornasse logo aos Estados Unidos, enquanto restasse o dinheiro. Se acontecesse alguma coisa emergente, avise-me, que farei alguma coisa possível ao meu alcance.]

Era desta maneira. Daí alguns dias depois, em todo o caso, ele resolveu ir a São Paulo. Não tinha nenhum conhecido no Brasil, mas, quando ele partia de Nova York, um dos seus colegas chamado Ishiguro, recomendou-lhe a visitar outro amigo no Brasil, dizendo. [É o meu colega do tempo do ginásio, chamado Kaneko que há uns dois a três anos me deu uma carta de São Paulo. Não sei se ainda está ou não no mesmo lugar, mas, se você chegasse lá, seria bom visitá-lo.]

Falando assim, anotou o endereço na caderneta que ele possuía. Pensando bem, era um estranho, pois, este endereço de Kaneko que quase esquecido na cabeça dele que, agora vai influenciar tanto na sua primeira vida aqui no Brasil.

Ao procurar este endereço, após ter chegado a São Paulo, achou que isso era no beco da ruela escura, um porão em mau estado, com única janela de cinco a seis barras de grossos ferros, parecendo como se fosse uma cadeia.

Ao bater a porta, apareceu aí, um homem de 34 anos a 35 anos de idade, certamente japonês.

[O senhor é tal Kaneko?]

[Não! O senhor Kaneko está trabalhando como interprete numa Fazenda no sertão Mogiana]

[Venho aqui com a carta de apresentação do colega do senhor Kaneko que mora nos Estados Unidos.]

[É! Sendo assim, todo o jeito, tenho de levar o senhor para um hotel brasileiro. Se o senhor partisse amanhã de trem, chegará pela boca da noite.]

Assim, explicou-lhe sobre o detalhe da viagem.

10- O Macarroneiro e o Jornal

No dia seguinte partiu de São Paulo e após duas a três horas, começava avistar o cafezal. O cafezal da primeira vista, estendia em grande onda verde do oceano. No cafezal, tantos pés de café, cujos galhinhos estavam carregados de frutinhas verdes e vermelhas maduras, juntas na forma de rosário. Estavam trabalhando incessantemente os homens e mulheres, parecendo de imigrantes italianos com os seus simples chapéus de palhas ou coberta de lenços nas suas cabeças. Vendo isso, ele sentiu um pouco seguro, ao pensar que, mesmo que caísse numa situação precária, mas em último caso, pelo menos poderá viver com este serviço.

Ele não veio para ganhar dinheiro no Brasil. Bastava ficar satisfeito, se pudesse arrumar alguma coisa aqui que não conseguia obter nos Estados Unidos.

Dizia que, já existem aqui, uns 12 mil tantos de imigrantes japoneses que vieram de todas as partes do Japão. Seria o primeiro passo, como um dos agradáveis empreendimentos que a etnia japonesa vai construir aqui, num mundo novo e paz neste continente sul americano.

O trem continuou percorrendo pelo sinuoso trilho dentro dos cafezais infinitos, durante umas 12 horas, passando em várias estações interioranas. Do céu escuro do crepúsculo da noite, começava cair gotas de chuva.

Um brasileiro de boa aparência, mas magra, da idade de 54 anos a 55 anos, de cabelos brancos até a proximidade dos seus ouvidos. O homem estava com o chapéu de Panamá, roupa de algodão bem passada e polainas de couro. Este cavalheiro idoso parecia ser um dos fazendeiros da região. Após perguntar sobre o destino onde ele queria chegar, falou-lhe assim gentilmente.

[A fazenda que senhor procura é longe da estação e chovendo assim é impossível chegar lá, então, hospede-se esta noite na minha fazenda, que é bem pertinho da estação e também moram até imigrantes japoneses, bem como um interprete de nome Yamada.]

O fazendeiro mandou a um negro que veio buscar este dono da fazenda, levasse este viajante japonês para a casa do interprete japonês. Este moço Yamada, era um formando da escola de língua francesa. Estava com chapéu de palha de aba larga e polainas de couro. Como este moço ainda estava com o chicote na sua mão, parecia ter chegado do cafezal neste momento.

[Gostaria fazer pousar o senhor, mas sinto muito, como tenho só uma cama, dorme-se na casa de um dos colonos.]

E levou-o a uma casa do imigrante japonês, recém chegado do Japão e após recomendá-lo a pousar, Yamada foi embora.

[O senhor veio dos Estados Unidos? Porque veio para este país? É um país desumano, tanto que, nós queríamos ir para os Estados Unidos, mas, segundo as explicações da agente do recrutamento soubemos que, não são mais permitidos para aquele país e também eles falaram que, se não gostasse do Brasil, poderia ir até os outros países, pois, tanto o Brasil, como outros países são do mesmo continente americano. Mas na verdade, não era tão fácil assim.]

Assim, este homem, estava tão admirado com o que ele tinha escolhido o Brasil, no lugar de tão invejável os Estados Unidos.

As moradas dos imigrantes eram feitas de tijolos, mas os seus quartos eram tão pobres, com os soalhos de terra batida. Nestes soalhos de terra batida, os imigrantes japoneses, colocavam pedaços de bambu ou de roliços de madeira, um pouco alto do chão, no qual estendiam esteiras trazidas do Japão. Todos esses feitos manualmente e os imigrantes dormiam e comiam aí mesmo. Sob a luz escura de lamparina, ele jantou junto com a família deste imigrante. O homem colocou um líquido no copo dele e falou:

[Experimente um pouco desse! Este é a aguardente do Brasil. Sendo que forte demais, está misturada um pouco de água e açúcar.]

O chefe da família, quem sabe se por causa desta forte bebida, começava falar exageradamente sobre as queixas e outras reclamações, mas, as outras, tanto a sua mulher, como as suas duas filhas, continuavam jantando sem falar nada.

Na manhã seguinte, logo cedo, ele se despediu desta casa e destinou para a fazenda onde mora tal Kaneko. Diziam que, o local é distanciado uns 15 km daqui. Depois de andar uma hora no meio da fazenda, o caminho entrou dentro de uma floresta densa. Lindas flores de orquídeas estavam penduradas nos galhos e troncos de árvores grossas. Mas, se pensasse que, por acaso, se for atacado por algum bicho feroz escondido nesta floresta, tão densa que nem deixa atravessar as luzes do sol, ele talvez ficasse com tanto medo até de tremer.

Apesar de ter andado umas 4 horas, ainda não chegava à fazenda onde mora Kaneko, nem acabava ainda a floresta. Começava a se preocupar e também a fome, mas como não havia outra alternativa, senão continuar andar com a esperança de “haveria pelo menos uma casa no fim desta estrada”.

Andando mais um pouco, saiu num ponto de separação de dois caminhos, diferente daquele que foi indicado. Ele ficou bem desorientado e no fim, optou pelo lado direito para onde a

saliva ia saltando, feito por ele próprio, como uma prova de aposta. Após uns 30 minutos, conseguiu sair fora da mata, mas também, o caminho acabou e começava daí o matagal.

Ele sentou-se no chão para pensar bem e daí, escutou-se o canto de galo. Encorajado com isso, ele resolveu atravessar o matagal, a fim de encontrar alguma casa e ia abrindo o matagal loucamente com as suas próprias mãos. Pouco tempo depois, a topografia começava a descer pouco a pouco e avistava-se lá no baixo, quatro a cinco casinhas que pareciam ser dos imigrantes. Com isso, ele sentiu uma verdadeira salvação, mesmo que essas não fossem de Kaneko, para ele, era uma grande satisfação da vida.

Esta colônia era um conjunto de pobres casinhas. Talvez já estivesse em torno de 2 horas da tarde que, parecia todo ausente com seus trabalhos da roça, permanecia silenciosa. Ele começava a espiar pela primeira dessas casas. Num canto da sala no chão de terra batida, havia um fogão de tijolos com uma panela tipo japonês. “Deveria ser de uma das famílias japonesas”. Ele pensou assim e gritou: [Com licença!] Mas logicamente nada. Daí então, ele empurrou a porta de taboa da entrada e abriu facilmente. No meio do quarto, havia uma cama de solteiro, cuja acima, sem o lençol, estavam colocadas umas roupas para lavar. Na parte esquerda estava disposta de soalhos de taboas numa área de 12 metros quadrados, onde no lado da parede, estava colocado um estante com os 40 livros a 50 livros japoneses. Ele, numa intuição, pensou que essa casa, talvez seja de tal Kaneko que ele estava procurando e sentou-se no soalho de taboa. Em seguida, ele, ao extrair algum dos livros, descobriu aí, num desses, o nome de Kaneko.

“Era aqui! Como se esperava”. Pensando assim aliviou-se e ao mesmo tempo, começava a sentir fome e cansaço. Procurou pela cozinha, mas não achava nada de comer. Sem jeito, tomou um pouco de água e descansou de tudo na cama.

Mas, o sono não veio tão facilmente. Enquanto isso surgiu aí um ar de alguém vinha entrando nesta casa. Espiando-se da cama, viu aí uma mulher de 24 anos a 25 anos de idade estava de pés descalços, carregando uma criança. Ele achou um pouco estranho, pois escutava que, Kaneko era ainda solteiro e começava fingir estar dormindo. A mulher, ao descobrir esta cena, parecia ter hesitado um pouco, mas sem amedrontar tanto, começava acender fogo no fogão. Para ele que, depois de tanto tempo, sem poder cumprimentar nem na formalidade, agora ficou com um pouco de vergonha e estava cobrindo o seu rosto com seu paletó. Um homem veio entrando de fora e perguntou:

[Oi! Oi! Sue! Quem é essa pessoa?]

[Não sei não! quando eu cheguei aqui, já estava deitado aí!]

Respondeu a mulher com o dialeto da província de Fukushima. Assim, ele ficou obrigado de levantar da cama, com a forte chamada deste homem de [Ora! Senhor! Ora! Senhor!]

[Desculpe-me. Na verdade, eu vim de São Paulo para cá desde ontem, trazendo a carta de apresentação do senhor Ishiguro dos Estados Unidos para visitar o senhor, assim que chegava ao Brasil.]

[Foi assim? Embora casa pequena e miserável, mas fique à vontade. Ontem, recebi a carta de Ishiguro, depois de tanto tempo no qual estava recomendado quanto ao senhor, mas, nunca pensava que chegasse tão logo. Todo o caso seja bem vindo!]

Assim, Kaneko cumprimentou-lhe afetuosamente. Como sendo Kaneko era mesma idade de Ishiguro, então, deveria estar com a diferença de um a dois anos de idade dele, mas parecia bem mais idoso do que a sua verdadeira idade, talvez, pela sua cabeça meio careca e a estatura relativamente grande e com peles ressecadas pelo sol. Além disso, se sorrisse, as rugas aparecem nitidamente nas pálpebras, apresentando de algum

modo na sua fisionomia, as fadigas inextinguíveis dos seus passados.

[Ah! Sue! Sirva logo o café. Depois prepare o jantar, um pouco mais cedo, matando uns frangos.]

Kaneko, falou à mulher que parecia ser sua esposa verdadeira e após descalçar as botas, sentou-se no soalho de taboa, cruzando suas pernas. Este Kaneko nasceu numa família relativamente rica da região península de Atami, província de Aiti, como sendo único filho.

O pai de Kaneko era um homem tão despreocupado, passando os seus dias só nas pescas, mas a mãe era uma adepta entusiasmada da religião Buda e também bem determinada.

Assim, Kaneko que foi criado numa família tão favorecida, porque é que resolveu viver num país tão longe no além mar? Quanto a isso, nem o próprio Kaneko não podia responder, mas todo o caso, assim que terminava o curso ginásial, mudou para a região oceânica. O caso não era tanto estranho para o pai de Kaneko, que vivia sempre despreocupadamente, mas, para Kaneko, era um milagre que a sua mãe autorizou a viagem do seu único filho a Oceania, dizendo:

[Sua mãe jamais queria frustrar o desejo do meu único e amável filho, pois, creio que, fossem quais quer ocasiões, ou qual quer local do mundo, a Buda nunca deixará de proteger você!] Assim despediu-se.

Kaneko, primeiramente mudou para Cingapura, onde trabalhou como um balconista da loja e também como entregador de “Udon” (macarrão), mas não saiu tão bem. Na ocasião, com a abertura da emigração dos japoneses para o Brasil, os navios emigrantes passavam por aí a cada sua viagem.

Para Kaneko, o Brasil parecia como uma meta de esperança e enfim num ano, decidiu mudar para o Brasil via Europa. O porto que Kaneko desembarcou era o Rio de Janeiro e na

ocasião, ele entrou como um funcionário da loja de Yusaburo Yamagata, já morava nesta cidade e trabalhou uns tempos na fabricação de fogos de artifícios e leques tipo japônês, mas, sempre continuava vivendo como meio funcionário e meio parasita da loja.

Este Yusaburo Yamagata era natural de Hirato e já no tempo de moço mudou para Hokkaido. Era um homem do tempo que conseguiu levantar-se na região de Nemuro, ponta setentrional de Hokkaido.

Yamagata estava ativando no setor de hulha e de transporte marítimo. Mas logo após a guerra nipo-russa, fracassou-se e obrigou-o escapar para o Brasil via Sibéria. O homem era de corpo gigante, aparência sobrenatural, parecia como se fosse um pirata da idade média. Yamagata era um homem que veio batalhando contra adversidade e possuía uma vontade de ferro e de concepção heróica, além de ser autoritário exagerado. Para com seus empregados, sempre impuseram a eles, os trabalhos pesados, numa atitude de leão jogando seu próprio filho para o abismo com os seus próprios pontapés.

A visão sobre a vida de Yamagata era o fato de possuir o direito de sobreviver neste mundo, só é permitido para aquele que veio vencendo na luta da vida e as pessoas de indecisão, para ele, seria nada mais que bichos do mato.

Para os empregados, obrigava-os a chamar seu patrão de “general”, para poder apreciar sua sensação de arrogância como patrão. Assim, para os camaradas brasileiros exigia-lhes entender até a língua japonesa. No entanto, o homem parecia tão arrogante, mas por outro lado, possuía uma sensação tão magnânima de até atender para quem necessite algum auxílio no caso de embarço.

No caso de Kaneko, era um pouco diferente. Talvez tivesse alguma coincidência nos dois caracteres pessoais, Yamagata tratava-o com mais generosidade. De toda a maneira, uma coisa

certa era de que, Kaneko, durante a sua estadia de um ano na casa de Yamagata, aumentou tanto o grau de reverência para com este “general”, mesmo que chegasse a São Paulo, abraçava a idéia de tornar ele mesmo a um segundo “general”, falando:

[O “general” é realmente um homem grande!]

Kaneko concluiu a sua conversação sobre a vida no Rio de Janeiro, fumando o cigarro de palha parecido com bosta de cachorro, enrolado na palha de milho.

O jantar era uma mesa realmente de tipo continental. Era uma comida admirável em que numa grande panela estava cozinhando em mistura de um tanto de inhames e rabanetes com grandes pedaços de apenas cinco a seis partes de galinhas cortadas, acompanhado de montão de arroz branco, com um cheiro gostoso.

[Não há nenhuma coisa boa! Mas sirva-se à vontade!]

Falando assim, a mulher de Kaneko de rosto delgado recepcionou-o com a voz clara e feminina, num tom específico da província do nordeste do Japão.

[Viu! O “general” do Rio de Janeiro gostava tudo na grande escala, tanto que até as tigelas usadas eram tão grandes como as malgas e às vezes saiam até as carnes de lagartos ou jacaré que isso até fiquei apanhado.]

Assim Kaneko deu uma gargalhada. A mulher chamada como Sue anotou:

[Seu Kaneko! A visita está cansada. Não seria bom fizesse sua conversação para amanhã?]

[É verdade! Embora um lugar desajeitado, descanse-se junto conosco.]

E levantou para guiá-lo. Esta mulher chamada Sue, certamente deveria ser a esposa de Kaneko, ainda mais, estando com o seu nenê, mas, porque chamava o seu marido por sobrenome de Kaneko? Seria por simples respeito?

No dia seguinte, Kaneko guiou-o para cafezal. Esta fazenda, apenas com 50 ou 60 mil pés de café, com as 10 famílias de imigrantes japoneses, que considerada rara, pelo seu tamanho pequeno nesta região. Parecia que eram todos imigrantes novatos, vendo os seus rostos ainda não tanto queimados e também pelas suas maneiras de vestir as roupas de trabalho tão desajeitadas. Uma moça, parecendo ter idade semelhante quanto a ele, estava puxando a enxada acanhadamente, mas o pedacinho da roupa vermelha íntima dela estava aparecendo por baixo da saia de trabalho.

Kaneko falava continuamente sobre a administração do cafezal, mas, para ele que não entendia nada, não chegava a ter algum interesse, sequer um pouco. Havia plantado de um ponto para outro, umas laranjeiras e mamoeiros, dando suas frutas amarelas, mesmo que isso fora do tempo. Quando ele queria apanhar uma dessas frutas, um bando de vespas, com seus horríveis zumbidos começavam atacá-lo, dando mais de 10 picadas no seu rosto e pescoço.

[Isto é a vespa? Eh!]

Kaneko deu uma gargalhada, vendo a maneira dele tão perturbada, mas quanto a ele, era a primeira experiência horrível neste mundo, chamado América do Sul.

Ele, com sua cara toda inchada, parecendo como uma mó de olhos e nariz e a partir desta tarde começava sentar de joelho no soalho de tabua a fim de conversar com Kaneko sobre as circunstâncias do mundo, bem como ao futuro dele próprio aqui no Brasil.

[Eu estava estudando desde ano passado, sobre a fabricação de macarrão, que aqui no Brasil existem muitos italianos. Como você sabe, eles são raças que não vivem sem os macarrões. Para nós que sem dinheiro é necessário ser um empreendimento de rápida rotação de capital e também, precisa adotar o sistema de vender muito com pequeno lucro, para conquistar o mercado

que tem tão vasto campo de consumo. Nas fazendas de todo o estado de São Paulo, existem 100 mil famílias só dos italianos, cujo consumo de macarrão é enorme. E mais ainda, como o Brasil ainda é um país de subdesenvolvimento, há grande diferença de preços entre a farinha de trigo importado dos Estados Unidos e o macarrão fabricado aqui no Brasil. Mas, para os idiotas não percebem isso. Portanto, acho que haverá ainda o terreno para nós invadirmos. Quanto ao preço de maquinários para a fabricação de macarrões, não deverá ser grande coisa, por isso estou muito interessado neste negócio. Além disso, para uns 12 a 13 mil imigrantes japoneses, pode abrir um mercado exclusivo de venda deste produto e mais esperança de aumentar cada vez mais destes imigrantes no futuro, que isso, daria alguma vantagem para nós também. Então, estou pensando que, no sentido de fazer propaganda para vender macarrões e outras afins, não seria bom abrir desde já, um jornal de língua japonesa, mesmo que isso fosse semanal? Segundo a carta de Ishiguro, soube que o senhor tem experiência como um jornalista, portanto, estava com tanta expectativa para com o senhor.]

Kaneko concluiu assim, numa atitude de bem-vindo em receber seu companheiro de vida, que chegou de tão longe, atravessando o oceano Atlântico.

[Acho boa história, mas para mim não interessa fabricar o macarrão. Em primeiro lugar, não vim ao Brasil para ganhar dinheiro. Pois, o antinipônico dos Estados Unidos vinha alcançando até a proibição da posse de terrenos para os japoneses, bem como confisco do direito de nacionalização.

Assim, vendo a interrupção total da vinda de imigrantes, mais ao ver que, os americanos em tratar os japoneses, como se fosse de uma raça inferior e específica e com a indignação vim para o Brasil. Ganhar dinheiro é necessário, mas por enquanto, parece-me um pouco longe demais para definir o meu objetivo.

Não haveria algum empreendimento a respeito do desenvolvimento dos japoneses em geral para eu trabalhar?

[Por enquanto, não posso prever ainda bem sobre o futuro deste país, mas, não parece que vá surgir logo aqui no Brasil aquele movimento do tipo antinipônico que sobre isso, vocês que conhecem bem mais essas coisas.]

[Isto seria um assunto mais sério do que fabricação de macarrão. Jamais pensei sobre o antinipônico no Brasil, mas ao ouvir sua história, poderá ser um caso de cautela para o futuro. Todo o caso, o brasileiro é um povo de mestiço, caráter bondoso, mas em poucos futuros, não há condição de saturar tão facilmente no setor da mão de obra da produção. Mas, não pode esquecer que consolidar a base do desenvolvimento dos japoneses.]

[Isso mesmo! Mas para isso, a primeira coisa necessitada é a posse da terra. No caso dos Estados Unidos, como a emigração começava com os solteiros na forma de “dekassegui” para ir trabalhar só para ganhar dinheiro, tinha a tendência de agrupar nas cidades, mas com o tempo, iam aumentando no setor da agricultura. No entanto, a sua maioria vivia de arrendar a terra, cultivando principalmente os legumes e verduras, tais como; morango, salsão e outras. Além disso, todos eram especulativos. Como não possuíam o terreno, não tinha condição de formar suas bases sólidas. Antes do tempo antinipônico, logicamente tinham direito de possuir as terras, bem como a naturalização também. Mas na ocasião, ninguém interessava em possuir a terra e quanto à naturalização era criticada, como sendo um ato de traição para a pátria. Eu, como sendo um novato aqui no Brasil, seria ainda precipitado demais para fazer a conclusão, mas penso assim. Em primeiro lugar, aqui, não haverá nenhuma preocupação, tal como dos Estados Unidos, em pensar que a composição étnica dos brasileiros e mesmo que houvesse alguma diferença jurídica, não haverá

nenhuma discriminação racial, principalmente na vida social. Em segundo lugar, raciocinando pela circunstância atual do Brasil que está admitindo a introdução dos imigrantes japoneses até com subsídios de sessão de terreno a graça, não haverá de maneira alguma, tais proibição da posse da terra nestes futuros próximos.

Em terceiro lugar, os imigrantes japoneses, na sua maioria, vieram como agricultores com suas famílias. Portanto, há possibilidade cada vez mais de tornarem-se proprietários da terra.

Em quarto lugar, com estas razões, há grande possibilidade de aumentar a população dos conterrâneos. Por estas razões, eu acredito que o Brasil é um país de grande esperança, mas, sob atual situação, era necessário obter bons auxílios das pessoas mais esclarecidas, no sentido de colonizar mais rápido possível de imigrantes japoneses e também, fazer torná-los proprietários da terra, através das orientações dos conterrâneos já residentes aqui no Brasil. Isso significa também, evitar qual quer distúrbio a acontecer com os brasileiros. Sobre esses assuntos, como é que falou o “general” Yamagata que o senhor adora tanto?]

[Quanto ao “general”, ele falou a mim que “a companhia da emigração está introduzindo os imigrantes de má qualidade. Se fosse eu, introduziria as pessoas de alta qualidade e mais, não é para saquear o Brasil e sim, para assumir sozinho, todo o desenvolvimento deste país”. Ouvindo a farra desta maneira, parecia que o homem fosse além daquele de “general”. Mas então, dessa maneira, não é permitido de fabricar os macarrões?]

[Não é que não permitido não. É outro caso de investir. Assim, faça o jornal como seu principal e como sendo o jornal impossível de lucrar tanto, então, para sustentar a sua economia, pode ser tanto como um macarroneiro, revendedor do terreno, ou até topa-tudo dos negócios.]

11-Pessoais da Casa dos Errantes

Depois de alguns dias, ele despediu-se de Kaneko e voltou para São Paulo. Onde ele se fixou, era a casa de Miyasaki que visitou noutro dia. Para ele, aqui era o local ideal para estudar a língua portuguesa e também para conhecer as circunstâncias sobre o Brasil. Aqui tinha mínima condição de sobreviver, sustentando-se com dólares trazidos dos Estados Unidos. Quanto a Miyasaki, ainda era solteiro, mesmo que passando dos 30 anos de idade. Era um excêntrico de habilidade na costura de mão e na culinária, parecendo um cozinheiro distinto, tanto na área oriental como na ocidental. No Japão, estava ensinando no ginásio, depois de ter passado no exame oficial de geografia e matemática. Mas logo enjoou disso e matriculou-se na escola de língua espanhola, a fim de destinar para a América do Sul.

Aproveitando a chance da transferência do Ministro Sadatsuchi Uchida para a legação brasileira, Miyasaki acompanhou este Ministro, como o cozinheiro exclusivo deste Ministro, mas isso, após concluir o curso intensivo de culinária. Era o ano de 1908. Isso tudo foi possível, porque o Ministro Uchida era um conhecido do pai de Miyasaki.

Depois da chegada dos primeiros imigrantes, Miyasaki trabalhava aqui em São Paulo como um auxiliar da Companhia da Emigração e também um pouco de interprete nas fazendas.

Mas, para Miyasaki que não gostava de trabalhar como um empregado, logo ia vender as porcelanas, cedido por atacado pela Casa Fujisaki, importadora de artigos japoneses na ocasião.

Miyasaki vendia esses artigos diretamente para as famílias brasileiras e também na praia de Santos. Como era um vendedor ambulante, se ganhasse alguma coisa, já não ia trabalhar até esgotar todo o dinheiro, passando os dias tocando flauta, lendo livros, apostando nos “bichos” (jogo) e sempre

comia boas coisas, mas da própria culinária. No entanto, se enjoasse de tudo, caía na sesta até conformar a si mesmo.

A estatura de Miyasaki não era tão alta, mas firme e o rosto corado. Dizia que possuía 3º grau de “Kendo” (esporte).

Nesta ocasião, as pessoas destas espécies não eram somente de Miyasaki, que no meio desses errantes que vieram juntar nesta casa, havia tantas pessoas estranhas e divertidas que fazia até admiração de estar aqui no Brasil.

Assim, tal chamado Miyake era um homem que veio em 1907 e mais tarde ficou tão afamado por ter cognominado como Deus do bicho (jogo). Este homem nasceu como primogênito da família rica e veio para o Brasil à toa, deixando sua esposa e filho no Japão. Durante muito tempo, continuava estudando e pesquisando sobre o bicho e também jogava com o dinheiro remetido do Japão pela família, para a despesa de ele ir embora para o Japão. Este homem, sempre guardava na sua memória, todos os detalhes estatísticos deste jogo do bicho, a fim de aplicar nele, 4 operações de somar, subtrair, multiplicar e dividir, para descobrir uma fórmula que define os números de rifa que vai ser sorteado no dia seguinte.

No entanto, este estudo parecia tão complicado tão astronômico e acabou entrando num labirinto e no fim, tentava utilizar até os números de carros e bondes, mas, não dava nenhum resultado satisfatório. Daí então surgiu um problema de “O que seria o número”. E assim, para Miyake ficou sem jeito, caso não solucionasse esta questão. Com esta conclusão, finalmente este Miyake teve que resolver retirar-se do Brasil, a fim de voltar para o Japão.

Naquela época, o Brasil estava aberto de jogos, tanto o bicho como a loteria e outras espécies de tantos jogos, principalmente o bicho e a loteria eram mais vulgares que, em qual quer parte do Brasil estava vulgarizado, tanto nos urbanos, como nos sertões nordestinos.

Sob esta situação, ninguém incriminava os jogos, tanto que ninguém passava a véspera de Natal sem comprar essas loterias, desde o presidente da República até a dona de casa do bairro pobre. Num ditado falava. "Seria idiota para quem compra loteria, também é idiota para quem não compra". No fim, parecia que, não daria tanto dano para a população em geral, mas quanto ao bicho, às vezes provocava certas má consequências chegando alguém perder até o seu bem.

Dentro de cinco interpretes que vieram ao Brasil em 1909, havia um rapaz chamado Kato, natural da província de Mito. Vangloriava-se propriamente, como um gênio na área de linguagem que podia falar e escrever 6 línguas, a partir de inglês, espanhol, português, francês e italiano até alemão. Era um maníaco de higiene que, quanto à tinturaria que Kato freqüentava era só uma dentro desta cidade de São Paulo. No entanto, não queria exhibir tanto, mas quanto aos seus vestidos, todos eram alinhados. Kato era um homem preto e pequeno, mas seu bigodinho por baixo do nariz era bem tratado. Como era um homem de respeito a si próprio, difícil humilhar perante a gente, portanto, sempre chocava com os outros. Este Kato era um dos membros desta casa, viciado no jogo de bicho e estava outorgado sobre o segredo do jogo do bicho por Miyasaki.

Havia mais um excêntrico chamado Suzuki. Estava com uma cartola na cabeça, o qual já era fora de moda daquele tempo. Esta cartola, cuja ponta furada, donde os cabelos desfraldavam pelos ventos. Este Suzuki tinha estatura alta, robusta e imponente. Mas, apesar de ter apenas 35 a 36 anos, quase não podia ver os seus dentes. O único que restava era no maxilar superior. Este dente, um pouco empenado e quando sorria aparecia de todo, dando uma graça para gente.

Quando este Suzuki aparecia na casa de Miyasaki, sempre enfiava sua cara no espaço da porta meio aberta e perguntava:

[O meu jornal não chegou ainda?]

Nesta casa, com o nome de Kaneko, havia uma caixa postal nº375, na qual, todo o mundo aproveitava. Mas este Suzuki, parecia que não estava combinando mutuamente com Miyasaki, ou por causa de outro assunto do passado, não queria falar com este homem e neste dia também, após espiar da porta e quando confirmava que Miyasaki estava ausente, Suzuki veio entrando na casa e começava a conversar com ele (o autor) entusiasmadamente e foi servido até um café.

Por enquanto, ninguém sabia aonde pousaria este Suzuki. Como estava de errante durante longo tempo, sempre em penúria. Mas estranhamente, nunca mostrou sobre sua dificuldade econômica. Aliás, tal como exemplo do jogo de jôquei, há possibilidade de que Suzuki está vivendo profissionalmente com estas apostas, pois, há muita gente que viu este homem aos berros, como se fosse um gorila em ira, agarrado na cerca de arame do jardim zoológico, quando isso foi revelado pela derrota do cavalheiro de jôquei, apostado por este Suzuki. Ouvia dizer que, havia um homem parecido com este Suzuki que foi expulso por um policial, pois estava dormindo com o jornal no rosto na grama do dique de dreno até nascer do sol. Outra história segundo o dizer de um moleque negro, havia um japonês que vinha dormir todas as noites, dentro da manilha grande rolada num canto da rua. Como Suzuki, tinha costume de gastar até o último centavo em jogo, era bem possível que este vagabundo fosse este Suzuki.

Este Suzuki, às vezes vinha pousar na casa de Miyasaki, mas, como não havia mais uma cama, então, ia dormir em cima de três a quatro cadeiras juntadas e sempre uma a duas horas da madrugada e daí duas a três horas depois, já levantava e ia cantando suas prediletas modas italianas.

Este Suzuki, hábil em “haikai” (poema de 17 letras) e “tanka” (poema de poucos versos), além de ser um dos literários destacados, era o erudito na botânica. Quando falava

sobre política e história, ia entusiasmando a tal maneira de saltar até as salivas nas suas discussões que era tão excêntrico e sobrenatural. Principalmente, quanto ao seu humor, mas um tanto de crítica contundente era possível só para os errantes. No entanto, Suzuki parecia ter dupla personalidade ao ver a sua contradição. Mesmo que encontrasse grande diferença entre a alegação e a prática, não mostrava nenhuma hesitação, nem vergonha. Portanto, por um lado, possuía um coração compassivo, mas, por outro lado continha uma parte cruel que nem Satanás atendia. Este homem, depois de ser trazido por Ryô Mizuno em 1907 considerado como um jovem exemplar, podia ter dado certa influência aos imigrantes japoneses, mas quanto a essa reputação, estarão divididas em duas partes de mérito e da falta.

O outro, não era o membro da casa dos errantes, mas era um homem interessante, chamado Miura, colega deste Suzuki. Num dia, ele, (autor) após sair do bar de café estava sentado junto com Suzuki num banco na sombra no largo do Palácio do Governo do Estado de São Paulo. Ao começar ler 2 ou 3 linhas de carta recebida do correio, Suzuki deu uma gargalhada de repente, falando.

[Viu! Esta é do meu colega chamado Miura que atualmente mora em Pernambuco.]

E, depois de uma lida, começava a falar:

[Era uma história de dois a três anos antes. Após a volta de Amazonas e quando eu estava hospedado num hotel do Rio de Janeiro, como eu não possuía nenhum centavo, hospedei num hotel de 1ª classe. Falando assim, você acharia um pouco estranho, mas na verdade, se fosse hotel de médio ou inferior, não daria nenhum credito para gente. Por isso pousei aí. Assim, eu estou ficando neste hotel durante umas duas semanas, a fim de arrumar o dinheiro, mas estou chateado por não achar nenhuma solução. Quanto o pedido de pagamento, talvez, o

hotel, estaria de cerimônia com o receio de prejudicar o humor do cliente, mas para o meu lado, vendo o pagamento tão atrasado, chegava a perder até a coragem de sair do hotel e resolvi apresentar falsamente que estou ocupado demais com os serviços de arrumar as matérias colhidas na região amazônica. Neste momento, quem apareceu aí, de repente era o Miura, dizendo-me que acompanhe a ele, pois achou um negocio bom de dinheiro. Com isso, felizmente podia sair do hotel, mas, ao perguntar a Miura sobre a espécie do serviço, nem queria responder e só falando: [Venha acompanhando comigo!]

Assim, os dois saíram na praia e acharam aí, um tanto de camaradas negros e uma canoa. Miura mandou-me embarcar nela e ordenou aos camaradas para partir de canoa. Eu estava pensando que “para onde iríamos” e descobri que estávamos rumando para um navio inglês meio encalhado lá longe. Quando aproximávamos deste navio encalhado, Miura falou-me assim. [Todos os objetos daquele navio estão comprados por mim. Vamos começar a carregá-los e você tome conta desses camaradas.]

É um caso sério, mas por um lado fiquei um pouco preocupado, com a postura de Miura de falta de tranqüilidade. De toda a maneira, foi carregado para a canoa, qual quer coisa que pegasse nas mãos, assim como tapetes, espelhos etc.

Miura, de vez em quando, subia pelo mastro a fim de vigiar alguma coisa, mas estava ordenando animadamente aos camaradas. Nesta noite, o grupo de Miura foi embora para a terra, deixando somente eu no navio encalhado. Era uma noite de luar, com vento forte que as ondas de marés batidas na borda do navio espirravam até o alto. De vez em quando, o ruído estranho da mexida do bordo, fazia sentir algum medo na gente. No dia seguinte também carregaram bastante. Depois alugava uma casa no litoral, para guardar os objetos de valor e os outros alimentos restantes a fim de vender em leilão.

Daí então, ao entardecer do mesmo dia, Miura, depois de ter me entregado a chave do depósito, foi embora para a cidade, recomendando a mim de vigiar o depósito. No entanto, com a demasiada demora de Miura, quando eu começava sentir forte fome, apareceu aí, algum número de policiais e daí:

[Foram vocês que carregaram os objetos daquele navio, não é? Mas, afinal, para onde esconderam tantos objetos. Se não confessar, tomará este. Viu!]

Falando assim, começava sacudir a ponta do meu nariz com um revólver, rudemente. Eu, não agüentando mais isso, assim que entreguei a chave do depósito, acabei fugindo apavoradamente. Quanto a Miura, talvez em algum lugar, ao conhecer este fato, parecia que foi indo embora. Por mim, ainda possuo no bolso, algum dinheiro daquela venda de objetos no leilão, mas ainda faltava para o pagamento do hotel e mais, sentindo certo ar vago de seguir atrás de mim, resolvi embarcar no trem desta noite para São Paulo. Desde então, a comunicação com Miura estavam interrompidas, mas com esta carta, acabei sabendo que Miura, depois daquele acontecimento tinha saltado para Pernambuco. Miura é sujeito interessante que é bom na redação com letras bonitas. Segundo a carta, está escrita que, atualmente trabalha na Companhia de Açúcar Inglesa, talvez como um escriturário.

Segundo as palavras deste Suzuki, Miura veio ao Brasil no ano de 1908, como um professor de judô da China, embarcando no navio de guerra brasileiro Benjamim Constant. Dizia que permanecia por longo tempo na escola naval do Rio de Janeiro.

Sobre a vida anterior de Miura ninguém conhece, pois, o próprio mesmo, não queria contar isso para ninguém.

12- Os Imigrantes nas Fazendas Daqueles Tempos

Devido ao resultado insatisfatório dos imigrantes japoneses, o governo do Estado de São Paulo cancelou o contrato de

introdução de imigrantes com as duas companhias da emigração de Takemura e de Toyō que estava fazendo última viagem de maio de 1915. Segundo o registro da época, a partir do primeiro navio de 1908, foram introduzidos 10 vezes, num total de 3724 famílias com 14987 pessoas.

A maior parte desses imigrantes foi distribuída para as regiões da linha de ferro Mogiana, fazendo seu centro como Ribeirão Preto e também para as linhas Sorocabanas e uma parte da Noroeste. Mas, para os lados de fazendeiros, essas, não davam tão bons resultados esperadas. Suas faltas, em 1º lugar, escassas de estabilidade, em 2º lugar, provocavam tumultos, formando os bandos em qual quer ocasião.

Mas para os lados dos imigrantes também havia certas razões e na sua maioria era a reclamação contra a companhia da emigração e aos interpretes. Contra as fazendas, suas insatisfações eram sobre os tratamentos injustos em comparação com os outros imigrantes europeus e também enganados pelos escriturários da fazenda na hora de acerto de contas, aproveitando a ignorância à língua portuguesa pelos japoneses.

Essas ocorriam por desconhecimento global das circunstâncias deste país, tanto pela companhia da emigração, como pelos imigrantes que na maioria, ambas as partes não possuíam nenhuma má intenção. Até os interpretes daqueles tempos, quase todos eles não possuíam nenhuma capacidade de solucionar os assuntos difíceis entre os colonos e as fazendas.

Mas na verdade, dentro destas ocorrências de distúrbio e confusão nas fazendas, havia alguns casos que partiram da verdadeira cobiça ou desentendimento da gerencia ou de fazendeiros, pois, naqueles tempos, no Brasil, ainda tinha passado apenas 20 anos da libertação dos escravos o que possibilitava a hipótese da existência de alguns fazendeiros acostumados a não se incomodarem em judiar os colonos.

Também tinha que ponderar nos casos dos grandes fazendeiros da escala da cultura de milhões de pés de café, onde acomodavam centenas de famílias de colonos. Para eles, tais fatos de tumultos ou confusões dos imigrantes japoneses, não seriam nada mais que um insignificante incidente, em comparação com aquelas imensas atividades e responsabilidades a serem executados.

De toda a maneira, o fazendeiro é o dono de um castelo, e dentro deste domínio dele, possuía uma autoridade absoluta até a vida ou morte dos seus colonos.

Numa noite de luar, um negro idoso estava cantando tristemente no grande terreiro de secar o café de tamanho de 10 a 15 mil metros quadrados feitos de tijolos. Este negro, com mais de 80 anos de idade, já de barbas brancas no rosto, mas a sua estatura era ainda robusta que parecia agüentar algum trabalho pesado. Segundo as palavras deste homem, antigamente, estava vivendo pacatamente com a sua família na África, mas um dia, de repente foi cercado por um bando de homem estranho e depois de ser capturado, foi jogado para o fundo do porão de um navio. Após alguns números de dias e noite na viagem do mar, chegou num porto desconhecido e todos foram levados para fora lá, local desconhecido. O negro foi comprado por atual patrão que era dono desta fazenda. A partir do ano seguinte, foram abertas as matas próximas e as casas iam levantando, até ao lado do cafezal começava passar o trem. Num ano, com as palavras do patrão de [vocês podem ir embora para onde quiser], e a maioria deles foram embora satisfeitos, numa sensação até de dançar, mas para este negro, não sabia para onde ir e resolveu ficar aqui, sentindo até a saudade por local onde foi aberto junto com seu patrão. Daí então, com o passar do tempo, o negro também ia envelhecendo cada vez mais sem esposa nem filhos e o patrão, especialmente era bondoso para com ele. No entanto, ao lembrar-se da sua

terra natal África, só ia aumentando a solidão, no lugar da saudade.

Terminando de falar assim, o negro suspirou e ergueu a sua cabeça para o céu, onde o luar acentuava cada vez mais forte.

Negro também seria mesmo homem. Como humano, não haveria nenhuma diferença, tanto no seu sangue, como nas suas lágrimas. O negro é até mais obediente. Em contrapartida disso, os imigrantes japoneses são brutos e ativos. Suas ações eram caprichadas e às vezes continha os humores. Como uma história a ser contada aqui, a sua estratégia de fugir da fazenda era um dos exemplares desses tipos que, tão hábil processo que jamais podem ser imitados pelos imigrantes europeus. O tempo de fugir dos imigrantes estava previamente definido para se efetuar normalmente, tal como no período anterior de semear as plantas, prevendo até os serviços para fazer no local do destino.

Chegando estes tempos, em quaisquer fazendas, para tanto os fiscais como os interpretes, até os administradores ficavam alertados para vigiar rigorosamente os imigrantes suspeitos. Daí então, para o lado dos imigrantes ativos, tinha que tramar alguma cilada para enganar o lado da fazenda e com este objetivo, muitas vezes os imigrantes intencionados em fugir, começam a mexer galinheiro ou chiqueiro que não precisava nada de concertos. Ou semear nas hortas, apesar de fora do tempo. Com essas, os fiscais da fazenda, vendo tantas serenidades das famílias duvidosas, agora ficarão enganados em acreditar as suas permanências destas famílias. Assim, após ter planejado todo e chegando a última noite para fugir, começava a chamar os vizinhos para o convite da festinha, acendendo propositadamente numerosas lâmpadas, a fim de chamar atenção das pessoas.

No entanto, na manhã seguinte, quando um fiscal da fazenda visitasse esta casa, anotava aí, só uma lâmpada acesa

na casa. O fiscal, com alguma intuição, ao invadir para dentro, escorregou aí, pisando num montão de “ouro fresco”.

[Que japoneses desgraçados!]

Era a cena de o senhor fiscal gritar em ira, olhando a casa vazia com a boca aberta. Este era o caso um pouco exagerado, mas, era uma das medidas inventadas para escapar da vigilância rigorosa. Dizia que havia caso de ir embora passando o portão sem nenhuma hesitação, fazendo até o gesto de atacar a gente que para isso, até o administrador não podia fazer nada, apenas olhando atonitadamente.

Infelizmente, se for descoberta no meio de fuga, o lado da fazenda mandava um grupo de negro armado para prender os fugitivos. Às vezes, chegam a disparar e tinha até uma história que escapou da morte por um triz, que a bala foi impedida por algo que estava carregando nas costas. Um homem, quando estava fugindo loucamente numa noite de treva, caiu num tanque, onde os barro grossos cobriam até o peito que sem jeito, estava rezando pela ajuda ao Deus.

O fato de fugir da fazenda só era possível pelos imigrantes japoneses, mas, embora feita com tanto sacrifício, não havia nenhum outro lugar tão bom como imaginavam. A vida dos colonos naqueles tempos era da mesma espécie para qual quer local que todo o mundo estava de irritação para ganhar dinheiro, repetindo apenas as dificuldades ou envolvidas nas disputas na procura dos imigrantes pelas mãos dos intermediários. Essas todas, nada mais que era um processo da passagem da primeira fase dos imigrantes proveniente de total ignorância da circunstância brasileira.

No entanto, não foram todos que procederam assim. No meio destes, havia alguém com visão bem esclarecida.

Num lugar na linha Mogiana, havia um cafezal cheio de pedregulhos, tão desvantajoso para os imigrantes, e introduzisse que introduzisse os imigrantes não parava nenhum. O dono

desta fazenda, já estava meio conformado, quase desistindo. No entanto, no meio desta circunstância, havia uma família japonesa que não queria mudar daí de maneira alguma. O fazendeiro estranhava um pouco e um dia, foi perguntar a este imigrante assim: [Porque é que você não vai fugir daqui?]

Daí, o japonês respondeu com o português mau jeito:

[Mesmo estando acima de pedra, tenho que agüentar pelo menos 3anos.]

O homem queria dizer que, mesmo que a pedra fosse tão dura e fria, se continuasse sentando acima dela durante 3 anos, pelo menos esquentará um pouco. É preciso muita paciência para fazer alguma coisa.

O fazendeiro admirou as palavras deste imigrante e desde então, começava tratá-lo com muita hospitalidade e auxílio que no fim, conseguiu alcançar o sucesso econômico e após sua independência tornou-se um dos destacados agricultores da região. Verdadeiramente, naqueles tempos, os dez e tantos mil imigrantes japoneses estavam experimentando inimagináveis tragédias ou comédias de cada um, espalhando-se na região paulista, onde existiam milhares de fazendas de café. Eram os casos de ninguém pode imaginar e compreender bem, para as pessoas posteriores daqueles tempos.

O sol da manhã, tanto hoje, como amanhã, irá subindo e irradiando acima daquela colina e cairá naquele mar de cafezal, mas a gente estava remando pela corrente de ondas jamais retorna ao passado, pensando e preocupando alguma coisa sem parar.

13-São Paulo Daqueles Tempos

A população da cidade de São Paulo no ano de 1915 estava avaliada em torno de 350 mil habitantes, considerada como 3ª metrópole do continente sul americano, por mercê do café, mas, quanto ao seu arruamento, bem como suas

construções, não chegavam a ter orgulhos que, apenas destacavam tal teatro municipal, residências luxuosas das famílias afamadas, cercados de jardins de abundantes árvores ou mansões de bom gosto dos grandes fazendeiros.

O bairro central, considerado como comercial, localizava num ponto um pouco alto, de forma muito irregular. Isso, dizia que antigamente, a cidade de São Paulo foi construída primeiramente na planície localizada no nordeste do pé da colina, por causa de malária e depois vinha transferindo pouco a pouco para atual colina.

Sob estas circunstâncias, a cidade ainda permanecia com tanta cena estranha de mistura de casas térreas do tempo colonial, mesmo no bairro central da cidade.

Nesta metrópole, construída em pais meridional do globo terrestre e colonizado pelo povo de raça latina, estava apresentando uma atmosfera convincente destas condições. Ao terminar os jantares, as raparigas da cidade, maquiladas discretamente, encostadas nas janelas, cujo debaixo dessas janelas, iam passeando os rapazes, a fim de trocar seus cochichos doces.

De vez em quando, moço e moça, fazendo um par, dando as mãos um com outra, iam passeando pelo jardim público sob as luzes brandas de iluminações que vem vazando dentro das folhas de árvores. Eles continuavam andando e conversando, olhando sempre para os lados ou trás com os seus sorrisos, parecendo que estar gozando de suas juventudes momentâneas.

Há nesta cidade um cemitério mais antigo chamado “Consolação”. Aqui estão jazidas dos antecessores paulistas que faziam até 400 anos de história. Dizem que nos tempos anteriores, nas noites de luas, os grupos de pessoas novas estavam dando seus passos por aqui, tocando os violões.

Não há esclarecimento, de quantos japoneses esteve morando aqui na cidade de São Paulo nos anos de 1915, mas

poderia ser de apenas umas 200 ou 300 pessoas. A maioria deles trabalhava como carpinteiro ou pintor, seguindo estes, podia contar com empregados domésticos pelos rapazes e moças que vieram fugindo das fazendas do interior. Dizem que, existiam mais de 30 famílias japonesas que trabalhavam nas fabricas ou como mascates, alugando os porões para morar, na ladeira da Rua Conde, quase no centro de São Paulo.

Para as pessoas antigas, era um dos lugares de saudades. Morava neste lugar, um médico ilegal chamado Toda. Era um homem alegre, jeitoso e cavalheiresco, possuindo boa reputação e segundo o dizer deste homem, a doença toda é para vir do próprio espírito e costumava trocar sempre as cores de remédios para dar aos seus clientes. Enfim, apesar de ser ilegal, ao ver tanto sucesso com os seus clientes, um dia foi denunciado por um médico brasileiro do local e Toda, foi detida na delegacia de polícia. Com as palavras gentis de delegado de: [Se for licença de dentista posso arrumar ao senhor.] O homem respondeu assim: [Dente e barriga são muito diferente. Para mim, só para arrancar os dentes, jamais teria vindo até o Brasil.]

Declarou assim, foi embora tranquilamente.

Também morava aí, um alfaiate afamado por ser mau bebedor de pinga, chamado Fujiyasu. Quando fica bêbado, dava um grito de: [Não sabe que sou um alfaiate que confeccionou a roupa do ex Sua Majestade do Japão. Eh!]

E jogava os objetos para qual quer lado, assustando as pessoas de primeiro encontro.

Posteriormente, este homem foi embora para o Japão, falando que: [Vou confeccionar mais uma vez a roupa da Sua Majestade.]

Além desses, morava nesta Rua Conde, um homem afamado com o nome de Isouemon Kido, é um mascate vindo de Oceania. Este homem era um dos mascates corajosos que ia

vender os brinquedos e porcelanas japoneses carregando até o sertão amazonense. Ainda com pouco tempo de permanência aqui, mas, como ele possuía sempre um tanto de notas azuis (50 mil reis) no seu bolso, logo este homem tornou-se um “chefe mandão” do bairro. Além de ser um homem feio de verdade, tinha o hábito de mexer o seu nariz com barulho, mas, curiosamente era bom em tocar “Syakuhachi” (flauta japonesa) que na noite de luar, se tocasse isso, lá na ladeira, ao ouvir esses sons ressonantes das canções, tanto as negras, como as moças italianas, vinham juntando de tamancos e começavam a dançar, e mais predileto de modas era “Kappore”, fácil de dançar.

Morada no porão era a vida do cortiço, mas ao costumar era de uma conveniência que dava até certa saudade daqueles tempos antiquíssimos da vida de caverna. Assim imaginando uma cena que vem saindo do fundo do porão, junto com os barulhos de tamanco, uma mulher branca, linda, podendo ser moça ou da meia idade que isso, já não seria mais uma cena tão fácil de descartar?

Tinha ocasião que o grupo de moças de empregadas domésticas japonesas, fundou um clube, alugando uma sala neste bairro, a fim de reunir todos os sábados à noite, para passar uma noite livre da língua portuguesa desacostumada. Se viesse aí, algum bando de rapaz com as frutas ou doces, aí ficaria bem animado. Assim, a Rua Conde tornou-se único lugar de pouso e apoio para os imigrantes japoneses da época.

Além disso, aqui no São Paulo, já existia um grupo de miseráveis moças descarriladas. Elas, na sua maioria eram os membros das famílias compostas e utilizadas somente para vir ao Brasil, sob as condições desfavoráveis. Por conseqüência, as vigilâncias do chefe da família para com elas, sempre eram negligentes e também, juntando aí, as desavenças com os outros membros da família que davam motivos delas fugirem de casa

e caíssem nas mãos dos malfeitores. Realmente, eram moças de dar pena.

Na ocasião moravam aqui, duas mulheres facínoras que vieram ao Brasil, disfarçadas como imigrantes comuns, mas na verdade, eram as raposas matreiras que ativavam nas regiões Manchúria e China. Agora, foram elas que seduziram as moças para o bairro de prostituição. As moçadas, primeiramente caíram em desespero, mas com o tempo, iam acostumando-se na vida imunda, deteriorando cada vez mais até cair no fundo de desespero de não poder fazer mais nada.

No entanto, quanto às mulheres européias, mesmo que confrontassem essas situações difíceis, nunca perderiam suas calmas, ativando sempre profissionalmente. Para elas, tais conceitos de castidades podem ser considerados como além das suas contas. São os motivos de tranqüilidades delas. Para os imigrantes japoneses no Brasil, como a sua maioria, veio acompanhada de suas famílias e quanto à parte sexual, não havia tantos pontos embaraçados como dos Estados Unidos e da Oceania. Assim, do ponto de vista de oferta e procura, para os homens dos imigrantes japoneses não havia tanta necessidade de procurar as flores noturnas.

Era uma felicidade não precisar criar espaço para poder ativar tais grupos de flores da noite.

Naqueles tempos, na cidade de São Paulo havia duas casas comerciais dos japoneses. Eram Casa Fujisaki e Empresa Comercial Japonesa. Quanto a Casa Fujisaki, em 1907, por um milionário de Sendai, chamado Saburosuke Fujisaki, foi iniciada a primeira importação dos artigos japoneses, mandando ao Brasil, gerente Teijirô Noma e mais três moços. Como era logo após a guerra nipo-russa e também o Brasil estava com boa situação econômica, dava motivo de proporcionar grande venda dos produtos deste país vitorioso

que era o Japão, principalmente eram os artigos de belas artes e outros.

Posteriormente, após os regressos de gerente e mais dois moços para o Japão, só Takeo Goto que comandava dez e tantos funcionários brasileiros, ativando com entusiasmo. Este Goto era um moço de talento comercial, mas por outro lado, parecia ser de homem sentimental que gostava tanto de literatura. Podendo ser pelo seu caráter próprio e específico, não somente talento comercial, ele serviu muito para a coletividade japonesa, até gravado na história da imigração japonesa, como uma das ocultas pessoas que dava tanto mérito para a colônia japonesa no Brasil. Assim, ele com o puro sentimento de colaboração para com outros, fez tantos auxílios e esforços diretos e indiretos para firmar numerosos contratos dos imigrantes para com os fazendeiros, bem como incalculáveis auxílios para os infelizes fugitivos das fazendas.

Talvez, essas coisas, com o tempo não chegaria a ser reconhecida pela população em geral, ou pode ser esquecida facilmente, mas uma coisa certa é de que, onde vou ser formada uma nova era, nunca é feito disso, só com as pessoas aparentadas na superfície.

A Companhia Comercial Toyō era de subsidiária da Companhia da Emigração Toyō, mas não prosperou como de Fujisaki. Naquele tempo, como ainda não estava aberto o Consulado Geral do Japão no São Paulo, todas as contas eram tomadas por duas agencias de cada uma de Companhia da Emigração Takemura ou de Toyō. Na Emigração Takemura, após o regresso de Uetsuka para o Japão, estava na gerência, tal Nagashima que antes, era um professor de escola da língua inglesa e sob gerência deste homem, estava trabalhando como escriturário Mineaki, um dos cinco interpretes da época. Este Nagashima era um maquinador e estava criticado como se fosse uma encarnação de interesses, ambição e velhacaria. Por

exemplo, para saber como era tão desinteressante para as coisas além de ganhar dinheiro, quando ele (o autor) perguntava sobre Iguape na ocasião de visitar este Nagashima, logo após a chegada dos Estados Unidos, o homem respondeu. [Ah! Iguape? É um lugar sem graça que você não poderá ir a pé daqui. Eh!]

[Estou ciente disso. Não estou falando que eu mesmo iria a pé.]

[Sabendo assim, seria bom você mesmo fosse lá para entender bem.]

Era um homem desta maneira. Comparando com este, havia na Companhia Toyō, um homem simpático, chamado Dozō Taguchi, era formado na Universidade de Hitotsubashi e com sua gentileza e alegria, mantinha sempre boas reputações. Abaixo deste homem, trabalhava tais Akiho com a idade mediana e o moço Murakami, formado na escola de língua estrangeira.

Sobre este Akiho, há uma coisa para contar. Este homem, com o nome de Umekichi, nascido na província de Tottori e veio para o Brasil em 1907. Este homem, ao ler os artigos sobre o Brasil, escrito por Ministro Suguimura do jornal “Osaka Asahi” ficou tão impressionado, até que resolveu vir de repente para o Brasil via Europa, sozinho, apesar de ter esposa e filhos com mais de 30 anos de idade. O seu principal objetivo era a importação de chapéu de palha “Sanada” do Brasil.

Este Akiho, ao chegar primeiramente ao porto de Santos, estava bem animado em pensar que ele era o único japonês aqui no Brasil, mas, quando num dia estava passeando no bonde, pendurando uma medalha de Cruz Vermelha no seu peito, avistou aí no mesmo bonde um japonês. Era aquele Takeo Goto já referido e enfim, ficou desesperado tanto, ao saber que havia mais um Suzuki que já estava aqui no Brasil antes de Goto.

Oohira, natural da província de Mie e era um dos estagiários do Ministério do Agro-Comercial do Japão.

Quanto a Akiho, sob a recomendação de Goto Oohira, empregou-se na fabrica de chapéu de palha do italiano. Mas além de não entender nada de português, não era propriamente operário e foi dispensado logo, mas para ele, nem desanimava disso e conseguiu empregar-se noutra fabrica e no fim de algum esforço, podia tornar-se um profissional, até chegou a ser confiado na parte da administração, donde chegou a criar até a amizade do dono da fabrica. Apesar de todas as matérias de palha Sanada do Brasil, eram de produtos japoneses, mas, essas também, estavam re-importadas por via França.

Akiho, depois de permanecer aqui no São Paulo durante 11 meses e no fim de estudo e a pesquisa, conseguiu esclarecer que, a quantidade diária desta palha a ser consumida pelas fabricas daqui no São Paulo, seria uma média de 500 tans (medida de fazendas). Com esta visão, Akiho estava com tanta expectativa, mas no ano seguinte em 1908, resolveu trabalhar na firma Comercial Nipo-Brasileiro no Rio de Janeiro, atendendo ao pedido de Zentarō Oohira, fundador desta firma.

Dizem que, este Comercial Nipo-Brasileiro era loja japonesa mais antiga do Rio de Janeiro. Assim, Akiho e outros, contando com a venda especial do fim de ano, importaram centenas de caixas de mercadorias, abrindo sua loja na Avenida do Rio Branco, mas logo foram esgotados num instante pela venda. O locador desta loja era um homem caprichado que, sem ter pedido de ninguém, anunciou o fato grandemente num jornal de 1ª classe da cidade, junto com a ilustração da moça japonesa de olhos puxados em “kimono” com para-sol colorido. Talvez, fosse por esta propaganda, a loja, sem ter tempo de enfeitar as vitrinas da frente, desde a madrugada, em frente da loja estava aglomerado de multidão em fanfarras, dando tantos trabalhos para os dois guardas mandados pela delegacia da polícia local.

Assim, a frente da loja virou um campo de batalha, que as populações disputaram em adquirir os artigos exóticos do país oriental, quanto mais possível, sacudindo as suas mãos ao alto, exibindo certas notas de moeda.

No princípio, tanto Akiho e Oohira, como todos outros funcionários, estavam atendendo de trajes de “Haori e Hakama” (traje formal do Japão), mas passando o tempo, todos iam aliviando cada vez mais tirando uma por uma e enfim, acabavam de lutar só com as camisas de mangas arregaçadas.

Na ocasião, os artigos orientais possuíam tanta popularidade, ajudada de curiosidade e também pelo capricho deste povo que era a característica da raça latina.

Assim, acabando de esgotar dessas mercadorias para a firma Comercial Nipo-Brasileiro e só estava aguardando a chegada de próxima mercadoria, mas na verdade, além de serem os artigos não de usos práticos e de má qualidade, apreciados só pelas suas raridades e o povo deste país de origem latino possuía um caráter bem inconstante.

Por estas razões, era natural que, este tipo de comercio não ia prolongar tanto e Oohira ficou de voltar para o Japão temporariamente por negócio e Akiho, no ano seguinte, a pedido do antigo patrão José Jack, resolveu voltar a São Paulo.

Para o sucessor de Akiho foi nomeado um moço chamado Aki Toyoshima, formado na escola de língua estrangeira.

Quanto à firma Comercial Nipo-Brasileiro, estava permanecendo um pouco mais com a chegada de Sanji, pai de Oohira, mas não ia tão bem como antes e enfim, este Oohira, retirou-se do Brasil, cedendo esta loja para um moço chamado Gosuke Hachiya que veio ao Brasil junto com Oohira.

Akiho que retornou para São Paulo estava trabalhando como braço direito do antigo patrão Jack, e aumentando a fabrica de chapéu de palha até a escala de empregar a mais de 150 operários e também chegou até administrar outra fabrica de

cortina de papel. Foi uma satisfação inimaginável durante esse tempo, Akiho experimentava importar primeiramente do Japão, 50 mil “tans” de palhas Sanada, mas sabendo que não era bom no seu branqueamento e também, reconhecendo que, era além do gosto do povo deste país, suspendeu logo a sua importação.

Quanto à importação de chapéu Sanada pelo Brasil, era indispensável o estudo de branqueamento de palha, portanto, estava querendo pesquisar um dia, pelas fabricas do Japão.

Mas agora, aproveitando a sugestão de Tadao Kamiya da Companhia da Emigração Toyô, finalmente, resolveu voltar ao Japão, no decorrer de 6 anos.

No trem que Akiho embarcou de Yokohama para Tokyô, estava sentado no mesmo assento, um senhor idoso de boa aparência. Akiho era dono de estatura magnífica de uns 1,70m, com seu nariz magnífico, larga testa e queixo bem agarrado que nem um europeu. Além disso, estava com o chapéu um pouco exótico que estava exposto na exposição italiana de chapéus, quando estava na fabrica de chapéu de palha no São Paulo. E mais, Akiho na hora, na testa, havia colocado um monóculo, além de moderno bigode, da moda desta época. Com esta aparência, para este idoso parecia este Kamiya como se fosse um estrangeiro e perguntou:

[Este chapéu é da produção do seu país?]

[Não! Não sou estrangeiro.]

Sorriu tanto e começava conversar entusiasticamente sobre as circunstâncias do Brasil, mas tinha uma dúvida de quem era este senhor idoso? Ao esclarecer que o idoso era aquela grande figura do setor financeiro do Japão, chamado Kohei Ootani e que Akiho ficou no auge de estima e de glória. Com a estada mais de um ano no Japão, Akiho andava estudando e pesquisando pelas fabricas de várias regiões, mas, quanto na área técnica, como na área de vantagem das fabricas do Japão naquele tempo, eram tão baixa que nem podia comparar com o

da França. Daí, Akiho, virando de 180 graus e tornou a um dos acionistas da Comercio Internacional do Japão, firma subsidiária da Companhia da Emigração Toyō e no ano de 1913 em março, retornou ao Brasil junto com sua família, embarcando no navio “Kanagawa Maru”, primeira remessa de emigrantes pela Companhia da Emigração Toyō. Depois da chegada no Brasil, Akiho trabalhava nos dois lugares, fazendo sempre ida e volta entre a matriz da Comercial Internacional do Japão de Rio de Janeiro e a agencia São Paulo da Companhia da Emigração Toyō. Mas com o aumento demais dos serviços da imigração, finalmente ficou permanecendo somente no São Paulo, a fim de poder trabalhar exclusivamente no setor da imigração.

Pessoalmente, Akiho era um homem repleto de infantilidade, tal como sempre carregava na sua pasta, um tanto de ilustrações eróticas, além de pente e espelhinho. Mas, sob o ponto de vista histórica da imigração japonesa do Brasil, quanto aos seus esforços e contribuições, certamente, este homem jamais poderá ser esquecido.

Naqueles tempos também, estiveram em Santos, os okinawanos fugidos de fazendas do interior, trabalhando como carregadores nos cais, transportando dois a três sacos de café nas suas cabeças para os navios. Além desses, havia de cinco a seis famílias que cultivavam as verduras nas baixadas do subúrbio, sem nenhuma licença. A cena de mulheres okinawanas de pés nus que iam vendendo as verduras em cestas carregadas nas cabeças, gritando e sacudindo uma das suas mãos, fazia gente pensar que isso, só é adaptável aqui no Brasil. Além dessas, havia dois ou três imigrantes hirosshimaenses que iniciavam como pescadores, mas de qual quer maneira, a quantidade de conterrâneos em Santos era mínimo.

Em Rio de Janeiro, não havia nenhum destacado, além de Fujisaki, Hachiya e Comercial Internacional do Japão, mais

Yusaburô Yamagata que já tinha mudado para Macaé, onde iniciava o empreendimento de salina.

Tal era a situação dos imigrantes japoneses no Brasil, antes e após a 1ª guerra mundial e para os destinos de imigrantes que vieram sonhando em ganhar o dinheiro de vez, eram ainda inteiramente desorientados que, apenas os funcionários da Companhia da Emigração e os interpretes ou fiscais das fazendas estavam considerados como pessoas de melhor posição social dentro da colônia japonesa do Brasil.

14-Cenas Diversas de Monções (1)

Era no mês de abril de 1916. De repente, Kaneko que estava no sertão da linha Mogiana veio mudando para São Paulo junto com sua família.

[Viu! Vou começar o plano para abrir uma empresa jornalística que você estava falando. Fique preparado disso!]

Kaneko falando-lhe assim num sorriso, cheio de vigor, fazendo aquela maneira sempre de juntar as rugas no rabo dos olhos do rosto queimado.

[Tudo bem! Mas como é que faz quanto ao tipo? Na verdade, consultei sobre isso ao colega dos Estados Unidos e respondeu que, “já está preparado para enviá-lo a qual quer momento”.]

[Quanto a isso deixe comigo. Vou fazer uma volta pelo interior para arrumar o dinheiro. Quanto à remessa de tipo do Japão para cá, haveria algum risco, devido à guerra, mas, vendo a chegada de outras mercadorias para cá, acho que não haverá perigo. Faça-o por mim, encarregando-se da parte da redação e administração do jornal.]

[Tudo bem! Se você tivesse tanta confiança por mim, estou bem, mas quanto ao tipo, como sendo uma matéria de tanta utilidade, não seria bom aceitar aquela gentileza de envio deste tipo?]

[Não! Não faça isso! Para tais coisas, deixe por minha conta. Não sei quando, mas com certeza farei isso. Então, não seria bom que você esteja passeando no interior até aprontar os preparativos da minha parte. Como Akiyama está em Monção, vou apresentar você a ele. É um homem inteiramente combinável com você.]

Desta maneira, ele (o autor) ficou de partir para Fazenda Monção, onde pode experimentar a primeira vida agrícola no Brasil.

As Fazendas Monções estão localizadas na linha Mogiana que pertenciam diretamente ao governo Federal que foram fundadas especialmente para os imigrantes estrangeiros.

Na ocasião, havia no governo central um poderoso estadista chamado Pinheiro Machado. Este homem, natural de Rio Grande do Sul que, não parecia superficialmente possuir tanta autoridade que, nem o Presidente da República, não podia administrar bem, sem o bom consentimento deste homem.

Posteriormente, este homem, foi assassinado no Rio de Janeiro pelo inimigo político, mas quanto a este homem, por ter algum sangue de índio no seu corpo, não possuía nenhum sentimento de preconceito racial, que estava atendendo com a atitude de plena imparcialidade para com os imigrantes japoneses, bem como para os outros imigrantes estrangeiros.

Com o poder e gentileza deste estadista, podia abrir esta colônia tipo internacional nos vários estados meridionais, com o próprio orçamento do governo federal. Mas, para os brasileiros natos em geral, não podiam ingressar nestas fazendas.

Para um país novo que faz introdução dos imigrantes estrangeiros, sempre ocorrem posteriormente, problemas de integração destes imigrantes introduzidos, mas este estadista pensava que a assimilação seria para integrar um com outros povos. Portanto, acreditava que, não seria possível integrá-los

inteiramente só com as legislações, a não ser com o trato de amor e colaboração mútua e nesse sentido, foram feitas impecáveis benfeitorias para estas fazendas.

As Fazendas Monções estão divididas em duas partes de 1ª e 2ª e a 2ª foi construída através do campo retirado uns 35 km da 1ª. A Fazenda que ele entrou era a 1ª Monção, que na ocasião, ainda era uma pequena fazenda com apenas uns 100 famílias, mas no seu centro, além do escritório central, havia escola, farmácia, campo de atletismo e de cultura que era considerada como uma das fazendas ideais com suas divisões de lotes. Para uma referência, se enumerasse sobre seus detalhes daqui, o padrão da área do lote é de 10 alqueires, mas, dependendo de vários fatores, tais como; fertilidade do solo, topografia e outros, havia menos ou maior do que estes. O fato de os lotes divididos com as divisas por um lado, com o córrego e outro lado com o espigão, eram mesmos de outras fazendas, mas pela preocupação do governo de que, a maioria dos imigrantes estrangeiros que possuía uma tendência de construir sempre casinhas simples demais por questão financeira ou errar os seus lugares de construção, do ponto de vista higiênico, então, estavam construídos nos lotes uma casa grande, onde possível morar sete a oito pessoas folgadoamente, antecedentemente da venda dos lotes. Geralmente, era de quatro quartos com a cozinha, bem higiênico por ter soalhos altos e dava boa aparência por ser pintura branca, apesar da construção de madeiras.

O preço de um lote com a casa era em torno de um conto e quinhentos mil reis, com o plano do pagamento tão generoso, com 3 anos de prestação, permitindo mais 5 anos do prazo.

Na 1ª Fazenda Monção, só nos primeiros anos, dava várias vantagens livres de pagamentos, assim como; fornecer as sementes das plantas, instrumentos agrícolas, auxílios para a

abertura das estradas particulares e tanto os remédios, como as consultas semanais de médicos para os colonos eram de graça.

As pessoas introduzidas a esta Fazenda, eram alemães, franceses, italianos, espanhóis e japoneses, todos novatos aqui no Brasil, usando reciprocamente, um português desajeitado, ajudado de gesticulações com suas mãos, mas todos estavam prontos para a fusão com tanta amizade.

Akiyama que foi apresentado por Kaneko, possuía 4 filhos, além da sua esposa, mas, ainda era um novato de 3 a 4 meses daqui e na verdade, não veio para ficar como um lavrador. Era para passar aqui temporariamente retirando de São Paulo, por motivo comum daqueles tempos do início da imigração e eles moravam numa casinha de pau a pique que não havia nenhum espaço para ele dormir, portanto, após a apresentação de Akiyama para seu cunhado, ele ficou de pousar uns tempos, na casa deste cunhado de Akiyama.

Este cunhado, chamado Murayama, veio ao Brasil como um dos primeiros imigrantes, incluído na família da irmã mais velha, que na ocasião, ainda era um menino de 15 a 16 anos de idade e posteriormente, saindo da fazenda e matriculou na escola brasileira no São Paulo. Com a capacidade de poder falar livremente o português, foi para a linha Mogiana como um interprete da fazenda e depois de desposado, quando estava trabalhando tranquilamente surgiu aí, o caso de assassinato.

Murayama era um homem pequeno, mas corajoso, rico em espírito cavalheiresco e sempre sorridente. Num dia, um marinheiro fugitivo, depois de tanta vadiagem chegou a esta fazenda. Daí, Murayama ficou com a pena deste rapaz, deixou pousar na casa dele, no entanto, o rapaz com o motivo desconhecido, começava a ter um sentimento hostil para com Murayama, que no fim, começava planejar coisas indecentes publicamente, tais como; sedução ou ajuda na fuga dos imigrantes etc. Mesmo assim, Murayama ainda estava

concedendo pacientemente a este ingratidão, como um parasita, mas enfim, chegando a praticar uma violência, tinha que expulsá-lo definitivamente. No entanto, algum dia depois, novamente apareceu aí, aquele marinheiro vagabundo, gritando: [Não vou sair daqui, enquanto não matar aquele Murayama!]

Os imigrantes do bairro, com o medo de acontecer coisas horrendas e também com iras demais, enfim, mandaram matar este rapaz, instigando um negro numa noite. Até foi bom que o cadáver era enterrado num ponto da fazenda, mas logo, após algum dia, foi descoberto por um imigrante estrangeiro que o ato foi para a delegacia de polícia.

Esta ocorrência, logicamente, com a força do fazendeiro, não chegou a criar caso, mas Murayama, temendo pela sua consequência resolveu retirar-se daí e veio mudando para esta Fazenda Monção junto com sua família.

Nessa época, nesta 1ª Fazenda Monção, moravam 20 tantas famílias japonesas, mas na sua maioria, exceto 4 famílias, ainda eram novatas de um ano depois do ingresso.

A abertura da Fazenda Monção era de 1909 e dois anos depois em 1911, ingressaram primeiras 6 famílias japonesas e estas 6 famílias eram primeiros conterrâneos proprietários de terras no Estado de São Paulo. Um dos membros destas famílias falou:

[Nós chegamos ao Brasil em 1911, mas no ano seguinte do término do contrato com a fazenda veio aqui, o senhor Suzuki e falou:]

[Por acaso, vocês todos não querem ir a Fazenda Monção do governo federal tem clima bom e terra fértil. E como tem várias vantagens, poderiam tornar logo um agricultor independente.]

[Com as palavras dele de: "Vou recomendar vocês" ficamos convencidos tanto até confiar totalmente no senhor Suzuki, depositando os dinheiros na mão dele. No entanto, este senhor Suzuki, apesar de ter dado até os passes de graça e depois de

fazer nos embarcar no trem, foi embora diretamente para um lugar desconhecido. Nós desnorteados, sem saber para onde ir e pior era o destino daqueles dinheiros depositados nas mãos dele.

Assim, de qual quer maneira, conseguimos ingressar nos lotes, da Fazenda, mas estamos embaraçados por não poder entender bem, falando muito mal, ajudado com as gesticulações de mãos até de pés. O senhor Suzuki era um homem terrível, pois daquele dia em diante nunca apareceu mais. Fomos salvos, por ter sido tratados com tanta gentileza pelo pessoal do escritório da Fazenda. Na ocasião, só havia algumas famílias de alemães e franceses, nem as matas estavam abertas, pois, não tínhamos nenhuma coragem de entrar sozinho pelas matas, onde nas madrugadas, tais animais ferozes, inclusive as onças estavam rondando ao redor da casinha. Quase que ninguém passava pelo caminho de lotes. Se surgisse algum indício de passar gente, ia correndo para ver isso. Era uma vida tão solitária.

Quanto a ele, enquanto estando como parasita na casa de Murayama ia pescar no rio Pardo, que atravessava no meio desta Fazenda, ou às vezes, ajudava Akiyama. Era já no fim de novembro. As plantações eram arroz, milho e feijão que todas viçosas e verdejantes que aguardavam boas safras, mas, num dia, ao aparecer lá no horizonte sul, um ponto escuro, como se fosse uma nuvem, ia alargando rapidamente, e de repente, fez escurecer o céu da Fazenda Monção. [O que seria?] As pessoas, quando levantavam suas cabeças, com as mãos paradas de enxadas, vinham caindo do alto para o chão, milhões e milhões de gafanhotos, fazendo escurecer até o céu. Era um bando imenso de insetos e quando chegavam ao chão, eles começavam a devorar as plantações com a terrível energia.

Os colonos, num instante ficaram tão atônitos por não saber o que fazer, mas, logo percebia que tinham que defender de

estragos, pelo menos cada um dos seus quinhões próprios e para fim de expulsar os bichos daninhos, começavam bater loucamente latas vazias de querosene ou de caldeirões trazidas de suas casas. Havia quem corria rodeando de cavalo, por toda a sua roça, mas, todos os esforços acabaram em vão, que os bichinhos continuavam atacando de trás por trás.

Havia um devoto de Deus tradicional “Amaterasu”, chamado Sakaguchi e não sabia por que, mas, na roça deste homem não descia nenhum gafanhoto. Encorajado nisso, o homem foi agradecendo ao oratório na casa dele, mas um pouco depois, com algum receio, a fim de reforçar a sua crença, resolveu fincar uma placa de ilustração deste Deus no meio da sua roça, e numa sensação tranqüila, foi ao vizinho para prostrar, mas, ao voltar a sua casa dele, num intervalo de pouco tempo, a roça deste homem, estava totalmente arrasada pelos gafanhotos. O homem chegou à máxima ira e acabou derrubando a placa de Deus no chão e daí então, nunca mais confiou em Deus.

Também tinha outra pessoa com raiva, comia tantos gafanhotos fritos, mas no dia seguinte, tinha que sofrer tanto, caindo na diarreia.

Assim, apenas dentro de uma semana, os gafanhotos, mesmo além de acabar devorando todas as plantações, talvez fizessem mais faltas, iam invadindo as casas dos colonos, a fim de roer os colchões e cobertores e no fim, até as folhas de árvores das matas. Agora, aquelas ondas de folhas verdejantes dos milhos e feijões, cultivados com suores e amores da gente, tornavam mar de esqueletos só de fibras e caules de cor amarela. Só restavam caules de abóboras, que os colonos tinham de comer só destes caules no lugar de verduras, mas para eles eram verdadeiros desesperos por ter traído, no lugar daquelas colheitas tão esperançosas e previstas. Único consolo era de que, foram prejudicados unânimes e imparcialmente sem

distinção, por todas as roças de 100 famílias desta Fazenda Monção.

Com a notícia desta, os cônsules dos países de Itália, França, e Alemanha vinham visitando propriamente as casas de vítimas, fornecendo-lhes os suprimentos para meio ano, mas, quanto ao cônsul do Japão, não havia nenhum auxílio e também ninguém pediu isso.

Como já tinha passado o tempo de plantio, tinha que aguardar a safra do feijão de maio do próximo ano, que deverá plantar no mês de fevereiro.

Para todos, insuficientes da situação financeira que, nos encontros de cada uma das pessoas, falavam reciprocamente.

[Como é que fazemos?]

[É um caso embaraçado, mas em último caso, teremos a mandioca que não haveríamos nenhum risco de morrer.]

Era desta maneira, que os colonos estavam relativamente calmos, sem ter nenhum desapontamento.

Naqueles tempos, não havia nenhum imigrante japonês que comiam o arroz branco comprado e que, todos descascavam grão em casca com o pilão, que no entardecer faziam barulhos de pilão em qual quer casa. Mas agora, com o incidente de gafanhotos, iam diminuindo cada vez mais estes barulhos. Na casa de Murayama moravam 4 crianças pequenas e como as refeições eram feitas só de feijão e caules de abóboras, as crianças reclamavam.

[Mãe! Queremos comer o arroz, pois ouvimos os barulhos de pilão lá na casa de Momoda, vizinho de nosso vizinho. Ne!]

Agora, sabendo disso, tinha que ir lá, para pedir o empréstimo deste cereal. A maioria passava os dias desta maneira, mas não era que não havia nenhuma comida e também restava o último recurso de mandioca.

O outro mistério do homem era que, ao encontrar essa calamidade natural inesperada como desta vez, às vezes pode

criar um espírito colaborador reciprocamente que isso, pode até aniquilar a condição difícil de todos que estão enfrentando.

Cenas Diversas de Monções (2)

O sangue de juventude, independente desta calamidade tipo natural, estava escorrendo de forma natural.

No vizinho da casa de Murayama morava um casal, cunhada de Murayama, e esta cunhada possuía uma filha de 16 a 17 anos de idade, chamada Juei. Os pais estavam mimando-a, com a intenção de arrumar-lhe um bom marido. A moça, com o rosto meio redondinho que parecia ser inocente, mas o peito já estava inchado, independentemente da sua idade. De vez em quando, via ela sentada sozinha na sombra do pé da banana, com a maneira de cogitar alguma coisa. Mas, tanto Murayama como o casal da irmã mais velha, não notavam nada sobre isso.

Era num dia, ao entardecer, vinha uma chuva da estação, mas logo parou e a lua começava iluminar brilhantemente no intervalo de nuvens. Por volta de meia noite, a família Murayama foi acordada com as batidas de porta pelo casal da irmã mais velha, gritando:

[Sumiu Juei!]

Ao iluminar o caminho de areia molhada, com a lanterna, os rastros de pé nus de Juei iam apagando lá uns 20 a 30 m adiante e daí por diante, os rastros mudaram para os pés do cavalo. Perseguido mais uns quilômetros, o caminho virava ao lado direito e sumia-se no meio do campo.

Havia um cafezal numa distância de vinte e tantos quilômetros, retirado da 1ª Monção, onde estavam trabalhando um tanto de famílias da mesma província. Dalí, de vez em quando, dois a três rapazes vinham a passear na casa de Juei. A partir deste fato, podia supor o lugar onde está ela. Daí então, no dia seguinte, sob a reunião de membros da família dela e outros de vizinhanças, ficou definido de enviar um

representante a esta fazenda, a fim de resolver sobre este assunto. A pessoa escolhida era um homem de grande tamanho de quase 1,80 m de corpo de fisionomia severa, chamado Toyotomi que abandonou a escola de navegação comercial no meio do curso e depois veio fugindo de navio imigrante.

Logo na tarde deste dia, este Toyotomi, com um revólver na cinta, calçando de polaina de couro, montado de cavalo, ia andando junto com outros dois ou três acompanhantes pelo caminho devastado de gafanhotos.

Após passar este infeliz ano novo, para as pessoas da colônia, chegou o tempo de plantar o feijão de fevereiro, mas, os milhões de gafanhotos que saíram da incubação desde o dezembro, estavam rastejando pelo chão. O adulto de gafanhoto tinha o tamanho de 6 cm de comprimento e ao esgotar de devorar todas as verdes no chão, começavam a abrir os buracos no chão, com a força de sua bunda em giros. À medida que vai aprofundando o buraco, a bunda também ia acompanhando isso, até atingir a profundidade de seis cm. Ao terminar de escavar todo, metia-se aí para dentro, uma espécie de fibra de capim seco e depois de desovar aí, ia fechando por toda a superfície do buraco com o material parecido de cortiço, para não entrar a água. Assim, passando umas duas semanas, esses ovos começam a chocar-se e os pequenos filhotinhos, de tamanhos de três mm vinham saindo dos buracos, rebentando seus cascos. No começo, era de cor parda e depois de dois a três dias, iam mudando para a verde com pinta preta, para ser enganados como qual quer ervas daninhas. A cada 3 semanas, faziam suas mudanças de casca e no início de fevereiro, tornavam aos tamanhos de 3 cm de comprimento.

Não sabia para onde eles foram, mas como não encontrava nenhum gafanhoto, as pessoas estavam aliviadas de ter escapadas de tantos diabos, mas, ao descobrir tantas

circunstâncias difíceis, ficavam desesperados, por não saber como pode agir daqui para frente.

Segundo as palavras dos funcionários do escritório, estes gafanhotos iriam embora para a sua terra natal em Argentina, a partir do fim de março ou o início de abril, mas sendo assim, não haverá chance de plantar o feijão de fevereiro. Daí então, com a iniciativa do escritório da Fazenda e a colaboração de todos da colônia, ficou decidido a escavar trincheiras de comprimento de um quilômetro por todos os cantos, a fim de enterrar os gafanhotos vivos, mesmo que não pudesse aniquilar todos, arcando as despesas por conta do governo.

A fundura da trincheira era 2m, forrada para o lado esquerdo com as folhas de flandres para os bichos não saírem da trincheira. Aprontando isso pelos bandos de colonos, os homens e mulheres, a começar da grande distância, iam perseguindo os milhões de gafanhotos com os barulhos exagerados de gritos de gente e de batidas de latas em direção da trincheira para enterrá-los. Acabando isso, passava novamente para outro lugar a fim de começar novamente.

Assim continuavam todos os dias, mas nem isso, não parecia a ir diminuindo tanto.

Para os lavradores, mesmo que prevenisse o risco de danos pelos gafanhotos, não havia outro alternativo, senão plantar o feijão de fevereiro e resolveram plantar por toda a roça.

Ele que estava de parasita na casa de Murayama, chegava a pensar que, não seria bom permanecer mais daqui para frente e Akiyama também no seu lote arrendado que a família toda estava passando em péssima condição na sua casa, por vazamento de águas de chuvas. Assim, os dois combinados, resolveram mudar para um lote contratado. Este lote, situado numa distância de 6 km do lote de Murayama, sendo 2º lote pela jusante, depois de atravessar a ponte do Rio Pardo. Os dois, ao pensar que finalmente conseguiam tornar aos

lavradores, ficaram com sensações aliviadas e as crianças de Akiyama também ficaram tão contentes em morar na maior casa, falando:

[Papai! Quando é que você ganhou tanto dinheiro? Eh!]

O lote defrontado para a direção oriental, com um pouco de aclive e a casa estava construída num ponto elevado, distanciada uns 100m do córrego. O rio Pardo, com a largura de 60m e cujo fundo era rochoso com torrente, mas a água era límpida. Outro lado era lote de um alemão e além da lavoura, possuía uma vendinha, onde uma linda moça estava atendendo.

De fato, como sendo de alemães, a morada era asseada, plantas com flores lindas ao redor da casa, que essas, foram vislumbradas por meio de espaços de galhos de árvores.

Quando subia o sol de manhã, na colina do oriente, irradiava a superfície do rio Pardo, com as cores de ouro e de prata e as águas corriam com agradáveis sons.

Estando em apreciação destas cenas num momento neste sertão, dava até uma sensação estranha por estar aqui no Brasil.

Ele e Akiyama, com suas barrigas de feijão e de abóbora, continuavam sempre capinando arduamente, a fim de não atrasar muito para o tempo de plantio.

[Viu! Esta roça é um pouco difícil para capinar devido às pedras, mas a fertilidade é boa. Poderemos colher uns 60 sacos de feijão.]

[Pode ser. Mas por mim, prefiro mais uma roça sem as pedras, mesmo que isso colhesse apenas 40 sacos de feijão. Viu!]

Com esta resposta dele, Akiyama calou-se. Tanto ele, como Akiyama, não costumava tanto na vida de lavoura. As suas dificuldades seriam mesmas, mas quanto a Akiyama, tinha que sustentar a sua família e estava cheio de outros assuntos problemáticos. Portanto, quando comparasse isso com interesse dele, (o autor) que vive como um simples errante, haveria

naturalmente certa diferença nos interesses de cada um dos dois.

A mulher de Akiyama, originariamente era esposa de um conhecido do mesmo navio, mas, infelizmente este homem morreu de uma doença na fazenda onde eles moravam, deixando as três crianças e sua mulher. A viúva, depois disso, saiu para São Paulo e estava criando tais crianças a custo, trabalhando como empregada doméstica. Akiyama, vendo a sinceridade dela e também, com certa compaixão, enfim, resolveu casar com esta mulher.

Akiyama nasceu numa família tradicional da província de Kumamoto e depois de formar na Faculdade de Meiji em 1909, veio para o Brasil, mas possuía até o título como um correspondente do jornal Asahi de Osaka, devida pela influência do seu tio Torii. Depois da chegada no Brasil, estava ajudando na gerência, sob a situação difícil de Shuhei Uetsuka que era gerente geral da agencia de Takemura Emigração, mas, com o regresso desesperado de Uetsuka para o Japão em 1913, estava confiando o seu futuro em trabalhar como um mascate de brinquedo.

Assim, numa ocasião tão inesperada, Akiyama ficou de casar com uma viúva mais velha que ele, ainda mais, acompanhada com os três filhos dela que talvez, com essas, a mentalidade de Akiyama poderia ter mudada de alguma forma, mas ele amava muito a sua esposa e os filhos dela também, numa atitude de sacrificar qual quer coisa, para o bem desses membros da família infeliz. No entanto, para Akiyama, aquela possibilidade de voltar ao Japão, desde tempo do solteiro, com este casamento, tornou-se um caso impossível, nem no sonho. Pois, enquanto prosseguisse atual relacionamento familiar, não haveria nenhuma possibilidade de ser aceito pelos parentescos da sua terra natal.

Assim, com o abandono do sonho de voltar ao Japão, Akiyama adotou aos seus enteados, até o sistema da educação puramente brasileiro, usando o seu português imperfeito até no lar. Este fato era um problema sério que precisava pensar muito, mesmo que os imigrantes japoneses resolvessem domiciliar permanentemente neste país, junto com os seus filhos, mas, para Akiyama não chegava a pensar assim.

Naquela ocasião, 15 mil nossos conterrâneos daqui do Estado de São Paulo, estavam em máximas lutas para sobreviver e não tinham nenhuma folga, nem poder preocupar com a educação dos seus filhos e também não possuíam nenhuma atenção e respeito para a educação rural do interior, em que milhares de filhos de imigrantes japoneses iam crescendo no meio dos ambientes tão desfavoráveis.

Por outro lado, como o Brasil, naqueles tempos, não fazia nenhuma discriminação para quais quer imigrantes estrangeiros e todos estavam sentindo, como se fosse um paraíso dos imigrantes. Portanto, dentro de muitos imigrantes japoneses que vieram para ganhar o dinheiro no Brasil, havia algum que, começava a pensar que não faria nenhum mau de ficar aqui, permanentemente, criando os filhos e netos para o futuro.

Mas, no caso de Akiyama, não foi resolvido por sua vontade natural, mas sim, foi obrigado a tomar decisão assim, devida a nova circunstância ocorrida com o novo casamento inesperado.

Não podendo saber por que Akiyama fez aquilo, mas um dia colocou uma ilustração do Imperador Jimmu do Japão, considerado como o fundador do império japonês, na parede da sala de refeição, publicada no suprimento especial do ano novo do jornal “Osaka Asahi”. Daí então, a enteada de 8 anos, nascida na outra fazenda, logo após a chegada da sua família no Brasil, perguntou a Akiyama assim:

[Papai! Este não é um bugre do Japão?]

Para a resposta desta, era difícil explicar bem com o português tão fraco do seu padraço Akiyama, que enfim, para esta menina acabou sem entender nada.

Tanto o caso da permanência por toda a vida, como a aprendizagem do português, eram coisas indispensáveis, mas para ele, (o autor) parecia que, o fato de não poder transmitir a idéia do pai para seu filho, seria uma maior tragédia existente neste mundo.

No lote vizinho do lado esquerdo, morava um homem de bom humor, chamado Sannosuke Yamaguchi. Na época, tinha uns 35 anos de idade. A sua estatura não era tão grande, mas o rosto era queimado cheio de barbas rudes e era dentuço.

Quando Yamaguchi começava falar com o entusiasmo, soltava as salivas fortemente por meio dos seus dentes e a gente ficava com tanto humor que até gargalhava pela sua apresentação cômica. Este Yamaguchi era inteiramente analfabeto que não sabia escrever, até no caso de envio de sua carta, tinha que incomodar o outro para escrever o seu conteúdo.

No entanto, o próprio Yamaguchi, não sentindo nenhuma vergonha de ser analfabeto, até que exagerava com as palavras de: [Vou comandar os sabidos!] Na verdade, este Yamaguchi, além de ser um enérgico exagerado, possuía uma visão especial para com as circunstâncias. Quanto à carta, podia usar o outro, mas para guardar a sua memória própria, impossível usar o outro, e então, ele mesmo inventava tais letras especiais só para ele entender dessas. De vez em quando, Yamaguchi mostrava-as para os outros, falando: [Viu! Essas! Eu não posso ler as letras de vocês, mas também, vocês não podem ler das minhas. Ne!] E gargalhava. No diário dele que ele mostrou a gente, estava enfileirado de sinais de tipo egípcia.

Este Yamaguchi estava vivendo como comprador de cereais e de jogos, além do bico como um lavrador. No negócio,

sempre carregava um “soroban” (calculador) e nas conversações, costumava mexer este soroban na frente de outros.

[Seu Yamaguchi! Que é isso?]

[Não é nada, isso é para deixar contado aqui, as conversações com você.]

E ficava sorrindo. Para Yamaguchi, todas as zonas rodeadas da Fazenda Monção eram consideradas como se fossem seus territórios por estar sob a sua influência. Para este homem, estava bem informado a respeito de cada uma das pessoas sobre seus negócios. Assim como, fulano de tal possui tantos cavalos e os seus preços de venda, bem como a sua situação econômica.

Para os lavradores também, conhecia até as áreas de plantações principais de cada um deles e suas situações financeiras. Para este homem, não havia nenhum detalhe ignorado sobre as atividades de todas as pessoas existentes nesta colônia. Por exemplo, Yamaguchi que saiu da sua casa pela manhã a pé, no caminho, compra um cavalo e daí um pouco adiante, adquire uma sela para montar e logo, trocava isso com o outro e na volta para a casa, já vem puxando uma carroça carregada de mercadorias compradas no caminho. Este homem sempre falava assim:

[A vida é um campo de batalha. Eu que vou vestir pijama, só na hora de deitar no caixão de defunto.]

Falando assim, dormia com as polainas e disso a esposa fazia queixas deste homem. Se lembrasse de alguma coisa, ia correndo de cavalo, mesmo que isso fosse à meia noite. No entanto, este Yamaguchi, só gostava muito de ativar e não tinha tanto apego para com o dinheiro. Não sabia recusar por qual quer encomenda dos outros, sempre com as boas maneiras de:

[Tudo bem! Deixe comigo!]

E vai assumir sua responsabilidade assim:

[Seu Yamaguchi! Será que é difícil obter um cavalo de uns seis anos de idade ao preço de 100 mil reis?]

[Tenho sim! Vou trazer isso amanhã.]

Mas na verdade na hora, não possuía nenhum cavalo deste tipo, mas, respondendo assim, ao mesmo tempo em que fechando as pálpebras deste homem, vinham aparecendo dezenas de cavalos deste tipo. Assim noutro dia, após uma corrida, já está amarrado no curral do homem que encomendou aquele cavalo de 6 anos no preço de 100 mil reis.

Yamaguchi tinha um filho de 12 a 13 anos de idade. Ainda assim, para ele, era tão amável e estava ensinando-o, a língua japonesa através da outra pessoa. Daí, um homem perguntou:

[Seu Yamaguchi! Porque o senhor não ensina aquela letra tipo egípcio ao seu filho?]

[Não fale assim!]

O homem coçava sua cabeça, mas a visão sobre a educação de Yamaguchi era verdadeiramente radical.

[Eu sou um japonês. Portanto, tanto o meu filho, como o meu neto, também são japoneses. Se posteriormente, após alguma geração, surgisse um mestiço com o estrangeiro, mas, enquanto conservar alguma quantidade do meu sangue, ele também será um japonês. Portanto, a fim de transmitir as gratidões dos meus antecessores, tinha que ensinar aos descendentes, a língua japonesa. Por isso, eu não gosto tais maneiras do senhor Akiyama que faz rebentar até a relação íntima existente entre pai e filhos.]

Yamaguchi neste ano, não sabe donde, mas trouxe grande quantidade de sementes de algodão e estava incentivando a plantar o algodão aos colonos da Fazenda, falando:

[Não é bom só com o arroz e o feijão. Plante o algodão que vou comprá-lo com bom preço.]

Andava propagando assim, mas, como a maioria dos japoneses não avistou nenhum pé do algodão e nem sabia

cultivar o algodão, ficou hesitando de plantar o algodão. Mas quando pensou bem, deu razão para o dizer de Yamaguchi que não adiantaria nada de continuar a plantar só o arroz e feijão, e pouco a pouco, começavam aparecer pessoas que queriam experimentar cultivar esta plantação.

Assim, achamos que, tão poucas pessoas que conhecem o fato sobre a origem do cultivo de algodão no Estado de São Paulo na Fazenda Monção, com o incentivo do próprio Sannosuke Yamaguchi por um motivo razoável.

No lote vizinho do lado direito, morava um lavrador ignorante de uns 30 anos de idade, chamado Kakiuchi. Era um homem de corpo reforçado, mas, ao deixar sem tratar uma sífilis contraída, o pênis do homem ficou com a cor roxa por todo o corpo sem a dor e também já não servia mais nada. Mas como parecendo que ia inflamar mais, num dia, Kakiuchi na roça, acabou cortando-o propriamente com o “kama” (foicinho de mão). Estranho foi que, não surgiu algo nenhum prejudicando o corpo e estava trabalhando normalmente, mas, com o aumento cada vez mais de ciúme contra sua mulher e enfim, acabou morrendo dolorosamente.

Cenas Diversas de Monções (3)

Ele (o autor) e Akiyama, relacionando assim com os seus vizinhos de dois lados, estavam trabalhando de enxadas, todos os dias. Não deu tanto prejuízo como pensava pelos gafanhotos, pois, com o crescimento normal de feijão, chegavam a abraçar uma boa expectativa pela colheita deste de maio. Mas os dois começavam sentir exagerado cansaço devido falta de nutrição. Com o cansaço, como os estômagos exigissem grande dose de açúcar, então, eles dois, iam a pendurar nas suas cintas, um saquinho com os pedaços de açúcar preto e lambendo isso puxavam as enxadas. Sem o arroz branco durante muito tempo e no seu limite de suportar, enfim, num dia, resolveram ir tomar

um empréstimo de arroz em casca a um conhecido na Fazenda de 2ª Monção, retirada uns 35 km por caminho de campo. Numa vasta planície, ele e Akiyama iam andando de cavalo por revezamento, onde avistava de vez em quando, um bando de ema ia pulando de asas abertas. Num dos pontos do campo, avistavam alguma cruz de madeira em pé, talvez fosse de alguém que morreu ou matado.

A 2ª Monção, como foi escapada do ataque pelos gafanhotos e também na boa situação, moravam aí, numerosos conhecidos antigos e da mesma província de Akiyama que em qual quer parte, foram recebidos com bom humor, assim;

[Oh! Seu Akiyama! Faz muito tempo que não encontramos. Passem na minha casa também!]

Foram hospedados aqui por 2 noites e através do senhor Sasaki, dono da casa onde hospedado, ouviram dele, uma história bem triste.

[Eu, nos dias passados, fui a Fazenda Hirano, mas era horrível, pois, todas as 80 famílias estavam de malária, onde sem nenhum médico, dinheiro, nem quem trata disso, parecendo um inferno abandonado, onde não existisse nem o Deus. Era verdadeiramente uma tragédia horrenda! Assim, uma mulher de cabelos desgrenhados, estava escavando de enxadão uma cova no lugar de capim e ao ver que, o que ela ia fazer, era para enterrar o seu marido morto, abraçando com a força tremenda.]

[Na verdade, eu fui lá com a notícia sobre meu conhecido estar em dificuldade com a malária, mas, soube que, mesmo o senhor Hirano estando doente, e como sendo um homem de sentir a plena responsabilidade, dizem que, estava visitando dando consolo para todos os doentes dentro da Fazenda.]

Já o arroz com boa safra e estando no tempo de sua colheita e ninguém podia fazer isso pela doença.

Umpei Hirano era um dos homens de 5 interpretes que vieram ao Brasil em 1909, e a fazenda onde ele foi, era uma das maiores do Estado de São Paulo que contava lá, umas 500 famílias de imigrantes de várias nacionalidades.

A 1ª remessa de 800 imigrantes japoneses foi distribuída para 6 fazendas, mas todas, exceto a Fazenda Guatapará de Hirano, foram embora, depois de provocar tantos tumultos, ignorando os contratos firmados com as Fazendas.

Quanto ao bom resultado de Hirano, muitas pessoas falavam que, isso era por uma simples sorte, mas, não fosse só por isso, pois, exatamente era por causa da real coragem proveniente da forte moral e profunda gentileza para com os colonos.

Hirano permaneceu nesta Fazenda durante 6 anos, entre 1909 até 1915, iniciando como um interprete e depois como um dos administradores e até o administrador geral. Mas, com a recomendação e auxílio de Sadao Matsumura, cônsul geral de São Paulo, instalado em 1909, adquiriu um terreno de 2500 alqueires na proximidade do rio Dourado e ao lado direito da estação Penápolis da linha Noroeste, para construir um paraíso dos imigrantes, levando consigo um grupo de imigrantes da Fazenda Guatapará que confiava tanto neste Hirano. Esta tentativa possuía grande significação em construir primeira colônia a ser administrada pelos próprios imigrantes japoneses independentes. No entanto, ao ouvir esta tragédia ocorrida naquela Fazenda, tanto ele, (o autor) como Akiyama, ficaram em profunda tristeza, pensando no destino infeliz destes conterrâneos, em comparação com a da Fazenda Monção que era um felizardo. Não havia motivo de cair em nenhum desespero que, mesmo fosse atacado pelos gafanhotos, restariam ainda abóboras e mandiocas. Conversando assim, no dia seguinte, eles partiram para a 1ª Monção com o cavalo carregado de saco de arroz em casca, relembrando os aspectos

de jubilo dos membros da família que aguardando a chegada deles. Depois de tanto tempo, fazia o barulho de pilão para beneficiar o arroz. Os feijões verdejantes estavam de bons crescimentos. Aquele bando de gafanhotos, terminando a quarta mudança de peles, espichando suas asas finíssimas, parecendo de sedas para os dois lados, brilhando sob o raio do sol da manhã. Daí, dia a dia, começava a voar cada vez mais alto e dentro de 3 a 4 dias, os bichinhos, sem prejudicar tanto as plantações, foram desaparecendo do mundo da Fazenda Monção, sem perceber nada.

Assim, todos da colônia, ficaram aliviados com o desaparecimento de tais diabos, mas um dia, veio Yamaguchi de vizinho e falou:

[Seu Akiyama! Cuidado Eh! A malária saiu na Monção também Eh!]

Dizem que tais seu Seki e o casal Kômoto da jusante do rio e mais outras duas a três pessoas estavam deitadas com doenças.

Este Seki era natural da região Asahigawa de Hokkaido, que veio ao Brasil sozinho, deixando a sua família no Japão e logo entrou nesta Fazenda Monção. Tendo trazido uns três a quatro mil ienes (uns 15 contos de reis) e com este capital, estava criando os porcos animadamente, tratando-os com milhos produzidos pelos seus empregados.

O lote deste homem situava na jusante, retirado uns 2 km da casa de Akiyama e na proximidade da casa dele, no córrego, havia uma cachoeira linda com a altura de 30 a 40 m que caía para o rio Pardo, com o som estrondoso. A casa de Seki estava construída na bacia do rio Pardo e lote também localizava no lado esquerdo deste rio. Diziam que, na beirada da torrente como o rio Pardo rochoso, não surgiria nenhuma malária, mas porque saiu esta doença? Talvez, podia ter construída a casa

num lugar tão mal de escoamento de água, onde facilitava a criação de pernilongos.

Na noite seguinte que ouviu esta história de Yamaguchi, aproveitando a ocasião de outros negócios para Murayama, ele e Akiyama fizeram visitas de consolo. O primeiro roteiro era para o lote de Kômoto. Ao ver o abandono ao redor da casa e silêncio demais, os dois estranhavam um pouco e ao bater a porta surgiu de dentro, uma voz de choro da mulher. Entrando adentro, souberam que, nesse instante, Kômoto acabou cessando a sua respiração.

Quanto a Seki, estava melhor e tratado por uma mulher parecendo como sua esposa ou uma criada.

Centenas de porcos criados por Seki ficaram tão magros sem as rações suficientes, nem podiam chiar mais e quando iam à beira do rio para beber água, eram empurrados pela corrente do rio ou, mesmo que estando ainda vivo, sem as forças de fugir, acabaram como iscas dos urubus.

Mas, ainda bem que, para os colonos japoneses, acabou sendo somente esta vítima, Kômoto, passando abril e entrando no início de maio e finalmente, após a colheita de feijão, chegou o tempo de prever o orçamento deste ano, malmente.

Todos da colônia, no sentido de felicitar a retirada dos gafanhotos e a expulsão da epidemia, depois de tanto tempo, animavam-se com os banquetes e festas.

Já passou um ano depois que ele chegou a Monções. Aqui, o que ele obteve durante este período, era uma questão pendente sobre atitude elogiável dos lavradores e uma pretensão para com a educação dos filhos em geral.

Cultivar o arroz e feijão como principais alimentos e criar os porcos com os milhos cultivados seria um dos passos da economia de auto-suficiência e com isso, os agricultores confirmam sua firmeza, mas, a maioria da topografia onde

cultivam esses cereais no Estado de São Paulo era toda acidentada que não é apropriada para a lavoura de irrigação.

Geralmente era favorecido, pois desde o início da sementeira até o auge do crescimento de plantações sempre chovia, mas no caso da cultura de arroz, se não chovesse durante os 10 dias no período de polinização, perderia até a sua colheita total. Mesmo que o arroz fosse produto tão arriscado, mas, sendo considerado como principal alimento dos japoneses, como é que pode mudar isso para um produto de colheita certa. No momento, a maneira de viver dos imigrantes japoneses é muito diferente da dos imigrantes europeus, a não ser trocar o arroz pela carne. Também, por outro lado, quanto a terra, mesmo que fosse tão fértil, mas, qual quer momento perderá a sua fertilidade e tenha que pensar na sua adubação. A auto-suficiência de alimentos para os lavradores é uma condição indispensável, mas só com isso, a vida deles tornará tão seca e sem graça. Daí então, como é que pode criar uma forma agrícola mais viçosa e agradável?

Era isso a questão pendente imposta por ele. Até agora, como nas Fazendas Monções moravam muitos imigrantes europeus, ele descobriu muitas coisas para estudar. Eles tomavam leites de vacas todos os dias, pois, a maioria deles estava criando as vacas de leite. Como não comiam o arroz, não era necessário cultivá-lo e no lugar deste, cultivavam milhos e mandiocas, a fim de criar as galinhas e os porcos, vivendo folgadoamente. Também fabricavam a farinha de mandioca e moíam os milhos aproveitando a moenda de água do córrego.

Quanto ao pasto, nada mais que um ou dois alqueires, mas para a sua cerca, plantavam os cactos em fileira, no lugar da cerca de arame farpado e estacas. Além de segurar os gados por ter espinhos, era bem prática podendo apreciar suas flores até as frutas.

Assim, ao examinar a maneira que eles viviam, podia perceber facilmente que, como eles aproveitavam tão bem as

coisas da natureza. Para os japoneses, embora morando no vizinho dessas pessoas, não mostravam nenhum interesse que antes, ficavam alheios a isso. Mas, quanto a ele (o autor), ficou tão admirado que, até chegou a pensar que, haveria a necessidade de aprender isso para os japoneses. Especialmente, quanto os alemães, sua mania de limpeza era espetacular e de admiração que, embora os japoneses fossem considerados como um povo de asseio por gostar de banhos, mas, nos seus lares, todos em desordens e anti-higiênicos, enquanto ao asseio dos alemães era mais científico que existia, aí tinha uma ordem coerente do princípio até o fim. Como eles amavam as flores e a natureza, esses asseios do lar iam estendendo até fora da casa.

Se falasse em poucas palavras sobre a pretensão para com a educação das crianças, seria que, não abandonasse nenhuma autoconfiança racial.

Todo o caso, o japonês não seria além do que um japonês.

Mesmo que mudasse a sua nacionalidade, ou ser determinado como brasileiro, por ter nascido neste país, mas não haveria nenhuma diferença de ser um japonês. O si atual deveria ser mesma presença daquela que veio do passado de milhares de anos, portanto, se tirasse de si atual dignidade de cada uma, só restará simples um ser vivo que nem animal.

Este argumento, não é só para os japoneses e sim, para todos os povos e raças. O fato de os japoneses possuírem seus antecessores de dignidade, ou honrá-los, não significa que os descendentes japoneses não possam ser fieis com o Brasil, ou trabalhar para o bem da humanidade. Em cada raça, onde cada um aprimorar seus esforços, sem descartar suas autoconfianças é que existe o valor para a construção da nova nação. Os japoneses, para serem dignos brasileiros, são necessários primeiramente reconhecer bem, pelos seus passados louváveis da raça nipônica.

Por esta razão, ele pretende fortalecer o espírito de autoconfiança de filhos dos imigrantes japoneses, desejando que, eles tornassem importantes fatores da nação brasileira, através da educação.

Foram essas três conclusões que ele obteve nas Fazendas Monções, através dos seus olhos e ouvidos, no meio da vida enfraquecida por ter obrigado a passar só com açúcar preto e abóbora.

15- Hoshina e Jornal Semanal “Nabei”

Desde daquele dia, não havia nenhuma notícia de Kaneko.

Talvez estivesse aflito por não arrumar ainda o dinheiro, mas, mesmo assim, já passou mais de um ano daquele dia. Isso fazia preocupar com a hipótese da total desistência do caso.

Neste momento, o que ele caía em desespero, era a publicação do jornal semanal “Nabei”. Era uma impressão da mimeografa de 60 a 70 páginas do tamanho “kiku”, com o conteúdo estranho que não parecia com jornal, nem revista. Mesmo assim, naquela ocasião era único e o primeiro órgão impressor da colônia japonesa no Brasil.

O homem que editou essa chamava Kenichirô Hoshina, que no ano passado veio da Fazenda Yamagata do Rio de Janeiro para São Paulo. A idade dele já passava uns 50 anos, mas, quanto à força muscular era tão forte que nem os moços não podiam acompanhá-lo. Na sua testa, havia gravada uma profunda ruga e os olhos triangulares irradiavam seus brilhos contidos do fundo. Nas conversações com as pessoas, falava atentamente, só os pontos essenciais, com as vozes turvas, fixando os olhos firmemente no rosto da pessoa em conversação.

Naquela ocasião, ninguém sabia sobre o passado de Hoshina que estava num ramo que não era comum. Hoshina vivia de folgas todos os dias, alugou uma casa em São Paulo, mas

possuía o primeiro grau do jogo “gô” e estava jogando pela noite inteira, acolhendo bem as pessoas fracas em jogo de gô. Era um homem tanto enérgico que as pessoas caíam no meio sonho, mas, quanto a Hoshina, ia continuando jogar com as outras em revezamento, indiferentemente até amanhecer. Homem realmente estranho que, mesmo sendo tão íntimo mediante o gô, jamais falava sobre o motivo da vinda dele para São Paulo, exceto assunto sobre o gô. Também, para os outros, só interessavam acolhimentos através do jogo gô e ninguém queria inquirir sobre outros assuntos.

No entanto num dia, Kaneko falou a Hoshina assim:

[Estou em dificuldade para obter o dinheiro para adquirir os tipos, a fim de publicar o jornal.]

Kaneko fez isso com a intenção de consultar a Hoshina sobre a possibilidade de tomar algum empréstimo de dinheiro que o homem possui. Hoshina respondeu imediatamente:

[Viu! Para editar um jornal, não é necessário tipo. Pois, editando de mimeógrafo uns 4 a 5 vezes, certeza que a companhia da emigração arrumaria o dinheiro de tipo para você.]

E sorriu. Mas para Kaneko que era ainda um pouco inocente para entender essas palavras sofisticadas e respondeu:

[Nessa época atual, não há condição de editar um jornal de mimeógrafo!]

No entanto, para ele (o autor), jamais imaginava que este Hoshina que tinha ensinado ao outro, o processo de editar um jornal sem o dinheiro e agora, tomou a iniciativa de editar o jornal semanal “Nabei”, antecipando Kaneko. Além disso, este Hoshina vinha remetendo para os dois, Kaneko e ele, as cartas e os dinheiros de passagens para São Paulo, a fim de poder colaborar com ele (Hoshina) sobre a edição de um jornal.

Para Kaneko, seja por indignidade para com Hoshina, apesar de estar nesta circunstância, não respondeu nada. Quanto a ele,

(o autor), sem poder fazer nada aqui, resolveu sair para São Paulo. Ao encontrar com Kaneko, o homem falou:

[Sinto muito por você! Eu também concorri muito, mas surgiram tantas coisas imprevistas que não havia mais jeito. Eu desisti quanto ao tipo, mas, também chegando a este ponto, não posso começar de mimeógrafo e então, resolvi litografar e fui procurando por este tipo de imprensa, mas todos eram de grande escala que não achei nenhum barato como do Japão.

Assim sem jeito, e atualmente estou mandando fabricá-los através de um marceneiro sob meu projeto. Com certeza que isso vai dar certo. Então, gostaria que você ficasse aguardando a minha chamada na casa de Hoshina a fim de começar a trabalharmos juntos.

Era assim. Quanto a ele, (o autor) ao ver Kaneko em ativar desesperadamente, nem podendo comer suficientemente com a sua família, não podia nem reclamar, e de acordo com a recomendação deste Kaneko, foi a Hoshina cumprimentou-lhe, fingindo:

[Cheguei agora de Monção!]

[Seja bem vindo! Pois estamos trabalhando nós dois com Kano como sendo um redator, mas é muito serviço tanto que o serviço de 500 mimeógrafos também, não é tão fácil. A propósito, você já encontrou com Kaneko? Dizia que ele também iria editar um jornal, mas parece que está sem dinheiro.]

[Não encontrei ainda. Estou querendo encontrar com ele nesses dias, mas é verdade que ele está em dificuldade sim!]

[Se Kaneko começasse a editar o jornal, você iria para ele?]

[É sim! Tenho que ir para lá, pois o causador deste era eu!]

[É assim?]

Hoshina calou-se. O jornal semanal “Nambei” estava situado num local chamado Santana, no bairro de São Paulo, num ponto elevado e panorâmico. Desde ano passado, estava

pensando que Hoshina possuía certa quantidade de dinheiro, mas agora, vendo o estado de Hoshina que ia distribuir 1 kg de carne com osso para as três pessoas, ainda no almoço e no jantar, não parecia ser tão rico. Mais ainda era que ele mesmo fazia propriamente a sua culinária. Aqui era o paradeiro dos errantes de alto padrão que, naquele tempo, pousava lá tais Tadashi Watanabe, Saku Miura e Kanichi Yamane. Na pousada de jornal "Nambei", como tinha só duas camas, ele dormia junto com Hoshina, mas este homem, chegando uma hora da noite, justamente começava a gemer fortemente e um pouco depois, homem mesmo acordava devido ao seu próprio gemido e tornava a dormir novamente.

[Senhor Hoshina! O que é isso?]

[Viu! Eu antigamente matei uma pessoa. Quando mata um homem, fica cansado!]

E Hoshina começava falar sobre o seu passado. Segundo a sua história, Hoshina, após formar pelo Instituto Aoyama, logo foi a Havaí e começou a trabalhar numa usina de açúcar norte americano, e aí, chegou até o cargo de gerente geral, comandando centenas de empregados. O diretor presidente desta companhia era um homem de grande personalidade que isso, influenciou muito sobre Hoshina. Posteriormente, este Hoshina estava administrando o primeiro jornal da língua japonesa no Havaí, mas um dia, estando no mundo selvagem desta colônia, foi atacado por um marginal proveniente de intriga sobre artigo publicado na coluna especial deste jornal. Mas este, após ser jogado no chão e estrangulado o pescoço por este obstinado e imprudente Hoshina, o malandro morreu num instante. Daí, logicamente, foi aberto o inquérito e julgamento, mas, por apoio de maioria da população e também, por motivo de ser em legítima defesa, ficou determinada uma pena apenas de cinco dólares de multa. Mas para Hoshina, um moço cristão devotado, o fato de interromper a vida de um homem, com suas

próprias mãos, era uma agonia jamais recuperável por toda a sua vida. Daí, com isso, o estado espiritual de Hoshina ia alterando junto com as agruras sobre como é que pode recompensar este crime. Mas por outro lado, vinha surgindo forte reação de querer preservar a sua vida própria.

Para uma pessoa que possível viver só com as legislações feitas pelos homens, não haveria nenhum problema, mas para uma pessoa que acredita no ensino de Deus de “se for batido pelo lado direito do rosto, então, vire o lado esquerdo também para ser batido”, não haverá mais agonia de sustentar este sofrimento.

O espírito de fé de Hoshina ficou abalado tanto e ficou decidido que jamais sacrificaria sua vida preciosa na disputa a ocorrer neste mundo sem justa causa. Daí em diante, Hoshina enjoou de Havaí e depois de mudar para os Estados Unidos, estava trabalhando na orizicultura na região meridional de Texas. Hoshina, não querendo responder tanto sobre o seu passado, falando:

[Para uma pessoa muito incomodada com o passado, não haverá nenhum futuro brilhante. A vida é só para avançar!]

Sorriu assim amargamente. Hoshina também era bastante obstinado e como possuía forte caráter de batalhar só com a sua própria força, detestava sempre as pessoas que pediam lhe o favor. Num dia, um dos errantes que vinha a esta casa, a fim de pedir algum cafezinho, Hoshina respondeu:

[Viu! Sou um homem que vim batalhando desde Havaí até os Estados Unidos. Sou diferente de vocês, malandros brasileiros, venha cá comigo!]

Berrou assim, arregaçando os braços. Com esta atitude ameaçadora, este errante apavorado, foi fugindo de modo vergonhoso. Apesar de ser assim, Hoshina, por outro lado, possuía uma face de compaixão de chorar a gente. Sendo um homem desta maneira, não gostava de maneira alguma das

peessoas que não tem recompensa nenhuma para com gratidão recebida, mesmo que isso fosse o favor de pousada de uma noite ou de refeição. Numa ocasião, ao saber que um dos errantes que pousava nesta casa, fez sua denúncia desfavorável do dono da casa. Hoshina berrou:

[Este cachorro! Tu és pior que um cachorro. Eh!]

E foi puxando pelo cabelo deste sujeito para fora da casa.

Esta obstrução não era limitada só para gente. Hoshina estava criando um macaquinho. Era um bicho de tamanho de uma palma, chamado Nap Monkii e brincava dentro da gaiola, pulando animadamente. Como era no tempo de frio, Hoshina fez uma toca para este macaquinho. Num dia, o macaquinho estava gozando de sol fora desta toca, mas, quando Hoshina, dava sua mão para a cabeça do macaquinho para agradecer, não sabendo por que o bicho não gostou disso, de repente, o macaquinho mordeu o dedo de Hoshina. Com tanta ira, o homem gritou de grande voz:

[Este sem vergonha, ingrato!]

Pegou o macaquinho e na hora, quebrou uma das pernas traseiras. Com os berros de dor, o bichinho fugiu para um canto da toca, cambaleando e tampando o rosto com as duas mãos.

Com isso, Hoshina, talvez, sentisse uma pena e pegou novamente o macaquinho e tentou consertar a perna, mas esse esforço acabou em vão.

[Senhor Hoshina! O senhor parece como aquele general Nobunaga impaciente. (antigo shogunato do Japão)]

O homem sorriu amargamente e falou;

[Nobunaga? Você fala muito bem!]

Na manhã seguinte, este macaquinho estava morto tristemente, não agüentando com as dores e também pelo frio.

Hoshina ficou tácito o dia todo, sem nenhum humor.

Hoshina parecia estar sempre exigindo algum forte estímulo de rivalidade. Seja por causa disso, gostava tanto de jogos e

apostas, principalmente os jogos de azar, como de cartas que enfrentava com toda a sua energia, a fim de não ser enganado por ninguém, preferindo sempre os casos que não permite qualquer negligência durante o jogo.

De toda a maneira, vivia sempre no instante de sim ou não, no limite de derrubar ou ser derrotado, que não gostava tanto de coisas mornas, a tal maneira de os leões matam com todos os seus esforços.

Num dia, Hoshina e ele, (o autor) estava trabalhando no mimeógrafo e ele falou:

[Seu Hoshina! O senhor não quer me servir com a banana?]

[Pode ser. Mas você, quantas bananas consegue comer eh?]

[Se fosse banana, consigo umas 30 bananas.]

[Isso é bom! É verdade?]

[Sim! É verdade!]

[Você não é um homem?]

[Sim. Sou homem.]

Mesmo sendo um homem, não tinha tanta confiança em si, comer 30 bananas de uma vez só, mas como era difícil Hoshina servir-lhe as bananas e também por força do desafio da ocasião que ficou assim.

[Está bem! Então vamos apostar. O homem não fala duas palavras. Se você conseguisse comer as 30 bananas, eu vou dar as bananas e mais 10 mil reis em dinheiro, mas, se fosse contrário, você pagará todo viu! Vamos!]

Assim, os dois, cada um entregou uma nota de 10 mil reis ao intermediário Kano e as bananas a serem compradas pela filha do dono desta casa.

Com isto, a situação dele ficou difícil, mas agora, não haveria mais jeito senão aceitá-lo. Agora, só restava rezar para a moça, a fim de que ela comprasse as bananas de menores possíveis, mas, pelo contrário, as que ela trouxe, eram tão grandes até que fez cair ele em desespero.

[Agora sirva!]

Falando assim, Hoshina empilhou as bananas em monte, contando uma por uma.

[Seu Hoshina! Nós não definimos sobre o tempo de comer. Isso gastaria mais de uma hora, tomando na base de 2 minutos para cada banana.]

Hoshina marcou a hora no seu relógio de bolso. Assim ele começou, mas não esqueceu em pedir os sais, pois ele lembrou a antiga experiência nos Estados Unidos que tinha comido quase meia caixa de maçãs, adicionando nelas um pouco de sal. Em pouco tempo, conseguiu comer até 25 bananas, mas para as mais 5 restantes, era tão difícil de engolir que até Kano que assistia ao lado, vendo a dificuldade dele, ofereceu uma ajuda, falando:

[Ora! Já pare por aí, que vou pagar a você, aquele 10 mil reis. Ne! Está bem?]

Quanto a Hoshina, vendo a situação tão difícil dele, falou de alegria:

[Está derrotado? Então, dá cá estas notas de 20 mil reis. Eh?]

[Ainda não é a hora prometida!]

Falando assim, ele ia engolindo um pedacinho de sal e começava a comer novamente as bananas. Enfim, ao terminar de engolir a última banana, declarou assim a Hoshina:

[Como é senhor Hoshina. Diz no ditado assim. “Para quem quer alcançar os 100 km, mesmo que chegando aos últimos 99 km, considera-o como se ficasse ainda no primeiro quilômetro.”

Com isso, mesmo Hoshina ficou assustado.

[É admirável! Para quem ir 100 km, o último 99 km seria o 1º quilômetro. É isso?]

E entregou-lhe, duas notas de 10 mil reis, com boa vontade.

Assim, uma parte da personalidade de Hoshina está aparecendo aqui, mas quanto ao futuro dele ninguém sabe.

16-No Tempo do Jornal Nippak

No intervalo destes tempos, terminou o preparativo de Kaneko.

[Senhor Hoshina! Como já falei anteriormente, eu vou para o lado de Kaneko.]

[É mesmo? Finalmente sai o jornal? É mimeógrafo?]

[Não é não!]

[Então é de tipo?]

[Também não!]

[Então, o que seria? Não dá para saber!]

Nem mesmo Hoshina não podia perceber que isso era uma litografia. Kaneko a custo conseguiu fabricar o impressor e editar seu primeiro jornal “Nippak” no dia do nascimento do Imperador Taishō, em agosto de 1919. A redação desta, foi encarregado logicamente para ele, (o autor) e na sua primeira página, sob a colorida ilustração cheia de flores brancas e amarelas de crisântemos estava congratulando com as letras de “Kimi ga yo” (verso da festa do Japão), especialmente escrito por Sadao Matsumura, cônsul geral de São Paulo da ocasião.

Desta maneira, com esses dois órgãos impressores tanto de jornal semanal “Nabei” e de “Nippak”, apesar de suas fraquezas, começavam a enfrentar com as suas opiniões perante uma comunidade em caos, onde moram uns 15 mil conterrâneos.

A Rua Conde do bairro japonês ia se animando cada vez mais com o aumento da população e em Santos, começava a surgir até quem fabrica o shōyu. O jornal “Nippak localizava-se num porão. Na frente havia a sala de redação e também a oficina de imprimir. No quarto seguinte, pousavam a família de Kaneko e ele também. Era uma vida de cortiço, adequada como

do tempo do início da colonização, mas todos possuíam suas esperanças e no porão a seguir, também moravam dois ou três famílias japonesas e uma delas, era de artilheiro do exercito e depois de tornar-se um mercenário, passou para a qualidade de um instrutor, andando de carro. Naqueles tempos, na comunidade japonesa, estava acontecendo repetidamente, tantas coisas cômicas inimagináveis. O seguinte era uma dessas.

Num dia, um homem veio correndo para este porão do jornal "Nippak", gritando:

[Senhor Kaneko. Faça me esconder, por favor!]

E correu para dentro do quarto e daí atravessava o quintal e escondeu-se no banheiro. Logo, quem veio perseguindo-o apressadamente, era uma italiana de meia idade.

[Entrega-me Ikeda!]

Gritando assim, começava procurar até o quarto, mas, não podendo achá-lo, foi embora, murmurando irritantemente.

Este Ikeda, antigamente era um chefe de bandido de cavalheiro de Manchúria, mas, por alguma trama, fugiu para a Oceania e daí, veio para o Brasil. Idade dele já tinha passado mais de 40 anos, mas um homem lindíssimo que parecia mais novo uns dez anos fazendo até desconfiar que ele fosse um bandido de cavalheiro.

Como no Brasil, não havia condição de passar a vida com esta profissão e no fim, o que ele tornou era a um massagista e concerto de ossos, por ser ele um judoca.

Ikeda anunciou no jornal brasileiro grandemente e estava atendendo aos clientes junto com o seu interprete. Havia uma viúva italiana dentro destes clientes. Esta viúva possuía muitas casas de aluguel e estava morando num hotel de 1º classe, junto com sua única filha de uns 16 a 17 anos de idade. Viúva, após continuar com Ikeda por algum tempo, no fim, chegava a namorar fortemente com este ex-bandido de cavalheiro, a tal maneira de não querer se livrar mais deste homem, como se

fosse um prisioneiro. No entanto, Ikeda estava querendo fugir dela a qual quer momento, mas atraído pelos imensos bens desta viúva, não conseguia fazer isso. Ikeda não entendia nada da língua portuguesa, nem querendo aprender isso, e também, para o lado de viúva, o fato de não falar o português por Ikeda, além de fazer perder a sua paciência, conteve um medo de que Ikeda, em qual quer ocasião, iria encontrar alguma mulher conterrânea no bairro japonês. Assim sempre prosseguia a briga entre os namorados. O vocabulário português que Ikeda conhecia era só “este cachorro”. Quanto à viúva, chegando ao limite de não agüentar mais, chamava o interprete, a fim de ouvir os dizeres de Ikeda. Este interprete, era um sabido que aproveitando essas brigas dos dois, sempre conseguia obter novos sapatos ou um terno.

Dizia que, para a briga conjugal, nem o cão não quer comer, mas, no caso de Ikeda, até o cachorro beneficiava.

Segundo o dizer, naquele dia, quando a viúva embarcava no bonde, ela viu em frente, o próprio Ikeda conversando intimamente com uma moça japonesa. Mas depois, quando Ikeda percebeu que a viúva estava perseguindo ele, separou da moça e pulou do bonde em marcha lenta. Vendo isso, a viúva, com a raiva de morrer, também desceu do bonde precipitadamente, mas caiu no chão. Nesse intervalo, Ikeda conseguiu escapar dela, mas assim mesmo, diz que ela viu Ikeda entrando neste porão. Assim, mesmo que fosse o chefe do bandido de cavalheiro também, parecia que não podia domar esta viúva italiana.

O tom de escrever de Hoshina do “Semanal Nambei” era tão agudo que continha até alguma malícia e, portanto, eram recebidos com certos medos além da sua impopularidade, pelas pessoas do Consulado Geral e da Companhia da Emigração.

Quanto ao jornal “Níppak”, comparando com o jornal “Nambei”, a fama era boa por estar sendo dirigido pelo pessoal

mais novo e mais, o próprio Kaneko possuía muitos conhecidos nas várias regiões, por ter trabalhado como interprete por longo tempo.

Kaneko, com a edição deste jornal, acabou esquecendo totalmente sobre o caso da fabricação de macarrão e começava a trabalhar exclusivamente na oficina do jornal e também, começava vender as datas do subúrbio de São Paulo.

Além dele, (o autor) contratou o “sabe tudo”, Junnosuke Kato e com a edição de anotação da língua portuguesa e tentou incrementar a sua remuneração.

Nos primeiros meses, ele (o autor) e Kaneko, juntamente unidos trabalhavam agradavelmente, mas depois, Kaneko, com o motivo ignorado, ia tornando cada vez mais dogmático, até tomar atitude tão estranha para com ele. Não sabia se era pelo próprio caráter de Kaneko, ou por outro motivo, mas, por enquanto, quanto a este, haveria dois motivos possíveis. Um era a morte do filho de Kaneko e outro era a apreensão sobre a sua própria fama reinada no bairro.

Kaneko possuía um menino de três anos de idade, mas, após quatro a cinco dias de alta febre de gripe, tornou-se numa pneumonia.

Tanto os pais da criança, como ele, enfrentavam em tratá-lo durante dia e noite, mas o estado do doente não chegava a melhorar. Numa noite assim, com tanto cansaço, os três caíram num sono sem querer, e de repente, quando ele acordou, viu Kaneko saltar da cama e ia andando para a parede, com o jeito de perseguir alguma coisa com as mãos, murmurando:

[O que foi? Seu Kaneko?]

Ele, numa sensação sinistra, gritou assim. Daí Kaneko, com o gesto de ter acordado neste instante, falou.

[É que a minha mãe já falecida veio buscar-nos agora.]

E Kaneko estava suando muito. Neste instante, os dois notaram que o menino de pneumonia que estava no colo da sua

mãe já estava sem respiração. A partir deste momento, Kaneko acabou ficando sem nenhum humor para com a sua mulher, gritando sempre assim:

[Não é a tarefa de mulher só para fazer nascer o filho, pois quem não sabe criar nem os seus filhos, já não seria mais mãe das crianças. Assim, só para dar as luzes, não serve mais nada!]

Descarregava assim, suas raivas na sua mulher.

Kaneko era um pai extremoso demais e já teve 3 filhos, mas não tendo sorte com os filhos que agora, acabou sem ter nenhum filho.

Outro assunto provável de não agradar Kaneko no meio desta irritação, seria sobre a maior popularidade do redator (o autor) do que o próprio proprietário do jornal, Kaneko.

Isso era fácil entender que, como sendo um jornal minúsculo, o cargo de redator tinha mais oportunidade de relacionar com as populações e também, pela sua força de escrever os artigos.

Ainda mais, enquanto que ele, não possuía nada de casos desfavoráveis perante a população desde a chegada dos Estados Unidos, mas, quanto a Kaneko, no tempo de interprete havia ocasião de ter sido fofocado e também não tinha só as boas famas no setor da autoridade.

Por estas razões, era natural que Kaneko começava ignorar a existência dele, mesmo que não tivesse tão má intenção.

Pensando assim, não haveria nenhum futuro e ele, logo no início do ano novo, falou a Kaneko assim:

[Eu penso que, essa sociedade não há possibilidade de progredir mais que, vou retirar antes de surgir qual quer rachadura grave entre nós dois. Mas embarçaria muito se não tivesse nenhum redator e eu preparei isso mais ou menos para o senhor Suzuki. Que tal?]

[É assim? Mas depois como faz você?]

[Quanto a mim, não há problema. Sou solteiro. Mas se estivesse no São Paulo, atrapalharia você, portanto vou saltar para longe, lá para o Estado de Mato Grosso. Por enquanto nenhuma meta, mas resolvi vaguear, enquanto estou ainda novo.]

Com esta conversa, Kaneko também ficou despreocupado.

Assim, ele ficou de retirar-se do jornal calmamente.

Agora, este redator sucessor Suzuki, naquela ocasião, estava trabalhando como um escriturário da fazenda na linha Paulista.

Dois anos antes, quando ele (o autor) estava pousando no domicílio “Ryōsan” de Miyasaki, veio este Suzuki e começava falar animadamente, soltando as salivas da sua boca sem dentes, mostrando umas 20 ou 30 notas de moeda, agarrando numa das suas mãos. A história dele era seguinte:

[Ontem, quando estava atravessando a pé no campo de Cotia, numa distância de 40 km, encontrei no caminho com um padre católico e após certas conversações, explicou assim:

[Todas as terras desta zona são minhas. Deixando assim sem fazer nada é inútil, então cheguei a pensar que não seria bom cultivar tais batatas com as pessoas do seu país. Creio que ganharia muito dinheiro. Quanto à despesa emprestarei meu dinheiro. Quanto ao arrendamento da terra poderei receber por porcentagem de batatas.]

Este Suzuki, além de hábil em português, possuía um talento em convencer qual quer estrangeiro que, assim foi fechado facilmente o negócio e o padre, além de acolher tanto o desconhecido Suzuki de primeiro encontro com o jantar e uma noite de hospede num hotel, deu-lhe até um bocado de dinheiro.

Com esta razão, Suzuki tinha de partir logo pela manhã seguinte, para a fazenda Guatapará, a fim de algum número de famílias japonesas da Fazenda Hirano. Assim, a cultura de batatas na região de Cotia principiava verdadeiramente com a iniciativa deste Padre e Suzuki, mesmo que isso foi feito como

um meio de sua subsistência, mas para as gerações posteriores tinham que agradecer pelo mérito deste Suzuki.

No entanto, quanto a Suzuki, um pouco depois disso, como sendo um dos seus maus hábitos de costume, fez o seu irmão mais novo inocente cáis-se no crime, deixando-o preso na cadeia durante um mês e depois, com isso, sentindo alguma vergonha, finalmente foi se sumindo para um local desconhecido no interior, durante um meio ano, a fim de aguardar a diminuição da fofoca sobre escândalo, mas, ao saber a edição do jornal “Nippak” através da notícia dele (o autor), ficou com a sensação insuportável de sair para São Paulo.

Com este relacionamento, ele (o autor) já sabia o endereço de Suzuki e como já ciente de que este Suzuki gostava de escrever os artigos nos jornais, vivendo como um dos errantes, por isso recomendou-o a Kaneko, para o sucessor dele, como o redator do Jornal “Nippak”.

17-Passeios no Estado de Mato Grosso

Onde ele saltou era Campo Grande no Estado de Mato Grosso, distanciado uns 1200 km do Estado de São Paulo.

Era uma pequena cidade nova e camponesa, construída no meio da planície na vastidão ilimitada. A estrada de ferro que servia esta cidade, era do governo federal e que foi construída por motivo de defesa nacional que atravessava o trecho meridional do Estado de Mato Grosso, sem ter suficientes produções. Campo Grande está situado mais ou menos no meio do trecho desta estrada toda, mas a construção desta foi grandemente beneficiada pelas mãos de obras dos operários japoneses. Principalmente, a partir do ponto final desta estrada

Porto Esperança na beira do rio Paraguai para cá, vinha construída pelas mãos de obras dos peruanos que vieram da Argentina, até encontrar com o outro trecho num local chamado Ligação, 2 estações anteriores de Campo Grande.

Naqueles tempos, o Mato Grosso ainda não era considerado como uma zona bárbara, mas assim mesmo, era uma região interiorana bem afastada da civilização, que para a maioria não interessava tanto e se tivesse, era algum aventureiro que viajava por este Estado, com o fim de acertar alguma fortuna. Isso podia constatar que, até ao ver os passageiros do trem que estavam com as polainas ou o outro que fazia a limpeza do revólver trazida na sua cinta.

Não era rara de ouvir as conversações sobre as caças dos animais ferozes, ou o bando de mascates de carroças de capota pelos cavalos que foi atacado por tribo bárbaro e outros:

Da janela do trem, avistava de vez em quando, um grupo de perdigões que ia atravessando a vastidão do campo e também, sem poder ver por ter capim alto, mas podia perceber existência aí, de algum animal por abalo dos capins.

Na beira dos lagos ou tanques, grande bando de garças brancas em pé, parecia como se fosse botões de algodões abertos.

No Campo Grande, havia alguns patrícios que vieram diretamente do Japão, mas a sua maioria eram os oquinawanos que talvez, podia contar uns 200 a 300 pessoas. Eles vieram para cá como trabalhador da estrada de ferro e vendo a abertura desta cidade assentaram-se aí e vivia animado tal como outros brasileiros, trabalhando nos setores de pensão, armazém, barbearia, carpintaria, pintura e também no cultivo de verduras.

O fato de ter tanta vivacidade num interior deste, onde não havia nenhuma produção destacada, senão pecuária, era por causa de ter resolvido colocar aí, recentemente, uma divisão do exercito pelo governo Federal.

Quanto a ele (o autor), começava procurar um serviço, pousando numa pensão okinawano. Na ocasião, havia nesta cidade, um jornal brasileiro que, com isso, um estadista deste Estado consolidava a sua posição política pela eleição sob a força deste jornal, arcando todas as despesas por conta própria.

O Estado de Mato Grosso era um grande estado, de tamanho tantas vezes maior do que Japão, mas a sua população era bem pouca que podia contar apenas em torno de 150 mil habitantes.

A sua capital chamava-se Cuiabá localizada num longínquo que levava para chegar duas ou três semanas de barco pelo rio Paraguai acima. O fato de ter aberto primeiramente, apesar de ser local tão afastado, tinha o motivo de ser o único meio de transporte antigo era de barco por rio e também, havia aqui, tantas produções de diamantes e ouros em pó.

Apesar de ser a capital do Estado, Cuiabá possuía apenas 10 mil habitantes que até o governador trabalhava propriamente carregando o lampião. Portanto, aquele boletim informativo de Campo Grande, pertencente ao partido do governo também, era nada mais que um órgão pobre que funcionava com apenas um operário e mais um impressor manual, com alguns números de tipos. Estava calculado o número de eleitores válidos em apenas 4 mil pessoas, portanto, se obtivesse um pouco mais de 2 mil votos válidos, já podia tornar-se rei do Estado de tamanho tantas vezes maior do que Japão.

Ele começava a trabalhar nesta tipografia, mas como naquela ocasião, a rivalidade política era violenta demais, além de ser fraca na parte do governo, a tipografia foi atacado por várias vezes pelo partido oposto, que a cidade de Campo Grande, à noite, quase caía no estado de sem nenhuma polícia.

De repente, estrondeavam os estampidos de tiros, em altas horas da noite e muitas vezes nas madrugadas, estavam

rolados nas ruas, possíveis cadáveres dos subordinados dos chefes dos dois partidos opostos.

Ao lado da oficina, havia o escritório, mas, na hora de escrever os artigos de maledicência do partido oposto, parecia tão inseguras que precisava ser vigiado pelos guardas de pistolas pelos dois lados da mesa e também nas portas da casa.

Quanto ao serviço dele, era a escolha dos tipos a imprimir, de acordo com as letras mal escritas a lápis, mas um dia, o chefe falou-lhe assim:

[Você, hoje à noite, fique na oficina. Pois, ouvi dizer que os malandros do partido oposto vêm aqui para destruir os impressores.]

Assim, o homem fez-lhe um pedido tão irracional, e se respondesse que “não”, seria uma covardia e sem jeito, aceitou-o, na qualidade de tornar-se um japonês valentão.

Após o jantar, ele veio à oficina e começou a trabalhar. Mas, à medida que a noite ia aprofundando-se mais, começava ficar com o medo. [Espere aí!]. Ele pensou que morrer aqui como um cachorro, seria uma bobagem, após acender todas as lâmpadas, bem como queimar as lenhas do aquecedor, para fazer uma camuflagem de que, aí estariam escondidas numerosas emboscadas, foi se embora para a pensão numa hora da madrugada e dormiu.

Na manhã seguinte, o chefe elogiou-o pela sua coragem, dando-lhe algum premio.

Esta contenda bárbara, mas terminando a eleição, voltou para a calma normal. Era abril daquele ano, o cônsul geral Matsumura de São Paulo, resolveu fazer uma inspeção desta região. O fato de o cônsul geral do Japão que vem visitar esta cidade tão interior do estado de Mato Grosso era uma coisa inédita, mesmo que isso fosse informal e a Prefeitura que soube disso, através do lado de japoneses, ficou honrada e fez um

preparativo de máximo possível de boas vindas, organizando uma banda de música em caráter emergencial.

O cônsul Matsumura, nem sabendo disso, ao chegar a Campo Grande, ficou mais assustado, ao saber um fato humorístico que um dos funcionários da Prefeitura que vinha receber esta comitiva de São Paulo na estação do trem e por engano, no lugar do Cônsul Matsumura, cumprimentou dedicadamente um moço acompanhante que era um simples recepcionista do Consulado.

Era uma pena para o Cônsul Matsumura, mas na verdade, embora este cônsul fosse uma figura tão fraca, mas o moço era uma magnífica figura entre todos os japoneses presentes daí.

Na ocasião, o Cônsul Matsumura com a preocupação de não dar nenhuma vergonha para este funcionário da Prefeitura, aconselhou ao moço em japonês que recebesse o cumprimento com plena naturalidade.

Era uma cena de certa penalidade para essas pessoas.

Sabendo que o Cônsul gostava de caçar, então, a Prefeitura preparou especialmente para esse fim. Era para correr de cavalo por toda a parte do campo, a fim de caçar os javalis ou veados, mas quanto ao Matsumura era um mestre em espingarda que jamais parecia como um cônsul geral da metrópole.

O cônsul geral Matsumura na véspera de ir embora para São Paulo chamou-o e falou:

[Na verdade, há aqui um segredo jamais a ser revelado para ninguém. Acontece que, a partir deste junho, vai começar a vir para cá novamente os imigrantes japoneses, mas se deixasse isso por conta dos jornais de Hoshina e de Kaneko, não resolveria nada. Então, estou pensando em radicalizar as orientações para os imigrantes através da publicação de boletim informativo da Associação da Imigração. Quanto ao dinheiro, já está entendido no setor competente que, talvez isso seja

efetuado dentro de seis meses. Enquanto isso, você poderá estar passeando por aqui.]

Para ele, era um caso de galinha morta, que ficou com uma sensação de subir para o céu. Tinha que agradecer ao Deus, por ter chegado à chance de obter êxito na meta que vinha abraçando a partir dos Estados Unidos que isso parecia para ele, melhor do que arrumar um bom serviço.

Quando ele conheceu primeiramente o cônsul Matsumura, foi no fim de 1914, que o Consulado Geral do Japão no São Paulo, ainda não estava aberto oficialmente, mas com a definição mais ou menos do ano seguinte, ficou de abrir informalmente e assim, ele podia pedir o adiamento sobre o alistamento do serviço militar.

Ao ver um secretário numa sala do consulado, ele entrou e falou:

[Sou quem veio dos Estados Unidos no começo deste ano e peço-lhe a emissão do atestado de residência.]

E apresentou ao secretário, um requerimento sobre o assunto. O funcionário estava escrevendo e perguntou-lhe sem ver-lo.

[Tem passaporte?]

[Não senhor! O cônsul geral de Nova York não me deu isso!]

[Então é impossível. Você desembarcou do navio?]

[Sim! Certamente desembarquei.]

O secretário parecia estar confirmando que ele fosse fugitivo de navio e ele também respondeu tão ironicamente, numa sensação de desafiar contra atitude tão arrogante do secretário e continuava trabalhando sem atender nada.

[Então, o senhor fala que não dá para fornecer uma certidão?]

[Se fosse possível provar que você é realmente um japonês. Pois, nestes dias, aparecem muitos coreanos que falam bem o japonês. Ne!]

Assim, cada vez mais ia sendo inadmissível. Que sujeito atrevido!

Com a raiva insuportável, ele jogou suas palavras ao secretário.

[Mas veja bem! Se eu obtivesse este documento tão importante, enganando até o consulado, mesmo que isso fosse enganado, que vantagem traria para este coreano que não serve para nada. Tudo bem! Se não der isso para mim, só vou embora!]

Indignado e ao ver que ele ia embora, o secretário virou a cara para ele e falou:

[Está bem! Não implique tanto! Vou remeter daqui diretamente este documento para o endereço do seu titular.]

Assim, resolveu o assunto satisfatoriamente.

Era no ano seguinte. Naquela ocasião, o consulado geral já tinha mudado para o centro da cidade, destacando o seu brasão de crisântemo. Chegando-se aí, novamente por causa de certidão residencial, mas, desta vez era bem diferente. Na primeira sala estava um homem de rosto solene e ao ouvir a fala dele (o autor) de:

[Favor atender-me!]

O homem perguntou-lhe:

[Como é que você está passando nestes dias?]

[Estou à-toa!]

[É? Que maravilha! É uma coisa admirável em viver sem fazer nada neste tempo. Eh!]

[Isso mesmo! Verdadeiramente seria uma maravilha em comer sem fazer nada, senhor!]

Ele respondeu num tom zombateiramente. Não era para contrariar só por causa de estar perante autoridade, mas, para

ele que veio vivendo nos Estados Unidos, no meio de qual quer atmosfera democrática, não podia aprovar isso. Ele estava acostumado de ver tais cenas de que o presidente da república, dentro do carro, ia sacudindo as suas mãos em resposta para com as aclamações das garotadas acima dos galhos das árvores, gritando; [Meu amável segundo povo!]

Isso que era o presidente de uma nação democrática!

Para ele que viveu no meio dessa democracia, sempre sentia tanta antipatia e ironia contra as palavras arrogantes das autoridades japonesas que no fim, responde para eles com as palavras satíricas que não devem ser ditas para as autoridades japonesas. Para uma repartição pública interiorana, parecia ser um pouco barulho demais e surgiu aí, uma voz da sala vizinha.

[Oh! Você! Venha cá!]

[Para mim?]

[É você mesmo!]

Quando entrava na sala, o homem falou.

[Como de sempre, você implica. Eh!]

Estava sorrindo, mas, ao anotar que, este homem que era o próprio Cônsul Geral e cumprimentou-lhe com as palavras de:

[Desculpe-me pelo outro dia do ano passado. Como sendo aqui uma repartição pública que não admite nenhuma conversação inútil, mas, de vez em quando pode vir passear aqui, pois está aberto para todo o mundo. Está disposto até a bebida!]

Ele, vendo a atitude tão familiar do Cônsul, embaraçou um pouco e pensou que “este burocrata é diferente dos outros”.

Assim, com este relacionamento, desde o começo de trabalhar junto com Kaneko para iniciar o jornal, de vez em quando, vinha para cá para conversar com o Cônsul que sempre foi bem recebido. O Cônsul falava-lhe:

[A colonização é um empreendimento trabalhoso e custoso. Só pode ser feito com os moços. Vocês façam seus esforços.]

Incentivou assim. Este Cônsul Geral era um tonel forte e quando embriagava, cantava a moda “Yosakoi” da sua terra natal, e também hábil em “Syakuhachi” (flauta). Como não tinha filho, a sua senhora de hospitalidade também gostava tanto da reunião dos moços e servia bem para eles. Esta senhora, para eles, parecia como se fosse uma flor do Oasis num deserto.

Para ele, (o autor) também, agora podendo encontrar por acaso com este Cônsul nesta imensa planície de Mato Grosso e mais, o fato de ter incumbido-lhe, uma parte da importante tarefa necessária para a colonização, era uma emoção realmente gratificante.

Assim, ele pediu a demissão no serviço de tipografia no Campo Grande, a fim de passar algum tempo com a vida folgada. Havia naquela ocasião, dois conhecidos desde tempo de São Paulo, que chegaram ao Estado de Mato Grosso, mas eles também não vieram para explorar os diamantes, mas sim, pelas curiosidades e vadiagens, que a maioria dos moços que abraçavam naquele tempo. Um deles era aquele Kano que trabalhava no jornal semanal “Nambei”, que posteriormente largou o jornal por briga grande com Hoshina.

Este Kano era natural da província de Tottori e após formar no curso italiano da escola da língua estrangeira, veio ao Brasil por acaso, deixando a sua família no Japão. Era um homem errante que vivia às vezes como um interprete da fazenda ou como o mestre de judô. Quando ele encontrava com Kano, estava trabalhando como um serrador numa cidade interior chamada Miranda, onde morava apenas menos de 100 famílias, distanciava umas 7 horas de trem de Campo Grande.

O outro era um homem chamado de Onaga que criava as galinhas no arredor da cidade de Aquidauana, retirada umas 3 horas de trem de Campo Grande. Tanto Kano, como Onaga, possuíam semelhantes idades dele (o autor) e também eram

errantes. Onaga pertencia à família antiga de samurai de Okinawa e estudou em Tóquio por mando do senhor feudal da província da época e depois formou no curso mecânico do colégio superior do navio mercante, mas era um dos escritores do tipo poeta que compunha bem os “tankas” (poesia curta).

Como não gostava tanto de cheirar o óleo queimado, enfim, desistiu de ser marinheiro e veio para o Peru. Daí atravessou a serra de Andes e desceu de jangada pelo rio Amazonas e no fim chegou ao Estado de São Paulo. No mesmo tempo em que ele (o autor) estava no Campo Grande, Onaga também estava em Aquidauana, vivendo pobremente sob o auxílio do seu colega, criando as galinhas.

Onaga era um barbudo tão profundo que, se deixasse sem barbear durante uma semana, a sua cara começava parecendo como se está boiando no meio das barbas densas. Além disso, como era um homem pequeno demais que nem chegava a 150 cm que isso fazia parecer tão caricato.

Onaga estava vivendo num pau a pique junto com as suas galinhas não tanto bastante, compondo os poemas prediletos ou lendo os livros, mas num dia, quando ele (o autor) visitou, Onaga falou-lhe:

[Como as galinhas não aumentava nada, eu estava suprindo-as comprando-as de um caboclo da vizinhança, mas, engraçado era que vinha vendendo sempre mesmas galinhas pelo mesmo vendedor e então estranhei um pouco e ao contar todas as minhas galinhas, descobri que certamente estava faltando. Tinha razão que, não aumentava nada, pois, aquele sujeito, além de roubar minhas galinhas, vendia-as novamente a mim. Assim não há razão de continuar este negocio que estou pensando em largar isso, pois eu estava pensando que, enquanto eu compunha os poemas, as galinhas iriam aumentando de modo automático. Mas não é. Isso não vai dar.]

Era uma história tão despreocupada. Assim, para Onaga, a avicultura não era um negocio apropriado. Vendo isso, um colega recomendou a Onaga que fizesse uma pescaria. Há um rio com a largura de 50 a 60 m na proximidade de Aquidauana.

Este rio fazia torrente sobre o leito só de pedras, onde nas águas límpidas estavam nadando os peixes tão vivamente.

Onaga primeiramente experimentou com o anzol, mas, nestes lugares havia tais piranhas que, com seus dentes agudos rebentavam facilmente as linhas de anzóis. O peixe tinha tamanho de 50 a 60 cm de comprimento com a forma de pargo e como possuíam dois pares de dentes agudos nos dois lados de cima e de baixo nas suas bocas, então podia contar isso 8 dentes por todo. Quando pescava, para os ignorantes deste peixe, ao pegá-lo, certamente iriam ser mordidos cruelmente pelos seus dedos ou palmas pelos dentes agudíssimos destes peixes.

Logicamente, não eram só destes peixes ferozes, mas para Onaga que não tinha nenhuma experiência como pescador e só cogitava em compor os poemas, não sairia bem com esta profissão. Então, agora pensava largar o anzol e queria experimentar a dinamite para pegar os peixes. Mas incrível era que, este caso também não deu certo, pois tinham os peixes grandes que engoliam dinamites.

Quanto a Aquidauana, há outras recordações para contar.

Esta cidade antiga com apenas 200 casas de habitantes que no seu subúrbio, moravam 4 a 5 famílias japonesas que cultivavam as verduras.. Um dos homens destas casas falava que:

[Eu estou sonhando todas as noites sobre o fato de que, uma bola de fogo ia saindo do meu lote. Talvez, podia achar aí alguns diamantes.]

Era uma história bem duvidosa. Na verdade parecia que nesta zona havia explorado os diamantes que, de vez em quando foram escavados certos instrumentos de extração dos

diamantes usados antigamente pelos índios. Além disso, numa história nem tanto antigo que num dia, apareceu nesta cidade, um cacique do índio com um tanto de diamantes no seu pescoço.

Ao saber disso, um americano de caráter não tão decente que veio explorar a mina desta região, num dia, depois de fazer embriagar este índio, acabou usurpando as pedras preciosas e sumiu-se. Com esta razão que o verdureiro, como ele está morando no mesmo lugar desta história, a partir daquele sonho de bola do fogo, estaria sonhando de obter em qual quer dia, aqueles diamantes preciosos.

Havia mais um verdureiro moço chamado Massuda. Este homem era um valentão que, há uns dois a três dias, quando estava trabalhando na roça, apareceu aí de repente, uma onça. Talvez, isso fosse de um instante de por acaso, confrontavam os olhos uns com outros e os dois, tanto Massuda como a onça ficaram com as maneiras pregadas no chão. Daí então, Massuda continuava lançando severamente seus olhos na testa da onça sem mexer e a onça ia afastando para trás dois a três passos sem fazer nada e depois virava o corpo e começava a fugir. Com isso, Massuda, num instante, começava a perseguir a onça com a enxada e a onça, pulou para subir num rochedo que ficava no meio do mato e virou para o lado de Massuda com a raiva de morder o homem. Nesse instante, Massuda estava encostado no lado da rocha e ao enfrentar com a onça, deu um golpe mortal de enxada nas costas da onça e em seguida, ia prosseguindo dar pancadas fortes para a onça até matá-la.

[Esta é a pele dela.]

Massuda mostrou a ele, a pele da onça de tamanho maior que 2 m de comprimento que estava secando no quintal.

Havia outro homem realmente afamado. Era cognominado como “Okame” (apelido para mulher feia), por parecer assim,

mas, até os brasileiros de vizinhanças chamavam com este apelido, imitando os outros japoneses.

Este sujeito chamava antigamente como “Ooikari”, nome profissional como um dos membros de “Ooseki” que era brilhante grau do setor “Sumô” (desporto nacional do Japão) da época, mas, pelo fato de ter matado o seu adversário com o golpe mortal, provocou a complicação, mas, como na ocasião, havia uma grande exposição internacional do Japão e da Inglaterra, aproveitando esta ocasião, Ooikari foi mandado para a Inglaterra, através da mão do grupo de espetáculo.

Segundo o dizer de Ooikari, depois da Inglaterra, foi para a Alemanha, onde exibia a arte de “Sumo”, em frente do general Kaizer. Mas, posteriormente, na ida para a Argentina, fracassou nos seus espetáculos e enfim tinha que chegar até o Mato Grosso. Na época, tinha uns 60 anos de idade, mas ainda possuía muita força que, de vez em quando, jogava os estrangeiros de grande vulto. Era um homem de graça que em qual quer parte foi bem recebido com suas bebidas prediletas. Se perguntasse a ele que. “Não gostaria voltar ao Japão?” o homem só expressava algum sorriso solitário.

O montante do rio Aquidauana era uma zona de produção dos diamantes, mas ainda não era local conhecida pelas populações, mesmo assim, ele (o autor), um dia, foi passear aí junto com dois ou três colegas, levando um guia.

Este rio torrente fazia volta pela serra e na sua continuação, havia um veio contendo os diamantes. Grãos pequenos de diamantes, com a ação da erosão pelos ventos, durante por muito tempo, iam juntando nas águas do rio, misturando-se com as areias. Aqui morava um homem velho sozinho, vindo recentemente do estado de Minas Gerais a fim de extrair os diamantes. Sabendo que o homem ficaria tão contente com os presentes de açúcar e farinha de trigo, ele resolveu levá-los.

Como o homem morava noutra lado do rio, ao chamar com [Ora! Ora!], o velho veio para cá, remando habilmente a canoa.

Dizia que, já fazia 2 anos depois da vinda para cá, que na volta da casinha sem as paredes, havia plantado um pouco de mandioca.

Num dos esteios da casinha estava pendurada uma rede e no lado desta havia um fogãozinho com bule. O velho parecia ter idade de mais de 60 anos, com a sua estatura tão pequena e na ponta de seu cavanhaque estava amarrada com o pedaço de casca de milho. Com sua camiseta rasgada e de calça modesta, fazia lembrar um eremita brasileiro.

O homem velho alegrou muito com o presente de açúcar e de farinha de trigo.

[Meu velho! O senhor morando neste lugar não sente solitário não?]

[Nada disso! Pois na noite, como a casinha sem as paredes, vários bichos vinham visitar até o lado da minha rede e no dia, passo procurando os diamantes, rachando as rochas ou mexendo nas areias do rio que não dá nenhuma monotonia.

[O senhor não catou nenhum diamante grande?]

[Catar, catei. Mas não tenho tanto como a gente pensa, mas para os pequenos tenho tanto.]

O homem pegou um chifre de boi pendurado no esteio e despejou as pedrinhas em cima de palma, fazendo um monte.

A maioria era branca, mas no meio dessas, havia alguns de cores verdes ou amarelas, mas todos eram tamanhos de feijão. Para os grandes, talvez estivessem escondidos nos outros lugares. Este homem, desde o tempo jovem até agora, veio vivendo somente na extração de diamantes, como se fosse um eremita no meio de montanha. Não era para extrair os diamantes só para querer o dinheiro e sim, para este homem, era uma alegria incomparável em pensar que agradaria tanta gente, com as tais pedras preciosas que ele possui nas mãos.

Se precisasse algum dinheiro na vida deste homem, ou quer passar folgadoamente o resto da sua vida, bastaria vender apenas só os diamantes guardados neste chifre de boi. Pois agora, para este homem idoso, parecia estar tanto atraído tais que, já nem poderia viver mais sem ver montanhas e rios dessa natureza.

Assim, o grupo dele (o autor), pegou o caminho de volta, ganhando cada um, 4 a 5 grãos de diamantes de presentes feitos por este homem idoso.

18-Tempo do Jornal “Brasil Jihô”

Logo após da chegada do navio imigrante em junho de 1917, chegou a ele, uma carta de Consulado Geral, com o tema de chamada urgente. Parecia ser de assunto importante e sigiloso, mas ao mesmo tempo, sentiu uma intuição desfavorável, pois, não encontrava na carta, nenhuma palavra que alegrava ele, além do sentido das frases serem demasiadamente simples.

Ele, ao chegar à repartição pública, o Cônsul Geral Matsumura falou lhe:

[Como já lhe falei, eu estava preparando aquele projeto, no entanto, com o navio imigrante que chegou à semana passada no porto de Santos, veio Kuroishi acompanhado de operários e um conjunto de impressor com tantos tipos, a fim de publicar o boletim informático pela Companhia da Emigração. O fato deste, para o agente do sucursal Taguchi também era um caso de grande surpresa. Daí então, eu na qualidade de cônsul geral, quando falava “não seria bom, uma companhia de emigração ter um jornal”, aí, Taguchi falou que: “Se não pudesse publicá-lo por intrometimento do Cônsul Geral, quem vai ficar embaraçado sou eu, portanto, por favor, concede-me isso, desde que quanto à redação deste, ficará sob a conta exclusiva do próprio Cônsul Geral.” Com esta razão, eu aprovei esta proposta junto com Kuroishi, sob a condição de

confiar a redação para você com o pretexto de que, o próprio Kuroishi não estar conhecendo nada sobre o Brasil.

[Como Taguchi também é conhecido e está abraçando tanta simpatia para com você que estou com alguma satisfação.]

Assim, ficou suspenso o projeto de instituição da Associação dos Imigrantes.

Agora, ao falar pormenores sobre a nascença do jornal “Brasil Jihō” era o seguinte:

O gerente geral da Companhia da Emigração Toyō, Kamiya no ano anterior, fez organizar a Associação da Emigração America do Sul, a partir de três Companhias da Emigração Toyō, Morioka e Takemura e depois em 1916, a fim de concretizar o re-contrato da emigração, Kamiya chegou ao Brasil como seu representante. Na ocasião, devido à grande guerra européia, como era difícil introduzir os imigrantes da Europa e então, os fazendeiros do Estado de São Paulo estavam na situação difícil de abastecer as mãos de obras necessitadas.

Como havia uma companhia da imigração chamada “Antunes” que possuía o contrato com o governo estadual, da introdução de 10 mil imigrantes anuais, sem dar nenhuma distinção sobre a sua nacionalidade.

Kamiya entrou na negociação com esta Companhia e conseguiu obter o contrato da introdução de 5 mil imigrantes japoneses anuais durante 4 anos que no total de 20 mil imigrantes. Sabendo disso, Hoshina do jornal “Nambei,” ele (o autor) e Kaneko do jornal “Nippak”, num dia, visitaram Kamiya e ao sugerir-lhe que doassem em nome dele, um jogo de tipos para cada um dos jornais, como sendo uma comemoração do sucesso desta Companhia da Emigração. Kamiya falou-lhes:

[Tudo bem! Mas, como não há sentido de ter 2 jornais, vocês dois, não há condição de unificá-las? Sendo assim, arranjurei os tipos para vocês:]

Era uma atitude arrogante. Kamiya na época, talvez não chegasse nem 40 anos de idade, gordinho e boa cor, num semblante como se fosse um “Momotarô” (personagem fictícia no conto infantil) desenhado.

Como sendo criado nos Estados Unidos, logicamente, quanto ao inglês era tão hábil e mais, como era um tipo ativo e esperto que talvez isso o fizesse gostar pelos superiores, pois, logo, a partir do momento da sua entrada na Companhia da Emigração Toyō, ia subindo cada vez mais pela escada do seu sucesso.

Mas, do ponto de vista humana, não chegaria nem ao pé de tal Hoshina. Pois o homem, às vezes, porventura, pode conseguir alguma coisa sem ter tanto talento específico. Como sendo costume do homem deste tipo, há tendência de subestimar as pessoas sem as posições, nem o dinheiro, considerando-as como se fossem idiotas.

No caso de entrevista com Kamiya, tanto Hoshina, como ele, esperava alguma coisa ideológica, além, daquele caso de ceder-lhes os jogos de tipos, mas, Kamiya era nada mais que um negociante comum dos imigrantes.

A unificação de dois jornais era logicamente impossível por ser caracteristicamente diferentes e também não agradavam nada com tal tipo do homem. Os três, após discussões caprichosas, foram retirados daí.

No caso de Kamiya, além de perder a sua paciência, julgava que, esses dois jornais iriam atrapalhar para a Companhia da Emigração e resolveu fazer acabar com estes dois jornais e partiu do Brasil para retornar ao Japão urgentemente, via Estados Unidos.

O fato de ter admitido ele no jornal “Brasil Jihō” que partiu após estas circunstâncias, não seria uma ironia? Ele pensou e no início achava que, não seria possível aceitar Kuroishi como o diretor deste jornal pela diferença de opiniões, mas, ao pensar

sobre as gratidões recebidas do Cônsul Geral e gerente Taguchi e também, o jornal, como sendo um setor competente para ele, que através deste, podia pronunciar alguma opinião para o bem da comunidade japonesa, aproveitando-se dessa oportunidade. Com esta tese, ele resolveu aceitar o cargo.

Os japoneses na cidade de São Paulo também iam aumentando cada vez mais, e na Rua Conde, já estavam abertas até as pensões e animadas com tais importadores Seguí e Nakaya, bem como as lojas de várias espécies.

No jornal "Nippak", no lugar daquele Suzuki, estava escrevendo Kano que veio de Mato Grosso e Hoshina estava aproveitando o jornal "Nambei" para as propagandas na construção da sua própria fazenda. O ativo Hoshina, desde ano anterior, contratou tais mil alqueires de terras no fundo da linha Sorocabanas, a fim de abrir aí uma colônia e o jornal semanal "Nambei" iria parar na boa ocasião.

Para os 15 mil japoneses introduzidos até o ano 1914, chegando a esta altura, relativamente mudaram. Uma parte que ingressou na linha Mogiana, na beira do rio Grande como orizicultores em grande escala e a outra parte que ingressou na linha Paulista, mudou para Pindorama da linha Mogiana ou para Rio Preto da linha Araraquara, tornando aos agricultores independentes, comprando as terras.

A fazenda Hirano da linha Noroeste ainda em situação difícil, mas para os de Lins e Birigui, sob a administração da companhia inglesa e no qual, graças à boa orientação de um jovem chamado Miyasaki, funcionário da secção dos japoneses desta companhia, podiam ingressar aí, cento e tantas famílias japonesas. Desta fazenda também, saíram consideráveis números de vítimas da malária, mas de qual quer maneira, por ser administrada pela grande companhia, diferente da fazenda Hirano que não deixava vazar tanto as más famas para fora.

Além disso, o gerente geral, o inglês James era um homem tanto humano, apropriado como um fundador da colônia, tanto que sempre presenteava as cabras boas de leite para as famílias adoecidas, alegando que, as doenças dos japoneses, sempre provem da desnutrição. No rosto de James que acompanhava o enterro para o cemitério, estava repleto de magoa que ia penetrando até o fundo de coração para com a alma da pessoa.

A fazenda Iguape, construída com o esforço de alma e de coração de Aoyagui, estava na condição de poder ingressar os imigrantes verdadeiramente, a partir deste ano. Quanto à construção da linha de ferro de Santos também estava finalizando no seu ponto final em Juquiá.

Na linha Sorocabana, além da Fazenda Monção, estava de construção a fazenda de Hoshina, no fundão retirado uns 90 km da estação Indiana, ponto final desta linha. Logicamente, como Hoshina já ciente que esta estrada de ferro passaria futuramente pela fazenda dele, por isso abriu esta fazenda no fundão desta, mas, para ingressar nela, as dificuldades e sofrimentos das primeiras famílias que enfrentaram, eram tão duras que nem podiam imaginar.

Para os pioneiros da imigração daqueles tempos, havia muitas histórias grandes e pequenas de tragédia. Por exemplo:

Um menino filho adoeceu, mas não tendo remédio, dinheiro nem o arroz para fazer canja. O pai do menino, com a vontade de salvar o filho, ia correndo pela distância de 90 km até Indiana, e ao falar sobre o caso com o dono da farmácia no perto da estação, o homem, gentilmente, além do remédio arranhou-lhe até o dinheiro para comprar o arroz. O pai pulou de alegria e após agradecer ao farmacêutico, começava a andar apressadamente pelo caminho de volta de 90 km. Mas o que para este pai encontrava na sua casa era o seu filho sem a respiração. Havia tantos casos assim na época. Mas, para essas, se as autoridades do governo e as pessoas importantes do setor

da imigração tivessem suficientes ponderações sobre a verdadeira imigração podia ter evitado a maior parte desses sacrifícios inúteis.

Como o jornal "Nippak" de Kaneko, ia sendo oprimido cada vez mais pelo "Brasil Jihō", órgão informativo da Companhia da Emigração, no fim de tantas preocupações para recuperá-lo, Kaneko resolveu voltar ao Japão em 1918, a fim de arrumar o dinheiro na compra de tipos e também para outros fins.

Depois da partida de Kaneko, ele, (o autor) querendo concretizar alguma ponderação sobre o futuro da imigração japonesa, logo no início daquele ano, partiu para a viagem de observação da região das Linhas Noroeste e Mogiana. Após a viagem de 2 meses, o que concluiu foram 3 pontos seguintes, aproximadamente.

1º- Caráter permanente dos imigrantes

Como o exemplo dos imigrantes de caráter "dekassegui" para ganhar só os dinheiros e retornar logo ao seu país e foram simplesmente remetidos pelo governo japonês, sem ter nenhum plano concreto, mas isso, ironicamente deu um resultado invertido por motivo de ter adotado o tipo familiar que dava importância no casal da média idade que dava a maior taxa de natalidade e pela conseqüência, com o aumento repentino de família, tornaram a eles dificultar mais para o retorno rápido para a sua terra natal, de acordo com o plano inicial desde a partida. Enquanto os pais repetindo seus fracassos para ganhar os dinheiros, os filhos iam crescendo neste país sem ter nenhuma preocupação. Assim, para os imigrantes familiares deste tipo, já era feito com o destino de não poder voltar mais para a sua terra. Também isso deveria fazer o verdadeiro sentido em permanecer neste país.

Era importante que, como é que radicalizar esta idéia para todos os imigrantes e às autoridades competentes do Japão.

2º- A educação para os filhos dos imigrantes.

Era o Brasil da época em que passado nem os 30 anos da libertação dos escravos, podia dizer que não havia quase nada sobre a educação para as crianças, nem nas grandes fazendas no Estado de São Paulo.

Para tais importantes ensinamentos da língua japonesa também não havia nenhuma esperança para os pais errantes e carentes de recursos econômicos. Portanto, quando pensasse sobre a educação infantil como no seu centro, tinha que pleitear firmemente a necessidade absoluta da colonização agrupada dos imigrantes japoneses.

3º- Número dá as forças.

Mesmo os imigrantes analfabetos europeus, por meio da força de maior número, já estão consolidando suas bases firmes e possantes no Estado de São Paulo. Às vezes, pode acontecer o caso de que a “qualidade é prioritária do que o número”, mas, pelo menos, numa situação dessas dos imigrantes japoneses no Estado de São Paulo, exige o maior número dos imigrantes japoneses. Portanto, nesta ocasião, há necessidade de aumentar a vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil através de propagandas.

Havia gente que falava tantas asneiras que, “a imigração é o precursor do comércio internacional”, mas a imigração mesma, está possuindo grande força e significação sob o ponto de vista étnico. Se introduzisse sem nenhuma restrição, às vezes provocariam certos problemas, mas, para o governo também, se não surgisse nada de problema não poderia ser definido adequadas políticas, nem para desacordar os olhos das populações. Esta era a opinião definitiva dele.

Pelo resultado da viagem feita acima mencionada, ele ficou de viajar para o Japão, com o fim de fazer propagandas sobre a recruta dos emigrantes para o Brasil. Ao consultar sobre isso

para Kamiya, gerente geral do sucursal da Sociedade Emigratória da época, o homem falou:

[Acho muito boa a idéia sua! Mas não havia nenhum exemplo de tomar a iniciativa de recrutar os imigrantes pelo lado do Brasil, não posso arrumar-lhe a passagem do navio, só por minha decisão própria. No entanto, posso arrumar a você, uma passagem de 3ª classe na qualidade de ir tomar conta de 10 e tantos imigrantes de socorro para o retorno ao Japão pelo navio Hawaii Maru que parte neste maio.]

Quanto à passagem, não havia nenhum problema para ele que estava resolvido a ir por conta própria, mesmo tomando um empréstimo com os outros, caso a Companhia não aceitasse ele.

19- No Barco de Regresso Para o Japão (1)

No mês de maio de 1918, para ele, era o primeiro retorno para o Japão depois de 13 anos. Não era retorno triunfante, e sim, era um retorno apropriado como um guarda dos imigrantes do socorro, carregando somente uma guarda chuva. Era um retorno pobre que não podia levar nem os presentes para os parentes. Mas, se pensasse que era um retorno para o desenvolvimento do além mar da etnia nipônica, podia consolar a si próprio. A mãe dele já tinha falecido quando ele era criança e o pai também faleceu durante a estada dele nos Estados Unidos e a chefia da família foi herdada pelo irmão mais velho.

Ele que largou propriamente a sua terra natal no tempo de sua juventude, mas as recordações durante a estada nos Estados Unidos eram aquelas de saudosos rios e montanhas ou calorosas amizades dos parentes e amigos que, além dessas, não havia fato de desgosto neste mundo.

O navio Hawai Maru de 10 mil toneladas, atracado no cais de Santos, apresentava seu parapeito torto, causada pela inédita tempestade forte, encontrada no oceano Índico na última viagem levando os emigrantes japoneses. Segundo o dizer,

parecia ter sido tão forte o tufão que, até os barquinhos foram arrebatados pelas fortes ondas, durante os 3 dias e noites sob a demasiada depressão atmosférica. O comandante e a 1ª maquinista chamada Kobayashi estavam dispostos a morrer, colocando em frente de cada um deles, o revólver e a espada japonesa. Como não podia nem cozinhar foi distribuído tais pães pretos aos passageiros, mas para eles, não sabendo nada sobre esses riscos, conversando:

[Está balanceando muito. Ne!]

[É diferente de outras vezes. Eh!]

Assim, eles estavam relativamente calmos. Segundo o dizer dos marinheiros de, “se isso fosse de barco velho de umas seis mil toneladas, talvez, já teria sido desaparecido, mas, como do nosso, sendo de 10 mil toneladas e não tão velho, na ocasião da tempestade sinto reforçado”. No fim, felizmente, Hawaí Maru escapou de naufrágio e conseguiu chegar ao Brasil são e salvo.

Após os consertos no porto de Rio de Janeiro, iniciou a sua viagem de retorno e em Santos, estava carregando os cafés para a África do Sul.

Ele, num dia antes da partida, chegava ao Hawaí Maru junto com o seu colega Aida. Este Aida, antigamente era um dos marinheiros que trabalhava muito tempo na seção de maquina e era um dos fugitivos do navio imigrante há um ano atrás.

Naqueles tempos, não era tão raro que, havia rapazes dentro dos marinheiros que trabalhavam nos navios imigrantes que iam criando certas intimidades com as moças imigrantes durante essas longas viagens até cair no namoro proibido, ou outros que, no fim de vários jogos de azar disputados nos grupos de marinheiros, onde, muitas vezes derrotados e ficariam até não poder fazer nada, senão fugir do navio. Eram esses motivos que os levavam a ser fugitivos dos navios que, na sua maioria era de solteiro.

Havia casos que, por causa de muitos fugitivos, um desses navios não podia partir do porto de Santos para a sua viagem de volta pela falta de marinheiros, senão fizesse um recrutamento de caráter emergente dos membros para suprir a sua escassez.

Aida era um marinheiro veterano, além de ser confiado por seu comandante e estava encarregado como um vigia dos fugitivos. No entanto, como este Aida mesmo tinha intenção de fugir, estava de aplaudo disso. Pois, depois de deixar fugir um grupo do outro, ele mesmo, derradeiramente ia fugindo para longe, enganando os outros, como se perseguisse aqueles fugitivos que ele deixou escapar.

Depois desta fuga, Aida estava vivendo como interprete numa fazenda, ou como um pintor e às vezes como um dos errantes que, num ano, acabou casando com uma moça de 16 a 17 anos de idade. Logo nasceu um filho e a moça tornou-se uma boa esposa, mas como havia muita diferença nas idades e sendo quase analfabeto, o lar não ia tão bem. Posteriormente, Aida mudou para São Vicente, vivendo como um guarda da casa de veraneio de um velho visconde e também passava o seu tempo folgadoamente como um pescador.

O Cônsul Geral Matsumura gostava da pesca e às vezes levava este Aida como um guia. Daí, com este relacionamento, o Cônsul sempre manteve a sua intimidade com Aida, e de vez em quando, na hora de tomar as pingas, brincava-o com as palavras de:

[De toda a maneira, Aida é uma pessoa clandestina. Não é?]

Para Aida, isso era uma dor que valia pena pensar em até voltar ao Japão em qual quer ocasião, a fim de tirar o seu passaporte para vir ao Brasil novamente. Mais ainda, além disso, Aida, por ser o sucessor da família que a sua mãe idosa sozinha, estava aguardando a sua chegada, criando um neto que a esposa anterior dele deu a luz.

No entanto, para Aida, antes de viajar ao Japão, havia outro problema a deixar arrumado aqui no Brasil. Era a questão de arrumar o dinheiro para a despesa de vida da sua nova esposa durante o período que Aida estaria ausente. Pensando assim, como não era só o caso de arrumar a passagem do navio para ir e voltar ao Japão e ficou com um pouco de preguiça e ia atrasando cada vez mais para definir este desejo.

Agora, o fato de um conhecido dele voltar ao Japão, mesmo só com uma guarda chuva, mas sob a intenção de servir para os conterrâneos, para um homem emocionante como Aida, seria um caso invejável.

[Se achasse algum conhecido meu neste navio, vou recomendar lhe sobre o caso de você!]

Assim Aida, no convés de Hawái Maru, ao perguntar a um dos marinheiros, este assustou e gritou:

[Oh! Não era o senhor Aida?]

Cumprimentou saudosamente.

[Faz muito tempo. Ne! Quantos anos seria? Não dá para conversar de pé. Venha cá para o meu quarto!]

O homem ia guiando Aida e ele.

Este marinheiro tinha época que trabalhou junto com Aida, mas agora, tornou-se chefe dos foguistas, dando certas influências para com os outros. Após mandar trazer alguns aperitivos, Aida e este chefe dos foguistas iam conversando saudosamente sobre os pormenores dos antigos conhecidos.

[Eu também estou querendo pelo menos uma vez voltar ao Japão, nas sem o dinheiro não há nenhum jeito.]

[Não! Não é! Só para voltar ao Japão não é nada. Eu assumo a sua responsabilidade. Vamos com este navio!]

[Está certo? Não dá problema não?]

[Não há problema não! É a recompensa da antiga gratidão recebida. Fique tranquilo!]

[Isso é muito gratificante!]

[Não precisa agradecer nada. É pouco, mas tenho aqui algum dinheiro. Leve este agora para sua casa e deixe-o na mão de sua senhora. Pois, neste barco, há muitos que deram tantos trabalhos para o senhor, pois, haveria mais três ou quatro pessoas da mesma situação no navio atracado em Buenos Aires, portanto deixe tudo por minha conta, sem nenhuma cerimônia pois, está sendo uma questão recíproca.]

[Pareço que estou sonhando! Então vou embora para casa e retornarei amanhã para cá já preparado.]

Parecia que Aida estava num paraíso com tanto bom humor.

Noutro dia à tarde, o Hawaí Maru partiu de Santos com o destino para Buenos Aires. Como naquela ocasião, ainda não estava terminada a grande guerra européia que restava algum receio de perigo no oceano Atlântico, o navio estava de controle de luzes. Sem saber bem sobre a sua rota marítima, o navio gastou mais de uma semana para a rota de 4 dias normais.

No Buenos Aires, o Hawaí Maru foi obrigado a permanecer atracado durante 18 dias, devido à greve geral dos trabalhadores do porto.

A primeira coisa que fez espantá-lo, após a chegada no Buenos Aires, era Kaneko do jornal “Nippak” que deveria estar já no Japão, ainda achava-se nesta cidade. Depois ficou sabendo que, este Kaneko estava aguardando a chegada deste Hawaí Maru, na casa do cunhado dele que vivia como verdureiro, mudado do Brasil.

Pois Kaneko também jamais pensava nem no sonho que Aida e ele (o autor) estavam embarcados neste navio. Era uma verdadeira ironia de os rivais se encontrarem no mesmo navio.

Durante os 18 dias de estada no Buenos Aires passou ocioso, exceto as corridas de cavalos nos domingos. Comparando com Rio de Janeiro e São Paulo, Buenos Aires era realmente uma capital pomposa, mas sem nenhum acidente nas

ruas. Por estar no tempo de frio, para as pessoas que moram no Brasil não era um local agradável.

Quando estava em ociosidade, num dia, veio um portador do jornal japonês chamado “Semanal de Buenos Aires”, com o recado de pedir a presença dele (o autor) sem falta, para uma reunião de “Sukiyaki” (prato típico japonês).

Logicamente para ele, como não tinha nenhum conhecido neste jornal, podia não ter atendido este convite, mas como sendo da mesma profissão e também estava tão ocioso, resolveu comparecer nesta reunião, sem pensar bem.

Para a reunião foi acompanhado por este portador de recado, onde recebeu um inesperado mau tratamento pelas pessoas desconhecidas. Eram uns 15 a 16 pessoas e levou-o a um lugar fundo de todos. O diretor do jornal estava sentado no centro, mas reinava aí, uma atmosfera esquisita que ele estava estranhando isso. De repente, um sujeito parecendo um ordinário levantava aí e virou para ele gritando:

[É este cara que é o espião da Companhia da Emigração. Eh?]

[Não fale assim com ousadia! É bom ouvir bem primeiramente, a história dele!]

O diretor, na qualidade do chefe, acalmou-o.

[Nada! Surre-o primeiramente, assim sai mais depressa!]

Gritou outro homem. Para ele, fugir daí era fundo demais.

Desde que foi planejado anteriormente induzindo com uma isca de “Sukiyaki”, agora, não podia fazer nada. Ele então decidiu apresentar lhes a sua pretensão com a total crença de si mesmo e o resto, tinha que deixar por conta de Deus. Assim, numa situação de vida ou morte, ele começou a falar:

[Eu vim aqui, atendendo ao convite direto do jornal “Semanal de Buenos Aires” para a reunião de “Sukiyaki”. No entanto, ao ouvir tais palavras ameaçadoras estou muito desagradado. Eu não fujo, nem escondo. Se for por causa

razoável, não reclamo nada, mesmo sendo surrado tanto quanto possível, mas, ao ver agora, os senhores não estarão enganados não? Segundo a fala, parece que os senhores vieram ao Brasil nos 1º e 2º navios de imigrantes e nas ocasiões, como foram maltratados tanto pelas Companhias da Emigração, os senhores estarão ressentidos para estas Companhias, mas atual Companhia da Emigração é uma existência completamente diferente das anteriores. Atualmente, eu sou o encarregado da redação do jornal "Brasil Jihô" e sem dúvida, este é o verdadeiro órgão informativo da "Companhia da Emigração". No entanto, por esta razão, não há nenhuma razão de eu ser surrado pelos senhores. Se fosse o fato de que o meu artigo escrito que prejudicasse os leitores, então eu entendo, mas, não sendo disso, indique o ponto onde há essas teses indecentes escritos por mim até hoje. Supondo a partir desta atmosfera desagradável, posso imaginar que o convite de hoje, podia ter sido planejado por seu Kaneko do jornal "Nippak" que veio do Brasil para cá. Se fosse assim, chame-o aqui. Como o jornal "Nippak" foi publicado com os esforços penosos meu e de Kaneko e com certa razão tinha de separar dele, mas seu Kaneko era um dos melhores conhecedores de mim sobre a minha personalidade.]

[Não! Não tem nada com o seu Kaneko!]

[Não tem nada? Duvido disso. Pois eu o vi na cozinha daqui.]

Ao falar assim, então, para todos também parecia ter entendidos sobre a diferença dos dizeres falados entre Kaneko e a dele e o ambiente ficou mais ameno, reconhecendo que não havia nenhum pretexto de surrá-lo. Quanto a ele, aproveitando esta ocasião, levantou daí e foi embora com o ar indignado.

A Argentina nessa época, pela conseqüência da grande guerra européia, estava em boa situação econômica com a exportação de trigo e gado e também como o Comercial Nipo

Argentina estava bem animado com os negócios de variados artigos. Havia até uma história fantástica que um novato recém formado na escola de língua estrangeira ganhou um abono especial de 100 mil ienes (500 contos de reis), numa só viagem de compra de lã da Argentina.

Como sendo assim, ele, (o autor) nunca duvidou das palavras pronunciadas de Toyoshima, gerente geral da Companhia Comercial do Japão sobre a promessa da compra de um saco de amendoim para as crianças dos imigrantes de socorro, assim que o navio chegasse ao porto de Buenos Aires. Este Toyoshima também já conhecia estas crianças dos imigrantes, pois ele embarcou em Santos junto com elas. Acontece que, quando o navio chegava a Buenos Aires, essas pobres crianças, não podendo esquecer ainda sobre aquela promessa do homem de presentear-lhes um saco de amendoim, elas estavam permanecendo no convés do navio aguardando este tio até a hora da partida do navio. Mas qual? Não homem, nem saco de amendoim, nada apareceu aí.

O Hawái Maru que partiu de Buenos Aires com o destino à África do Sul, navegava com o controle das luzes, sem definir bem a rota marítima, nem sabendo quando é que vai chegar ao porto da Cidade do Cabo.

Os passageiros japoneses de 1ª classe só contavam com os membros da família de Yusaburõ Yamagata. Para a 3ª classe constava com dois quartos seguidos com um pouco mais de 20 pessoas. Dentro destas, além dos imigrantes de socorro, acomodavam ele, Kaneko, um homem chamado Kohara e mais um moço da província de Kagoshima. Quanto a Aida, como sendo um parasita, pousava no quarto dos marinheiros, mas todas as noites vinham cá para conversar com ele.

Tal moço de Kagoshima tinha uns 26 a 27 anos de idade que veio ao Brasil como um dos imigrantes mineiros para a extração de ouros no Estado de Minas Gerais. Mas, como era

um imigrante simples sem ter nenhuma experiência e também pela divergência no contrato, foi envolvido num tumulto dos trabalhadores e enfim, este moço fugiu desta mina e depois de tantos duros meses, conseguiu sair para São Paulo onde empregou como um doméstico. O desejo deste moço era para poupar 10 mil ienes no decorrer de 10 anos e depois do retorno para o Japão onde ia formar um lar pacato, casando com uma moça decente. No entanto, mesmo que isso não fosse tão desejo irreal, com o ordenado mensal de 60 mil reis, calculasse que calculasse, era impossível economizar mais que três mil ienes no período de 10 anos. Daí então, o moço resolveu comprar as loterias com a meta de acertar só uma vez para cada 10 anos.

O moço começou a comprá-los mensalmente, economizando ao máximo aqueles 60 mil reis do ordenado. O moço escolheu única agência de loteria, dentro de várias agencias, onde continuava comprar exclusivamente aí todos os meses, durante três anos, não importando nada de chuva ou de sol.

Numa noite, este moço sonhou nitidamente com o bilhete e o número da loteria também, pensando assim como um mistério, e no dia seguinte, foi procurar isso na casa de loteria costumado e encontrou aí exatamente aquele bilhete do mesmo numero do sonho. O moço pulou de alegria e ao comprá-lo enfim, conseguiu acertar o premio de 10 mil ienes.

Na época, esta quantia valia um pouco menos de 20 contos de reis, mas na hora de recebê-los do banco, como necessitava de um testemunho, o moço, recomendou isso para uma pessoa chamada Kamasaki da Cia Fujisaki. Segundo o dizer deste Kamasaki, o moço na hora de receber o dinheiro, começava a contar uma a uma as notas, mas quando na altura de 50 ou 60 notas, ficava com a sensação de ter contado errado e ia contar novamente desde a primeira.

O moço, ao repetir desta maneira, assim duas ou três vezes, o seu rosto ia ficando avermelhado, tornando-se um anormal,

resmungando com as palavras de; [É necessário ter paciências para todas as coisas.]

Essas palavras dariam real sentido, quando pensasse que o fato de o moço continuava comprando as loterias pacientemente durante os três anos seguidos e também estava gravado na cabeça deste moço, as palavras emitidas por dono desta loja lotérica, quando moço ganhava esta loteria foram assim:

[Enfim! Você acertou comprando sempre. Eh! Para todas as coisas precisam ter paciências. Ne!]

O moço trazia este 10 mil ienes em forma de moeda inglesa de ouro e todas as noites, nas horas em que todos os passageiros estando dormindo, contava secretamente estas moedas, retirando do saquinho uma por uma, sorrindo. Era um rapaz bondoso, tanto que fazia alegrar as crianças dos imigrantes do socorro, trazendo sempre algumas coisas compradas na cantina do navio. Também no fim da brincadeira de jogos de carta, era ele quem agradava todos com alguns apetitosos.

Para este moço, essas coisas de servir os outros, parecia estar meio entendido como se fosse um dever de quem foi bem sucedido. Mas, a maior preocupação de todos, a respeito deste moço era que, quando estando sozinho no convés, vinha se excitando cada vez mais, murmurando assim; "se eu não estivesse comprando aquelas loterias, seria difícil atingir o sucesso atual e também, se não tivesse nenhuma loteria aqui no Brasil, talvez eu não pudesse ter voltado jamais para o Japão. O Brasil é um país felizardo. Tudo isso foram à mercê da paciência. Obrigado!".

No Barco de Regresso ao Japão (2)

Outro homem chamado Kohara, nasceu como irmão mais novo de um barão e já possuía idade um pouco mais de 50 anos com seus cabelos grisalhos. Este Kohara, não parecia tão

libertino de nascença, mas, como nasceu numa família de renome, si mesmo, não sabia que isso, fosse feliz ou infeliz da vida. Tinha que viver sempre no meio de só para dar a importância pelo nome da família e também, pelo fato de precisar viver no meio de tantas divergências de tratamento familiar entre ele e o primogênito, e no fim da resistência, fez com que ele mesmo entregasse cada vez mais para a vida libertina, no meio de sensação desesperadora.

Assim, com o pretexto de prejudicar o nome da família, este Kohara foi desterrado para todas as partes do mundo, a partir do arquipélago Ogasawara, Oceania até Sibéria, mas, apesar disto, assim que sempre descobrisse qual quer boa ocasião, vinha retornando com bom pretexto, embaraçando a família deste barão. Dizem que, o irmão mais novo de Kohara era um grande simpatizante pela honra da família e no fim de lamentar pelo seu vergonhoso irmão mais velho, um dia pressionou Kohara para o suicídio, a fim de fazer “Harakiri”, apontando-lhe a tradicional espada da casa. Kohara espantado, não querendo morrer ainda, acabou fugindo para fora da casa.

Casualmente, descobrindo o Brasil, como um lugar ideal para Kohara, a família do barão, após depositar algum dinheiro na Companhia da Emigração, enviou-o até o porto de Yokohama, a fim de fazer embarcar no navio para o Brasil.

Para as palavras do governante da família de: [Desta vez, faça favor de paciência. Ne!] Para esta, Kohara respondeu:

[Nada! Logo venho embora de novo. O exílio é só para onde não vai nenhum navio. Ao chegar a casa, fale ao meu irmão que, para onde vai o navio, haverá também o navio de volta. Viu!]

Despediu-se assim, falando com maledicência. No São Paulo, estava vivendo sempre sem trabalhar nada, até que ficasse sem ter nenhum centavo no bolso. Assim, enquanto tivesse algum dinheiro, passeava no bordel com o smoking, ou

noutro dia, a ser roubado o relógio de bolso por um gatuno e outros. Vendo isso, para o lado da Companhia da Emigração também ficou embaraçado com Kohara, e um dia após enganá-lo, enviou-o para uma fazenda no interior, a fim de castigar um pouco, notificando isso anteriormente ao fiscal da fazenda. Mas, Kohara também não era uma pessoa comum. Quando chegava a fazenda, de vez em quando, apertava o coração com suas mãos e falava ao fiscal, franzindo a sua testa como se fosse de dores.

[Eu sou assim na Oceania também. Tinha vezes que provocou infarto do coração que quase ia morrer.]

Para o lado de fiscal, apesar de que foi recomendado pela Companhia da Emigração, maltratar este sujeito que tem um irmão barão de grande popularidade, não seria um caso aplausível e deixou-o viver livremente por algum tempo, mas chegando ao seu limite, mandou-o embora para São Paulo, dando-lhe a passagem. Para a Companhia da Emigração também, como ele que, mesmo mandasse a qual quer lugar, vinha retornando facilmente, então, só restaria a única solução de fazer retornar este Kohara para seu ponto de partida, que era o Japão.

Este Kohara, não era uma pessoa de má qualidade. Só vivia comendo e bebendo com os dinheiros emprestados, aproveitando a fama e a riqueza da sua família. Mas isso, além de incomodar, era muito prejudicial para a fama da própria família dele de tradição.

Por outro lado, Kohara era um homem de certa piedade que, para uma pessoa que fizesse sentir alguma pena, muitas vezes, ele dava-lhe o dinheiro que tomou emprestado de outra pessoa para ele beber. O único costume mau dele, ou pode ser que seja por defeito do órgão urológico dele, na noite que ficava bêbado, urinava sempre na sua cama. Às vezes mostrava uma atitude

arrogante por pertencer á família nobre, mas, como estando bêbado, dava a gente até o humor, em vez de ódio.

A cama de Kohara na cabine era na parte superior. Nas camas inferiores, dormiam uma viúva e seu filho que os dois eram dos imigrantes de socorro. Numa noite, após todos deitados em silêncios, Kohara, de repente, levantou da cama e ia pendurando suas pernas para fora da cama e ia desbotando sua cueca.

[Ora! Está vazando água. É muita! Mas parece que um pouco salgada. En!]

Esta viúva, um pouco tonta, não percebia ainda o que era isso;

[Ora! Vocês imigrantes! É a urina do nobre. Aprecie-a.]

E urinava longamente. O bêbado, após acordar, como ia se desculpando com tanta sinceridade até aceitavam qual quer condição de desculpa pela sua recompensa, ninguém chegou a implicar disso com mais rigor.

Com as presenças deste Kohara e de moço da loteria, acabou não tendo nenhum caso desagradável entre Kaneko e ele (o autor) e a viagem ia prosseguindo normalmente. Além disso, Kaneko, como possuía tantos pontos comuns com Aida, do ponto de vista da atual situação dele, a partir de Buenos Aires, ia sempre permanecendo no quarto de Aida e também no de “General Yamagata” de sua estimação que isso, para ele (o autor), era uma boa conveniência.

Por ser um barco de carga, mesmo que fosse de 1ª classe, parecia não ter agradado tanto Yamagata que, num dia, provocou o comandante, a respeito da refeição do dia a dia.

[Comandante! Será que o navio é do Japão? Se fosse do Japão, a refeição não seria bom trocar para japonês? É um pouco estranho em fornecer refeições ocidentais por estar um punhado de europeus. Pois, se embarcasse no navio estrangeiro, mesmo que estivessem alguns passageiros japoneses, não

fornecerá nenhuma comida japonesa. Tanto que, o navio japonês é o prolongamento do Japão. Não é?]

E deu uma gargalhada.

[Senhor Yamagata! Isso é difícil. Pois, foi definido pela Companhia própria!]

[Não fale bobagem. Que insensatez! Um comandante não pode ficar assim, pois fique fingindo como se não soubesse nada, mesmo depois de fornecer as refeições japonesas. Mesmo assim, se os estrangeiros reclamarem, mande-os desembarcar em qual quer um dos portos. Se não fizer isso, jamais enaltecera o prestígio da nação nipônica. Eu também, antigamente possuía tantos navios e mesmo o meu irmão estar trabalhando na rota marítima estrangeira nunca deixava os estrangeiros ficar arrogantes, salvo alguma gentileza para com eles. Como é comandante?]

Assim, o “General Yamagata” deu uma gargalhada abafada, mexendo seus grandes globos oculares de direita e de esquerdo.

Depois desta reclamação, as refeições para a família Yamagata mudaram para o tipo japonês, mas, tanto o comandante, como o comissário de bordo, ao ver a figura de Yamagata, talvez sentisse alguma antipatia, iam sumindo ligeiramente para o lado oposto.

Como Kaneko já falava, Yamagata era realmente um homem intrépido existente neste mundo. Se tivesse nascido no tempo da idade média, talvez esteja alcançado a um mandão de bandos de piratas ou descobridor de algum continente.

Era 2 ou 3 dias antes da chegada a África do Sul. Como o navio estava balançando demais pelas ondas altas, a maioria dos passageiros ficava no quarto fechado, mas, só Yamagata, com a sua aparência grosseira, de altura mais de 1,80m e o rosto barbudo de olhos brilhantes nos fundos, saiu ao convés de cima e começava a puxar um menino com 10 anos de idade mais ou menos, de um lado para outro. Yamagata estava de

roupa com gola fechada e boné de caça. Esses trajes também jamais combinavam nesta atmosfera de alto mar.

No balançar do navio, o menino, perdendo o equilíbrio ia caindo pela escadaria para o convés inferior. Um marinheiro que ia passando por aí, queria acudi-lo. Daí surgiu um grito do convés superior.

[Não toque no filho do outro!]

Era Yamagata com seus olhos brilhantes de águia.

[Parece que seu filho machucou-se.]

[Obrigado! Estou ciente disso. Deixe-o sem mexer nada!]

[Venha subir logo para cá!]

Com este grito de Yamagata, o menino ia subindo pelas escadas, sacudindo a mão sangrenta, mas sem o choro.

Posteriormente, quando ele (o autor) perguntava a Yamagata sobre aquela atitude cruel tomada, o homem respondeu:

[Eu estou com mais de 60 anos de idade. Parece-me difícil ver a maioria deste filho. Portanto, estou criando-o para ficar mais forte, com o estilo de Sparta. Às vezes, há ocasião de sentir alguma pena, mas, senão crio-o para ser tão forte, jamais morrerei com tranqüilidade.]

Assim, Yamagata também era um pai de seus filhos.

O objetivo principal do retorno para o Japão desta vez de Yamagata era para encontrar com o irmão mais novo Seishichirō Nakamura, mas para o outro plano, se for possível, queria abrir mais nova rota de navegação pela costa brasileira e abrir uma faculdade em Rio de Janeiro.

O irmão Seishichirō era um dos ricos do setor da navegação, mas era um homem de caráter nobre, tanto que na ocasião da construção do porto de Hakata, como no caso da deliberação do preço de transporte de carga pelo navio, na ocasião do ataque a Tsingtau, não poupava tantos sacrifícios, julgando que isso fosse para o benefício da nação nipônica e também não recebia nenhum centavo pelos os lucros injustos.

Quando Yamagata veio ao Brasil a custo, por ter sido derrotado economicamente na região norte do Japão, este Seishichirō também estava numa situação difícil que, não podia fazer nada para o seu irmão na época. Mas na verdade, este Seishichirō era bom colaborador de Yamagata, tal que, vendo a sua restauração econômica, vinha consolar o seu irmão para longínquo Brasil, junto com sua esposa, embarcando no seu navio próprio Unkai Maru.

O Hawaí Maru, logo após avistar o cabo da Boa Esperança, onde falava que saltam as ondas triangulares, o navio aportou na cidade de Cabo. Kaneko e ele (o autor), com a ordem de Yamagata, iam acompanhando-o, ajustando um carro, a fim de visitar o túmulo de Cecil Roase, herói da África do Sul.

Dizia que originalmente, a África do Sul, era uma região estéril, mas a partir de pertencer à Inglaterra, ia arvorejando admiravelmente, tornando-se uma zona de florestas de muitas coníferas, álamos e eucaliptos. A diferença entre o povo que derruba as árvores e o povo que planta as árvores fazia facilmente grande diferença no desenvolvimento ou na extinção da sua raça.

Os dois carros iam subindo pelas curvas do caminho da montanha, onde podiam avistar o Oceano Atlântico em baixo, mas, de repente, com o estouro de um dos pneus do carro de Yamagata fez a gente assustar.

[Para um Cecil Roase japonês é uma miséria. Eh!]

Yamagata tinha que ter uma paciência durante a troca de pneu. O cemitério de Cecil Roase localizava no meio de Table Mountain, onde avistava toda a cidade de Cabo. Ao subir pelas escadas de grandes pedras, apareceu aí, uma construção solene de pedra e na frente desta, havia uma estátua de peito de Cecil Roase com semblante de pensar alguma coisa, apoiando o queixo com uma das suas mãos.

Yamagata trouxe cuidadosamente uma garrafa de pinga, fabricada na sua própria fazenda e depois de encher a taça, ofereceu-a para o busto de Cecil Roase, num semblante de pensar alguma coisa, apoiando o queixo com uma das suas mãos. Depois, mandou que todos sentassem nas escadas de pedras e depois de o mesmo tomar a bebida retirada daquela que foi oferecida a Cecil Roase e depois, enchia-a de novo, para os outros também tomar dessa, falando:

[Hoje, ao cumprimentar a Cecil Roase, herói da África do Sul, ficamos emocionados até com as lágrimas. Em que ocasião haveria novo encontro com este herói, após conseguir meu provável sucesso?]

Assim, Yamagata fez cair suas lágrimas como se fosse um Dom Quixote. No lado detrás desta estátua, havia um pequeno caramanchão para o descanso dos visitantes, com a placa escrita de “Só para os brancos”.

A África do Sul era uma das regiões de maior preconceito racial do mundo desde antigamente. Na ocasião da grande guerra européia, apesar de ter sido mantida sua segurança pela marinha nipônica, desde o Oceano Indico até o Mar da China, sem falar sobre o mar da África do Sul, tanto Durban, como na cidade de Cabo, eles ingleses estão rejeitando de tudo os japoneses. No caso exagerado, está proibido até entrar nos teatros e cinemas, nem permitindo embarcar nos bondes, junto com os brancos que, até o cônsul do Japão dificultou tanto para alugar a residência oficial. Assim, no momento, ele acredita que, quem vai perturbar o mundo seria a Inglaterra, e que, enquanto ela mantivesse sua hegemonia, não haverá uma paz verdadeira neste mundo. Cecil Roase poderá ser um herói, na qualidade de conquista, mas, por ser um inglês legítimo, para ele (o autor), jamais surge nenhum sentimento de adorá-lo, como Yamagata.

O Hawaií Maru, após afastar-se desta desagradável África do Sul, ia apressando diretamente para o Oceano Índico em direção a Cingapura, mas gastou umas três semanas que era considerado como monotonia, além de ser muito quente.

Os marinheiros, já nos dois a três dias antes da chegada do navio para um porto, mesmo que isso fosse a algum porto desconhecido, tornavam bem animados, tais que começavam cortejar tão bem as passageiras femininas, mas também, depois da partida do porto, ficavam quietos durante quatro a cinco dias, e depois de 10 dias tornavam fazer barulhos novamente. Até os marinheiros e garçons, vinham brincar nos aposentos de 3ª classe. Tais femininos também, como estando na juventude, queriam esquecer qual quer coisas desagradáveis, iam fazer farras de alegria. Não é a reunião de tais homens e mulheres inflexíveis, pois, todos estão em pleno Oceano Índico que, se for possível, tanto os homens, como as mulheres, querem brincar nas marés até nus. Pois, apesar deste calor, por que eles jogam os baralhos de cartas? Porque, tanto os homens, como as mulheres, querem devorar os cheiros de suores e odores de sexos opostos, sentindo alguns impulsos nos seus sangues, mas, sem ter nenhuma pretensão sexual.

Enquanto estava cogitando em permanecer por toda a vida, viajando assim pelo navio, surgiu aí, uma história de terror neste navio que quebrou este sonho agradável.

No Barco de Regresso para o Japão (3)

Havia uma gata de malha que veio embarcando neste navio no porto de Durban. Era uma grande gata grávida que logo em seguida pariu certo número de gatinhos no quarto vizinho do cozinheiro chefe. No entanto, como este cozinheiro chefe detestava de nascença tanto a gata e um dia jogou os para o mar, todos estes gatinhos recém nascidos. Na ocasião, a mãe gata ficou brava de ira, levantando todos os seus pêlos e

avançou valentemente para o cozinheiro-chefe a fim de morder e arranhar. O homem queria matá-la, mas, por um pouco escapou.

No dia seguinte deste acontecimento, quando este cozinheiro-chefe foi ao banheiro, e como demorou muito para chegar de volta, um cozinheiro foi lá para ver isso no banheiro.

Ao bater a porta, mas, como não havia resposta, entrou para dentro aí na marra. Surpresa era que, o chefe de cozinha teve uma morte repentina. No entanto, nessa altura, ninguém podia imaginar que a morte do homem fosse proveniente da maldição daquela gata, pois, na ocasião de sepultá-lo no mar, quando uma pessoa começava ler as palavras de condolência, de repente, apareceu aí, aquela gata com os pêlos arrepiados e queria pular sobre o caixão defunto junto com uivos horríveis.

Com isso, as pessoas ficaram com medos, acabou sepultando apressadamente o caixão defunto no mar.

Desde então, a gata não apareceu mais aí, mas a história de terror começava a transmitir de um para outros.

A partir desta noite, começava aparecer àquela imagem do cozinheiro-chefe nas cabeceiras dos amigos íntimos ao dormir, falando assim:

[Como vocês não pagaram o custo de travessia do “rio dos três infernos” estou em dificuldades.]

Era uma história tão cômica, mas as próprias pessoas acreditavam que, isso era a maldição daquela gata e alguma destas tornou-se até um forte neurótico e enfim ficou enlouquecido. Desta vez, surgiu um boato de que a gata reaparecerá na forma de um duende do mar e além desse, aconteciam tantos casos esquisitos. Numa noite, Kaneko e ele, (o autor), quando estavam refrescando na proa do navio, veio um grito de censura da parte superior do navio.

[Quem está acendendo aí, o fogo? Atrapalha o leme!]

Quando o dirigente do leme vinha descendo para cá, não achava nada.

[Estranho. Eh!]

Novamente voltou ao local de costume e viu logo novamente aquele fogo no andar inferior.

Era um caso de mistério e meio duvidoso, e todos, no meio da sensação de sinistro, aguardavam pela chegada do porto de Cingapura. Ao passar por um estreito, parecendo como um torpedeiro da marinha japonesa aproximou a Hawaí Maru e após fazer perguntas de rotina sobre nacionalidade e passageiros de alto falante e logo falou: [Tudo bem! Agradecido!] e foi embora, deixando as fumaças pretas. “Agradecido”, seria uma palavra que deve partir do nosso lado.

Com isso, fez pensar que, ainda está no meio da guerra e vinha surgindo o sentimento de agradecer a marinha japonesa, tanto que, aquelas histórias de horrores iam desaparecendo da cabeça de gente.

Depois da partida de África do Sul, as conversações entre Aida e Kaneko iam mudando e cada vez mais estranhos e isso, a partir de Cingapura, ia passando por até um pouco de exagero.

Não seria um assunto que lhe interessava tanto, mas, acabou escutando tudo, pois, as conversações dos dois eram tão sérias até que fez estranhar um pouco.

Kaneko e Aida os dois, sendo colegas dele (o autor) aqui no Brasil por longo tempo, eram homens que amavam suas esposas e filhos, possuidores de espíritos cavalheirescos e nada mais que reais pioneiros da imigração japonesa. Além disso, os regressos para o Japão desta vez era nada mais que para retornar novamente ao Brasil, com as metas de restaurar suas vidas e consolidar seus futuros para alegrar os membros das famílias.

No entanto, tanto Kaneko como Aida, estavam conversando sobre o caso de abandonar suas esposas tão fieis, nuns gestos de como se tornassem uns heróis do tempo.

[É isso mesmo! Senhor Aida! A mulher é uma coisa igual a um calçado. Se não dá certo, basta trocá-la. Se estivesse presa com a esposa, nem o negocio não vai para frente. Desde antigamente diziam que, qual quer herói gostava tanto da mulher, mas jamais demonstrava nenhum apego para com esta mulher. Minha Sue também é uma mulher boa, mas uma boba que não dá sossego para gente.]

[A minha é pior ainda. É uma ignorante demais viu!]

Era para terminar com as esposas, aproveitando esta ocasião de voltar para o Japão, para recomeçar de novo com as outras mulheres.

O Hawai Marú, infelizmente, quando chegava ao alto mar de Taiwan, defrontou com um tufão e durante dois dias e duas noites, o navio ficava lutando com as ondas enfurecidas, sem ver sol, nem estrelas. O comandante estava preocupado muito com a existência de algum escolho em pleno oceano, mas não havia nenhuma solução a ser tomada. O chefe de maquinista também estava desanimado por não poder esquentar tanto o vapor, pela inundação de água do mar na caldeira.

[Parece que os passageiros estão convencidos de que, estes fortes balanceamentos do navio que era só por causa de ondas bravas. Uma coisa boa é a despreocupação desta. Pois, há sossego para quem não conhece nada. Parece que o mundo está equilibrado com as duas metades de um de bem entendido e de outra de ignorante.]

Segundo a medição pelo sistema astronômico feito depois de acalmar a onda do mar, foi esclarecido que a posição do navio estava voltada para a direção de Cingapura numa distância a ser percorrida por um dia de navio. Assim, Hawai

Maru, após partir do porto de Santos, gastou uns 90 dias para chegar ao porto de Kobe do Japão, são e salvo.

20-Primeiro Passo Após o Desembarque

Adorável Japão! Ao pensar que finalmente vai desembarcar naquele Japão saudoso que sonhava, depois de 13 anos, começava palpitar tanto o coração dele, mas, ao mesmo tempo, ficava tão ansioso por não ter trazido suficientes dinheiros nem para ir Tóquio. A esta altura, tanto Kaneko, como outros conhecidos também, estariam tão atarefados que, certamente impossível encontrar mais com eles.

O serviço dele era para enviar cada uma daquelas famílias de socorro para os seus destinos, depois de fazer pousar nas pensões para esta noite. Já haviam notificados anteriormente sobre os retornos destas pessoas desde Brasil para as casas paternas ou de parentes delas, mas, não veio ninguém para recebê-las. Não sabe se por falta de coração ou para poupar as despesas até Kobe ou não querendo ter mais tantas parasitas para a terra deles. Mas para ele, isso era um dos grandes desagradáveis encontrados aqui no Japão. Quanto ao lado de pensão também, supondo a insuficiência de recursos destas pessoas, tratavam sem nenhuma delicadeza. Sendo mesmo japonês, será que não haveria nenhum conterrâneo que os recebem, com carinho e compaixão, sabendo que foram derrotados infelizmente por falta de sorte ou por outros motivos quais quer, depois de batalharem cruelmente no mundo de sertão inimaginável?

No atual Japão, não há ninguém que recebe os imigrantes de socorro de volta para a sua terra, com o amor e a ternura?

Agora eles, depois de agradecer profundamente a ele, foram embora solitariamente. Como é que ficaria o futuro destas crianças que perderam seus pais no Brasil?

Assim, era a primeira impressão dele sobre a sua terra natal, logo na chegada do Japão.

Um dos marinheiros do navio veio visitando ele na pensão, perguntando:

[Não está aqui, o senhor Kohara?]

Quanto a Kohara diziam que ele (Kohara), andava tomando no barco, vários pequenos empréstimos, com a justificativa de devolver logo em Kobe assim que encontrasse com o irmão mais novo dele que está trabalhando como engenheiro da Cia. da Construção Naval de Kawasaki. Talvez nessa hora, Kohara esteja partindo para Tóquio. Segundo o dizer, Kohara também, tinha que lutar com o problema a respeito do nome e a dignidade da sua família. Dentro dos marinheiros que emprestaram o dinheiro para Kohara, haverá alguém que comunicasse isso a família de Barão Kohara e haverá também quem desistisse disso simplesmente.

Segundo o dizer do dono da pensão, na véspera da noite passada, tendo surgido uma rebelião populacional que, além de ser queimado o depósito de arroz, foi destruído a própria loja de Cia. Suzuki de Kobe.

Ao lado de algazarras dos ricos, nascidos graças à guerra ou as bailes milionárias dos bandos de operários graças ao abono especial da Cia. Construção Naval em pujança, os paupérrimos estão reclamando por não poder nem comer o arroz. Será essa que é a verdadeira figura daquela saudosa pátria Japão que ele imaginava?

Assim, ele pensava neste momento. Noutro dia, ele visitou o gerente Shiokawa no sucursal Kobe da Companhia de Comercio Internacional do Japão. Isso porque, estava confiado de Kariya, chefe da Agência da Associação dos Imigrantes, para a entrega de alguma espécie de orquídea brasileira e outros 2 a 3 presentes e também tinha que pedir a este Shiokawa, um empréstimo de despesa para Tóquio, pois com Shiokawa, não

era tanto, mas na ocasião no Brasil, já estava conhecendo bem. Portanto, depois de cumprimentar, ele pediu assim:

[Senhor Shiokawa! Pode-me emprestar uns 20 ienes para a despesa de ir até Tóquio?]

[Para isso, basta só com 10 ienes.]

[Então, pode me emprestar 10 ienes?]

Para ele, na verdade, parecia pouco demais, mas como sendo a passagem de 2ª classe para Tóquio despendia apenas seis ienes, então seria suficiente. Com o agradecimento, quando ele ia saindo da casa de Shiokawa, o homem interrompeu-o, e falou:

[Por favor! Anote isso! Pode ser noutro lado do seu cartão de visita.]

Era para requisitar o comprovante do dinheiro emprestado. Para isso, ele admirou. Pois durante os 13 anos na vida do estrangeiro, desde a partida do Japão, jamais escreveu tal recibo do empréstimo de apenas 10 ienes entre um amigo ou conhecido.

Shiokawa também deveria estar tão ciente dessas coisas, pois, depois de formar na faculdade da língua estrangeira, tinha trabalhado durante tantos anos no Brasil e na Argentina, sob a Companhia de Comercio Internacional do Japão. Para ele, (o autor) não sabia que isso no Japão, fosse costume legal, mas, do ponto de vista da amizade, achou isso, muito rígido. Querendo esquecer logo deste caso desagradável, ele partiu de trem nesta noite para Tóquio, imediatamente.

Tóquio de setembro, ainda fazia o calor considerável, diferente de São Paulo onde ele morava, sentia uma quentura úmida e abafada, durante a noite inteira, até que dificultava tanto para dormir.

A Associação dos Emigrantes foi construída com a finalidade de incrementar mais as atividades objetivas e as unificações dos empreendimentos emigratórios no Brasil, sob o

patrocínio do ministro da fazenda Katsuda da ocasião, reorganizando esta Associação, acrescentando nela, a Fazenda Iguape para formar uma sociedade anônima de 10 milhões de ienes. No entanto, aqui há uma pessoa chamada Aoyagui, que está abraçando com grande insatisfação sobre este fato de unificar a Fazenda Iguape com uma companhia da emigração que vive enviando só os milhares de emigrantes para o Brasil. Pois, a Fazenda Iguape, originariamente era um empreendimento de caráter exclusivamente colonizar uma fazenda, a partir de esforços dos imigrantes, possuindo próprias terras desde o início. Aquela Fazenda Iguape, primeiramente, era uma companhia colonizadora brasileira com o capital de um milhão de ienes, sob o patrocínio do chefe Kanetake Ooura e o general Katsura. Mas, com a morte posterior de Katsura e a derrota econômica de Ooura e também a grande dificuldade administrativa desta Fazenda, fez cair Aoyagui em desespero.

No entanto, quanto à administração desta Fazenda, mesmo que fosse de sistema da companhia, originariamente foi criada sob o esforço entusiástico e patriótico de Aoyagui. Portanto, até a maioria dos acionistas estava ciente de ser um investimento sacrificado que isso, para Aoyagui também favorecia tanto para trabalhar. Por isso, não havia nenhum mistério de ele contrariar tanto sobre a unificação para a Companhia de Kaigai Kōgyō.

Para alguma pessoa que já conhece desses pormenores, planejava covardemente a sua unificação de súbito, sem nenhuma consulta e aproveitando ainda a ausência de Aoyagui, nem aguardar a sua volta pela viagem.

Basicamente, o empreendimento colonizador era o serviço que deve tomar conta das pessoas por todas as suas vidas. Não haverá nenhuma vivacidade na colonização para quem pensa só nos lucros. A vida da colonização é a própria personalidade de quem administrá-la e não somente da economia.

A partir deste momento, esta Fazenda criada por este homem, com tanto amor e sacrifício, foi incorporada para uma Companhia chamada “Kaikō”, estabelecida pelas quais quer 5 a 6 sujeitos medíocres. Para Aoyaguí, esta Fazenda já estaria desaparecida deste mundo.

Na ocasião, o Kaikō localizava no bairro Sōjurō da cidade de Tóquio. Era um prédio sobrado e lindo que na parte inferior, havia duas secções de caixa e de assuntos gerais que trabalhavam aí, uns 40 a 50 pessoas, dentro da rede de arame.

Ao ver sua relação pessoal, como sendo a Companhia formada por Daizō Katsuta que, naturalmente, para o seu diretor presidente fez assentar o subordinado dele o ex-governador desta província. Daí então, este ex-governador também trazia para cá, seus parentes e familiares. Assim, outras companhias relacionadas também mandavam para cá seus representantes para o setor executivo, tornando o “Kaikō” a uma família desordenada e complexa. Havia 5 diretores gerentes, sendo que o seu 1º era Kamiya, depois na ordem de Mizuno, Nobuo, Takie e Aoyagui como último. Ele, (o autor) vendo estas salas de executivos de “Kaikō” do bairro Sōjurō, achou-as, como sendo de coisas interessantes.

O diretor presidente, ex-governador era o único que dava a importância nas palavras de “proteção ao povo”, falando:

[A fazenda aonde vai família Ogasawara está sob a administração do homem não tão bom chamado Hoshina. Portanto, não podemos enviá-la para tanto local. Como o navio ainda não partiu de Nagasaki, senhor Mizuno, com o fim de averiguar isso, não seria bom chamá-la de Nagasaki para cá?]

[Aquela família foi como emigrante por chamada do senhor Shōe do ano passado que, não há nenhum problema. Quanto a Hoshina, não só ele que está no Brasil e também, aquelas famílias de 40 pessoas, vão emigrar com os propósitos de

permanecer no Brasil. Portanto, não há nenhuma necessidade de preocupar tanto.]

Mizuno respondeu-lhe, batendo seu leque em crepitação.

Kamiya tinha 10 anos menos do que outros e além de estar na posição de cabeça de todos os executivos, relacionava com mais 3 ou 4 companhias que para ele, isso era um orgulho de estar tão ocupado demais por todos os dias, fazendo comportar como se ignorasse qual quer pessoa que esteja perto dele. Agora mesmo, Kamiya, logo que encostou o seu carro na frente do escritório vinha subindo apressadamente as escadas para a sala dos executivos e sem cumprimentar nenhum dos seus companheiros e após chamar mais dois ou três funcionários para mandar fazer alguns serviços, com as falas apressadas, ia descendo novamente pelas escadas, com o gesto de “estou embaraçado com os demais serviços a fazer para tantas companhias”.

Num canto de sala, apartado com um biombo, estava sentado um executivo vestido de “haori” (traje de formalidade), com os óculos de presbitismo. Estava lendo os livros o dia todo, tacitamente. Era Aoyagui que por amar a Fazenda Iguape, estava permanecendo aí pacientemente. Além dele, estavam aí, mais dois executivos que um deles, era o missionário do templo Honganji e outro era o ex- cônsul geral de algum local. Mas, em todo o caso, para tal bonzo reformado ou diplomata meio falhado, não haveria nenhum mundo que vai prestar desses.

De toda a maneira, desde que relacionava na imigração e colonização do Brasil, Mizuno e Aoyagui, eram dois grandes mestres que trabalharam com toda a dedicação até o término de suas vidas. Para quem quiser falar sobre o Brasil, ou quem quiser fazer colonização neste país, se não desse alguma importância para essas duas personagens, seria um grande erro e também falta de educação. O sucesso do empreendimento da imigração e colonização dependerá exclusivamente pelas

consciências e sacrifícios das pessoas relacionadas a este serviço, que jamais pode criticar com a miopia que antes, é melhor não começasse dede o início.

Ele, (o autor) era um dos homens que estimava Mizuno e Aoyagui, principalmente para com Aoyagui, que por causa deste homem que fez resolver a vir para o Brasil, largando os Estados Unidos.

Quando ele falava sobre sua vontade de voltar ao Japão, Aoyagui que ouvia disso calado, mas Mizuno falou-lhe calmamente.

[Seja bem vindo à pátria! Como todos os recrutadores locais do Japão, não conhecem nada sobre o Brasil, portanto, não há nenhuma força e autoridade na sua propaganda. Quanto a você, como está morando no Brasil por tanto tempo, ainda mais, vai retornar lá para permanecer, então, para quem ouvir a sua história jamais duvidará. Por isso agora, seja qual quer processo a tomar, eu acho que deve esforçar em máximo, a fim de enviar os emigrantes quanto mais bastante possíveis. Pois estamos dispostos de arrumar quantas despesas necessárias para as viagens dos emigrantes. Peço-lhe que faça suas propagandas bem reforçadas, Na sua província, está trabalhando como agente, um homem de confiança chamado Kunifo Nakamura e com ele, combine bem e esforce!]

[Qual é o prioritário? Imigrantes de contratos para as fazendas, ou para a Fazenda Iguape de independentes?]

[Para isso, como as pessoas da província de Shinshu parecendo um pouco adiantado, seria bom fazer como prioritário para a colonização da Fazenda Iguape.]

Definido assim, ele, depois de alguns dias, partiu de Tóquio e ia primeiramente para a sua saudosa terra natal, onde os antecessores dormem aí silenciosamente.

21-Torrão Natal (1)

Ele, deixando a capital para trás e partiu da estação Ueno na manhã pela linha “Shin-Etsu”. O trem ia correndo no meio do campo Musashino, onde o arrozal bem arrumado e também as roças. A viagem de trem no Brasil era um sofrimento, mas no Japão é agradável. Após 3 a 4 horas começava avistar as montanhas em direção da frente e ia aproximando para a colina Ussuí. Os passageiros do trem que iam daqui para frente, se não fossem de shinshuanos, a maioria deles seria da região de Niigata. Quando o trem partia da estação de Ueno, nos vagões estava tão congestionado que, não podia dar nenhuma atenção para o ambiente. Mas ao aproximar a colina Ussui, começava a observar que as populações iam acalmando e de vez em quando vinha ouvindo dialetos saudosos da região de Shinsyu.

Após 3 a 4 horas, começava avistar as montanhas na direção de frente e ia aproximando para a colina Ussui. Os passageiros de trem que vão daqui para frente, se não fossem de shinshuanos, a maior parte deles seria da região de Niigata.

Ele, já no tempo da sua juventude, foi ao estrangeiro e como passou a sua vida no período de maior mudança do corpo e de espírito e também veio vivendo no meio de tantos grupos de imigrantes japoneses e estrangeiros, estava esquecido inteiramente das tais dialetos da terra natal. No entanto, ao ouvir isso no trem, depois de 13 anos, dava-lhe, uma sensação de estar atraído para a direção dos passageiros que estavam conversando em saudosos dialetos.

Passando a colina de Ussuí e Saku, e quando passava Komoro, vendo o monte Asama pelo lado direito, começava avistar o rio Chikyoku ao lado esquerdo, cuja beirada, ergue o monte Nunohiki. No meio da encosta deste monte, há um templo chamado Zuishōji, onde ele possuía uma recordação.

Era um verão de 2º ano ginásial. Embora já meio esquecido sobre tais pormenores, ele, num dia, junto com 5 a 6 colegas, fez um passeio de férias de verão neste fresco templo. O bonzo

era um idoso em torno de 70 anos de idade, mas bem firme, parecia como um excelente bonzo. Neste templo, também morava uma velha em torno de 60 anos de idade chamada Oodaikoku e mais uma moça elegante de uns 15 a 16 anos de idade. Se fosse só isso, não fazia nenhuma lembrança, mas acontece que, numa noite, talvez, para este bonzo, tivesse algum enterro ou outras coisas, acabou não voltar mais nesta noite para sua casa.

Quando ele (o autor), vinha voltando do banheiro, andando pelo longo corredor, avistava aí o “shōji” (espécie de biombo que separa o quarto) clareado sob a luz da lamparina. Ao aproximar de “shōji”, espiando pela fenda da porta, podia enxergar que aquela velha Oodaikoku estava sentada ao lado da lareira com o rosto avermelhado, tomando o saque, (bebida alcoólica) enchida em grande taça de quase um litro de tamanho. Para ele que nunca viu estas cenas ficou apavorado.

Agora, aquele bonzinho bonzo, bem como bruxa bêbada, talvez, já não existisse mais, falecido há tempo e aquela moça bonitinha daquele tempo, como é que ficou?

Ele, avistando o monte Momohiki, ia cogitando sobre casos antigos de um sobre outros respectivamente. Passando a estação Ubasute, depois de fazer uma baldeação e ao atravessar 4 a 5 túneis, aproximava-se a planície Matsumoto que era o seu torrão natal.

Quando chegava a estação Matsumoto já eram 2 horas da tarde.

Depois de descer do trem, ele queria ir primeiramente ao ginásio onde ele estudou. Ainda agora, estava erguida uma alta torre, junto com um pé de velho pinheiro, como sendo sinal daquele saudoso ginásio que para ele, fazia surgir várias lembranças daqueles tempos. Os 5 ou 6 professores davam-lhe as aulas. Mas, ao pensar sobre a possibilidade atual das permanências deles, por ter passado mais de 13 anos daquele

tempo, de repente ele ficou tão triste, até perder a coragem de visitá-los, para ir dentro da escola e resolveu ir ao campo de jogo, localizado no lado interno de um canal. Logo aí viu um professor de ginástica que estava dando a sua aula para os alunos com os gritos animados. Como era tão longe, não podia reconhecer bem, mas parecia que fosse de professor Sakai.

Ele ia aproximando-se com o ar de indiferença e descobriu que exatamente era o professor Sakai. O professor parecia estar com saúde, barrigudo como antigamente, mas o cabelo já estava um pouco branco. Este professor Sakai, talvez viesse continuando dar aulas de ginásticas aos alunos neste campo, nos dias de sol e no campo especial para os dias chuvosos, durante esses 13 anos, enquanto ele estava vivendo como um errante nos Estados Unidos.

Agora, mesmo que as vozes de comando do professor fossem firmes, ele (o autor) podia sentir algum enfraquecimento inexplicável que isso, significaria certo cansaço e conformação da pessoa que veio vivendo simplesmente neste mundo.

Ao soar o sino de término da aula, os alunos iam espalhando-se e o professor também seguia atrás dos alunos, enxugando os suores.

[Professor! O senhor reconhece a mim? Sou Wako!]

[É mesmo! Estou recordando bem. Você foi aos Estados Unidos. Não é?]

[Isso mesmo! Mas depois mudei para America do Sul e agora estou morando no Brasil.]

[Que tantos anos são! Os professores do tempo em que você estava foram todos embora que fiquei só eu. Ah! Ficou Kubo.

Era aquele servente que o diretor tanto agradava. Você também deveria estar sabendo que, depois do diretor Kobayashi falecer, a escola ficou tão incoerente. Pois, para os sucessores

de homem tão virtuoso como aquele diretor, seria muito difícil segui-lo, mesmo que isso fosse um bom professor. Eh!]

[Chegando assim de repente, se não encontrasse antigos professores, fico com tanto solitário!]

[Isso mesmo! Num dia venha passear aqui. Com a folga, vou ouvir suas histórias curiosas sobre o Brasil.]

Ele, após despedir do professor Sakai, visitou o quarto do servente da escola. Como era depois do término de aulas, felizmente Kubo estava presente aí. Como de sempre, Kubo estava sentado de joelho no lado da lareira com o “monpé” (calça de serviço). Este Kubo, desde antigamente, estava meio surdo que isso, dificultava a gente por errar os serviços recomendados. Mas era uma pessoa bem honesta e além de ser inocente, era um humorista que era estimado tanto pelo diretor e também pelos alunos. Já tinha uns 70 anos de idade.

[Oh! Kubo! Conhece a mim?]

Após ter fitado os olhos, o rosto enrugado de Kubo descoseu-se, falando:

[Não é senhor Wako não? Tanto tempo eh! Foi o senhor que na reunião de chá no internato fez o discurso valoroso assim, de tal feudal de Tokugawa fez tantas influências no país e outras coisas; mas enfim, foi para os Estados Unidos. No entanto, neste ginásio de Matsumoto, jamais apareceu mais daquela classe valente como de vocês que no fim, saiu tantas gentes que fizeram consideráveis sucessos.]

Assim Kubo, ia falando-lhe várias coisas, recordando os antigos fatos.

Torrão Natal (2)

Como o sol ainda em alto, ele resolveu andar a pé pela distância de uns 8 km da cidade de Matsumoto para a casa da sua família. Como sendo a província de Shinsyu de planalto, ao chegar ao meado de setembro, já podia sentir no ar o início de

outono. Aqui, a sua terra natal que foi andado por ele tantas centenas de vezes por este caminho com as recordações até das pedrinhas que rolaram no chão, para o andar de cada passo.

Quando atravessava o rio Azusa, o sol de entardecer, já estava bem baixo e o vento vinha descendo de sopé da montanha dava uma sensação de estar em plena aldeia do sertão montanhoso. Antigamente, onde não havia nenhuma coisa, mas hoje, estão construídas lindas casas ou algumas fabricas e também, no lugar onde havia a residência do parente longe, estava transformado em vasta roça de amoreiras.

Durante os 13 anos, enquanto que o professor Sakai estava dando as aulas de ginástica para os alunos, a terra natal acabou mudando tão facilmente. Numa aldeia agrícola, onde todas exploradas, mas, se aí surgisse algum novo dono de terra, isso significa por outro lado, a existência de certas pessoas forçadas de afastar de terras.

Quando ele chegava à periferia da aldeia, já estava escurecendo. O local da sede da aldeia era o mesmo, mas, quanto a sua construção ficou tão fina que parecia ser uma coisa luxuosa do que a capacidade própria da aldeia.

Daí, duas ou três casas adiantes, ao lado de uma ponte, havia uma e simples casa com o gesto antigo. Na hora que ele chegava a casa, a sua família estava jantando:

[Cheguei! Sou eu, irmão mais novo!]

[Eh? Quem é?]

[Sou eu! Seu irmão mais novo. Voltei agora do Brasil!]

[Eh?]

O primogênito encarou o seu irmão mais novo, fazendo gesto de não entender nada. Mas isso era natural, pois, ele até neste momento nunca tinha tido comunicado a ninguém sobre o seu retorno para o Japão.

Logo depois, ao ouvir estas palavras, a cunhada dele veio pulando aí e exclamou:

[Que coisa! Meu Amor! É o seu irmão mais novo que foi para os Estados Unidos!]

[Ah! É! Aquele Shungorõ!?!]

Sabendo disso, finalmente sossegou. Posteriormente ele soube que este irmão mais velho na hora, estranhava tanto, pois, jamais não tinha tomado nenhum empréstimo de mãos destes tipos de pessoas.

Ele agora enfim, acabou chegando a sua casa desde seus antecessores, como último e único lugar do seu repouso, onde ele nasceu com o primeiro grito da vida. Era a casa da família, onde transpirava a caridade dos antecessores até o canto da casa. Se tivesse alguma coisa de estima, essa seria a casa da família.

Assim, ele estando no meio de ambiente e desfrutar a felicidade de estar no meio deste agradável ambiente da sua família junto com a natureza solene, sentia até uma satisfação profunda, sem nenhum remorso, mesmo morresse neste instante.

O primogênito, além de não mostrar nenhuma insatisfação a respeito do regresso do seu irmão mais novo, sem trazer nenhum presente e gostava ouvir entusiasticamente sobre as histórias fanfarronadas a respeito do desenvolvimento da pátria por ele contada.

[Seria verdade o que você falou. Mas, apesar de você estivesse tanto tempo até de 13 anos nos Estados Unidos, se as pessoas descobrissem que você voltou ao país sem trazer nenhum presente, ninguém acreditará em você, portanto tudo bem, eu vou arrumar um barril de “saque” para as pessoas da aldeia e mais, tais aqueles ovos de perdizes da África que você trouxe, são coisas de raridades. Portanto, vamos doá-los para a escola e a repartição pública, um ovo para cada uma das entidades.]

Assim, pela generosidade de ser de consangüinidade, ele caiu no auge de satisfação, mas, para a cunhada era a outra coisa. Este primogênito possuía muitos filhos. Para ele, (o autor) todos desses eram sobrinhos, mas, para as criançadas, ele era nada mais que um alheio desconhecido e criados sem saber que ele era um tio que não trazia nenhum presente na sua visita.

Assim, não haveria nenhuma razão de eles tornarem como amigos deste tio. Mesmo assim, incontestavelmente, em função de ter mesmo sangue, iam aumentando cada vez mais as suas intimidades recíprocas, ficando até trocar as palavras de mimos que isso, para ele, era uma satisfação incomparável.

A vida eterna da etnia nipônica composta de relação vertical que, se excluísse os antecessores, jamais consiste a concepção de “casa”. Quanto ao lar, como a sociedade, vai evoluindo suas vidas de realidade horizontalmente, fazendo a casa como seu centro. Agora ele, ao remontar para o passado e achou aí uma brilhante tradição histórica do país que isso fez fascinar tanto propriamente. Mas, uma vez mudasse os olhos para o exterior, o seu coração iria alterando cada vez mais para uma espécie dolorosa e amarga.

O torrão natal dele situava no pé da serra Alpes do Japão e a casa da sua família está localizada dentro de uma colina que mede mais ou menos 12 km de leste a oeste e 40 km entre norte e sul, um pouco elevada e de boa paisagem que descortinava a planície Matsumoto sob uma vista. Segundo a lembrança do tempo de infância, o caminho para a escola até o pé da montanha, seguia no meio de matagal que a partir do fim de outono até o início de inverno, tais pavões e pássaros de matos voavam aos bandos. Agora, nessas terras todas, estão plantadas de amoreiras e na floresta de “Tinju” havia um pé de cedro frondoso, mas velho de mil anos que estava escurecendo até o ambiente local. Mas agora, nem isso, com o aperto financeiro, foi derrubado para a sua utilização. Para ele, ao ver tal natureza

preciosa do ambiente, mas vai sendo prejudicado tanto pelas pessoas da terra natal, ficou de lamentar tanto de dor.

Além disso, ao perceber que em qual quer lugar da aldeia, estava pairando uma atmosfera detestável provocado pelo atual pessoal da aldeia. Ele ficou com tanto sentimentalismo tal que parecia que aqui não fosse mais como aquela terra onde ele nasceu, desacreditando que, esta aldeia ficou tão desagradável que não valia a pena em respeitar como sendo sua própria terra natal.

Para ele, o torrão natal que sempre estava pensando em país estrangeiro era um local cheio de paz e de calor que, onde uma vez machucasse, imediatamente será tratado com o amor e carinho para ser curado logo, incondicionalmente.

Desapontar no retorno à sua terra natal, porque, isso já não seria mais aquela mesma terra natal antiga. Mas, pensando bem, isso seria uma impossibilidade, pois, no atual presente, nunca é possível voltar para o passado. A terra natal também é idêntica como uma água a correr. Não haverá nenhum jeito de retorná-la.

No entanto, a saudade e o amor do homem perante o seu passado, jamais cessa, antes, querendo sempre seus afetos para dar forças na vida de hoje. Portanto, a terra natal, podia ser um viveiro para manter força e calor na procura de sonhos para o futuro. Sendo assim, mesmo que, na hipótese do desaparecimento total das pessoas da aldeia e as mudanças de formas das montanhas e os rios, a recordação da terra natal do homem viverá para sempre no fundo do coração.

Ele, pensando nesse sentido, conseguiu aliviar o seu sentimento, apesar de achar tanta mudança na aparência de aldeia e de homens, comparando com as figuras anteriores de 13 anos. Mesmo assim, os colegas da infância, ainda eram homens de 30 anos de idade, mais ou menos. Logicamente, havia quem morava além da sua província ou na Manchúria e

na China, mas a sua maioria estava ajudando ou sucedendo com a sua profissão familiar nesta aldeia. Havia um amigo no meio destes, por ter nascido numa família rica, mesmo ainda nova, estava exercendo o cargo de chefe da aldeia, mas seu auxiliar era o antigo professor da escola que ensinou o atual chefe desta aldeia.

No entanto, a mentalidade de santificar ou embelezar a própria terra natal que fez surgir decepção insuportável, mas, se pensasse que, todas essas, eram casos de passados que, atualmente jamais não existem mais, então, podia até usufruir a vontade de saudade pela terra natal. Além do mais, aqui não era para ele morar por toda a vida, pois, bastava a ser consolado por algum tempo, voltando para aquela vida antiga.

Havia um professor chamado Saruta que ele aprendeu com este professor no tempo do grupo escolar. Para ele, não era tão bom professor por dar-lhe muitas vezes castigos de ficar em pé, ou mandar limpar os corredores, quando cometia várias travessuras. Mas desta vez, ouvindo que o professor a são e salvo, ele um dia, visitou-o carregando uma caixinha de doces para o presente. Para ele, esperava que o professor chamasse-o sem tanto tratamento, como se fosse antigamente, mas o homem parecia que estava um pouco embaraçado em receber o antigo aluno que parecia foi bem sucedido no país estrangeiro. Isto para ele era um caso engraçadinho e também ficou um pouco desapontado.

Em contrario disso, o fato de ter recepcionado pelos colegas antigos desta aldeia, era um caso agradabilíssimo por ter caçoado abundantemente pelos sujeitos que ele os considerava como ignorantes de sapos que moram no fundo dos poços, numas conversações de tomando saques e comendo as carnes de faisão. Eles falaram:

[Pode falar quanto quiser fora desta aldeia. Mas jamais vanglorie aqui, pois, tanto a você próprio, como os seus pais e irmãos todos, foram criados como nós todos. Viu!]

[É isso mesmo! Como todos que todos nasceram aqui são os filhos de Deus Uzigami que jamais façam fanfarras por pena de castigo. Eh!]

Concordou Tamonji que vangloriava antigamente, por criar um boi estrangeiro nas mãos do pai dele.

[Não estou vangloriando. Mas, sou diferente de vocês, pois vivo independente desde jovem, portanto, não sou nenhuma parasita e nem deu trabalhos para ninguém!]

[O que? Não deu trabalho a ninguém? Não fale como se criasse sozinho! Não havia tanto quanto como você que fez a sua mãe chorar. Além disso, seu pai que era tão forte ficou tão preocupado, depois da sua ida para os Estados Unidos. Fale de novo isso defronte de altar que vai mexer a tabuleta do seu pai. Eh!]

Repreendeu-o, um dos quatro a cinco anos mais velhos do grupo.

Assim, a repreensão calorosa feita pelo colega de terra natal era maior satisfação para ele. Dentro deste grupo, havia um colega da mesma classe chamado Kōsaka. Este Kōsaka era o dono de excelente cabeça e estava invejoso para com seu colega que vai ingressar na escola superior, pois, ele estava na situação de voltar a casa, logo que terminasse o curso ginásial, a fim de suceder como titular da casa, por ter seus pais bem idosos e também para prosseguir seu ofício da tradição. Na ocasião, havia uma aluna da escola feminina que Kōsaka estava amando-a, mas na hora de pedir o casamento com ela aos pais dela, recebeu a resposta de que não é permitido para a família de lavrador e também, por parte da moça própria mesma, não tinha tanto o sentimento de gostar do moço que antes, estava

preferindo viver mais convenientemente na cidade, o casamento não foi realizado.

Para Kōsaka, isto não era certamente um amor perdido, mas para ele, logo no início da sua vida em tropeço, tinha que começar em pensar sobre o seu destino infeliz. Na vida, há alguma coisa que não poder fazer nada com a capacidade da gente e contrariar nisso, seria para aumentar mais os sofrimentos e se obedecesse ao seu ambiente, às vezes poderia abrir um novo caminho para frente.

Daí então, Kōsaka resolveu adotar este último caminho, casando com uma mulher merecedora para ser uma dona de casa de lavrador, a fim de servir bem aos seus idosos pais e outras coisas, tanto quanto necessárias para ser boa dona de casa do lavrador. Este Kōsaka apesar de estar ainda novo parecia que estava possuindo alguma coisa impassível no seu coração.

Assim, Kōsaka e ele, (o autor) continuava conversando longamente assim:

[Estou começando desde dois a três anos, a plantação de pinheiros.

[Não há tanta significação, mas vendo uma montanha sem nenhuma plantação, fico com alguma preocupação. O Brasil é um país tropical que as plantações crescerão tão rapidamente não é?]

[É sim. Se deixassem as roças sem plantar nada, tornaria uma floresta.]

[É assim? Seria verdadeiramente um país de plantações. Mas, para tais países beneficiados demais, a gente não fica preguiçosa não é?]

[Há bastante tendência disso. Não só para gente, até nos animais não há tão bravos como dos africanos. No Brasil, mora um bicho chamado “preguiça”, parecendo como um macaco peludo que vive comendo só os brotos de árvores, mas possui

tanta lentidão que leva uma hora para levar este broto para sua boca para comê-lo. Além disso, há um sujeito que fica olhando isso, com a boca aberta debaixo das árvores.]

[É assim? É um país realmente agradável. Mas, nestes países, será que pode cultivar entre os povos, algum espírito de patriotismo ou amar a terra natal?]

[É verdade. Como sendo um país de história nova, nem pode comparar com o Japão.]

[É assim? Mas como diz no ditado que “o filho fiel aos pais, nasce só na família pobre”, portanto, para os filhos de ricos não podem fazer nada.]

[Isso é um pouco estranho. Pois, com esta lógica, para criar o filho fiel, os pais tenham que ficar na miséria. Não há nenhuma lógica que, não sairia nenhum filho fiel dentro da família rica, a não ser que isso, não possa dedicar mais aos pais, pois, eles estão tão ricos materialmente.]

[Será que meu pensamento estaria errado ou não? Eu que estava pensando que seria justo, enquanto que o mundo todo estivesse pobre no geral. No entanto falou que, por enquanto você está solteiro. Mas quem sabe se você também poderá mudar sua opinião, quando tornasse um lavrador como eu, depois de ter mulher e filhos.]

[A história ficou um pouco complicada. Então, este assunto fica para outra ocasião, depois de casar e tornar-se um lavrador. No entanto, não há nenhuma candidata para ser minha esposa?]

[Havia uma boa, apropriada para você que era aquela senhorita Kikue que você já conhecia, morava dentro desta aldeia, mas, recentemente foi embora para a Coréia para casar.]

Com esta história, ele ficou atônito. Kikue tinha um ano mais do que ele, mas estudava na mesma classe na escola primária. Era uma menina infeliz que nem podia conhecer os seus pais, mas o seu padrasto era uma boa pessoa que, com a intenção de desposá-la com o seu único filho, criou-a com tanto

amor. Além de ser uma linda menina, sua aparência descontraída e imperturbável fez destacar no meio da classe até que dava a impressão de ser uma rainha.

Como exemplo feminino destes tipos, não havia nenhum segredo de ela parecer mais madura, pois, nas suas amáveis pupilas, podia aparecer aí, de vez em quando uma espécie de arrogância, além da adolescência. A casa de Kikue localizava na sombra da floresta no pé de pequena montanha, onde a corrente do córrego rodeava o muro de pedra e ao longo desta corrente havia um caminho de roça. No tempo da infância, como freqüentava a escola por este caminho, sempre teve ocasião de juntar com esta Kikue. Nos tempos de 10 anos, logicamente, não havia nenhuma concepção definida para com ela, mas estava certo que ele gostava tanto de Kikue e ela também não parecia ter algum ódio para com ele. Mas, com o tempo, esta Kikue, começava olhar com as suas pupilas brilhantes, mas, jamais queria falar com ele.

Posteriormente, os dois, iam separando cada um para o ginásio e ao normal feminino, tendo apenas uma ou duas ocasiões de encontros anualmente que, mesmo assim, eram por acaso nos dias de festas da aldeia. Mas, incrível era que, o encontro dos dois era feito justamente ao mesmo tempo, ainda no meio daqueles congestionamentos. A cada encontro, ela ia tornando cada vez mais linda, melhorando a sua aparência também. Nestas ocasiões, ela estando com a sua madrasta e que isso tornava mais descontraída ou pela simples curiosidade ou não, costumava a começar conversar com ele. Mas quanto a ele, na ocasião, não sabia nenhuma maneira de como responder para Kikue.

Como era uma mulher desta maneira, poderia ter sido fofocado por algum namoro leviano, mas por enquanto, conseguiu tornar-se uma professora, terminando o curso de normal feminino.

Depois de chegar aos Estados Unidos, tinha recebido numa vez a carta de Kikue e ele também tinha respondido a esta.

Todo o caso, a relação com ela até este momento, era nada mais que só isso e também não desejava mais do que isso. No entanto, jamais tinha esquecida dela durante esses 13 anos, mesmo estando na vida como um errante. Na noite de dormir no campo, ou casa da família da sua terra natal, a sua base de avaliação para todas as femininas encontradas até nesta data, eram feitas baseada com esta Kikue.

Quer dizer que para ele, Kikue era a principal personagem em termo de feminino que, nunca saía da sua cabeça. Sempre ele estava fazendo seus votos de que Kikue permanecesse feliz por toda a sua vida, mas mesmo assim, se imaginasse sobre o homem que vai ser o marido dela, fosse uma pessoa tão estimável que nem podia comparar com ele, ainda cairia num desagrado incomparável.

Quando estava nos Estados Unidos, ele sonhava com Kikue de vez em quando, mas sempre era de duas cenas diferentes nos períodos tão inocentes da época de 10 anos de idade, mais ou menos. Uma dessas cenas no sonho era que, esta menina, quando estava dando rações aos peixinhos dourados de aquários no quintal, talvez escorregasse ou não, fez expor sua perna branca nu. Para ela, não tinha ninguém aí na ocasião, mas ao perceber que ele estava espiando-a, ficou envergonhada e foi correndo para dentro da casa.

Outra cena de sonho era que, podendo ser qual quer ocasião de piquenique que ele, com o cansaço cochilando ao lado da cachoeira Fudõson, e ao acordar de repente, Kikue estava de pé aí. Na ocasião, a menina não falava, nem sorria e só fitavam os olhos no rosto dele, segurando nas mãos um punhado de flores de glicínia comprida. Não sabia por que razão? Mas era estranho que, só sonhava essas duas cenas. Se existisse algum namoro entre esses dois indivíduos, poderia ter alguma outra

cena. Pensando assim, ao acordar do sonho, ficou com a sensação de certo humor.

No mundo, haveria o caso incompreensível como da “concepção extra-uterino”, mas se considerasse isso como um namoro, poderia chamar isto como “namoro extra-uterino”.

Agora, sabendo através da boca do colega de infância desta aldeia sobre aquela Kikue já casada na Coréia, ele ficou um pouco desnortado e desesperou também. Porque Kikue não casava até nesse tempo? Sabendo que ela já foi para Coréia como 2ª esposa de um diretor de escola primária, seria difícil de encontrar com ela. Talvez, no processo dela de chegar até neste momento, haveria tantos problemas e mudanças de circunstâncias. No entanto, se ele voltasse para o Brasil, ficaria difícil de encontrar com ela. Na verdade, queria falar com ela, aqui na aldeia, pelo menos durante meia hora. Portanto, ele queria que, mesmo hoje, aproveitando a ida para o convite da recepção dos colegas, mesmo que fizesse alguma volta passaria pela frente da casa onde ela morava, a fim de avistar novamente aquela pedra que ela escorregava no sonho e quem sabe, poderá encontrar aí de imaginação, aquela saudosa figura dela. Era um momento do destino estranho do homem.

22-Sobre Dois Tios

Ele tinha dois tios. Um deles era mais velho e outro mais novo. Os dois estavam morando na mesma aldeia e o tio mais velho, chamado “tio da família matriz”, já tinha uns 80 anos de idade e o mais novo também já possuía mais de 70 anos de idade. As recordações sobre esses dois tios não havia nenhum caso impressionante que apenas dava-lhe algumas sensações de serem como verdadeiros tios dele.

No entanto, ao encontrar novamente com esses dois tios, depois de tantos tempos para ele que já veio experimentado a vida por algum tempo, dava para perceber claramente que, eles

também vieram experimentando a verdadeira vida como homem, de acordo com seus caracteres, e apurando no decorrer de seus 70 anos que ainda estão prosseguindo firmemente.

O tio da família matriz chamava Jumpei e segundo o dizer deste tio, originariamente estas três aldeias Ueno, foram abertas pelos antecessores deste tio, no tempo da era Tenbun.

Essas três aldeias, como participaram na guerra para o lado de Uesugui e isso provocou uma ira para o bando oposto de Takeda e enfim expulsos da região norte para este local, onde retornaram como lavradores atuais.

Mas, como existiam nesta aldeia 2 templos históricos da seita “Zen” de 700 a 800 anos de construção, certamente já moraram nesta região, centenas de pessoas desde antes daquele tempo de guerra, há umas centenas de anos atrás. Portanto, quanto à teoria deste tio seria uma dúvida, mas o tio não fazia nenhuma questão para isso. No entanto, este tio também não podia dizer que ele era uma pessoa de tanta extravagância, pois, o fato desta casa de matriz onde morava o tio, era considerado verdadeiramente como sendo uma família tradicional de toda esta região e também, para este tio, quanto aos assuntos genealógicas pertencentes a quais quer famílias da aldeia, possuía formidáveis recordações sobre os conhecimentos de todas que, até as pessoas da aldeia estavam acreditando nas palavras deste tio sobre quais quer detalhes genealógicas das famílias de renomes desta região. Quanto aos seus relacionamentos parentescos, bem como nos casos de casamentos de classe média para cima, as palavras de testemunhas deste tio possuía grande força e nem só isso, mas também para os outros casos, seus conhecimentos provinciais relativamente certos serviram muito para as outras pessoas.

Esta família matriz do tio era dona de muitas roças e florestas que, segundo o dizer da avó, as formas da casa e das outras construções eram do tipo castelo do tempo feudal, mas

este tio, sendo um homem obstinado e por questão da floresta, provocou uma contenda com as pessoas da aldeia, que no fim de vários processos, com o ressentimento do povo, as propriedades do tio, foram todas incendiadas. Mesmo assim, este tio, estava fingindo com calma falando: “Mesmo queimasse todas, não influirá nada sobre o nome da família.”

Para este tio, como não nascia filho durante longo tempo, estava decepcionado e quando nasceu o irmão mais velho do autor, registrou-o como sendo enteado deste tio. No entanto, como nos exemplos comuns do mundo, a partir de 2º ano de ter obtido o enteado, a tia deu luz de dois meninos e duas meninas respectivamente.

As satisfações do casal de tios eram exageradas que, mesmo esses quatro filhos esbanjassem todas as fortunas da família, ficaria conformado do que ceder o nome da família para o seu próprio sobrinho.

Este tio acreditava que, melhor tornar-se um mendigo, antes ceder a um alheio o seu digno nome tradicional proveniente dos antecessores. Não havia nenhum mistério que, esses primos e primas foram criados no meio de tantos egoísmos e caprichos.

Os dois primos, durante a estada dele nos Estados Unidos, formaram-se numa faculdade particular, mas logo começaram atuar no negocio de ações e dentro de alguns anos, além de ter esbanjado todos os bens herdados dos pais, chegaram a prejudicar até os seus parentes.

Segundo dizer do outro tio, este primo primogênito, está morando em Tóquio, relacionado a um negocio empresarial, mas já casado e cuja esposa era uma filha ilegítima do homem nobre do antigo senhor feudal. Isto satisfaz bastante este tio da família matriz. Quanto ao primo mais novo, estava vivendo como interprete na casa do estrangeiro em Yokohama e dizem que ainda é solteiro, mas está trabalhando honestamente.

Para uma pergunta a este tio sobre por que é que não vai morar junto com seus filhos lá em Tóquio, o tio insistia que “como pai, tenho que tomar conta dos seus filhos e nunca vou ser tratado pelos filhos”.

Apesar disto, o tio não estava percebendo nada sobre as duas filhas que estavam sentadas ao lado do tio, dando seus olhares uma com outra, como se ficassem um pouco aborrecida por não ter ainda nenhuma chance de desposar-se. Como a tia faleceu de doença no ano que a caçula formava o curso colegial feminino, essas duas irmãs tinham que tomar conta deste pai teimoso.

A casa onde morava a família do tio, agora, sem a roça, nem a floresta e recentemente foi arranjada uma casa por preocupação da família matriz da tia, depois de reformar o seu depósito, mas para este tio tais várias benevolências e tratamentos bondosos dos parentes também, parecia não afetar nada a sua consciência e continuava vivendo indiferentemente, sem apresentar nenhum sinal de agradecimento.

Para este tio, parecia estar pensando que, como foram os antecessores dele que abriram esta aldeia, jamais necessitaria preocupar para ele morar aqui, enquanto existir esta aldeia, mesmo que tivesse perdido todos os bens possuídos, à mercê dos seus antecessores. Além disso, para o tio, o fato de crer os seus filhos era absoluto, além de qual quer imaginação, tanto que, jamais duvidava que os seus filhos conseguissem obter grandes sucessos futuramente, sem dar nenhum ouvido contra qual quer crítica ou calúnia dos outros sobre seus filhos.

As duas filhas estavam tratando o pai idoso com dificuldade, fazendo os bicos de corte e costura, mas o pai, apesar de ser idoso, falava que os trabalhos além de doméstico, deveriam ser feitos pelo homem. Quanto a ele, ia catando as lenhas do local tão longe, de mais de 1 km de distância que era

a antiga propriedade, sem pedir nenhuma permissão para o atual proprietário.

Seria um ladrão, mas a atitude própria deste tio era tão natural e inocente que não havia qualquer desafio, sem humilhação, nem o sinal de qualquer resistência.

Parecia que, até as pessoas da aldeia também estavam admitindo tais extravagâncias, desde que, isso fosse limitado só para única geração deste próprio tio.

Para o tio, tais pais do atual povo da aldeia eram aqueles todos que o tio quem tomava a conta deles e as árvores daquela floresta também foram plantadas pelas mãos dos antepassados do tio. Portanto, mesmo que essas foram vendidas pela necessidade de dinheiros para os estudos dos filhos, então, para os donos das florestas atuais, desde que já enriqueceram graças pelos esforços de plantar as árvores pelos antecessores do tio, não haveria nenhuma razão de reclamar pelos simples motivos de perdas de alguns galhos e folhas das árvores, sem ter nenhuma licença de ninguém. Assim, era o pretexto deste tio a este respeito.

Para este tio, o fato de olhar e explicar para qualquer caso, sem que pensasse sobre a relação da causa e efeito, era uma coisa absolutamente impossível. Portanto, se desse maior importância só para as legislações que disciplina as ações atuais da gente, não poderia dar nenhum valor para aquela esplendida tradição do Japão, nem dar significativa em aumentar a dignidade do chefe da nação.

Quanto aos matrimônios a respeito destas duas filhas, havia sempre algumas negociações, mas para este tio, todas dessas, muitas vezes, faltavam boas posições sociais e famas das famílias pretendentes. Numa vez, foi consultado por algum sucessor de família rica, mas para esses sujeitos ricos, às vezes eram arrogantes em gabar por ser rico ou desprezar demais fama tradicional da família, o tio, muitas vezes, com a atitude

de tantas resistências, fazia recitar o escrito genealógico humilde destes candidatos, assustando plenamente até os intermediários destes casamentos.

Assim no fim, com o propósito de não ter nenhum candidato merecedor para suas filhas, iam perdendo cada vez mais as chances de casar as filhas, apesar de este tio também estivesse tão preocupado sobre este assunto. Mas, para o tio, as filhas sempre ainda são crianças e também, o fato de o enlace matrimonial inconveniente seria problema mais grave do que atraso de casamento.

Num dia, ele (o autor) perguntou a essas moças primas:

[Como é que vocês fazem? A teimosia do seu pai também teria o limite, não é?]

[Mesmo assim, não haverá outro jeito. Enquanto ele estando com saúde, nós trataremos com a fidelidade. No entanto, fico com a pena, pois meu pai está acreditando totalmente que, aqueles dois irmãos mais velhos, viessem retornando com tantos sucessos para cá neste momento.]

[Não! Não é coitado não! Por isso mesmo, meu tio estará vivendo assim. Neste termo, posso dizer que, o meu tio, antes, estará mais feliz do que aqueles dois inúteis. No entanto, é um fato transtorno em deixar vocês duas neste estado, sem arrumar nada durante tão longo tempo, como se fossem ainda pequenas crianças.

O tio da família matriz era tal pessoa e não se interessava nada em ouvir as histórias do Brasil a ser contada por seu sobrinho.

O outro tio chamava-se Kojurō e foi à outra família como filho adotivo para sucessor. Mas, como era ainda jovem demais e também ajudado pela antipatia por ter casado forçadamente, acabou fugindo da sua casa. Naquele tempo antigo que não havia nem trem, com a informação de que o fugitivo estaria na região de Kyoto e Osaka, o pai dele (o autor) que era irmão

mais velho do fugitivo que foi atrás para persegui-lo. Mas, não achando nem o sinal, voltou em vão.

Posteriormente, com a informação certa de que, o personagem estaria em Himeji, novamente, o pai dele (o autor) foi buscá-lo a fim de trazer para cá, pela via estrada Nakasendô até a região Banshu de Himeji e no fim de tantas persuasões a custo, conseguiu trazer para a casa dele.

Depois disso, começava a trabalhar na lavoura da família relutantemente, mas a partir do nascimento de 3º filho, talvez tivesse conformado pela sua fatalidade e passou a viver calmamente.

Este tio era bom na literatura chinesa e também tinha talento na invenção. De vez em quando, alegrava a gente com as gargalhadas com as variadas invenções, principalmente dentro dessas recordações, o que ele agradava mais, era um dispositivo de balanço de utilidade que beneficiava o arroz, tomando conta das crianças ao mesmo tempo.

O 2º filho deste tio tinha mesma idade dele (o autor) e no tempo da idade de onze a doze anos, a tia faleceu de doença e após dois anos, pela recomendação de um dos parentes, o tio casou-se com segunda esposa. Esta tia, 2ª esposa, era uma mulher realmente impecável em termo de qualquer ponto. No entanto, o primogênito do tio, pode ser por nervosismo, perante esta madrastra, ficou como um maluco. Na época, tinha uns 18 a 19 anos de idade e não fazia nenhuma violência, mas para o tio e a tia era uma preocupação extraordinária.

A casa da família materna deste primogênito localizava uns 2 km de distância deste local. Num dia, aconteceu um caso estranho que, este primogênito esteve presente nos 2 lugares ao mesmo tempo, assim, na casa do próprio tio e na casa materna também. Mas, graças os esforços e dedicação deste tio e tia, o desequilíbrio do primogênito ia melhorando cada vez mais, e

quando, na ocasião de ele retornar para o Brasil, estava normalizado de novo.

Antigamente, quando ele falava sobre a ida para os Estados Unidos a este tio, falava:

[Olha! Em vez de você ir para os Estados Unidos, vá para Taiwan, pois, não sendo como “dekasegui” jamais faça seu túmulo onde não alcança a força política do governo japonês.]

Para ele daquele tempo, ainda não entendia nada sobre essas palavras, mas incrivelmente estava recordado nitidamente durante os 13 anos e mais ainda, isso, ia acentuando cada vez mais no decorrer do tempo.

Foi apenas essas duas pessoas de tio e tia, inclusive o irmão mais velho que alegravam tanto de coração pelo retorno dele ao Japão que isso, acabou emocionando muito a ele.

Este casal deu-lhe as palavras de: “Pouse aqui sem falta até ao dia de partida para o Brasil, sem ter nenhuma cerimônia”, arrumando-lhe, desde o quarto, cama até os acolchoados.

Para com as desculpas dele de “não trouxe nenhum presente de viagem, o tio falou:

[Para tais presentes de viagem, este tio jamais pensava nem no sonho. Pois, já era grande satisfação de ter encontrado novamente a você são e salvo, pois estávamos pensando que nunca mais encontraremos desde daquela ocasião de despedida. Diz que você vai retornar para o Brasil, quanto a isso, não falo nenhum avesso, pois, creio que haverá qualquer destino específico para cada uma das pessoas.]

Assim, o tio contemplava o rosto dele saudosamente. Às vezes na noite chamava tal primo dele, de mesmo ano e que trabalha como professor de escola primária do município vizinho e outro primo mais novo que também estava trabalhando como professor substituto, todos de 6 pessoas, inclusive ele, iam conversando até a alta da noite, num mesmo

quarto com a porta aberta. Nestas ocasiões, o tio sempre falava sobre o pai dele (o autor).

[Se estivesse seu pai aqui, alegraria tanto, pois, depois que você foi embora para os Estados Unidos, meu irmão sempre estava vivendo solitariamente falando; “Finalmente acabei perdendo um filho”. Como você era um amável caçulo e mais, como vivia sozinho depois de perder a sua conjugue, talvez estivesse tão inconsolado. Teu pai era forte no jogo “gô” que parecia ter sido visitado sempre pelos companheiros de “gô”, mas estes companheiros eram ativos, ao perceber da sua situação de jogo desfavorável, era costume perguntar ao concorrente, “Como é que está seu filho na América?”

Dizia que, só com essas palavras para o pai, já era suficiente perder o jogo. O pai dele, logicamente não aplaudia a idéia de seu filho sozinho ir aos Estados Unidos apesar de ser tão jovem. Mas, vendo o entusiasmo tão forte do filho, o pai, finalmente tinha de convencer-se disso. Mas era um solitário quase insustentável.

Na ocasião, em Shinshu, as sakuras estavam lindamente floridas, mas ainda fazia frio. Na partida, o pai dele, nem queria sair da sua casa. Talvez não tivesse a coragem de ver seu filho que ia partindo sob as despedidas das pessoas da aldeia.

Parecia que este tio vivia sempre bem intimamente junto com o seu irmão mais velho, pois estava recordando até de tantas coisas minuciosas no período da sobrevivência do pai dele e além de explicar tanto, o tio ia sorrindo saudosamente, falando que o caráter dele (o autor) é tão parecido como se fosse do pai dele já falecido. A primeira impressão dele sobre o retorno a terra natal parecia ser até um pouco amargurado, mas, ao ver colegas antigos que ainda amam a aldeia e também, ao saber que aqueles simples e trabalhadores aldeões que estão ativando nesta aldeia a fim de preservar aquelas importantes e saudosas terras herdadas pelos seus antecessores sentiram certa

tranquilidade. Principalmente, a existência deste tio que, para ele, era uma coisa estimável que valia a pena compensá-lo com todas as atmosferas desagradáveis reinadas nesta aldeia.

O tio Kojuro, caracteristicamente bem diferente do tio Jimpei, apesar de ser um bom sinologista, possuía um caráter humorista, mas não dava tanta importância para o nome ou a fama da família e mais do que isso, desprezava o dinheiro e a dignidade social. Este tio fazia muito bem com a história oriental e ocidental além da história do Japão, mas, não apresentava nenhuma aparência como um intelectual e não definia qual quer caso com tanta facilidade. Parecia que este tio, estava pensando na necessidade de estudar mais profundamente sobre a vida e a natureza deste mundo do que amar a sua aldeia ou a pátria. Com esta maneira de viver, para este tio, apesar de estar morando nesta aldeia durante 70 anos desde sua nascença, mas, ainda era uma existência um pouco estranha, por não poder adaptar bem como um bom aldeão. Mas para este tio, sem perceber nada disso, veio vivendo aqui por longo tempo indiferentemente. Em qualquer lugar existem certas pessoas estranhas ou detestadas por outros, mas as atitudes dos aldeões para com o tio Kojuro eram bem diferentes daqueles de desprezo ou de escárnio, antes, mostrava-lhe certa intimidade e respeito.

Este tio, como sendo irmão mais novo de tio Jimpei que não havia nenhuma dúvida de ser um dos moradores puros desta aldeia, mas, incrível que fosse para os outros aldeões, bem como o próprio, este tio também, estão com as sensações de estar vivendo temporariamente nesta aldeia, vindo de outro local, há uns 20 a 30 anos.

Este tio era dono de excelente cavanhaque no tamanho de uns 60 cm. Logicamente seus cabelos e barbas eram brancos e as rugas do rosto também profundas, mas o corpo era tão forte que não ficava atrás de ninguém. A casa deste tio,

originalmente localizava no centro da aldeia, mas dizia que, logo após da ida dele (o autor) para os Estados Unidos, mudou para o atual local. A atual casa está construída no meio de uma colina que vinha prolongando pela encosta da serra de Alpes e com boa paisagem. O motivo da mudança para cá era que, aquele primogênito malucou numa vez, dizendo que no sonho que ele viu, naquela água que nasce no meio da floresta da propriedade deles, estaria contida de grande quantidade de rádio. Daí então, este primogênito, pretendeu construir um hotel de terma para aproveitar esta corrente de rádio. O tio, primeiramente não acreditava nada sobre tais casos de sonho, mas como o filho insistia tanto, num dia foi para esta floresta e viu aí, uma serpente ferida estava submersa no fundo da fonte.

O tio pensava que, isso talvez acontecesse por alguém ter jogado a serpente, mas lembrando que havia fato que este corrente nunca congelava, mesmo em pleno inverno e também na primavera e no outono vinha juntando somente para esta floresta, milhares de bando de passarinhos. Então, o tio experimentou enviar uma amostra dessa água para o Ministério dos Assuntos Interiores, a fim de examiná-lo e no fim, esclareceu certamente que, esta água estava contendo excelente matéria de rádio.

Daí então, sob esta circunstância, a família deste tio, após ter mudado para este local, começava atender aos clientes de terma, esquentando as águas desta fonte e também começava cultivar o pomar, derrubando as florestas. Como era grande quantidade desta água da fonte, puxava-a até o quintal da casa dele, a fim de criar as carpas, mas dizia que o crescimento do peixe era bem rápido. Este filho primogênito, bem como seus pais, amava tanto a natureza. Podia dizer que, não só amar, mas sim, era para emergir para dentro da natureza, pois, os aspectos dessas três pessoas que estão cultivando entusiasticamente as plantações do quintal, esquecendo até a passagem do tempo na

sua roça, era a verdadeira cena da unificação de amor e dedicação com a natureza.

Quanto à tia, era uma mulher relativamente pequena, mas alegre e generosa, além de ser muita bonita. Quando mais jovem uma vez já foi casada. Mas, por motivo de não poder ter filho próprio, foi despedida e permaneceu na casa materna durante longo tempo. No entanto, esta falta de não poder ter filho, num dia virou para um fator favorável, pois, sabendo disso, o tio, resolveu desposar esta moça, para a 2ª esposa, no lugar da mulher anterior que faleceu de doença, deixando os três filhos. Para este tio, além de melhorar a vida doméstica do dia a dia, era necessária dar boa madrasta para os 3 filhos. Por outro lado, a tia também, talvez achasse que não seria conveniente em ficar solteira por toda a sua vida e mais ainda, ela apesar de não poder dar a luz, mas possuía especial afeto em criar os filhos, mesmo que fossem dos outros. Assim, por acaso, coincidiu as boas intenções dos dois ao mesmo tempo, acabou constituindo um casamento idealizado. Portanto, sob o ponto de vista individual, a família deste tio parecia um pouco infeliz, mas com estas boas vontades e intenções dos tios e tias, certamente conseguirão vencer pela vida do homem.

O tio e a tia, a fim de servir para ele, foram apanhar gostoso “matsutake” (cogumelo) numa floresta do monte.

Segundo o dizer deste tio, recentemente, no local onde pode colher este cogumelo, ficou limitado só para esta floresta do tio, pois todas as outras estavam esgotadas pelos abusos.

Ao redor da casa do tio, desde antigo, havia muitas cerejeiras do mato, principalmente, aquela cena cheia de folhas avermelhadas no valo do outro lado, dava uma impressão deslumbrante. Ao subir pela montanha de trás da casa ao meio dia, descortinava aí, o topo do monte Fuji, mas para o tio e a tia, já estavam esgotados tais coragens. Eles, de vez em quando sorriam solitariamente, falando sobre a vida posterior do

primogênito que, como este filho não quer casar de maneira alguma, depois da morte dos pais, o cargo para tomar conta do primogênito passará para as contas dos demais irmãos mais novos.

23-Período Até Florescer das Cerejeiras

Em meado de outubro, em pleno outono da região de Shinsyu, finalmente ele ia saindo da sua aldeia e começava trabalhar na propaganda pelo Brasil, que era o seu objetivo desta viagem para o Japão.

Na ocasião, logo após a grande guerra européia que, ainda estava pertencendo a um mundo de ricos pela guerra, período anterior daquela grande confusão do círculo financeiro.

Havia uma história que algum rico, a fim de mostrar sua capacidade luxuosa e querer ver admiração dos convidados, fez colocar as moedas de ouros para cada uma das tigelas de sopa.

Em contra partida dessas, havia o caso que o depósito de arroz da Cia. Suzuki de Kobe, foi incendiado pela multidão, composta de dona de casa dos pescadores da província de Toyama, com o pretexto de estar com fome. Era a verdadeira figura do atual Japão. Sob esta situação de caos, ninguém sabia para onde que o país iria? Nem podia imaginar.

Parecia que fosse Senhora Kaetsu. Apesar de ser feminina, bradou no estrado, em criticar severamente pelos comportamentos indiscretos e despóticos do círculo rico, sugerindo a eles que cedessem todos os seus vastos quintais para o público a fim de plantar aí o arroz e o trigo.

Mas, para ele, desejava tanto que jamais poderia prejudicar mais a natureza tão preciosa e linda deste Japão. A exploração nunca deverá ser destruição da natureza. Ele ficou com medo de devastar a alma humana, juntamente com a destruição da natureza. Mesmo que o território japonês tivesse limitado, a etnia nipônica poderá expandir até no fim do mundo, que isso,

já está determinado desde o início da construção do país. Assim, ele acredita. Naqueles tempos, sobre grande salto para além do mar do povo, tanto a autoridade, como a população, ainda não tinha concretizado sua concepção. Portanto, a maioria das pessoas que falavam sobre o além mar, só acentuava o problema alimentício da população que, só dentro deste assunto era difícil atrair principalmente as pessoas residentes na zona rural. Pois, o que eles amavam era o próprio Japão, quer dizer sua terra natal e que a única falta era a insuficiência de dinheiros. Portanto, antes de falar sobre os problemas de nível mais elevados, tais como a demografia e a alimentação, melhor orientar as populações com os dizeres de “o Brasil é o país para ganhar o dinheiro”, explicar assim, segundo a realidade e circunstância deste país. Até hoje, segundo a história da emigração de qualquer país, a emigração veio desenvolvendo com o pretexto da possibilidade de ganhar o dinheiro, exceto para os orientadores e utopistas. Mesmo aqueles puritanos que desejavam a liberdade de fé que vieram mudando para os Estados Unidos também estavam motivados sobre problemas econômicos. Isso era o caso plenamente natural, pois, a história da mobilidade humana está baseada na vida econômica do homem que acima disso, vinha florescendo a civilização e amadurecendo também.

Portanto, jamais ilegal que a emigração era para obter o dinheiro, mas, só que não poderá ser isso nunca, único e último objetivo da sua vida. Se a vida do imigrante fosse só para adquirir os alimentos ou dinheiro, isso seria nada mais que um animal. Pelo menos, o ideal do povo nipônico seria purificação da sociedade humana e a formação de novo mundo, se for possível. Esta brilhante história do Japão, não deverá ser só do povo japonês. Este acúmulo impecável de história de milhares de anos, já é a herança permitida para dar posteriormente aos povos das outras raças também. O desenvolvimento ultra

marina da etnia nipônica é para dar e nunca para ser usurpado. O princípio de liderança para a pujança ultra marina do nosso povo que ele acredita e requiere, era nada mais que essas palavras.

Ele, como se fosse um missionário, ia pelo vale, atravessando a montanha, onde quer que fosse, tanto no interior como no sertão, andava fazendo as propagandas do Brasil, entusiasticamente, durante os dois meses e ao passar o fim deste ano e chegando ao próximo ano novo de 1919, estacionava na casa do seu tio. Estava com 30 anos de idade e nos campos e nas montanhas da terra natal, ficavam cobertas de neves, cintilando de luzes do sol, mas na cabeça dele, estava pairando aquelas paisagens brasileira, como se fossem uma miragem.

Assim, ele estava aguardando a chegada do tempo de florescer das cerejeiras da terra natal, a fim de poder batalhar novamente, tomando saque do ano novo com certa vivacidade.

Fim.

Três Assuntos Variados

A- Pessoas Anteriores da História da Imigração e Colonização

Há na Bahia, um túmulo de japonês mais antigo do Brasil.

Era o túmulo de antigo provinciano Satsuma com o nome de Jurōzaemom Maeda. Na ocasião, este homem, junto com Ichirō Itsuki, estagiário da província de Tokushima, por mando do Ministério do Exército do Japão, embarcaram no navio de guerra Liverpool que estava em viagem ao redor do mundo na ocasião, a fim de estudar sobre a marinha da Inglaterra.

Quando este navio de guerra chegava ao porto de Bahia no Brasil, após atravessar o estreito de Magalhães, via oceano Pacífico, este rapaz Maeda, após cair em melancolia exagerada, por não poder agüentar mais pelas saudades demais da terra natal, suicidou-se, cortando a sua barriga.

Era o dia 7 de outubro de 1870, com apenas 23 anos de idade.

Incrivelmente, a relação nipo-brasileira iniciou-se junto com este fato de um samurai japonês ter morrido neste local.

Dizem que, posteriormente em 1919, no mês de julho, quando o navio de guerra japonês Ikuma participava da festa de comemoração de 100 anos da independência da Argentina, na sua viagem de volta, passou pelo porto de Bahia, onde foi consolado pela alma de Jurôzaemom Maeda, perante todos os tripulantes deste navio.

O segundo japonês mais antigo que deixou seu rastro aqui no Brasil, era Wasaburô Ootake. Em julho do ano de 1889, o príncipe Augusto Leonardo do reino imperial brasileiro, estava de viagem ao redor do mundo pelo navio de guerra Almirante Barroso. Mas ao partir do Japão, fez acompanhar dele, um rapaz chamado Wasaburô Ootake e quando este navio, após partir de Shang Hai e estava atravessando o Oceano Indico, eclodiu uma revolução no Brasil e o príncipe ficou obrigado de desembarcar no porto de Colombo. No entanto, Ootake não tendo vontade de retornar ao Japão, permaneceu no navio até chegar ao Rio de Janeiro. Depois, matriculou-se no curso de mecânica da escola naval deste país e após uns quatro a cinco anos, voltou ao Japão e trabalhou durante longo tempo como interprete-oficial do Consulado Brasileiro no Japão. Também, serviu muito para os dois países, Brasil e Japão, compilando vários dicionários preciosos da língua nipo-brasileira. O mistério era a vida da gente, pois, se não surgisse revolução na ocasião, talvez, o destino de Ootake estivesse tão mudado com a afeição daquele príncipe Leonardo que poderia estar atingido a uma posição elevada que ninguém podia imaginar.

O acordo do intercambio comercial entre Brasil e Japão foi firmado em novembro de 1895 e depois de dois anos, foi inaugurado a Legação Imperial do Japão em Rio de Janeiro e para o primeiro Ministro foi nomeado para Sutemi Chinda e seguidamente para Morinori Oogoshi, Fukashi Sugumura e chegando ao 4º Ministro de Sadatsuti Uchida, chegou à primeira remessa de imigrante japonês no Brasil. Era em junho

de 1908. Tais registros referentes aos imigrantes estejam sempre claros nos círculos governamentais, mas, aqui existiam dois japoneses ignorados por ter sido além da rota da emigração e também antigos. Sendo eles também mesmos japoneses e fizeram suas vidas desordenadas que isso faz a gente sentir certos efêmeros, como se fossem espumas de águas.

Um deles, era o idoso Akiba que ele mesmo dizia que já esqueceu plenamente sobre quando é que chegou aqui no Brasil. O que estava recordado era que, no tempo de jovem estava trabalhando como um marinheiro, mas um dia, com o naufrágio foi resgatado pelo navio inglês de 2 mastros que, enfim, tornou -se um marinheiro daquele barco. No meio de grandes oceanos, um dia para leste ou norte, outro dia para sul ou oeste, assim, este barco a vela prosseguia navegando de porto em porto, como se esquecesse a sua própria terra.

No verão de algum ano, este barco, saiu para oceano Atlântico via estreito Magalhães, mas no alto mar da Argentina, defrontou com grande tufão e o barco recebeu o estrago de quebrar um dos mastros e na ocasião, o velho Akiba, infelizmente quebrou o braço esquerdo. Mais tarde, o barco ancorou no porto de Santos, mas o capitão, notando o ferimento do velho Akiba e seu curativo incompleto, enviou-o a um hospital beneficente e logo depois, acabou partindo sem dar nenhum recado.

Segundo o dizer deste Akiba, naquele tempo, o porto de Santos, parecia um pouco melhor do que uma vila pequena de pescadores que, destacava apenas um pobre cais que avançava para o mar. Acima deste cais, os trabalhadores do porto iam carregando os sacos de café nas suas cabeças, como se fossem filas de formigas. Dizia que, eles ganhavam uma moeda de ouro para o trabalho de um dia. Podia ser uma história bem antiga.

Quando chegava a 1ª remessa dos imigrantes japoneses, este idoso Akiba estava a contar uns 60 anos de idade com seus dentes ralos e os cabelos já brancos. Dizia que havia um filho deixado no Japão, mas nem lembrava mais o rosto deste filho, dizendo que agora, este filho tornou-se um oficial da marinha imperial do Japão que, várias vezes vieram insistindo pelo retorno do seu pai Akiba, através da Legação Japonesa no Brasil. Mas, este pai, nem querendo ligar para isso, dizendo:

[Para que fim eu tenho que voltar para o Japão? Pois já esqueci tudo. Onde eu vou morrer, seria aqui no hospital Santa Casa. Pois vim fazendo todo que eu quis por toda a minha vida. Mas vou fazer mais ainda daqui para frente. No entanto, pelo menos só na hora de morrer quero fazer o adeus com sossego. Pois então, com esta meta, já estou arrumado até uma freira-enfermeira íntima. Eu não posso viver sem a mulher, mas quanto a isso, o Brasil é um país bacana. Ne!]

Não sabia por que agradava tanto, quando falava sobre a mulher, o idoso Akiba sempre dava um sorriso indecente, piscando seus olhos. Como sendo um velho, havia tantas rugas no rosto, mas diferente dos outros idosos que o rosto dele era oleoso e reluzente. Falava em mulher, mas, as mulheres que o velho Akiba gostava eram moças de 16 a 17 anos e não qual quer matrona ou prostituta. Pode ser que seja por esta razão, o velho gostava tanto de São Paulo e nunca quis sair da cidade. Uma vez foi como cozinheiro da Legação Japonesa do Rio de Janeiro, mas logo foi dispensado por ter descoberto pela senhora do Ministro pelo fato de que, este velho Akiba, tinha presenteado alguma coisa para uma mocinha empregada desta repartição pública. Mas, este velho trabalhava bem na cozinha européia, também era o único caminho que sustentava a sua vida.

Naquela ocasião, não havia nenhuma moça japonesa em São Paulo e mesmo que tivesse para o velho não serviria nada, pois,

ele gostava tanto de moça de característica puramente latina de olhos pretos e sonolentos com mamas abundantes, como se fossem uvas sazoadas. No entanto, o velho Akiba nunca dava nenhum incomodo, nem aborrecimento para as moças e também ele mesmo queria evitar qualquer risco com as moças, sabendo bem o instante que deve evitar o último. Era o gosto dele de saborear a paixão de longe, sem que ultrapasse o último risco. Para o lado de moças também, na trama do início da rotina podia sentir certas preocupações, mas, ao reconhecer que, não há nenhum risco nesta brincadeira sexual, iam criando até certas coragens.

Na cidade de São Paulo, moram muitos imigrantes da Europa meridional. Dentro destes, há muitas moças que trabalhavam nas fabricas ou nas casas domésticas. As que miradas por este velho Akiba, eram as moças tipo domésticas.

Estas moças eram relativamente ignorantes, mas, com o tempo em que trabalhava nas casas de alta classe social, ia melhorando cada vez mais seus comportamentos até as etiquetas. As criadas, pelas influências das elegantes senhoras de alta sociedade, podiam tornar como moças delicadas que faz a gente até duvidar que elas realmente fossem aquelas moças de farrapos que trabalhavam nas fazendas de café com os pés nus.

De qual quer maneira, não haveria nenhuma outra coisa tão ociosa do que um dia da senhora do ricaço. Pois, após acordar depois do sol subir ao alto, vai tomar o café bem cheiroso. Talvez, isso fosse 9 a 10 horas da manhã e no fim de cogitar na cama sobre agendamento do dia e ao achar disso com um pouco de vivacidade, começava a se maquilar o rosto. Se descobrisse algum bom programa, o humor desta senhora desta manhã ia tornando tão bem até que soltar algum grito de alegria a si mesma, tratando até os empregados com certos risos. Daí então, ao terminar uma refeição que não parece o café da manhã nem do almoço chega à hora de sair da casa da senhora.

O jantar era feito normalmente, a partir das 19 horas ou 20 horas, sempre com os convidados. Na sala de jantar de bom gosto e refinada, o candelabro iluminava brilhantemente como se fosse de dia. A mesa estava decorada de flores multicoloridas e cujas suaves aromas pairavam na sala junto com os cheiros de maquilagem da gente. Em frente de tantas comidas raras e luxuosas, eles gastavam longo tempo para se servir e no fim, novamente, a senhora vai sair para um teatro ou ao baile que talvez, onde pode receber algum estímulo de entretenimento. Era o exemplo de um dia da vida das senhoras da alta classe social do Brasil.

O idoso Akiba era um cozinheiro de 1ª classe. Portanto, onde ele trabalhava, sempre era o local doméstico do ricoço. Aí trabalhavam muitas pessoas, assim como; criados, lavadeiras, faxineiras, jardineiros, cozinheiros e outros. A casa que o velho Akiba gostava de trabalhar era no lar onde trabalham só as mulheres, de preferência moças novas. Assim, para o velho Akiba, estando como um único homem de empregado nesta casa e com o privilégio de ser um cozinheiro, possuía sempre uma autoridade de manobrar como quiser, para com essas moças.

Assim como, para uma moça que não atende a vontade deste velho, tinha que contentar só com um pedacinho de carne, na hora de refeição. Assim, não haveria nenhum mistério que as moças fizessem concorrências em lisonjear para com este velho cozinheiro, a fim de obter bom pedaço de bolo ou outros petiscos. Se estivesse pelo menos um homem moço, no meio destas moças, a autoridade do velho Akiba não acionaria tanto e também poderia ter sido consideravelmente perturbado aquele processo de rejuvenescer com as moças que ele gostava tão fortemente.

Assim, com o fim de pegar as frutas ou doces gostosos que estão na palma erguida no alto do velho Akiba, as moças

tinham que pular ao alto ou subir nos ombros do homem velho empurrado. Na verdade, para as moças também, não parecia tanto gulosas para as frutas e doces de fazer até os barulhos, mas sim, talvez por sentir alguma excitação em tocar no corpo do sexo oposto, pois, o velho Akiba, embora idoso, ainda conservava um corpo rígido do próprio masculino. Para o homem idoso, no meio de tantas gargalhadas, o fato de poder tocar abundantemente pelos tenros corpos das moças, era uma alegria inédita que fazia sentir até a transfusão do sangue. Se não tivesse tais doces ou frutas, para este velho, não incomodava a suprir dessas com os anéis, roupas ou artigos de maquilagem, adquirindo-os com seu próprio dinheiro do ordenado, mas nunca deixava faltar de fazer essas coisas.

As jovens da Europa meridional eram realmente alegres e atraentes. Como sendo meio ignorante, fazia sentir certa rudeza e vivacidade que suas belezas saudáveis estavam comovendo de alegrias por todo o corpo.

O velho Akiba tendo tornado um marinheiro, logo na época jovem e passou a sua vida em pleno oceano por longo tempo, que nem ele mesmo não lembra mais e agora, chegando a este país Brasil, onde não abraça nenhum outro desejo senão passar a sua vida toda em tranqüilidade, gozando sempre alegrias até o último dia da sua vida. Jamais abraçou qualquer ambição ou façanha, portanto, não há nenhum desespero, nem vergonha quando revendo o seu passado. Vivia como um simples ser humano, gozando a sua vida como ele queria. Para ele, talvez não houvesse o passado, nem o futuro. Se houvesse, isso seria só atual presença que prossegue tantos agradáveis programas do dia a dia.

O velho, apesar de ser um marinheiro, não mexia nada de jogo de azar, não tomava pinga e nem fumava cigarro. Mas só ia atraindo pelas mulheres. Mesmo assim, não gostava de prostitutas, nem ligava para as viúvas, matronas e casadas, que

para ele, parecia ser bem adaptáveis aquelas moças bem novas, preferivelmente daquelas originárias dos imigrantes da Europa Meridional meio ignorantes e inocentes. Era este motivo que o velho Akiba não queria mudar de São Paulo, nem voltar para o Japão. Ele trabalhou bem. Jamais era preguiçoso e mais, era muito honesto que possuía certo temperamento de devoção sobre o tema de “pelo menos na morte seja sincero”. Isso fazia lembrar uma figura de um filho pródigo, mas inocente que toma uma atitude respeitosa perante a sua mãe carinhosa.

Afinal, o Deus como é que julga tal tipo de homem?

“Oh! Você é realmente um homem jamais de ódio. Portanto, volte novamente para o antigo tempo de Adão e Eva e faça repetir aquele roteiro exalado no Velho Testamento”

Deus poderá falar assim. Quem sabe?

O velho costumava falar sempre assim, brincando:

[Se não aparecesse aqui a mais de um mês, pode julgar que eu acabei morrendo viu!]

Exatamente, de acordo com essas palavras, num ano no verão, quando começava vender as mangas e uvas no mercado de São Paulo, como se fosse um sonho em pleno dia, este idoso Akiba deu adeus a este mundo no hospital de Santa Casa, sob cuidado da freira enfermeira da predileção dele.

Outro mais um japonês chamado Manji Takezawa que era um acrobata de circo, natural da província de Chōsyu e no tempo de criança foi levado para a Europa, comprado por um bando de circo que veio para o Japão. Na Europa, após aprender várias artes que enfim, tornou-se um mestre, trabalhando de lá para cá nas várias empresas espetaculares de grandes e pequenos tamanhos.

Este Takezawa, durante a vivência de alguns anos na Europa, num dia, casou-se com uma acrobata italiana que estava trabalhando no mesmo grupo espetacular. Esta italiana

que tornou esposa dele era dona de um possante corpo, mas próprio Takezawa era um homem relativamente pequeno e moreno. Depois de alguns anos, esse casal, juntando-se a um grande grupo de espetáculo europeu e foi para a America do Sul e onde, após separar deste grande grupo, organizou separadamente outro novo e pequeno grupo de espetáculo, e aí, estava apresentando propriamente como chefe e também como um dos acrobatas. Assim passava andando de giro dos espetáculos entre os países das costas dos oceanos Pacífico e Atlântico deste continente, até conseguir certas poupanças. Mas, na ocasião em que continuava fazendo seus espetáculos na Argentina, acabou recebendo grande prejuízo, por causa de um acidente imprevisto, chegou ao ponto de não poder pagar mais os salários para os funcionários, que enfim, ficou obrigado de desmanchar o grupo. Daí então, até este casal também, caiu na situação de trabalhar propriamente, associando a certa empresa espetacular.

Assim, da Europa para a America do Sul, de um acampamento para outro, continuava uma vida errante sem fim que nenhum dia restava para poder sonhar com o sossego.

Durante esse período, vinha nascendo tantos filhos respectivamente, que na ocasião em que chegou os primeiros imigrantes japoneses, podia contar até 5 filhos. Nesses períodos, os que podiam apresentar como um dos membros deste circo, contavam até 4 meninas, a partir da primogênita de 18 a 19 anos até o único caçulo de 5 a 6 anos de idade. Essas meninas e menino, todos eram tão amáveis, vestindo de uniformes tingidos com as letras de “Togo” nas suas costas. Estas 4 filhas, como sendo todas mestiças, eram bem lindas, além de ser um pouco corpulenta e graçinha.

A melhor atração deste grupo era o circo da família Manji com esses quatro brotinhos de flor das moças e mais o “Togozinho” que apareciam no palco com os trajes de estilo

“juban” (tipo gibão). Quando estes 5 atores em fila e cumprimentavam aos espectadores, a audiência fervia durante algum tempo com os barulhos de bater palmas, assobios e outros gritos extravagantes. Realmente, se excluísse esta família Manji deste grupo de espetáculo só tornava apenas as desolações. Pois, os restantes eram nada mais que uma simples exibição de acrobatas femininas que querem vender algumas adulações aos espectadores. As artes destes cinco acrobatas da família Manji, não eram tão excelentes, mas, poderia ter sido mantida a sua popularidade por ter essas cinco artistas tão inocentes e puros botões de flores que davam até uma sensação parecida de compaixão sobre elas, acrescida mais aí, pelas suas amabilidades e curiosidade de serem elas descendentes da raça japonesa, muito rara naqueles tempos. Pois haveria dentro deste grupo, algum moço que aguardasse abrir desses brotos de flor no futuro próximo e na verdade, num dia e num espetáculo, apareceu um moço que ficou meio louco de amor, por avistar uma das moças da família Manji. Este moço era filho de um italiano de 17 anos de idade. Queria entrar neste circo de qual quer forma para poder encontrar diariamente com uma das moças de Manji. Mas, ao saber da impossibilidade de sua admissão, por não ter mínimas noções artísticas de circo, então, o moço começava a treinar arte da acrobacia, todas as manhãs na sua própria casa. Como este grupo de circo estava prevista a sua permanência no local, por apenas uma semana, então o rapaz,, com a meta de habilitar dentro deste prazo, começava treinar intensamente, mas num dia, errando no salto mortal, acabou se machucando gravemente. O miserável deste moço estava gemendo na sua cama sem poder despedir na partida deste grupo de circo e as moças, nem sabendo este acontecimento iam prosseguindo a sua viagem de errante, a procura de pelo menos uma vida um pouco melhor, mesmo que isso fosse tão efêmero.

A esposa de Manji, já não apresentava no palco e Manji também, com, a idade avançada, só apresentava tais programas de jogar os piões ou de sombrinhas, mas, de vez em quando, havia ocasião de apresentar brusca acrobacia de escadas.

Manji não falava a língua japonesa. Talvez já tenha tido esquecido tudo já na saída do Japão, quando ainda era criança.

Mesmo assim, sabia escutar algumas palavras japonesas e com as articulações infantis podia balbuciar o japonês assim:

[Sou Manji Takezawa e sua terra natal é da província de Yamaguchi do Japão que no tempo de criança, fui levado para Europa, mas sinto muita saudade do Japão, etc.

[Manji falava melhor a língua espanhola. Como sendo sua esposa uma italiana, também não faltava nada para esta língua, mas o castelhano era a sua principal linguagem, por ser a maioria dos grupos de circo, constava de espanhol e também, onde faziam giros de espetáculos eram quase todos de países espanhóis exceto o Brasil.

Para Manji, parecia que fosse tão saudável de ouvir a língua japonesa e escutava com o gesto de procurar alguma coisa distanciada, com os olhos afinados e às vezes fazia escorrer algumas gotas de lágrimas.

Segundo as conversações da língua espanhola clara e fluente, contada por este Manji era assim:

[Sou ainda japonês! Eu vou terminar a minha vida com esta humilde profissão. Mas estou querendo tanto, pelo menos meus filhos pudessem viver com outras profissões decentes. Apesar de terem sido nascidos e criados dentro de barracas, mas como o pai não podia suportar mais em continuar vendo as minhas filhas neste estado, apesar de ter bons anos de flores, ainda expondo-as em público, como se fossem instrumentos de espetáculos. Aqueles fracassos da Argentina também era o motivo de precipitação demais para se mudar desta profissão. Por enquanto, a nossa família está trabalhando neste circo sob a

remuneração de salário mensal, mas, como sendo uma profissão arriscada, e se não tivesse algum lucro na empresa, pode atrasar o pagamento e na pior hipótese da quebra da firma, ficaria tudo por só isso mesmo, sem receber nada. Há mais dois anos até o término do contrato. Até isso, estou esforçando para a poupança e se for possível, quero abrir um hotelzinho no São Paulo. Conto com o senhor, para o momento em que tornasse assim.]

Depois desse dia para cá, durante longo tempo, a notícia sobre este Manji era ignorada, mas, segundo o rumor das pessoas, esclareceram que, num dia, Manji machucou + grandemente na acrobacia de escada e por causa disso, enfim, faleceu infelizmente.

Quanto aos 5 filhos, pelo menos, uma ou duas vezes, anualmente teve vistas nos interiores e nas cidades do Brasil, mas nunca apareceram aí, tanto Manji, como as suas filhas nem aquele “Togo”. Assim, como é que ficaram eles desde então?

Aquelas que nasceram e criadas somente nas barracas, viagens errantes sem tempo de namorar. Aqueles 4 botões pobrezinhos, herdados de sangue japonês, mas agora, sem podendo abrir seus botões perdendo até o pai delas. Lastimáveis seriam os destinos delas!

B-O Desbravador Blumenau

Há um relato sobre este homem. Era um colonizador alemão chamado Blumenau. Em fevereiro de 1938, quando o autor viajava ao Estado de Santa Catarina, encontrou lá um documentário, mas sem publicação, mas sobre a colonização deste Estado e também sobre o passado do Brasil. Aqui, fazemos questão de apresentá-lo novamente a fim de transmitir aos leitores sobre os pormenores de tantas dificuldades que os pioneiros encontraram no empreendimento da imigra-colonização antiga de uma fazenda da floresta milenar do Brasil.

O Brasil, desde o seu descobrimento em 1500 por Cabral até a sua independência em 1822, era uma colônia do Portugal, mas na ocasião, não estava bem definida quanto ao seu território e pela conseqüência, a administração estava dividida em capitanias e mais tarde passou sob o sistema de governador geral e também teve a época que pertencia à Espanha. Durante este período foram travadas repetidas lutas com os bárbaros índios e também com os invasores holandeses e outros, na região nordeste, mas todo o caso, o Brasil veio pertencendo como território do Portugal.

Depois da independência, tornou-se um império, mas logo após duas gerações, tornou-se um país republicano em 1889.

Obviamente, para a independência, havia várias vítimas de patriotas que ornavam a história brasileira. Mas, parecia que não foi tão grave de derramar tanto o sangue. Também, além de ser o país relativamente novo, como estava sob a exploração de Portugal, durante $\frac{3}{4}$ parte destes quatro séculos, não havia tantas coisas destacadas em termo de cultura. Mas, vários episódios preciosos desenhados sob as cenas de grande natureza do Brasil, não era tão pouco, tais como; amor trágico da moça indígena Iracema, trabalhos nobres e preciosos dos jesuítas ou gemidos insistentes de lastima dos negros etc.

Como a maioria dos países europeus no século XV, na qualidade da própria forma política e também, sob o ponto de vista populacional não estava necessitando de forma alguma, tais descobrimentos de novos continentes, nem suas administrações ou explorações de novas terras. Só que o Portugal, abraçava o único objetivo de trazer os produtos preciosos do Brasil para a matriz e para esse fim, tinha que expulsar os invasores que prejudicavam seus domínios.

Sob estas circunstâncias, diziam que era para colonização, mas na verdade, naqueles tempos era nada mais que remessas de grupos de exploradores armados e bem diferente daquela

remessa de mulheres e familiares protestantes para o continente norte americano, proclamando a liberdade total da fé.

Portanto, a maioria deles era solteira e como não tinha condição de procurar as femininas da mesma raça, o fato de ir aproximar para as índias da terra, não havia nenhum mistério.

Posteriormente, ao importar os negros africanos, começavam também miscigenar grandemente com esses negros.

Assim, o sangue da raça branca, fazendo seu centro com os portugueses iam misturando tantas vezes com as outras raças, durante estes 3 séculos e chegou ao tempo de formar certo tipo específico como um brasileiro.

Portanto, a independência do Brasil, além de ter significativo natural de cair frutas maduras para o chão, largando de árvores, pode entender que aqueles sangues dos brasileiros de início oriundo de português, atualmente estariam alterados consideravelmente e com o impulso desta espécie, chegou a uma pretensão sentimental de querer sair da repressão portuguesa.

Quando o Brasil começava recrutar os imigrantes europeus, a fim de incrementar a produção do próprio país, era o ano de 1813, na ocasião em que o próprio Portugal estava invadido por Napoleão Bonaparte e que o rei Don João VI fez o Rio de Janeiro como capital provisório do Portugal.

Desde então, durante os 100 anos entraram no país, uns três milhões e 500 mil imigrantes europeus na ordem de mais de um milhão de imigrantes de cada um dos países de Itália e Portugal, seguindo por trás destas, a Espanha e Alemanha.

Os imigrantes acima citados eram todos familiares e eles escolheram principalmente 3 estados meridionais, além do Estado de São Paulo, objetivando exclusivamente para o setor agrícola. A maioria destes imigrantes foi introduzida através da

Companhia da Emigração, mas, havia também fazenda individual, idealizada para a construção de novo mundo de fé.

No entanto, qualquer que fossem os empreendimentos da colonização daquele tempo sofria com tantas dificuldades e embaraços inimagináveis para atual pessoa.

Havia uma história trágica que antigamente, quando um navio emigrante italiano chegava ao porto de Santos, não havia quase ninguém para o desembarque, por ter sido morto a maior parte dos imigrantes, contaminados pelas terríveis epidemias, durante a viagem de navegação da Itália para o Brasil.

Os estados onde o maior número de imigrantes alemães que entraram eram 3 estados meridionais de Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Subindo pelo rio Itajaí, há uma cidade chamada Blumenau, afamada pelo seu asseio e conforto por todo o Brasil. A região que estava fazendo como centro desta cidade é bastante desenvolvida com a indústria, como se fosse coração do Estado de Santa Catarina. Quem abriu estas zonas?

Aqui conta uma parte do gesto do grande desbravador da colônia alemão de Blumenau, e ao mesmo tempo, estimamos aqui, aquelas grandes obras feitas pelos nossos pioneiros japoneses.

Quando Blumenau planejou sobre o empreendimento da colonização e chegou ao Brasil era o ano de 1847 que ele contava 27 anos de idade. Daí, mais adiante, após duras lutas de arrumar o dinheiro e pesquisar sobre as terras, chegou a ter conclusão de escolher esta terra a custo.

Quando introduziu as primeiras 10 famílias imigrantes da pátria Alemã, era agosto de 1853, 6 anos depois do início de planejamento. Daí, desde então, após 40 anos de trabalhos árduos e pacientes, conseguiu alcançar o êxito de hoje.

Aqui estão apresentados duas a três cartas do tempo inicial do Dr. Blumenau, remetidas para os colegas da matriz alemã para fazer reconhecer como era tão difícil realizar o

empreendimento deste tipo e também vale à pena homenagear sobre a forte vontade de cumprir as coisas.

[Em maio de 1850, nosso navio a vela, depois de 84 dias, após a partida de Hamburgo, num estado de quebra de um mastro, conseguiu aportar no Rio de Janeiro. Felizmente, aquela forte epidemia de febre amarela vinha enfraquecendo. Mas, tanto as sementes e as mudas das plantas remetidas pelo senhor, como as 250 mudas de rosas que eu adquiri, apesar de ter tantos cuidados, a sua 2/3 parte do total acabavam secando ou brotando. No local norte do equador, sem ter nenhum vento e o barco só estava boiando nas ondas e a água potável também começava a faltar. Quando atravessava o equador defrontava com uma tempestade que graças a isso, quanto à água potável melhorou, mas em compensação, com o balanceamento forte demais de barco, sob as ondas bravas, 18 mudas de plantas acabaram morrendo. No entanto, ao chegar a Rio de Janeiro, aqui também estava aguardando um dissabor inexplicável. Isso era sobre as três cartas recebidas que me fizeram cair no fundo de desespero. Uma das várias cartas do conhecido de matriz notificava sobre a morte do meu pai. A 2ª carta era da minha amada que realmente deu uma amargura de dilacerar o coração.]

Para o Dr. Blumenau, já tinha uma namorada, desde antes da sua vinda para o Brasil, mas ela, como tinha medo de ir ao Brasil junto com seu namorado, não queria dar-lhe o consentimento de casar-se, comprometendo em responder pela carta posterior.

[A 3ª carta era do companheiro do Estado de Santa Catarina que veio informando sobre total desespero a respeito deste empreendimento, se não levantasse imediatamente o capital necessário do momento. O pior era que, além disso, este companheiro queria abandonar a mim a fim de poder ir mudando para o sertão de Itajaí. Também, a administração da

serraria caiu no fundo da dificuldade, sem ter nenhum vintém, apesar de preços dos produtos fossem tão bom. Durante estes nove meses em que eu adquiri os bens, só restava apenas dois negros que os outros restantes foram embora ou seduzidos pelos vizinhos. Quanto ao capital necessário, já estava remetido de Rio de Janeiro para este companheiro, antes de eu partir para a matriz, mas, apesar disso, segundo esta carta, está notificando o esgotamento total do capital, além da fuga dos escravos, nem qual quer preparativo para receber os imigrantes. As informações faziam me cair em demasiada depressão. Daí então, todo ocaso, resolvi partir para a colônia, assim que terminasse todos os serviços no Rio de Janeiro e embarquei num navio a vela. Mas, com o mau tempo, obedecendo pelas palavras do capitão do barco de. [Aguarde na terra até notificar pela partida do navio que ocorrerá, assim que melhorasse o tempo.] Eu desembarquei de novo. No entanto, logo após algumas horas, quando fui à praia, vi aí assustadamente aquele barco, já estava lá longe no oceano com as velas enfunadas. Eu, querendo alcançá-lo de qual quer maneira, ajustei um barquinho para perseguir, mas o barco ia afastando cada vez mais para longe e tenho que desistir finalmente. Assim, o meu trem e as mudas das plantas jogados no convés do navio sem o dono iam viajando para direção sul. Depois de duas semanas, parti para aquele destino, embarcando num navio a vapor.

Quando chegava ao porto de Itajaí, descobri aí, minhas importantes cargas estavam jogadas num quintal de pensão, numa maneira tão miserável, expostas ao sol e as chuvas. Uma parte de mudas desta planta morreu plenamente e o restante também foi prejudicado, até que alguma foi roubada. Eu, ao ver isso, chorei de decepção. Eu que estava ausente durante 2 anos, enfim, cheguei ao seu destino Itajaí, mas aí também aguardava mais uma decepção.

Aquela terra onde eu investi seis mil tales (moeda alemã antiga que valiam três marcos por um tale atual) só encontrava aí, algum número de casinhas de pau a pique que nem valia os 300 tales e um negro imóvel com paralisia e mais uma negra idosa. Sem ter nenhum objeto para colher e havia apenas 8 a 9 cabeças de bois magros de trabalho estavam no pasto. Também, não tinha preparado nada para aquelas casa de imigrantes que estava aguardando da chegada da Alemanha que já estariam no caminho da viagem para o Brasil.

O meu companheiro, já estava resolvido a se retirar desta terra.

Eu já estava conformado em começar desde o início e não queria fazer nenhuma objeção para com este companheiro, antes, agradecia pelos serviços feitos até agora, a fim de despedir amigavelmente, conformando-se por todos os prejuízos a serem verificados passarão por minha conta.

Mas posteriormente, esses insucessos dos serviços foram motivado pela falta de responsabilidade e a plena vadiagem daquele companheiro, pois este homem comprou a terra com meu próprio dinheiro e mais, pior era que, ele fez-me obrigar a pagar novamente por esta terra saqueada ao preço de 1100 tales.]

Assim, como já referido, o Dr. Blumenau, após a estada de dois anos na Alemanha para os serviços duros de propagandas e angariação dos emigrantes para o Brasil, chegando a Itajaí malmente, tinha que sofrer pelo forte desapontamento pelo fracasso havido com a traição do seu companheiro.

No entanto, ao chegar nesta terra, 17 pessoas da primeira remessa de imigrantes da Alemanha no dia 2 de setembro de 1850, o jovem Dr. Blumenau ficou bastante encorajado. Estes pioneiros, salvo duas famílias, os restos eram todos solteiros que dentro deste, estava aquele afamado cientista natural Dr. Fritz Muller e sobrinho de Blumenau também.

Eles, corajosamente abriram as matas, levantando as casas e continuavam batalhando duro em medir e demarcar, mas, para o Dr. Blumenau, começava esgotar de novo o capital de giro para recurso, de dia a dia, e no fim, em meado do ano seguinte em 1851, resolveu ir ao Rio de Janeiro para arrumar o dinheiro. Felizmente, obtendo a compaixão e consentimento pelo entusiasmo do Dr. Blumenau, conseguiu arrumar certos empréstimos no setor burocrático e seus conhecidos do governo imperial da época. No fim do mesmo ano, vieram de novo, mais nove imigrantes da matriz que, com estas, a partir deste segundo ano, podia fazer preparação para a primeira entrada de 10 famílias imigrantes e quando foi feito isso, era no dia 28 de agosto de 1853, justamente, depois de seis anos da primeira vinda do Dr. Blumenau.

Este Dr. Blumenau está escrevendo na sua carta para a matriz sobre suas durezas e sofrimentos experimentados para a construção da fazenda colônia no dia 28 de agosto de 1854, depois de quatro anos do início da colonização que era assim:

[A minha única fonte de recurso era a serraria. Como não era lugar apropriado que na ocasião de enchente do rio, a água chegava até no telhado que não servia quase para nada. Tantos anos de dificuldade e amargura do passado fez-me o meu coração em devastação, além de meu corpo ficasse tão esgotado pelos trabalhos demais que nem permitia descansar.

As dívidas iam aumentando cada vez mais que isso, fazia quebrar a cabeça também. A falência aproximava-se em vista de não ter nenhuma solução que ia perdendo até a coragem de prosseguir este empreendimento de colonização. Mas eu, mesmo nesta ocasião, quando pensava sobre a minha mãe que vive solitariamente na matriz, fiz-me estimular propriamente para jamais podia morrer à-toa. Felizmente, Deus não abandonou a mim e este empreendimento. Pois no Rio de Janeiro, eu consegui obter um empréstimo de 10 contos de reis,

sob os auxílios do Imperador e outros conhecidos. Com uma parte deste recurso, adquiri as máquinas necessárias para fabricar o açúcar, bem como algumas caixas de abelhas e 75 espécies de mudas de frutas e remeti-as de Rio de Janeiro para a colônia de Santa Catarina, através do navio a vela. Quanto a mim com a doença, embarquei posteriormente noutro navio, mas ao chegar ao porto, soube que aquele barco que eu mandei a minha carga não tinha chegado ainda. Assustei ao saber sobre ocorrência daquele navio a vela que foi capturada pela marinha inglesa na proximidade deste porto e apesar de não ter nenhum escravo, foi detido ilegalmente na Santa Helena.

Apesar de ter sido feitas várias reclamações posteriores, enfim, tinha que convencer de perder totalmente aquelas cargas. A minha doença não curava tão facilmente e ia enfraquecendo cada vez mais. Recebi a notícia antes da minha partida do Rio de Janeiro, sobre a morte da minha mãe, cuja existência era o único consolo da minha vida. Por outro lado, por enquanto, graças a mercê dos favores recebidos de pessoas do Rio de Janeiro, a colonização estava indo pouco a pouco bem. Assim terminou o ano de 1853. Mas, para todos os colonos, exceto os camaradas do dia, estavam um tanto desestimulados por não ter dado nenhum lucro por causa do custo dos trabalhadores serem altos demais. Para os solteiros como nós, não havia ninguém que tomava conta da casa, exceto só para mim que havia uma velha negra que tomava conta de cozinhar e lavar as roupas.

Nosso produto não valia quase nada que vivíamos como se fôssemos cachorros do mato. Assim, vivíamos no estado miserável e estagnação que até para mim também continuava as noites de insônia em apreensão sobre o futuro deste empreendimento da colonização. No entanto, eu, numa determinação de vida ou morte, resolvi enfrentar com toda a minha força, até esgotar o último centavo, sem preocupar nada

quanto ao meu prejuízo que vinha aumentando, desde que não ameace nada disso sobre as vidas dos colonizadores.

Eu não cheguei para ganhar o dinheiro aqui no Brasil. Vim com o objetivo de prestar maior serviço para a minha pátria, mas os colonizadores daqui não compreenderam nada disso.

Eles só exigiam pela farta vida de matéria e preocupavam em ganhar o dinheiro, mas por enquanto por aqui, isso era definitivamente impossível. No entanto, ao saber da nova chegada dos imigrantes, eu encorajado, mas estava preocupado em abrir as estradas e arrumar os novos lotes. Incrivelmente, aquele fogo que ia extinguir, agora começava renascendo e vinha melhorando a situação da colônia, Até os moços que retiravam daqui vinham retornando para cá à procura de terras. O meu sobrinho também comprou a maquina de serraria como sendo sócio do colega dele. Eu também trabalhava alegremente no meio de tantos afazeres, mas exclusivamente nos serviços de administração geral da colonização, arrendando meu próprio lote para os dois antigos colonos, mas, como eles brigavam sem fazer quase nada, então, eu acrescentei aí, mais uma pessoa, mas mesmo assim, sem poder ver bom efeito, eu mesmo, após dispensá-los, tinha que trabalhar propriamente no pomar, para salvar pelo menos, aquelas importantes mudas de frutas. Eu, com as ajudas do Dr. Fritz Muller e o irmão mais novo dele, consegui colher muitas orquídeas raras. O Dr. Fritz, além de ser um cientista natural destacado, era o melhor colonizador que batalhou propriamente com a machada. O Dr. Fritz ensinou-me sobre várias variedades de orquídeas que jamais eu conhecia.

O ano de 1853 terminou no meio de tantos serviços duros e difíceis. Ao fazer balanço, descobri um saldo positivo de 150 mil reis durante esses dois anos passados. Mesmo que aumentasse tanto os colonos, eu tinha que trabalhar ainda sozinho para meu serviço. Porque, um empreendimento de colonização seria tão duro e difícil de ser recompensado?

Se você quisesse recompensar sua pena de crime cometido no passado, pode experimentar por este empreendimento.

Talvez, um ano de vida na mata virgem valeria por 25 anos de cadeia. Pois aqui não há nenhum sossego sequer um dia. Na minha proximidade, sempre estava repleto de bando de colonos que pretende ou reclama alguma coisa que para essas, tinha que atender com paciências sem fundo. Quando esgotava o fundo sem ter algum credito em retorno, o único era vender os lotes restantes. Mas este também, não aparece tão facilmente os compradores na hora, nem os imigrantes por falta de interesses oriundas da mudança de política governamental.

Assim mesmo, recebi várias cartas de encorajamento do setor das pessoas destacadas, mas era só, não havia nenhum auxílio material necessário.

Basicamente, quem quer que fosse pessoa que pertencesse a algum empreendimento da colonização ou já está atuando presentemente, ninguém pode negar sobre a amargura que o Dr. Blumenau enfrentou na sua vida. Ele mandou sua carta com seguinte tese;

[No Estado de Santa Catarina, qual quer coisas plantadas nascem bem e crescem todas vivamente. No Brasil, principalmente na região sul, a terra é uma maravilha. Sinto pena para os alemães que tinham ido para os Estados Unidos sem ver estas terras, pois, seria difícil achar um local que ultrapassasse o dom natural deste país. Incrível seria que, o homem, quando alguém aclamasse alguma coisa, os outros idiotas o seguem facilmente, mesmo que isso fosse um sonho disparate. Os brasileiros parecem que estão temendo os alemães. Mas também admirados para com seus trabalhos de superioridade. Se o governo alemão auxiliasse comigo em alguma forma e se permitisse prolongar também a minha força e saúde, eu, aqui na Santa Catarina, vou fazer alguma coisa que os “Yankies” jamais conseguiram e também, posso provar que

o Brasil é um país excelente para a imigração neste mundo inteiro. Dentro de algumas semanas, haverá uma solução a respeito da minha proposta de empréstimo de no mínimo de 100 contos de reis pelo governo brasileiro, a fim de poder prosseguir mais sete anos para este empreendimento. Se isso saísse felizmente, eu desafiarei firmemente contra quais quer difamações ou más reputações. Oxalá que o governo brasileiro admitisse recentemente a minha pretensão, eu, aproveitando essa ocasião, darei uma mudança radical de atmosfera deste Itajaí.

Eu também enfrentarei propriamente a administração das fazendas, bem como a construção de novas serrarias, jardins e pomares etc. Para esses fins, está possuindo uma parte da terra fértil em outro lado do rio, programando para a nova cidade (atual cidade de Blumenau). Sou homem sem beber o álcool, nem jogar e fui perdido até no amor, mas, jamais paro enquanto não dar caminhos necessários aos meus colonizados para eles poder seguir daqui para frente. No momento, o estilo de minha vida é extremamente simples e monótono até dar medo, mas, mesmo assim, estou querendo procurar alguma coisa superior. Atualmente, o meu único consolo e entretenimento seria a observação de flores e árvores que foram criados por mim e enquanto estando com elas, acabo esquecendo todas as desgraças, cansaços e penas. Para os senhores que respiram no meio da atmosfera sufocante, mas disciplinada daquela velha Europa não haveria nenhuma condição de entender bem sobre minhas profundas amarguras e também alegrias no decorrer da construção deste empreendimento de responsabilidade. No entanto, eu tenho que vencer contra esses sofrimentos. Normalmente, sem os capitais e os trabalhos suficientes, tudo acabaria em vão, mesmo com tantas sinceridades e entusiasmos. Jamais há progresso na colonização, onde falta continuação dos imigrantes. Se

satisfizesse com certa escala pequena de colonização, eu não procurarei nenhum auxílio para os outros.

O seguinte é o outro trecho que o Dr. Blumenau escreveu no fim de alguma carta, explicando sobre como ele preocupava tanto sobre o desenvolvimento de produção da colônia.

Também, sempre cuidava bem em absorver qual quer conhecimentos para não atrasar tanto nas circunstâncias do mundo, mesmo que estivesse em situação precária.

[Comunique-me sobre alguma nova edição destacada. Estou sentindo tão atraso sobre o andamento atual do mundo científico e literário da matriz e peço mais, envie-me as atuais revistas ou livros de vários países, referentes à botânica e o paisagismo, podendo ser tanto de língua alemã ou francesa que servira bem como boa referência para estas terras. Mais outro, achando que, no meio dos produtos da ilha de Java, haverá muitas plantas que se adaptam nesta terra, portanto, peço-lhe enviar-me dessas mudas também junto com os outros.

Também, envie-me livros para criar bicho da seda e a cultura de amoras e mais algumas das sementes de origem estrangeira que achasse útil para esta terra pode mandar para cá. Todo o caso, se o senhor tomasse algumas sementes de origem estrangeira, qual quer que fosse a sua espécie, trate de enviar-me, através do meu cliente de Hamburgo, pois eu já desisti de enviar as mudas, segundo as experiências fracassadas.

Só por essas duas ou três cartas podia entender que, como era tão difícil de construir uma fazenda de colonização e também podia enxergar um pedacinho de consciência do Dr. Blumenau.

Assim, afinal os esforços do Dr. Blumenau foram reconhecidos e o governo imperial brasileiro atendeu-lhe por um empréstimo de 85 contos de reis em abril de 1855, e em contra partida Dr. Blumenau ficou de introduzir 4000 imigrantes anuais a partir deste ano durante 10 anos e mais

várias benfeitorias necessárias a construir. A partir deste momento também, o empreendimento não ia tão bem, mas pelo entusiasmo do Dr. Blumenau ia cada vez mais recompensando.

Em janeiro de 1860, o governo imperial, a fim de aliviar a responsabilidade do Dr. Blumenau, expropriou esta fazenda pelo Departamento de Terra, colocando-a sob controle direto do Governo, nomeando o Dr. Blumenau como seu administrador geral.

Em 1867, o Dr. Blumenau com 48 anos de idade, casou-se primeiramente e no ano seguinte ganhou um filho chamado Belman, mas morreu no campo de batalha daquela grande guerra européia para a sua pátria alemã.

Em 1882, foi adotado o sistema de distrito municipal para esta região e as indústrias iam desenvolvendo vertiginosamente.

O Dr. Blumenau, em agosto de 1884, após terminar seus longos 40 anos de vidas na Fazenda, logo que terminasse de arrumar todo, foi embora junto com a sua família para o seu torrão natal, a fim de passar o resto da sua vida. As idas e voltas do Dr. Blumenau entre o Brasil e a Alemanha atingiram em muitas vezes, mas o Brasil, desde a última ida do Dr. Blumenau nunca mais teve ocasião de revê-lo.

Depois de volta para a sua terra, ele ainda sobrevivia mais 16 anos tranquilamente, junto com sua amável família, mas em 1899, com a idade de 80 anos, este grande explorador e colonizador das fazendas para os alemães, desapareceram deste mundo.

Todas as pessoas que fazem passeios ao Estado de Santa Catarina visitarão sem falta a cidade de Blumenau. Ao atravessar a ponte construída em alta parede rochosa do rio Itajaí, acha aí, um jardim público bem límpido, com grande árvore deixada desde daqueles tempos de matas milenares. Na entrada deste jardim, está construída silenciosamente, a estátua

de meio corpo superior do Dr. Blumenau, donde enxerga uma corrente de água tão límpida junto a uma montanha.

É uma cena apropriada para lembrar o saudoso passado de Dr. Blumenau.

C- Senhor Mitsusada Umetani e a Sociedade Além Mar da Emigração

Agora o autor, depois de visitar a terra natal e o túmulo do senhor Umetani, está lembrando-o, a fim de poder escrever sobre os fatos antigos.

C1-O Rastro do Senhor Umetani no Brasil

Em agosto de 1927, o senhor Mitsusada Umetani assume o cargo de primeiro diretor gerente da União das Sociedades Além Mar da Emigração e em fevereiro de 1931, renuncia por expiração do seu vencimento.

Durante este período, fez 2 viagens para o Brasil como responsável na abertura da fazenda colônia. Na sua 1ª viagem, aos 10 dias de dezembro de 1927, chegando ao Rio de Janeiro e fez esforço total para a compra de terras, durante seus 7 meses e no ano seguinte, aos 14 dias de julho de 1928, partiu do Rio de Janeiro para o regresso temporário ao Japão.

Daí, após resolver vários problemas, junto com o setor burocrático e as sociedades emigratórias regionais, apressadamente chegou novamente para o Brasil aos 23 de março de 1929, via Sibéria.

Objetivo desta vez, era a execução do plano de imigração e o contrato sobre o terreno estadual de Minas Gerais e que, todo o jeito, após cumprir estas tarefas, no dia 3 de março de 1930, devia fazer uma viagem longa para o Paraguai e a Argentina, com o objetivo de verificá-los e no dia 13 do mês seguinte, retornou para o Brasil. No dia 29 do mesmo mês, partiu do porto de Santos, a fim de voltar para o Japão.

Durante este período, foram adquiridos seguintes terrenos; 12000 alqueires da Fazenda Bastos, 47000 alqueires da Fazenda Tietê e 4000 alqueires das Fazendas Alianças. Todas essas eram no Estado de São Paulo, e no Estado de Paraná, foi comprada 12000 alqueires da Fazenda Três Barras, perfazendo um total grande de 75000 alqueires.

Para reconhecer tais esforços do executivo Umetani em comprar tantas terras, com o fim de construir as fazendas-colônias, bastava verificar as seguintes agendas.

1ª viagem- Verificação ao longo da linha Paulista no Estado de São Paulo (entre 22-12-1927 até 30-12-1927).

2ª viagem- Verificação da zona litoral do Estado de São Paulo (entre 07-01-1928 até 15-01-1928).

3ª viagem – Verificação ao longo da linha Noroeste, região sul do Estado de Mato Grosso e o país da Bolívia (entre 19-01-1928 até 05-02-1928).

4ª viagem- Verificação no Estado de Rio de Janeiro (entre 20-02- 1928 até 27-02- 1928).

5ª viagem- Verificação no norte do Paraná e ao longo da linha Sorocabana e linha Araraquara do Estado de São Paulo (entre 10-03-1928 até 25-03-1928).

6ª viagem- Verificação da bacia fluvial do rio Doce no Estado de Minas Gerais (entre 14-04-1928 até 15-05-1928).

- 7ª viagem- Verificação ao longo da linha Mogiana no Estado de São Paulo
(entre 23-05-1928 até 25-05-1928).
- 8ª viagem-Viagem para Belo Horizonte capital do Estado de Minas Gerais, para o contrato da aquisição da terra estadual
(entre 29-05-1928 até 04-06-1928).
- 9ª viagem- Para Belo Horizonte (2ª viagem)
(entre 09-04-1929 até 21-04-1929).
- 10ª viagem - Inspeção para a Fazenda Bastos do Estado de São Paulo
(entre 02-05-1929 até 29-05-1929).
- 11ª viagem - Estada no Rio de Janeiro
(entre 30-07-1929 até 06-08-1929).
- 12ª viagem - Re-verificação da bacia do rio Doce e ida para Belo Horizonte, a fim de contratar sobre 20 mil alqueires de terra estadual
(entre 24-08-1929 até 06-10-1929).
- 13ª viagem - Estada no Rio de Janeiro.
(entre 14-10-1929 até 31-10-1929)
- 14ª viagem - Inspeção para a Fazenda Bastos.
(entre 13-12-1929 até 21-12-1929)
- 15ª viagem- Inspeção para a Fazenda Tietê.
(entre 09-01-1930 até 17-01-1930)
- 16ª viagem- Verificação para os Estados de Paraná e Santa Catarina.
(entre 01-02-1930 até 15-02-1930)
- 17ª viagem- Verificação para os 2países Paraguai e Argentina.
(entre 03-03-1930 até 13-04-1930)

Em conclusão: O tempo durante a estada no Brasil do executivo Umetani em duas vezes, durante 18 meses, nos quais tempos gastos eram 291 dias para as suas viagens totais e as

distâncias percorridas atingem no total 72000 km, e se acrescentasse mais nela, aquelas distâncias de duas viagens de ida e volta para o Japão, alcançaria em torno de 100 mil km.

Quanto a aquelas 2 viagens para o Estado de Minas Gerais de exploração nas bacias dos rios Doce e Salto Grande eram tentativas arriscadas que não podia ser praticadas tão facilmente por quais quer pessoas. Tinham vezes que encostavam os corpos na canoa, com as febres de mais de 40 graus, ou amanhecia numa casinha de pau a pique, sem poder dormir bem com os ataques persistentes dos pernilerongos. Mesmo assim, tinha que prosseguir seus dias de viagens duras no meio da matas virgens.

Atualmente, aquelas 4 Fazendas que o executivo Umetani concentrou sua alma total, estão todas no caminho de desenvolvimento, mas, ninguém pode saber sobre tantas amarguras e dificuldades que os pioneiros sofreram no passado.

C2-Plano do Ministério dos Interiores que causou o caso

Em 1927, o Ministério dos Interiores, ao ver a aprovação da lei da Sociedade Além Mar da Emigração pela Assembléia Legislativa, induziu rapidamente todas as províncias, a fim de organizar uma sociedade emigratória para cada uma das províncias e para seu órgão unificador como seu centro, fez organizar a União das Sociedades Além Mar da Emigração.

Assim, por enquanto, para o local de destino dos emigrantes foi definido para o Brasil com o plano previsto de instalar oito sociedades emigratórias anualmente para todas as províncias do país e para essas, através da União das Sociedades fará os

empréstimos a fim de poder adquirir as terras e também para outros auxílios.

Obviamente, não supunham nenhuma falha nas próprias Sociedades da Emigração, mas quanto a sua prática para a realização, parecia existir aí alguma falta motivada pela pressa demais, apesar de ser inexperiente e inadequada na ocasião. Também, quanto à tese do seu conteúdo parecia estar tão inclinado só para um lado, como se praticasse no próprio terreno japonês, por ter elaborado o mesmo, pelas próprias pessoas do Ministério dos Interiores. Por consequência, acabou recebendo antipatias demais das autoridades existentes no Brasil e para o executivo Umetani também obrigando a sofrer defronte os problemas inesperados, desde logo a chegada no Brasil.

O seguinte era as clausulas de censuras indagáveis das autoridades do Ministério das Relações Exteriores do Japão, existentes no Brasil.

A- Tal Sociedade Além Mar da Emigração, não sendo uma entidade reconhecida pela legislação brasileira, então, com o que pode considerar o corpo principal da administração?

B- Comumente é difícil administrar as fazendas colônias no estrangeiro, pois, sucesso ou insucesso tudo depende das pessoas que vão administrar. As Sociedades da Emigração estarão dispostas a isso?

C- O plano do Ministério dos Interiores era para adquirir grandes áreas possíveis dentro do Estado de São Paulo e distribuir isso para cada Sociedade Emigratória provincial, dividindo-as em partes iguais de 2000 alqueires para cada uma, bem como suas administrações ficam sob conta própria. Mas, a terra, como não sendo tão uniforme é impossível dividi-la imparcialmente. Portanto, a administração deveria ser feita propriamente pela União das Sociedades. Seria bom não dividisse só geograficamente pelo total da terra para as

províncias e bom fazer ingressar os imigrantes misturados pela ordem de chegada. Que acham?

D – Os grupos diretos do Japão, sempre fácil de provocar algum problema, principalmente do ponto de vista da assimilação e também, como não possuem nenhuma experiência na lavoura brasileira, está claro que, seria difícil alcançar logo os sucessos, portanto, a cada Sociedade da Emigração é preferível enviar primeiramente os imigrantes tipo colono para as fazendas de café, sob conta da Companhia Além Mar da Indústria S/A e após o término dos contratos seriam bom introduzir para as fazendas colônias que vai determinar. Que acha?

Assim, desde que não haja respostas que satisfaçam para 4 destas perguntas, o Cônsul Geral Okamatsu de São Paulo da ocasião revelou a sua opinião contrária para este plano.

Aí estava aparecendo uma atitude de “se puder fazer alguma coisa sozinha, pode fazer o que quiser, já que está invadindo para a outra área”, mas nessa altura, por causa disso, podemos imaginar facilmente sobre os embaraços e dificuldades que ocasionou para o executivo Umetani que estava na véspera de definir a compra de grande área de terras para onde deveria ingressar grande quantidade de imigrantes

[Estou aqui sob grande responsabilidade na construção da fazenda colônia, planejando a evolução de 100 anos da raça nipônica que não há Ministério dos Interiores, nem das Relações Exteriores. Os dizeres do Cônsul Geral Akamatsu também tinham certa razão. De qual quer forma, tenho que resolver esta situação difícilima.]

Assim, o executivo Umetani, todos os dias e noites, junto com as autoridades do destino, iam discutindo e estudando para obter adequada solução final. Mas, como era uma modificação radical sobre o plano inicial da Federação das Sociedades da Emigração, ficou para ser resolvido na ocasião do retorno ao

Japão, após explicar e discutir sobre vários problemas e no momento era para iniciar logo intensamente a compra do terreno. O plano elaborado por este executivo e outros, era o seguinte, aproximadamente.

- 1- De acordo com a lei brasileira, melhor seria levantar uma simples e adequada sociedade, como órgão substituto da União das Sociedades da Emigração, para poder exercer todos os serviços administrativos da imigração. No entanto, até a sua legalização poderia adiantar os serviços de compra da terra sob o nome individual de Umetani.
- 2- Todos os serviços administrativos da fazenda colônia no Brasil pertencerão diretamente a União das Sociedades da Emigração e quaisquer imigrantes pertencentes a cada uma das sociedades provinciais, todos poderão ingressar misturando.

Era uma alteração radical e igual para tirar a vida de cada uma das Sociedades Provinciais. Pois, o motivo da nascença da Sociedade Provincial originava da importância de ser unidade própria de cada província e sob esta base que ia progredindo para o país estrangeiro. No entanto agora, com a administração direta, sob a Federação das Sociedades que cada Sociedade tornará um simples subordinado da União das Sociedades e mais do que isso, se ingressassem os imigrantes em mistura, não poderá formar separadamente um grupo de mesma origem provincial, tais como “vila Okinawa“ etc.

Assim para uma província, no fim de algum desinteresse, acabou perdendo até a vontade de fazer emigrar. No entanto, sob a questão da realidade e também pela capacidade econômica de cada uma das províncias, bem como a situação difícil de procurar pessoas adequadas em dirigir bem o local e mais outras coisas, querer ou não querer, o plano das

administrações independentes por cada uma das províncias jamais terão condição de executá-los.

Assim, aquelas três cláusulas que o Cônsul Geral Akamatsu inquiriu, foram resolvidos aproximadamente, mas, quanto a 4ª pergunta, mesmo o executivo Umetani contrariou nisso. Pois, a lei da Sociedade da Emigração foi elaborada com o objetivo de enviar o povo para o exterior como agricultor independente que significava radicalmente como sendo emigrante empreendedor.

Quanto ao caso da assimilação e inexperiência na lavoura brasileira, seria um caso resolúvel pela sua maneira de orientações e fazer eles como os imigrantes de colonos, seria nada mais que uma inversão de ordem da atual circunstância em virar radicalmente aquela lei da Sociedade da Emigração.

Por este motivo, o executivo Umetani negou esta sugestão definitivamente.

Concluindo que, o Ministério dos Interiores, ao executar a lei da Sociedade da Emigração por apressar demais, fez escassear até as comunicações suficientes para com as autoridades do Ministério das Relações Exteriores do destino e enfim, fez embarçá-las, causando grande dificuldade inimaginável para o executivo Umetani, logo na chegada ao Brasil.

C3-Dificuldade e Angustia na Compra de Terras

Durante a aquisição de terras de 4 fazendas, o que atormentava mais o executivo Umetani era a compra da Fazenda Araçatuba, atual Fazenda Tietê. Este terreno, com a área de 47 mil alqueires localizado na proximidade da boca do rio Tietê, ao lado direito deste rio. Era uma terra fértil e plana que na proximidade havia 2 grandes cataratas Itapura e Urubupungá. Era uma região de grande expectativa no futuro bem próximo dos dois estados, Goiás e Mato Grosso.

No dia 26 de janeiro de 1928, o executivo Umetani, no caminho da verificação para o país de Bolívia, na sua primeira vista desta floresta, foi atraído grandemente, mas na ocasião, esta terra ficava no meio da confusão escritural de posse imobiliária, sob as hipotecas de 1ª e 2ª ordens e nas mãos de 7 credores.

Para tais complicadas terras, mesmo que fosse um objeto tão promissor, ninguém queria entrar em negócio, pensando nas suas responsabilidades e implicações. Mas, para o executivo Umetani, além de mostrar tanto apego a esta terra, como não achava nenhuma outra terra interessante, resolveu adquirir esta por qual quer custo.

Esta terra, inicialmente pertencia ao General Gavião Peixoto, último comandante da zona forte de Itapura e posteriormente, após 3 mudanças de proprietários, agora, estava na mão do senhor Jonas de Melo. Mas, este senhor, arruinou pela brusca queda de preços de carne de boi, após término da grande guerra européia que finalmente, esta grande área de 47 mil alqueires foi destinada como garantia da dívida total de capital e juros de 7000 contos de reis perante os credores, a partir do Banco do Brasil que era o primeiro credor da lista.

Nos anos de 1924, uma vez, esta terra quase ia ser negociada com o Sindicato da Inglaterra, mas infelizmente, na véspera da sua negociação, foi prejudicada pela incidência de súbita revolução brasileira, levando isso a impedir sua negociação. Depois, iniciou a venda sob o sistema de divisão em pedaços pelo Banco Comercial e Industrial de São Paulo como sendo representante do total dos credores, mas isso também fracassou e desde então estava abandonada sem fazer nada.

No início, parecia que as negociações não seriam tão difíceis, mas realmente, ao começar entrar em detalhes, vinham

surgindo inesperados impedimentos complicados pelo choque recíproco dos interessados.

A partir do início de pesquisa e negociação desta terra até a conclusão da compra e venda feita pelo executivo Umetani acabou gastando uns 6 meses do tempo. O seguinte é o resumo dessas dificuldades na compra desta fazenda colônia.

[Finalmente, depois de terminar as pesquisas sobre a topografia e fertilidade do solo desta terra e ao começar seriamente as negociações, primeiramente o que apareceu era a questão referente à procuração dos credores. Desde o início, este terreno, tinha que ser solucionado por um brasileiro influente, mediante pagamento de certa comissão, segundo os entendimentos prévios dos credores. Portanto, tinha razão este corretor não aceitar nenhuma negociação do executivo Umetani diretamente com os credores ou com o dono da terra.

No entanto, para o executivo Umetani, sabendo que era uma desvantagem de ter tal intermediário para a determinação do preço, tinha que desmanchar esta combinação do intermediário que isso, só era possível mediante o proprietário da terra.

Em fim, foi resolvida esta questão a custo e ao iniciar as negociações diretas para os dois lados, surgiu aí, complicada reclamação relativa ao problema de disputa terrestre. Pois, naquele tempo, uma parte desta terra, estava amarrada num processo judicial sobre a sucessão da herança, no qual, várias vezes foram feitos os acordos extras judiciários, mas, como eram tão poderosos credores, sem poder ativar positivamente ficou deixando assim mesmo. Mas agora, ao saber o início desta negociação feita com o capitalista japonês, este acusador, com o tom de ter chegado o seu tempo, começava a sua ação sigilosamente. Num dia, o advogado deste acusador visitou o executivo Umetani e falou:

[Quanto a este terreno, agora está atuando um processo acima desta, então, a negociação do senhor faça depois da

resolução deste processo. Se no caso contrário, eu na qualidade de um acusador vou impedir de fato, o ingresso dos imigrantes para esta terra.]

Assim, fez uma declaração até ameaçadora. Para isso, obviamente, como o executivo Umetani já estava ciente e falou:

[Tudo bem! Estou pensando em comprar este processo também junto com o terreno. Fique sabendo que o processo resolverá só após o término da minha compra de terra pendente.]

Assim, deu uma ponta pé neste advogado. Mas na hora, pensava que “se a quantia para o acordo extrajudicial não fosse tão absurdo podia liquidá-lo, ante a preocupação posterior inútil”. Mas agora, como está aparecendo um caso embaraçado de alguém dos influentes japoneses, a fim de fazer alguma coisa junto com o lado oposto.

Para o executivo Umetani que pensava sobre o futuro das Sociedades das Emigrações que vão administrar muitos empreendimentos aqui no Brasil, o fato da existência deste tipo de japoneses que querem perturbar os negócios pendentes, daria uma conseqüência desagradável que tinha de evitar em qual quer forma. Por isso, tomou a atitude dura desta forma

Por um lado, havia outro motivo perante a União das Sociedades da Emigração de apressar tanto a compra do terreno estando numa situação de não poder mais perder o tempo a fim de adiantar mais o negocio junto com os credores e o dono da terra. No entanto, quanto ao 3º problema que era a questão do preço da terra, não progredia nada nas negociações. Isso era nada mais que uma batalha sob a trama oculta recíproca de vender mais caro para um lado e comprar mais barato para outro lado. Para o lado dos credores, satisfaz quando recebesse os 7000 contos de reis, equivalente a divida do dono da terra, mas, para a parte do proprietário, como era nada mais que assinar só na escritura da terra, portanto, preferia receber um

pouco mais do comprador ou, descontar alguma parte do débito pelos credores.

Nestas circunstâncias, se adiantasse o negocio baseado nesta quantia, não haveria nenhuma questão a discutir, mas para o lado do executivo Umetani, havia o problema de rebater mais sobre o preço da terra.

Também, para o dono da terra e os sete banqueiros credores possuíam tantos medos de perder tão bom comprador de terra, caso não fechasse negocio por não achar tão facilmente os outros compradores que no fim, tinha que deixar abandonada esta imensa área de 47 mil alqueires de terra.

Mas na ocasião, infelizmente, apareceu aí, um japonês que denunciou ao lado do vendedor com esta fala:

[Umetani está em situação de não poder voltar ao Japão sem adquirir esta terra.]

Com esta informação, a atitude dos vendedores endureceu de repente. Vendo isso, o executivo Umetani, cessou por enquanto essa negociação e depois de comprar a passagem do navio para o Japão, publicou o fato para ver a atitude do lado oposto. Isso assustou o lado dos credores, até que fez indignar o próprio dono da terra e queria ir embora para o interior, protestando contra atitude gananciosa dos credores. Quem apareceu aí de repente, era um senhor de espírito cavalheirismo afamado até no setor político, chamado tal Araujo.

Este homem, era o amigo antigo desde a queda financeira do senhor Jonas de Melo e ao ouvir a história, visitou o executivo Umetani, junto com o dono da terra encorajado e falou:

[O senhor Jonas quer vender a terra dele e o senhor diz que queria comprar isso. Apesar disso, não podia sair o negocio. Acho isso um absurdo. Se o senhor Jonas não vendesse esta terra, como é que ficaria para o lado dos bancos que no fim, restaria apenas procurar o leilão que isso resultaria grande

desvantagem. Então, aqui não posso garantir, mas, se quisessem, negociarei como um intermediário.]

[Estou pronto para embarcar no navio que parte recentemente, partindo de Rio de Janeiro para o Japão. Tenho ainda interesse por esta terra, mas quanto ao seu preço, como já falei na proposta anterior, é o limite máximo dentro do nosso orçamento que jamais permito qual quer manobra de negociação. Se o senhor ciente disso e ainda com a bondade de intermediá-lo, favor providenciasse nesse sentido, desde que não atrapalhe a minha partida,]

[Pois bem! Estou ciente disso.]

Assim despediram-se. Mas com esta chance, as negociações, de repente mudou favoravelmente para o lado do comprador, e aquelas difíceis negociações que durou 6 meses, acabou fechando com o preço total de 4200 contos de reis para um total de 47000 alqueires de terra, restando apenas o registro de terra no cartório de registro de imóvel.

C4-Uma Ajuda Para a Tentativa Arrojada

Quanto ao avanço dos japoneses para o Estado de Minas Gerais foi planejado várias vezes, desde tempo do presidente Tatsuke, do Conselho de Administração da União das Sociedades da Emigração que estava no cargo de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário no Brasil, mas, sem ter boa oportunidade, estava adiado até este momento. Havia 2 razões em que o executivo Umetani visou um bom futuro para este Estado em construir nossa fazenda colônia.

Uma dessas, baseado no ponto de vista transcendente dele para com a política brasileira. Desde antigamente, Minas gerais era um dos estados destacáveis dentro de 21 estados brasileiros, comparável com o Estado de São Paulo, possuindo certa influência política contra o governo federal, mas, recentemente, vinha reduzindo a sua força econômica, em comparação ao seu

vizinho Estado de São Paulo e outros estados, tais como; Rio Grande do Sul, Bahia, etc. Portanto, o governo do Estado de Minas Gerais, com o fim de incrementar a força econômica, estava querendo atrair os imigrantes e também capitais e tecnologia japonesa, mas, pode ser que seja por desinteresse da parte do governo japonês, não conseguia obter nenhum resultado até este momento.

O executivo Umetani, já ciente destas circunstâncias, resolveu cooperar com o Estado de Minas Gerais, aproveitando a força da União das Sociedades da Emigração, a fim de reduzir a futura força política para a concentração demais dos imigrantes japoneses só no Estado de São Paulo.

O outro motivo era a formação da base para a atividade, prevendo o avanço para a região nordeste, que isso era nada mais que uma visão do executivo Umetani sobre a política emigratória do Japão. Se conseguisse construir importantes bases nas vastas regiões férteis localizadas nas divisas dos Estados de Espírito Santo e Bahia, certo de que, a etnia nipônica avançaria para o rumo norte e pode atingir até o Amazonas, alcançando aqui, a metade do objetivo da política emigratória do Japão.

Em contra partida deste, havia outro plano meridional que avança para a direção central do continente sul americano, descendo pelo rio Paraná. Sob o plano deste, foram escolhidas as terras da Fazenda Tietê, Bastos e Norte do Paraná.

Como sendo primeiro passo para a execução destes planos grandiosos, o executivo Umetani, comunicou ao governo de Minas Gerais, sobre a intenção de formar as fazendas colônias neste estado e ao mesmo tempo em que negociava, resolveu examinar região da bacia do rio Doce, da propriedade e indicado por este Estado. Esta verificação foi feita em duas vezes, sendo que a primeira, foi embarcado a partir do porto de Vitória do Estado de Espírito Santo e a segunda viagem, partiu

de Ponte Nova do Estado de Minas Gerais. A zona da verificação era a região de floresta da parte montante do rio Sasuí Grande, afluente do rio Doce, onde fazia Figueira como seu centro e a parte descida de Raul Soares do montante do rio Doce. A área suposta era um total de 200 mil alqueires que prosseguiam as noites de acampamentos e acampamentos, andando diariamente a pé ou de cavalo, sem parar no meio das matas intermináveis. Num dia, no andar de canoa, para o montante do rio, os homens avistavam uma linda flor de orquídea, pendente num galho de grande árvore na beira do rio.

As pessoas olhando-as fascinadas, mas, aconteceu aí, incrivelmente um passarinho ia avançando e atraído cada vez mais para o pé daquela grande árvore, junto com as batidas de asas e vozes esquisitas. Todas as pessoas acompanhavam com suas vistas para esta cena e acharam aí, uma enorme cobra que estava puxando o passarinho com o olhar forte e fixo de magia.

Era uma cena realmente formidável na história da vida no sertão.

Objetivo destas explorações, obviamente era para a escolha de terras, com o fim de averiguar sobre fertilidade, topografia, localização e para definir as espécies das plantações.

As duas margens do rio Sasui Grande pareciam ideais tanto a fertilidade como a topografia, mas para enviar os imigrantes a esta região, tinha que preferir o porto de Vitória como sua entrada que isso, além de ser inconveniente na administração para a União das Sociedades da Emigração que já instalada sua matriz no Estado de São Paulo, faria muita volta para o transporte de produtos agrícolas para Rio de Janeiro ou Belo Horizonte.

Por outro lado, se escolhesse o terreno na região do montante do rio Doce, ficaria a sua saída para o porto de Rio de Janeiro, bem conveniente para o transporte dos produtos. Mas,

esta região, como sendo tão montanhosa, não seria conveniente topograficamente.

Assim, o executivo Umetani, após preocupar tanto com a escolha do terreno, ordenou pesquisar mais uma vez detalhadamente sobre a região montanhosa do rio Doce. Daí, a partir deste resultado descobriu uma área relativamente plana de mais ou menos de 4000 alqueires da zona floresta situada no Antonio Dias, descendo da cidade de Raul Soares por um afluente. Encorajado com isso, o executivo Umetani, enfim, conseguiu chegar à conclusão em planejar pela construção da nova fazenda colônia na região norte do Estado de Minas Gerais.

Assim, sob a condição de aquisição de 4000 alqueires de terras estaduais férteis, localizadas na região de Sasui Grande, iniciou formalmente as negociações com o governo estadual de Minas Gerais. Quanto à estrada de ferro construída ao longo do rio Doce partindo do porto de Vitória com o capital da Bélgica e com o objetivo de alcançar a Itapira de Minas Gerais, onde havia importante mina de ferro na escala mundial. Na ocasião, esta estrada estava alcançada até Antonio Dias, mas, para mais adiante disso, ainda não estava completada por ser uma obra difícilíssima. No momento da abertura total desta estrada de ferro, esta região interposta entre os rios Doce e Sasui Grande, realmente ficaria como zona promissora futuramente.

Em vista disso, o executivo Umetani queria investir junto com o seu inédito planejamento para a pujança da etnia nipônica em explorar o nordeste brasileiro.

Assim, com estes assuntos, após 3 visitas do executivo Umetani para o governo de Minas Gerais, finalmente, concluiu o contrato da cessão de 20 mil alqueires de terras e ia iniciar a construção da fazenda colônia, assim que terminasse a medição e a demarcação de terra, sob a responsabilidade do governo de Minas Gerais. No entanto, isso fosse feliz ou não, de repente,

no ano seguinte, rebentou uma revolução no Brasil e junto com a queda do Governo Federal, todos os Estados brasileiros iam caindo em confusões irremediáveis que o governo de Minas Gerais também caiu em estado de confusão de não ter nenhuma condição de rever aqueles assuntos estrangeiros.

Por outro lado, para o Japão também, sob o governo dirigido pelo Partido da Administração Civil, recebendo o efeito da política de austeridade, perdeu até o entusiasmo para com os empreendimentos de além mar e no ano seguinte, em fevereiro de 1931, com a demissão do executivo Umetani, este planejamento, com a perda de seu principal personagem, ficou de ser cancelado definitivamente.

Com isto, este planejamento tão arrojado, enfim, caiu por terra, mas, deverá recordar para sempre, como se fosse uma grande aspiração feita aqui no Brasil por finado Mitsusada Umetani, o primeiro diretor gerente de União das Sociedades de Emigração do Japão.

C-5 Colonizador e Sua Paciência

Para qual quer empreendimento é impossível consegui-lo, sem os sacrifícios de sofrimentos e dificuldades, principalmente para a construção da fazenda colônia necessitam enorme paciências e esforços.

A época é diferente, mas no caso daquele da construção da colônia Blumenau no Estado de Santa Catarina, apenas conseguiu ingressar primeiras 10 famílias após passar seis anos do início da construção e mais ainda, gastou uns 40 anos para atingir à situação originária.

A construção e a administração da fazenda colônia, não eram tão fáceis e simples. É o início da nova sociedade que onde há uma grande importância em guardar uma ou mais gerações da vida humana.

Em agosto de 1927, o senhor Mitsusada Umetani assumiu o cargo de diretor gerente da União das Sociedades da Emigração e chegava ao Brasil em meado de dezembro do mesmo ano e concentrou seus esforços para a compra de terras com tantas dificuldades inimagináveis, de acordo com as cláusulas já referidas. Quanto ao plano do Ministério dos Interiores de fazer embarcar imediatamente os imigrantes sem consultar previamente, nada a ser executado em abril de 1928, era uma total imprudência e irresponsabilidade.

O fato da compra de grandes áreas de quase 80 mil alqueires de terras localizadas nas Fazendas Bastos, Tietê, uma área na proximidade das Alianças e mais uma de Três Barras no norte do Paraná em apenas 7 meses, para as pessoas que já conheciam o sistema brasileiro pareciam como se fosse um milagre em vista da sua rapidez. Mais outro, apesar de estar no meio das negociações na compra das terras que estava em condição de nem poder iniciar a medição de terras, mas mesmo assim tinha que atender aos telegramas incessantes que vinham da União das Sociedades da Emigração, com os dizeres de “estamos prontos para a partida dos imigrantes. Pode mandar embarcá-los?”

Obviamente, essas precipitações imprudentes que prejudicou tanto para o lado do executivo Umetani nas suas negociações de compra e venda das terras. Pois, normalmente, o assunto da formação de fazenda colônia, não era tão simples, como qual quer orçamentário pensa no assunto.

Na ocasião, no matriz, o plano já estava definido que, cada uma das Sociedades atuasse como sendo sua principal personagem na administração da fazenda colônia, portanto, a União das Sociedades encarregava sobre a parte da comunicação e a orientação para os cooperados. Por isso, a cada Sociedade Provincial estava concorrendo reciprocamente,

a fim de obter sua melhor cota de 2000 alqueires, dentro do terreno total adquirido pela União das Sociedades.

Já as 8 Sociedades estavam aguardando com seus agentes para administrar suas fazendas, escolhidas dentro de suas províncias. Tinha até uma província apressada em enviar os emigrantes para Kobe, sem aguardar a ordem do executivo Umetani. Sob estas circunstâncias, as Sociedades Provinciais estavam reclamando e criticando sobre a vadiagem da União das Sociedades, no sentido de o seu diretor presidente Tatsuke tomasse alguma medida. Com esta pressão, sem poder sustentar mais, o senhor Tatsuke, telegrafou para o Brasil com seguinte tese:

[Se deixasse os emigrantes neste estado sem fazer nada, poderá acontecer algum conflito nas Sociedades Provinciais, fazendo o crédito e a confiança da União das Sociedades caírem ao chão. Portanto, desta vez, resolvemos fazer embarcar os emigrantes. Pedimos boas providências do senhor a respeito, quando eles desembarcassem no Brasil.]

Era um telegrama penoso. Justamente era na véspera da compra da Fazenda Tietê que, para o executivo Umetani estava de preparo para a coleção de matérias para o esclarecimento sobre os pontos positivos e negativos referente ao assunto de ingresso dos imigrantes misto e também, sobre a administração direta por União das Sociedades que isso, era a modificação radical de administração das fazendas colônias.

Queria apresentar também minuciosas explicações do local, na hora em que chegava ao Japão, que já estava planejado anteriormente sobre esses dois planos previstos, contra fortes indagações avessas no Japão. Mas, com as demais, paciências e minuciosas explicações até de abnegação e de mais, os esforços sacrificadores de até perder a sua colocação, conseguiu convencer os outros, mas relutantemente.

Em março do ano seguinte, em 1929, ao chegar novamente para o Brasil urgentemente, por via Sibéria, precipitou imediatamente para o preparo de ingressos dos imigrantes para as duas Fazendas Bastos e Tietê, a começar das construções de cidades e aberturas de caminhos, junto com as demarcações dos lotes, além das edificações de casas dos imigrantes, hospital, escola, etc. Para as outras benfeitorias produtivas, tais como; maquina de beneficiar o arroz, serraria, olaria e outras, numa velocidade de flechas.

Assim, no momento em que foi realizado o ingresso dos imigrantes da Sociedade da Emigração era junho de 1929 que era apenas um ano depois da compra de duas Fazendas Bastos e Tietê. Dentro destas benfeitorias, o que mais contribuiu para o grande progresso do sertão do Estado de São Paulo, além para a nossa Fazenda, era a ponte sobre o rio Tietê. Era uma ponte pênsil, com o comprimento total de 170m, de tipo moderno de concreto armado que gastou uns 1200 contos de reis. A inauguração foi efetuada em junho de 1935, 4 anos depois da demissão do executivo Umetani, mas quanto o seu plano foi iniciado a partir de 1929, com a negociação entre o executivo Umetani e o senhor Julio Prestes, governador do Estado de São Paulo na época. Na ocasião, foi combinado sobre auxílio financeiro do custo da construção que para a metade do total seria por conta do governo do Estado de São Paulo.

Há tempo, por Cônsul Geral Akamatsu, foi apresentada uma objeção sobre o ingresso dos imigrantes diretos do Japão, por ter receio de surgir certas implicações para com os brasileiros, pela razão de que eles não possuem nenhuma experiência em lavouras, nem os costumes deste país. Mas para essas, o executivo Umetani defendeu com a tese de “fazer ingressar também os velhos imigrantes já existentes aqui no Brasil, e misturar, junto com os outros imigrantes recém chegados do Japão”. E assim, conseguiu evitar estas falhas

indicadas, mas, surgiu aí, outro caso embaraçado que, era o tratamento contra os agentes da administração que foram enviados pelas Sociedades Provinciais. Como já foi referido anteriormente, estava determinada que a administração da fazenda a ser feita diretamente por cada Sociedade e já estava enviado ao local, seu agente de administração, junto com os imigrantes, representando seus interesses provinciais. Mas na verdade, como eles tão inúteis que não conseguiam comprar sequer um bilhete do trem, nem podia pensar na administração da fazenda.

No entanto, eles também possuíam algumas honra e indignações para com próprios imigrantes provinciais e iam confrontando cada vez mais com os gerentes administrativos mandados pela União das Sociedades, começando a fazer conflitos, até instigar os imigrantes novatos, que isso dava certos embaraços para o executivo Umetani.

Posteriormente, este inútil sistema foi abolido, mas, esses agentes, ressentido disso, retornaram ao Japão, antecipando da volta do executivo Umetani a fim de poder fazer alguma propaganda prejudicial sobre as Fazendas e também para o executivo Umetani, através dos panfletos e outras informações.

Para o executivo Umetani, não havia nenhum tempo de sossego espiritual, sequer um dia durante seu cargo até a sua demissão. Mais do que isso, sob estas difamações, cumpriu inteiramente sua grande e importante missão dada para ele. Foi possível só para quem consegue esvaziar o próprio com a paciência. A obra do desbravador era tão difícil.

C6-Outrora Dia do Senhor Mitsusada Umetani

Para reconhecer a pureza e a vivacidade do senhor Mitsusada Umetani apresenta aqui 5 a 6 anedotas deixadas aqui no Brasil e finaliza este registro.

C6a- O ronco do senhor Umetani.

O senhor Umetani era afamado em seu ronco. Aquele som estrondoso compara com o ruído do trem que corre por dentro do túnel. Numa noite, a comitiva do senhor Umetani ficou de pousar numa casa de conhecido. Assim que chegasse, dois dos membros da comitiva, o Cônsul Geral Akamatsu e o Conselheiro geral da União das Sociedades, Ikutarô Aoyagui iam cochichar no ouvido do dono da casa assim:
 [Viu! Dispensem-nos em dormir junto com o senhor Umetani. Deixe-nos dormir separado noutra quarto.]

[Porque é?]

[Ele ronca demais que não deixa nos dormir. Pois, não agüento mais, ficando todas as noites como velório.]

Enfim, chegou à noite. Novamente, Aoyagui chamou o dono da casa e falou:

[Sinto muito, mas, por favor, fique tomando conta do senhor Umetani até que nós caiamos em sono pleno, pois, se o senhor Umetani dormisse primeiramente, não há mais condição de nos sonhar, mesmo estando afastado uns 10 ou 15m.]

[Está bem! Estou ciente.]

Daí então, este dono da casa, após visitar o senhor Umetani e ao começar a conversação, ele impediu-o a falar:

[Viu senhor! Hoje estou cansado por ter percorrido uns 400 km. Deixe a conversação para amanhã que vou deitar.]

Assim, a comitiva toda, tinha que agüentar por noite inteira, contra formidável ronco de correr do trem por dentro do túnel.

C6b-Inédito Fracasso do Ex-Governador Umetani.

Num dia, quando viajavam no sertão brasileiro, por questão do horário do trem, ficaram obrigados a pousar numa pensão perto da estação. Dizia que pensão, mas, só era nome que o chão do quarto era terra batida, cuja parede, cheio de buracos e as camas eram meio quebradas que ao mexer o corpo faziam até barulhos. Mesmo assim, iam dormir, mas, o estranho desta noite era que aquele ronco de costume não começava nada. Daí

a pouco, com o barulho de acender o fósforo e clareou a lâmpada. Um dos acompanhantes, ao espiar a cena sem o fôlego, notou aí, que o senhor Umetani estava sentado na cama nu, a fim de batalhar contra as pulgas. Daí a um pouco, falou ao acompanhante:

[Viu você! Estou ficando um pouco ruim da minha barriga. Parece que fez mal aquele feijão com orelha de porco.]

[Isso é embaraço. Dói muito?]

[Não tanto! Quero fazer cocô. Mas onde fica o banheiro?]

[Não sei, nem eu. Mas vou acompanhar o senhor.]

Daí, com uma lanterna na mão, saiam para o quintal, onde avistavam um barraco parecido como toailete, no meio de matagal afastado uns 20 a 30 m. Isso deveria ser toailete mesmo, mas, para um gordo como a excelência Umetani daria alguma dúvida, então:

[Senhor Umetani! Parece que aquele, não daria solução. Que tal? Aí mesmo?]

[Tudo bem! Você pode ir embora sozinho!]

Era na manhã seguinte, sabendo que, um moleque negro estava fazendo algum barulho no quintal e aí, observou um pedaço de pano branco que estava pendurado no galho da goiabeira. Logo identificado que isso era a cueca da Excelência Umetani. Dizia que aquela noite, o senhor Umetani, com os ataques incessantes de pernilongos durante a sua obra e depois de exagerado entusiasmo em defender isso, acabou fugindo embora daí, esquecendo a sua cueca por descuido.

Mas, o dono desta pensão, independente desta ocorrência, despediu-se com tanta amizade.

C6c-Ex-delegado foi vitimado pelo roubo da carteira.

Primeiramente, fiquem cientes que, antigamente, o senhor Umetani era um governador da província e também um delegado de polícia.

Num dia, partiram às 4 horas da manhã para a estação do trem de Bauru. Na hora, como sendo meio de outono, ainda estava escuro. Quando chegavam à estação, souberam que havia algum tempo para a partida do trem e um dos vagões passageiros mais próximos estava um pouco escuro, sem as luzes boas. Na ocasião, não sabendo por que razão que escolheu este vagão, mas, o porteiro do hotel levou as malas de comitivas para este vagão escuro. Daí, o senhor Umetani, após entrar neste vagão escuro, procurou as suas malas próprias e levou para outro vagão mais claro a fim de tomar seu lugar.

Logo que partiu o trem, o senhor Umetani gritou:

[Viu! Fui vitimado por roubo de carteiras.]

E ia examinando por todos os bolsos de paletó e calça, mas nada.

[Tinha muito dinheiro?]

[Não tanto. Uns 2 contos de reis.]

[Então, como é que faz quanto às despesas de viagem daqui para frente?]

[Não. Não há nenhuma preocupação quanto a isso, pois, eu carrego sempre os dinheiros dividindo-os em 3 partes separadas para o último caso. Mas a pena seria além dos dinheiros, aquela carteira era um objeto tão comemorativo que andei carregando por toda a minha vida, assim na viagem de passeio na Europa, até o sertão africano.]

[Isso foi grande pena. Pois, a cidade de Bauru, como sendo ponto de baldeação para os três destinos que ativam aí, vários saqueadores de carteiras contra os caipiras, aproveitando as confusões do local. Seria bom que fosse feita uma informação antecipada sobre esses casos, mas, como já estava ciente que o senhor era um ex-delegado de polícia da cidade de Tóquio, jamais pensava, nem no sonho que o senhor caísse como vítima de tais vagabundos desajeitados do Brasil.]

[De fato, realmente era um descuido. Pois, jamais sabia a existência de roubo de carteira no Brasil. Viu! Foi naquele instante, quando eu enfiava uma mão por baixo da cadeira para pegar a mala, havia duas pessoas estrangeiras de pés, uma de frente e outra de trás de mim, que achei isso um pouco estranho, mas na hora, não percebi nada. Foi minha falha, por ter desabotoado o paletó descuidosamente naquele instante por sentir tanto calor para um gordo como eu. Parecia que já estava feita alguma comunicação entre malandro e boy do hotel.]

Ainda assim, o ex-delegado de polícia fez brilhar os seus olhos, mas já era fim de tudo.

[Senhor Umetani! Há uma negligência em dar muita importância em colocar dinheiro em três lugares. Para mim, sempre está resolvido em colocar minha única carteira sempre para dentro do bolso interno do lado esquerdo de paletó e concentro todas as minhas atenções nela. Portanto, mesmo em cochilo, se alguém tocasse nela, sequer um segundo já percebo e acordo na hora.]

[Você fala muito bem. Então, vou te mandar guardar minha carteira daqui para diante.]

Assim foi prosseguida a viagem e num dia, ao enjoar de ver as paisagens de fora do trem e os dois começavam a cochilar. Daí então, ao perceber alguma tocada de mão do sujeito ignorado no peito do acompanhante em meio sono e este, acordou de súbito e agarrou ao mesmo tempo o objeto tocado no peito, com duas mãos para não deixar escapar e levantou.

[A sua fala não é tão mentira também!]

Aí estava gargalhando o tal ex-delegado de polícia Umetani.

C6d- Excelência Umetani foi perseguido por um boi

Isto era uma anedota ocorrida no roteiro de pesquisa da Fazenda Tietê que num dia foram observar a catarata de

Urubupungá do rio Paraná, depois da visita a afamada cachoeira Itapura do rio Tietê. No meio deste caminho havia uma cachoeirinha chamada Saltinho, local tão bonito e interessante por ter corrente de água rápida e rochedos de formas esquisitas e com as árvores de troncos extravagantes. Este rio era um dos afluentes do grande rio Paraná e noutro lado havia uma pequena ilha. Quando a comitiva chegava neste local, ainda era antes do meio dia em que foi feito o almoço, torrando algum peixe grande a ser pescado. Os peixes gulosos concorriam para pegar as iscas, pulavam nas superfícies de lá e cá, vergando até as varas de anzóis. Como o senhor Umetani, com a sua forma de corpo como um mó, ia aproximando para a beira do rio, para poder manobrar bem a vara de pesca.

Passou algum tempo e já era parte da tarde, quando todos estavam descansando após enjoar de pescar, vinha aparecendo aí, um grande bando de mais de mil cabeças de gados na beira do outro lado do rio, junto com as buzinas.

[Oi! Será que aqueles bois atravessam para cá?]

[É sim. Veja bem, agora mesmo virão nadando para cá, senhor.]

Ao parar o som da buzina, com os gritos de boiadeiros, eles tocaram uns cinco a seis bois para dentro do rio, a fim de servir como pilotos para todos os outros. Os primeiros bois começavam nadar voluntariamente, fungando os narizes. Vendo isso, com uma forte batida de chicote e gritos dos boiadeiros todos os gados começavam avançar para dentro do rio, concorridamente.

[Bem feito! Muito bem!]

Grita a Excelência Umetani. No decorrer de uma hora, a boiada acabou de atravessar o rio, mas para o último boi não queria andar nada, mesmo puxando, nem empurrando, que sem jeito, fez atravessá-lo amarrado na canoa, mas na chegada do outro lado também não queria mexer nem um pouco, fixando

suas quatro patas no chão. O bando de boi já estava bem à frente. Um desses bois que foi criado em campo bruto, sem ver a gente, no momento em que afastasse do grupo dos mesmos, torna-se a um maluco. Este boi deve ser um desses tipos. Veja seus horríveis brilhos nos olhos.

Nessa ocasião, as três pessoas, os senhores Umetani, o dono da Fazenda Tietê, Jonas de Melo e um acompanhante estavam sentados numa extremidade da rocha avançada no meio da corrente do rio, olhando a cena. Um dos boiadeiros gritava a cavalo para estas três pessoas para que cuidassem deste boi violento. Mas na hora, sem poder pensar no caso de emergência e também nem podia agir rapidamente, estavam quieto sem fazer nada. Num canto da península, havia estacionado um pequeno barco a motor a gasolina, onde estava uma mulher paraguaia de 18 a 19 anos de idade com o traje masculino de lenço vermelho que também estava vendo esta cena do boi.

Quanto a aquele boi violento, o bicho logo que subia num montinho de areia ao lado ficou parado por um tempo, olhando para cá. A distância entre o boi e o barco era em torno de 40 a 50m, e o boi, ao avistar aquele lenço vermelho, de repente, avançou com toda a força diretamente para o barco, descendo a montanha de areia. A mulher trajada de homem deu um grande grito de susto. O que assustou por este grito era aquele maluco boi que, milagrosamente fez parar de súbito forçadamente assim que chegasse a frente do barco e ficava com atitude inesperada pelo acontecimento. Mas, este bicho, logo que mudava o seu olhar para o lado esquerdo, parecia ter descoberto a sua mira e vinha arremessando-se com toda a força em direção onde estavam pessoas do senhor Umetani, baixando a cabeça e levantando a cauda.

Isto era razão suficiente para as pessoas sumirem nuns instantes para onde eles quisessem, tanto o senhor Umetani

como o senhor Jonas de Melo. O boi maluco estava nadando lá na brusca corrente. Aos poucos, viu uma cabeça boiando em água, que foi identificado logo que era do senhor Jonas de Melo, mas sem ver o senhor Umetani. Pouco tempo depois, podia ouvir vozes de rir do senhor Umetani, no intervalo de ruído de queda das águas. Observando bem, o senhor Umetani estava sentado acima da montinha de areia. Como é que escapou naquele instante? Segundo o dizer de um brasileiro que estava assistindo esta cena, lá do outro lado do rio era assim:

[Aquele gorducho, escapou do boi bravo para o lado oposto e subiu pelo montinho de areia, numa velocidade igual ao macaco. Aquela agilidade deve ser de “Judô” do Japão].

Era aquele ex-delegado da polícia mesmo. Com isto, aquela falha de roubo da carteira, plenamente recompensaria.

C6e- Saudade da Viagem Feita

O barco enfim, começava subir vagarosamente pelo rio Paraguai, montante do rio da Prata. Lá na beira do rio estava nadando um bando de garças brancas no meio de ervas que flutuam na superfície do rio. No lado direito segue uma infindável planície de Mato Grosso e na esquerda, desdobra as escarpadas montanhas que ligam para a Bolívia. Mesmo que caísse o sol, o mundo permanece um tanto claro e ao cintilar as estrelas iam rareando os passageiros no convés. O barco chega ao porto de Corumbá depois da viagem de dia e noite. Daqui para diante, mudando de barco e segue pela direita, chegará a Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, e se quebrasse para a esquerda e seguisse pela afluente, alcançará o Porto Soares de Bolívia. Hospedaram-se num hotel da cidade de vista panorâmica. Primeiramente, enxugaram o suor dos corpos no quarto, apreciando as paisagens admiráveis.

O hotel estava construído sobre o precipício onde enxergava o porto de Corumbá sob uma vista. Interessante era que,

estavam pousando neste porto, 2 navios de guerra artilharias brasileiras com seus militares que vigiam a fronteira deste estado. O dono do hotel, após bater a porta cumprimentou aos hóspedes que vieram de longe.

[Mora aqui algum japonês?]

[Sim senhor. É o único japonês nesta região que mora uns 200 km daqui. Nestes dias, este japonês casou com única filha de um fazendeiro e fez uma viagem nupcial para este Corumbá, pousando justamente neste quarto de hotel durante uma semana. Era um bom moço em torno de 24 a 25 anos de idade e a noiva também era uma moça tão linda que fazia até barulhos entre os rapazes de Corumbá.]

O dono do hotel saiu com o sorriso de cortesia. O homem dizia que, os noivos pousaram neste quarto, então onde eles dormiram deveria ser nesta cama.

[Senhor Umetani. Dorme aqui sossegado. Se não puder dormir bem pensando naquela filha do fazendeiro, posso trocar com o senhor, sem ter nenhuma cerimônia.]

Assim, o acompanhante retirou-se para outro quarto, mas naquela noite, não havia nenhum ronco de atravessar o túnel.

O senhor Umetani, como era pessoal do mundo burocrático, às vezes manda aos seus subordinados fazer fatos complicados, mas propriamente, era um homem de plena natureza, franqueza e emocionante. Mesmo nos dias problemáticos ou nas noites lindas de luares, recitava os poemas ou dançava tal “kisobushi” que aprendeu no tempo de governador da província de Shinsyu, que isso, na hora, fazia esquecer todas as coisas preocupantes.

Assim, na hora da viagem para a Bolívia, podia espreitar o sentimento agudo do senhor Umetani, a respeito do futuro da nossa etnia e também para sua amável esposa e filhos.

C6f- Uma História Heróica

O local era a montante do rio Doce, no fim de outono. O céu do planalto mineiro estava tão límpido infinitamente, onde

os cavalos relinchavam gritantemente. Partiu do capital Belo Horizonte na manhã e chegava a Ponte Nova ao escurecer. O hotel ao lado esquerdo do rio torrente, onde faziam agradáveis estrondos de bater água nas rochas. Na tarde do dia seguinte, a comitiva desembarcou do trem em Raul Soares. Esta cidade com apenas 200 ou 300 habitantes, onde despacham as madeiras. Foi preparado para o acampamento de alguns dias. A comitiva constava de 7 pessoas, inclusive a Excelência Umetani, agrimensor do Estado, 2 caçadores, 2 faxineiros e um acompanhante. Andando a pé até quase ao meio dia, no fim do caminho montanhoso, chegavam a um afluente do rio Doce.

Este rio, com a largura de 70 a 80 metros corrente mansa bom para canoa. Ao descer de canoa calmamente, onde não há nenhuma mudança, além de matas densas por dois lados. Na primeira noite de acampamento, com o luar lindo e o vento fresco, levavam as bebidas para fora da barraca, a fim de consolar as pessoas acompanhadas. Casualmente, quando os cães de caça estavam dormindo ao redor da fogueira, de repente levantaram suas orelhas e iam correndo diretamente para o mato. No meio de latidos gritantes dos cães, surgiam uivos de onça. Era uma luta tremenda. Alguns minutos depois, os cães retornavam com os bafos violentos, mas, um deles miseravelmente estava sangrando e caiu no chão na frente do caçador.

No dia seguinte, novamente a canoa da comitiva ia descendo calmamente. A cachorrada da canoa, fazendo duas filas nas beiradas de canoa, a fim de captar agudamente seus cheiros para os dois lados do rio. Isto era para localizar os bichos através dos seus cheiros, que sempre vinham para tomar as águas do rio. Agora mesmo, o bando de cães do lado direito, depois de fungar e mexer os seus narizes e gargantas ia pulando para dentro de água, e o bando do esquerdo também seguiam a estas concorrentemente. Ao subir para beira do rio, todos

sacudiam fortemente seus corpos, a fim de soltar as gotas de águas e foram correndo para o fundo do mato. Vinham escutando os latidos de cachorros, numa hora da direita e noutra hora da esquerda.

[Aquele, deveria ser de uma anta, nê!]

Um dos caçadores falou assim. “A anta tem o tamanho de um boizinho e a arma deste bicho é o seu nariz, que com sua apunhalada pode derrubar até a onça. Gosta de comer os brotos de árvores e vivem sempre aos bandos. Os caçadores identificam as espécies dos bichos, segundo seu latido e modo de fugir dos cachorros de perseguição.

[Vamos encostar a canoa para beira do rio, pois, logo e logo, a cachorrada persegue o bicho para aquele local do rio.]

Assim, o caçador mandou um faxineiro. Ao aproximar fortes latidos de cães, o que veio pulando para dentro de água ao lado da canoa, era um bicho parecido como um jacaré, mas, era uma grande anta. Quem deu um tiro nela, era aquele senhor agrimensor.

[Não está atingida,]

O caçador sorriu. Começava a luta tremenda em água entre anta e cachorrada. A anta nada e mergulha bem também. O bando de cães começava a cansar e a anta nadava rapidamente.

Daí, o caçador, após aproximar-se da canoa e quando dava uma forte pancada na cabeça de anta, com o remo, o remo quebrou soltando aos pedaços. Era nesse instante, não sabia quando, mas a sua excelência Umetani que já estava quase nu, só de cueca, começava lutar bruscamente com a anta. No meio de espuma de água.

[Bravo! Bravo!]

Todos gritavam, batendo a borda da canoa. A sua Excelência foi levado pela água, junto com a anta, mas no meio desta levada pela água, os dois chegavam num baixio e o senhor Umetani calmamente, puxou uma das pernas traseiras da

anta com a máxima de força, junto com um grande grito. Estando de puxar e puxando, com a força total para não deixar escapar, chegou aí, um bando de pessoas e amarrou o bicho com uma corda grossa. Era a captura viva de uma grande anta de mais ou menos 120 kg. Se fosse viva ainda, estaria se criando no Jardim Zoológico de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais.

C6g- O Mundo é Para Eternidade

Agradáveis eram os barulhos de andar dos cavalos por dentro da floresta acompanhados de cães de caças. A sua Excelência Umetani sempre gostava de cavalos, principalmente o do tipo grande. Com o seu corpo grande demais, não podia montar sem o banquinho para subir, mas a postura dele de montar no cavalo era tão reta e bonita.

O dono da Fazenda Tietê, o senhor Jonas de Melo era um homem alto e magro, criado no meio dos cavalos e gados e que o estranho era a sua figura traseira montada no cavalo que, suas duas longas pernas pareciam como se confundissem com as do cavalo, no entanto, daquela maneira, não haveria condição de cair do cavalo.

Outro era o acompanhante do senhor Umetani que, desde a sua nascença, jamais gostava de cavalo que antes, preferia andar até puxando-o, mas para a viagem deste tipo, isso não era permitido. Os três iam andando a passos em fila, solenemente pelas florestas. Se espiasse para o mato, podia avistar opulentas flores de orquídeas e os pica-paus picando os galhos das árvores, fazendo os barulhos ruidosamente.

[Eu gosto das montanhas e dos campos, notadamente gosto muito de andar nas florestas.]

Falava o senhor Jonas de Melo.

[Oh! Eu também. Se for possível, quero preservar estas bonitas florestas, daqui até mil anos depois.]

Falou o senhor Umetani.

[A minha esposa é uma cristã que falava às vezes assim: “É uma pena que a gente cria semente de crimes e devastar estas florestas e fica com fome, mesmo plantando o arroz e fica gelado plantando os algodões. É um desperdício!]

Lamentava o senhor Jonas.

[Oh! Oh! Isso mesmo. Consinto também. O coração do homem está abandonado. Para não ficar assim, pelo menos, quero cultivar estas lindas florestas.]

O senhor Umetani que respondeu. Pela floresta, os cães de caça começavam a latir fortemente. Ao aproximar, os inúmeros macacos de mato estavam atravessando o mato, de um galho para outro.

Agora, os dois donos destas conversações, já eram falecidos e não existem mais neste mundo. O único acompanhante que conhece conversações daqueles tempos está recordando o passado, morando e guardando esta floresta da Fazenda Tietê.

Fim

